

**LUÍS FERNANDO BENEZUZI**

***MAL DI PAESE: AS REELABORAÇÕES DE UM  
VÊNETO IMAGINÁRIO NA EX-COLÔNIA DE CONDE  
D'EU (1884-1925)***

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito parcial à obtenção do título de  
Doutor em História  
Orientadora: Profa. Dr. Sandra Jatahy Pesavento

Porto Alegre

2004

Aos meus antepassados,  
especialmente a minha avó  
Catharina, aos meus pais, Antônio  
e Vera e à Chiara.



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo derramamento de Seu amor em todos os momentos de minha vida, particularmente naqueles de noite escura, quando as palavras subsomem e a ansiedade consome a alma.

À orientadora Sandra Jatahy Pesavento, pelo apoio nos momentos necessários, pelos elogios que incentivaram e pela crítica que estimulou e aperfeiçoou o trabalho.

À Marione Rheinheimer – coordenadora do Curso de Letras da Ulbra/Gravataí – pela análise cuidadosa da estrutura narrativa, pelos diálogos enriquecedores e, acima de tudo, pela amizade incondicional.

À Roberto Vecchi, pela co-orientação exemplar, com leitura e considerações qualificadas, bem como pela amizade e pelo apoio nos momentos de estranhamento vividos no exterior.

Aos meus pais, pela compreensão constante diante irritações e silêncios nos momentos mais críticos da produção do texto da Tese.

À Chiara, pelo incentivo e dedicação, mesmo à distância, e pela compreensão pelas ausências ainda maiores, também virtuais e telefônicas.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e à Pró-Reitoria de Graduação da Ulbra, pelas horas de qualificação docente concedidas, pelas bolsas de IC e pela liberação para afastamento, em 2002.

Aos colegas do curso de História da Ulbra, particularmente à Kátia Maria Paim Pozzer, Diretora do Curso, e Maria Angélica Zubarán, ex-Diretora, pelo apoio dado em fases diferentes do processo de pesquisa.

Aos bolsistas de IC – Fabiano, Roberto e Idelvan – pela colaboração na coleta de dados junto ao Arquivo Público do Rio Grande do Sul, ao Museu Hipólito José da Costa e ao Arquivo Histórico de Garibaldi.

Aos colegas do curso de História da Ulbra/Gravataí – Regina, Juliane, Jaqueline, Iris, Rodrigo, pelo apoio nos momentos difíceis, quando coincidiam as atividades de

coordenação de curso, com aquelas da Tese.

À Direção do Arquivo Histórico de Garibaldi pela contribuição e interesse na busca documental.

À Débora Ongaratto – aluna do curso de História da Ulbra – pela indicação dos depoentes e auxílio em sua localização.

Aos parentes de Garibaldi e Carlos Barbosa, pela hospitalidade, pela partilha de sentimentos e recordações, e por tantas indicações de fontes.

Aos primos Faccioni de Rovercchiara (VR), especialmente a Luigina e a Mauro, pela hospitalidade e apoio nos primeiros dias do doutorado *sandwich*.

A Giovanni Levi, pelas leituras proporcionadas e pelo incentivo e amizade nas pesquisas realizadas em Veneza.

A Piero Brunello e Daniela Perco, pela disponibilidade e apoio na coleta de dados feita na Itália.

Aos irmãos do Grupo de Oração “dei Gesuati” e a todos os amigos feitos em Veneza, pela ajuda na adaptação a uma nova realidade, na localização dos arquivos e bibliotecas e no aperfeiçoamento da língua.

Aos depoentes, pela amável e alegre recepção e pela inestimável contribuição para o desenvolvimento das idéias que compreendem esta dissertação.

À CAPES, pela bolsa de doutorado *sandwich*, sem a qual a pesquisa não teria a mesma qualidade de discussão e riqueza de documentos.

À FAPERGS, pela bolsa de IC concedida, em 2001.

A Gustavo Zaro de Oliveira, pela produção e editoração das imagens e dos mapas.

A todos os que colaboraram de alguma forma para o desenvolvimento dessa Tese – pois o débito se estende a muitas pessoas: recebam o meu abraço e agradecimento

Experimentava uma sensação de imenso cansaço ao verificar que todo esse tempo tão longo não só fora, sem interrupção, vivido, pensado, segregado por mim – era minha vida, era eu mesmo – como ainda o devia incessantemente manter preso a mim, pois me sustentava, eu me via jungido a seu cimo vertiginoso, não me podia locomover sem comigo o deslocar.

*Marcel Proust*

Uma coisa é escutar um discurso na própria língua, na qual, ao se perder uma sílaba ou uma palavra, não existe dificuldade em interpretá-la inconscientemente, ou em adivinhá-la com um rápido raciocínio de exclusão. Mas se à língua não pertence, perder uma sílaba é perder o ônibus: o discurso prossegue, enquanto o ouvinte se debate em reconstruir o elo faltante.

*Primo Levi*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	08
<b>ABSTRACT</b> .....	09
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 AS MÚLTIPLAS FORMAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS DA TERRA DE PARTIDA: O VÊNETO DA SERENISSIMA À PRESA DE ROMA (1797-1870)</b> .....	52
1.1 Da decadência à ocupação austríaca: o processo de construção de uma cultura veneta .....	55
1.2 A <i>Inchiesta Scopoli</i> : uma radiografia dos costumes vênets no período napoleônico .....	68
1.3 De província imperial da casa dos Habsburgo à região do Reino da Itália: o percurso da dominação austríaca e as esperanças de liberdade .....	75
1.4 “Feita a Itália, façamos os italianos”: o Vêneto pós-unitário do século XIX ....	91
<b>2 O IMAGINÁRIO CONTADINO VÊNETO NO SÉCULO XIX: LUGARES DE MEMÓRIA DA CULTURA RURAL</b> .....	117
2.1 Entre caixotes e malas, a imagem da terra deixada: construções de memória sobre o Vêneto da unificação .....	118
2.1.1 Territorialidade sensível: a paisagem rural vêneta de finais do século XIX como marca identitária .....	128
2.1.2 Territorialidade sensível: construções emblemáticas e a elaboração de um sentimento de italianidade .....	139
2.2 Os fios da tradição: superstição, fábulas e credices populares no Vêneto rural do século XIX .....	146
2.3 O fiar da tradição: <i>el filò</i> ou <i>la veglia di stalla</i> como lugar de produção e conservação da memória coletiva .....	163
<b>3 AL DI QUA DELL’OCEANO: A EX-COLÔNIA DE CONDE D’EU E A</b>	

<b>GEOGRAFIZAÇÃO DA TERRA DE CHEGADA</b> .....	176
3.1 <i>Eccoci</i> : a vitória da “civilidade” e o mito do bom imigrante .....	177
3.2 Rosário, santos e padres: a religião e a moral enquanto marcas identitárias e lugares de memória do processo imigratório .....	199
3.3 Entre Nanetto Pipetta e Nino: o mito da sociedade rural na zona de colonização italiana .....	216
3.4 <i>Filò</i> , superstições e tradição popular: a reelaboração de uma cultura campesina no interior da ex-colônia de Conde d’Eu .....	233
<b>4 MAL DU PAYS, HOMESICKNESS E RIMPIANTO: TRADUÇÃO CULTURAL DE UMA IDENTIDADE – SUBLIMAÇÃO DE UMA PERDA</b> .....	246
4.1 <i>Desiderium Patriæ</i> : o processo de transformação da nostalgia – entre medicina e sentimento .....	248
4.2 Nostalgia, alegoria e <i>restus</i> : processos de desconstrução na elaboração identitária vêneta no Rio Grande do Sul .....	260
4.3 A odorização dos <i>mnemagoghi</i> : a percepção da nostalgia na experiência sensível dos imigrantes e seus descendentes .....	276
<b>5 ESPAÇO DE MEMÓRIA: PASSADO E PRESENTE ENTRECruzANDO-SE AO ENCONTRO DA NOSTALGIA</b> .....	298
<b>DOCUMENTAÇÃO ANALISADA</b> .....	310
<b>DEPOIMENTOS</b> .....	313
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b> .....	314
<b>ANEXOS</b> .....	327
ANEXO 1: Planta interna da ex-colônia de Conde d’Eu .....	328
ANEXO 2: Estatutos da Sociedade Operária <i>Stella d’Italia</i> .....	329
ANEXO 3: Ata de instalação do município de Garibaldi .....	340
ANEXO 4: Mapa política da Itália setentrional – 1805/1809 .....	341
ANEXO 5: Mapa político da Península Itálica – 1856 .....	342
ANEXO 6: Imagens da sede da sociedade <i>Stella d’Italia</i> de Garibaldi .....	343
ANEXO 7: Imagens do município de Garibaldi .....	346



## RESUMO

A presente Tese de Doutorado tem como objeto central de análise a dinâmica de elaboração de um Vêneto imaginário entre os egressos da Península Itálica – na região serrana do Rio Grande do Sul, tendo como ponto de partida a própria experiência de expatriação – como estratégia mnemônica para a sublimação de um sentimento de nostalgia das experiências sensíveis do mundo *paesano*. Nesse intuito, discute-se os processos de ressemantização de diferentes práticas culturais vênetas – como o *filò*, as expressões de religiosidade popular, as canções, os provérbios, as fábulas – trazidas pelos emigrantes enquanto elemento de suas vivências e de suas formas de reconhecimento do mundo. Utiliza-se como documentação, além dos depoimentos orais, os jornais italianos e brasileiros do período da imigração, as publicações de época que comentam as práticas campesinas, os álbuns comemorativos dos cinquenta e dos cem anos da imigração italiana e a literatura do século XIX e do primeiro quarto do século XX, sobre a experiência imigratória italiana e a ocupação de terras. Dessa forma, parte-se do resgate da trajetória da República de Veneza, desde sua queda – em 1797 – até a anexação do Reino da Itália – em 1866 – e as formas como os habitantes dos antigos protetorados da *Dominante* foram produzindo releituras sobre as suas experiências e modificando suas práticas culturais, construindo os lugares de memória da Unificação Italiana. Em solo brasileiro, apresenta-se o processo de produção de espaços rememoradores da terra de partida, a partir de uma ressignificação da experiência passada, elaborando – de certa forma – um imaginário sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, entende-se que essa tradução das práticas culturais trazidas pelos imigrantes funcionou como elemento pacificador e sublimador de um sentimento de nostalgia das vivências anteriores ao processo de expatriação.

## ABSTRACT

The present doctorate thesis has as central object of analysis the dynamic of elaboration of an imaginary Veneto among the people that came from the Italian Peninsula – in the mountain region of the Rio Grande do Sul, having as start point the own expatriation experience – viewed as a mnemonic strategy to the sublimation of a nostalgia feeling of the sensitive experiences of the “paesano” world. In this purpose it is discussed the new semantic processes of several cultural Veneto’s practices – as the “filò”, the popular religiosities’ expressions, the songs, the proverbs, the tales, – brought by the emigrants while they were an element of their experiences and their forms to recognize the world. It was used as documentation, farther the oral deposition, the Italian and Brazilian newspapers during the immigration’s period, the publications of this period that comment the rural practices, the commemoration’s album of the fifty years and of the one hundred years of the Italian immigration and the XIX century’s literature and the first quarter part of the XX century’s literature about the immigrant experiences and the land’s occupation. In this way, it starts by the rescue of the trajectory of the Venice Republic, since its fall – in 1797 – until the annexation to the Italy Kingdom – in 1866 and the way how the inhabitants of the ancient protectorates of the “Dominante” produced new readings about their experiences and modified their cultural practices, building the memory places of the Italian Unification. In Brazilian soil, the production process of memory spaces of the leaved land presents itself beginning from a new signification of the past experiences, making – in certain way – an imaginary about the Italian immigration in the Rio Grande do Sul. In the same sense, we understand that this expression of the cultural practices, brought with the immigrants, worked as pacifying and sublimating elements of a nostalgia feeling of the ancient experiences of the expatriation process.

## INTRODUÇÃO

O século XIX foi, por excelência, um período de mudança, de aceleração no processo histórico, tanto no plano macro-estrutural quanto nas microrrelações cotidianas. Nesses cem anos de efervescência, uma das grandes características foi o deslocamento de populações, o ato de deixar a terra de nascimento e transplantar-se em outra cidade, país ou continente. Ao longo do século XIX, diferentes imigrantes aportaram em terras brasileiras, tanto europeus – alemães, ingleses, poloneses – quanto asiáticos – chineses e japoneses. Também os italianos formaram esse grupo de egressos de além-mar que buscavam novas possibilidades de vida, para, quem sabe, acharem o paraíso perdido. Especificamente para o Rio Grande do Sul, dentre os diversos grupos de imigrantes provenientes da Península Itálica, o mais destacado era o de vênets, oriundos da outrora vicejante República Sereníssima de Veneza.

Nesse sentido, tem-se como problemática central perceber como se efetivou a transmutação do imaginário social vênets de meados do século XIX para a região serrana do Rio Grande do Sul. Dito de outra maneira, o que se constituiu enquanto modelo organizativo, relacional, mítico, no conjunto de representações imagéticas e lingüísticas mantidas e ressemantizadas por esses imigrantes em solo gaúcho. Busca-se perceber este processo de releitura da trajetória da imigração, marcada pelo efeito da rememoração, como elemento chave na sublimação de uma nostalgia da terra de partida. Com isso, tem-se a questão da etnicidade em uma perspectiva tangencial à temática e não enquanto objeto principal da discussão. Temporalmente, circunscreve-se a pesquisa entre primórdios da formação das comunidades italianas – 1884 – e os festejos do cinquentenário da imigração – 1925 – seguidos do “boom” das grandes festas comemorativas (década de 1930). Tem-se

como espacialidade a área de abrangência da ex-colônia de Conde d'Eu (Garibaldi e Carlos Barbosa), uma das primeiras colônias imperiais da região serrana<sup>1</sup>.

Objetiva-se relacionar a construção das comunidades italianas no sul do país, com toda uma produção de representações trazida da terra pátria. Dessa forma, intenta-se articular a organização paroquial, o mito do sacerdote, as devoções populares, as superstições que se desenvolveram nas colônias italianas, com todo um conjunto de práticas e crenças constituídas desde tempos imemoriais entre os camponeses do norte da Itália. Com isso, as construções e as edificações arquitetônicas, bem como as ressemantizações lingüísticas do dialeto vêneto, são entendidas como fortemente influenciadas pelo estilo da região de origem. Assim, busca-se desmontar e remontar esse mundo da dita região colonial italiana, buscando nele traços de um mundo além-mar que lhe deu origem.

Como principal justificativa para este trabalho, pode ser entendida a sua vinculação à discussão teórica em torno da temática sobre imigração e ressemantização cultural, sendo de uma exuberante atualidade, particularmente em um contexto de migrações e buscas de novas perspectivas em um país em mutação. Logo, a compreensão de estratégias e especificidades de um processo imigratório muito nos diz no sentido de compreender as perspectivas atuais desta busca da *cucagna* – da terra onde corre leite e mel. Como enriquecedores dessa perspectiva de análise, podem ser percebidos dois pressupostos que a iluminam: a imigração italiana no contexto de constituição da identidade regional e sua parcela na face multicultural pensada acerca do Brasil.

Partindo do princípio de que todo o ser humano busca a realização de seus projetos pessoais e/ou coletivos, objetivando uma melhoria em sua qualidade de vida de seu grupo, ou até de sua espécie, a busca dessa terra da *cucagna* não findará

---

<sup>1</sup> A denominação de Conde d'Eu data de um Ato s/n, de 24 de maio de 1870, que nomina o conjunto de terras devolutas cedidas pelo Governo Imperial. Contudo, decidiu-se ter como ponto de partida o ano de 1884 por ser este o momento de elevação do complexo colonial a categoria de freguesia, segundo a Lei nº 1455, de 26 de abril de 1884. Nesta nova realidade, na qual se destaca a criação da Paróquia de São Pedro, percebe-se um aquecimento nas práticas comunitárias.

em um curto prazo. A humanidade encontra-se, ainda, nesta nostalgia do “Jardim do Éden”, daquele lugar no qual éramos felizes e, tendo em vista as condições específicas da realidade nacional, muitas pessoas se lançam nessa aventura de abandonar sua localidade e dirigir-se a grandes centros nacionais ou estrangeiros, experimentando a existência ilegal. Mas ao chegarem ao mundo “por detrás do espelho”, daquilo que imaginavam ser o Brasil, ainda em terra italiana, percebem as semelhanças e diferenças da terra de partida, mas, acima de tudo, mantêm características peculiares de sua formação cultural, as quais serão reorganizadas e ressignificadas a partir dessa nova experiência. É a expressão do indivíduo que, ao deparar-se com a concretude de uma nova vida, bastante diferente daquilo que se havia imaginado, tem de reconstruir suas percepções acerca da realidade e suas expectativas de futuro. Tem, depois de atravessar o espelho, construir uma nova imagem do mundo real para continuar vivendo.

Neste sentido, das identidades étnicas, ressalta-se a importância da busca desse enraizamento étnico (local) em um profundo processo mundial de globalização. Em um mundo que constantemente se diversifica e complexifica, juntamente com um processo de despersonalização, a procura por um conjunto comum de pontos de referência torna-se importante na manutenção do sentimento de pertença a alguma coisa, a algum lugar, a algum grupo originário. Assim, o desenvolvimento desse tipo de problemática adquire grande relevância na medida em que se discutem suas questões identitárias, articulando-as com um contexto maior, evitando a polarização de discussões bairristas que levariam à fragmentação político-social.

Como enunciado acima, a questão da diferenciação cultural e formativa da sociedade gaúcha, no tocante às demais regiões do país, corrobora para a percepção da relevância do fenômeno de relação interétnica. O Rio Grande do Sul tem acentuados traços característicos, tanto físicos quanto sócio-culturais, os quais são decorrentes de uma grande imigração européia que se desenvolveu, principalmente, no transcorrer do século XIX e nos inícios do século XX. Esses

---

primeiros imigrantes do período imperial, majoritariamente alemães e italianos, deram ao estado, bem como a região sul – Paraná e Santa Catarina – uma configuração diferenciada em relação ao todo do país. A diferenciação tem por base uma cultura originária diversa, bem como uma estrutura de distribuição territorial que se distancia da tradicional fazenda, modelo nacional. Os imigrantes, distribuídos em pequenos lotes, desenvolveram um tipo particular de relação com o Estado e outros modelos organizativos internos, além de diferentes relações de sociabilidade. Nessas particularidades, tem-se a formação de uma visão de mundo diversa da tradicional formação luso-brasileira, bem como uma diferente visão de trabalho e de participação popular.

Como segundo ponto, nessa explicação da importância e atualidade do tema, apresenta-se a relevância da tradição trazida pelos imigrantes na formação do imaginário sul-rio-grandense. Em que pese a grande ênfase no gaúcho, homem das lides do campo, ágil, viril e pronto para todas as lutas, aos poucos foi se desenvolvendo internamente uma imagem do Rio Grande do Sul também constituído por um conjunto multiétnico, destacando-se as etnias alemã e italiana. Ainda, tem-se o Rio Grande do colono industrial, símbolo do trabalho organizado e perseverante, o qual adquiriu – no decorrer do século XX – um alto grau de positividade na constituição imagética da identidade sul-rio-grandense. Assim, torna-se sempre mais relevante perceber as especificidades de tal construção cultural da imagem do imigrante italiano.

Tendo presente as justificativas apresentadas, entende-se ser possível perceber a relevância da pesquisa, partindo da análise dos vestígios originários desse conjunto de imagens trazidas pelos imigrantes da terra de proveniência. Parte-se do pressuposto de que para além da bagagem física – ou seja, roupas, móveis e ferramentas – os imigrantes trouxeram uma bagagem identitária e imagética, a qual foi fundamental na construção desta “Itália sul-rio-grandense”. Tal perspectiva pode ser vista nas inúmeras marcas deixadas por estes primeiros imigrantes e seus descendentes, seja nas construções arquitetônicas, na construção da vida em torno à paróquia, na manutenção dialetal e dos cantos, ou, ainda, das crenças e devoções

populares – as quais representam, também, uma das faces da nostalgia da comunidade de pertencimento.

Em um primeiro momento, o estudo acerca do processo imigratório nos parece por demais estudado e uma temática já revista inúmeras vezes, um argumento sem novidades, pois tudo já foi dito. Como se poderá perceber mais adiante, muitos estudos foram realizados sobre a temática da imigração italiana em zona rural, em especial os publicados em parceria pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana e pela Universidade de Caxias do Sul. Contudo, perspectivas diferenciadas de análise estão surgindo, proporcionando a utilização de novas fontes e uma utilização outra de antigos documentos de arquivo. A possibilidade de pensar um processo de reconstrução cultural, de um conjunto de significados partilhados, de discutir a perspectiva de ressemantização da cultura vêneta que faz parte da experiência pregressa desses imigrantes, encontra-se para além do simples relato dos costumes quotidianos dos imigrantes, possibilita uma visão historiográfica e não folclorística dessa vivência dos vênets. Também, a perspectiva de análise de uma cultura em seu forjamento, a partir de experiências específicas, tendo como estudo de caso os vênets em Conde d’Eu, passando por sua experiência de expatriação e por uma nova adaptação, tornam a pesquisa atual, interessante e lhe acrescem um caráter inédito, haja vista que os processos de construção identitária estão entre as mais atuais discussões nas Ciências Humanas, bem como as concepções de etnicidade, identidade étnica e grupo étnico.

O estado do Rio Grande do Sul, em meados do século XIX, tinha uma estrutura fortemente vinculada à pecuária e à “indústria” do charque. Desenvolvia-se fortemente na região da campanha, a qual tinha longas extensões de terra plana, próprias para a criação de gado bovino. Durante o Império e parte da República, o Rio Grande do Sul teve grande importância no mercado nacional enquanto produtor desse charque, o qual servia de alimento aos escravos, sofrendo, nos inícios do século XX, um processo de frigorificação.

Como se pode perceber, o estado mantinha-se – economicamente –

com uma única grande atividade produtiva, característica comum às províncias do Império e aos países da América Latina. Por ser uma região de fronteira, teve seu processo formativo marcado pela grande quantidade de homens que ali habitavam e pelas lutas de fixação dos limites nacionais. Também, devido às atividades desenvolvidas no Rio Grande do Sul, ele possuía vasta região, planalto médio e serra, pouco povoada pelos brancos, em grande parte habitada por índios.

A partir da primeira metade do século XIX, o governo imperial dá início a uma política de “branqueamento” do país e de ocupação de terras devolutas, a qual se intensifica na segunda metade do século. Com isso, diversas famílias de alemães e, depois, italianos rumam para o Brasil, sendo distribuídos em pequenos lotes rurais. Os primeiros, alemães, são enviados para a região do atual município de São Leopoldo, sendo posteriormente criadas outras colônias na região. Os italianos são destinados, primeiramente, para as colônias de Conde d’Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres.

Com a vinda desses grupos de imigrantes e sua alocação em lotes familiares, tem-se o início de uma diversificação na produção primária gaúcha. Em princípio, essa região não possuía um peso relevante na economia gaúcha; contudo, a partir da década de 1930, passa a adquirir paulatinamente uma maior relevância frente à economia da região sul do estado, inclusive, todo o sistema organizativo das colônias, tanto italianas quanto alemãs, vai sendo grandemente enaltecido no país durante o período entre as duas guerras mundiais.

Por outro lado, o fenômeno emigratório, na Península Itálica, é algo que se perde no tempo. As transferências temporárias entre regiões, entre montanha e planície, para outras regiões da Europa, eram bastante comuns. O Vêneto, região específica de interesse para esta pesquisa, tinha uma forte tradição de recepção de pessoas que vinham do Tirol, das províncias de Lugano e Bérgamo, na Lombardia, ou ainda de outros locais. Porém, essa experiência de deixar tudo e todos, abandonar definitivamente o seu *paese* é uma experiência que remonta, grosso modo, ao período de aproximadamente cem anos entre 1870-1970, sendo também



fato novo para os vênnetos.

Essa grande linha emigratória pode ser dividida, segundo Buosi e Nicoletti (1999)<sup>2</sup>, em seis momentos. O primeiro antecede o ano de 1876, sendo considerada a fase arcaica. O segundo remonta o interregno dos anos de 1876-1886, momento de uma forte queda no preço dos cereais. O terceiro momento desenvolve-se entre os anos de 1887-1901 e caracteriza-se fortemente pela desilusão com as possibilidades de utilização das zonas de emigração como importadoras dos produtos nacionais. Esses três primeiros momentos são os de maior relevância quando se fala em uma emigração para a região serrana do Rio Grande do Sul. No quarto momento, 1902-1927, a emigração é destinada com maior expressividade para os Estados Unidos, sendo composta grandemente por meridionais. O quinto momento transcorre no período entre os anos de 1927 e 1948, fazendo parte da nova política fascista. O sexto momento, 1948-1973, tem um fluxo mais voltado para o interno do continente europeu, em especial para a Alemanha, França, Bélgica e Inglaterra.

A partir dessa cronologia da emigração italiana para o mundo, pode-se perceber que o período de maior fluxo emigratório para o sul do Brasil, 1876-1901, coincide com o momento de maior discussão interna sobre a superioridade europeia e de quão importante era para o país o processo de europeização de sua população. Tal política elabora-se no bojo de uma progressiva transformação dos setores produtivos nacionais, na qual se enfatizava os benefícios do trabalho livre e europeu, bem como na ainda pungente necessidade de ocupação de terras gaúchas.

De outro lado, denota-se que esses emigrantes partem da Península Itálica em um momento de finalização do *Risorgimento*, ou seja, apesar de não estarem ainda integrados, sentindo-se partícipes de uma mesma identidade nacional, experimentaram um mesmo caminho de lutas e transformações nesse processo de fragmentação do Vêneto, com a queda da República Sereníssima e seu

---

<sup>2</sup> Esta divisão trabalhada pelos autores tem como base o artigo de Emílio Franzina, *Dopo il '76. Una regione all'estero*, em livro organizado por S. Lanaro, intitulado *Storia d'Italia. Le regioni dall'Unità a oggi*. Torino, 1984. Neste artigo o autor trabalha especificamente com a região do Vêneto.

reagrupamento, como parte da Itália recém-unificada. Na situação aludida, tem-se a possibilidade do cruzamento das políticas internas do Império e, posteriormente, da República, com as edificações culturais elaboradas no Vêneto e trazidas pelo imigrante, no sentido de compreender como se forjam as reelaborações identitárias em solo brasileiro.

Pensando a questão do discurso de uma positividade étnica, especialmente em momentos de comemoração, como em 1975 e em 2000, inúmeros artigos, livros e textos laudatórios foram escritos sobre a imigração italiana. Pode ser percebido nos Cursos de Língua e Cultura Italiana, nos processos de busca de cidadania, nas veiculações televisivas, um forte aumento na demanda por pontos conectores com a Itália, uma procura por elos entre o “eu” e o “ele”, ou entre o “nós” e o “eles”.

Na televisão, não pode ser esquecida a novela das “oito” – veiculada no período 2000-2001 – da Rede Globo, que retorna neste ano no “Vale a pena ver de novo”, a qual buscava fortemente reconstruir uma imagem da imigração e das relações estabelecidas em terra brasileira, *Terra Nostra*, para os italianos que aqui chegavam. Pergunta-se, chegavam aqui onde? Chegavam de onde? Vinham para fazer o quê? Relacionavam-se como? Os eventos comemorativos, assim como a novela, não procuram desvendar a pluralidade dos acontecimentos e questionamentos que se descortinam no entorno da imigração, mas apresentam uma perspectiva universalizadora do fenômeno. Constroem uma identificação com o processo e contam como eram os italianos, atribuem uma identidade a estes outros e direcionam o processo construtor de uma memória sobre a vinda e o enraizamento dos imigrantes italianos.

Nesse sentido, percebe-se que a construção de uma identidade étnica dos egressos da Península Itálica é composta por elementos integrantes de uma passeidade, acontecimentos do próprio transcorrer histórico da imigração e por uma recriação do processo imigratório, geradora e fruto de processos de presentificação do evento passado. Assim, entende-se que a construção identitária destes ítalo-brasileiros

perpassa a dimensão da memória sobre o processo, trazendo em si a representação dos acontecimentos e a mitificação do real vivido.

Para melhor compreender os entrelaçamentos presentes no olhar nostálgico do imigrante, inicia-se fornecendo algumas idéias acerca do que se entende por identidade étnica e sobre os processos de sua construção. A seguir, discute-se o papel da memória coletiva nessa dinâmica, findando por ressaltar alguns conceitos importantes desse conjunto, tais como: imaginário social, representação, mito, figuras emblemáticas e cultura.

No que se refere à identidade étnica, deve-se ter presente a concepção de dinamicidade entendida por Fredrik Barth como de extrema relevância para o entendimento desse conceito. Para o autor, a dimensão de construção das identidades étnicas é parte de uma dinâmica de exclusão e inclusão<sup>3</sup>. Esses processos não se apresentam de forma cristalizada, mas são fruto de uma elaboração constante de símbolos e emblemas, os quais têm como ponto de partida traços culturais coletivamente selecionados. É importante destacar que as fronteiras identitárias não são imutáveis, mas, ao contrário, existem múltiplas transformações possíveis a partir das alterações nas formas de organização dos grupos sociais. Assim, as trocas que ocorrem no social são instrumento de construção desta mobilidade nas fronteiras étnicas.

Dessa forma, a etnicidade é uma noção de pertença, de adesão, sendo justamente o crescimento dos contatos entre indivíduos de bases culturais diferentes, um dos pontos facilitadores da diversificação na identidade étnica:

É precisamente quando as minorias deixam de viver em colônias e se acham diretamente confrontadas com outros grupos que suas especificidades culturais tornam-se fontes de mobilização coletiva e que se desenvolve o que Gans denominou 'a etnicidade simbólica'<sup>4</sup>.

O processo pode ser percebido entre os imigrantes italianos, na

---

<sup>3</sup> POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias de etnicidade**. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

medida em que o avanço dos meios de transporte e comunicação na região serrana do Rio Grande do Sul, o que ampliou as relações comerciais e de sociabilidade entre esses imigrantes e outras etnias, trouxe uma preocupação com a manutenção das marcas culturais italianas. Não se pode perder a dimensão de que é o contato com o outro que faz com que a diferença se torne mais facilmente percebível. Na realidade, a elaboração da identidade étnica italiana dar-se-á através de uma dinâmica que vincula dois processos integrativos: o primeiro – no interior da colônia – entre imigrantes de proveniências provinciais diferentes; o segundo – no contexto estadual – como os demais grupos formadores do Rio Grande do Sul. Enquanto se tem um conjunto harmônico de traços culturais, os quais são parte constitutiva da comunidade, as diferenças não são nem sequer imaginadas, porém o contato com indivíduos de outras formações leva ao entendimento da diferença e a luta pela manutenção do grupo.

A identidade não é uma superestrutura dada, uma entidade atemporal e imutável que flutua por sobre as coletividades, mas, por resultar de um processo de construção social, é cambiante e complexa. Nessa contextualização, a identidade não existe por si, mas é parte da interação entre os diversos grupos que compõem a sociedade, sendo seu processo constitutivo tão complexo quanto o de interação entre os grupos. Dessa forma, são parte de sua constituição as construções, as desconstruções, as reelaborações, as retrações, tudo como estratégias para a manutenção dos grupos sociais: cada mudança social a faz se reformular de maneira diferente.

Assim, não se pode deixar de lado o caráter flutuante e multidimensional que participa de cada processo de construção identitária. Especialmente nos ambientes de imigração, pode-se perceber a construção dinâmica de uma identidade étnica, a qual leva em conta tanto a cultura da terra de partida quando a cultura da terra de chegada. O imigrante acaba por fabricar uma identidade sincrética, ou seja, combina em si caracteres particulares de conjuntos identitários diferentes, haja vista que o social se apresenta de uma forma interacional: “de fato,

---

<sup>4</sup> Idem, p. 71.

cada indivíduo integra, de maneira sincrética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas a sua história”<sup>5</sup>.

Para Cuche, a construção identitária se dá em um processo inter-relacional. O autor retoma o exemplo de Simon, entendendo que a identidade funciona como as bonecas russas, ou seja, por encaixe. Nessa visão, no mundo social, os grupos são compostos de processos múltiplos de auto-entendimento e hetero-entendimento, levando a compreensão de que, muitas vezes, em um mesmo grupo percebe-se elaborações de diferentes marcas de identidade, as quais fazem parte de uma identificação menor, contida em uma outra maior – como é o caso da identidade étnica dos descendentes de italianos, a qual está contida no conjunto da identidade do gaúcho e faz parte de uma identidade ainda maior, a brasileira.

Junto à questão da construção étnica denota-se um caminho formativo do *homus étnicos* a partir do *homus imigrante*. Poutignat e Streit-Fenart lembram, discutindo este processo de transformação do indivíduo, a célebre “Lei de Hansen”. Segundo ela, aquilo que o filho quer esquecer, o neto quer lembrar, ou seja, todo o processo de travessia, miséria, abandono da terra de origem, conflitos na terra de chegada, quer ser esquecido pela segunda geração, a qual ainda viveu a experiência da miséria da imigração, ao passo que a terceira geração, os netos, busca como que um retorno, mitificado, à experiência do trabalho árduo que construiu a riqueza. Na terceira geração, na qual a identidade étnica é discutida e elaborada, o passado adquire uma positividade, o próprio processo de imigração traz em si uma busca de novas oportunidades e a construção de uma vida mais digna<sup>6</sup>.

A partir da percepção de uma dinamicidade no processo de construção identitária, bem como da reelaboração que sofre constantemente a noção do “quem somos”, entende-se a impossibilidade de falar em uma “cultura de origem”, em especial quando se faz referência ao imigrante. Para Cuche<sup>7</sup>, esse erro é fruto de

---

<sup>5</sup> CUCHE, Deny. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 194.

<sup>6</sup> POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. cit. nota n. 03.

<sup>7</sup> CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 05.

uma série de confusões acerca do entendimento de “cultura de origem” e de processos formativos de identidade. O autor ressalta um mau uso da metonímia, ou seja, enxerga-se o todo e a parte como se fossem uma coisa única, toma-se a “cultura de origem” como se esta fosse a cultura nacional, como se, ao falar de uma delas, estivesse-se falando de ambas. Ele ainda destaca uma falsa atribuição de homogeneidade ao se pensar em “cultura de origem”, pois se deixa de lado as especificidades de cada grupo de emigrantes e suas diferentes inter-relações com a cultura nacional.

Um outro cuidado necessário, buscando uma visão maior da complexidade da análise da “cultura de origem”, é não pensar que existe uma imutabilidade na identidade do local de procedência do imigrante, ou seja, as construções culturais permanecem dinâmicas inclusive na terra de partida. Desde o momento em que o emigrante inicia sua trajetória para seu novo “lar”, ele entra em um processo de “defasagem” com relação à cultura de sua terra natal. Assim como ele vai reelaborar suas relações socioculturais no país que o acolhe, os seus procederão a releituras em suas relações no país de origem. A dinamicidade da cultura leva a que novas questões sejam postas, e este mover dos grupos sociais construa novas formas de significar o mundo.

Complementando a idéia de Hansen, Horowitz destaca o que ele chama de “paradoxo da etnicidade”, mostrando que na medida em que aumenta a experiência do pluralismo, em paralelo, as questões étnicas crescem em importância:

Assim, ao mesmo tempo em que a etnicidade se encontra desprovida de conteúdo cultural, que o pluralismo é aceito, que as barreiras contra os casamentos mistos caem, que as minorias aprendem rapidamente o inglês e melhoram suas condições materiais – ao mesmo tempo em que tudo isso ocorre – a etnicidade, contudo, torna-se mais importante<sup>8</sup>.

Nesse contexto de fortificação da etnicidade, fenômeno destes finais

---

<sup>8</sup> HOROWITZ apud POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. cit. nota n. 03, p. 71.

de século e milênio, é que se percebe a progressiva descoberta do grupo étnico, não mais como um subgrupo da sociedade, mas como uma forma de organização social própria às sociedades modernas. Assim, grupo étnico é definido por um conjunto plural que se constrói na interação com diversos grupos culturalmente diferentes:

uma entidade que emerge da diferenciação cultural entre grupos que interagem em um contexto dado de relações interétnicas [...] não pode se tornar uma categoria pertinente de agrupamento humano senão nas situações plurais<sup>9</sup>.

Então, não se entende mais o grupo étnico como um apêndice da sociedade, mas a própria sociedade passa a ser compreendida como uma esfera de inter-relação de uma pluralidade de grupos étnicos, e essa passa a ser percebida como uma forma organizativa da sociedade. O próprio processo de construção dos grupos étnicos transcorre a partir das interações entre esses diversos grupos componentes da estrutura social.

Na interação entre os diferentes agrupamentos étnicos é que vai sendo formada uma percepção acerca da pertença, ou da identidade grupal, e dos critérios de exclusão, ou a alteridade, os *outsiders*. Assim, os traços culturais comuns começam a ser construídos/percebidos, passa-se a destacar a crença em uma mesma origem e a dispor de uma organização unificadora. De Vos percebe esta elaboração, definindo grupo étnico como uma pluralidade de indivíduos que se entendem partícipes de uma mesma trajetória e tradição:

um grupo que se percebe como unido por um conjunto de tradições de que os seus vizinhos não compartilham e cujos membros utilizam subjetivamente de maneira simbólica ou emblemática aspectos de sua cultura, de modo a se diferenciar de outros grupos<sup>10</sup>.

Dessa forma, a cultura do imigrante é tudo o que os faz parecer diferente dos chamados “nacionais”. Hoje, essa cultura, no estado do Rio Grande do Sul, tem adquirido uma progressiva positividade frente a um processo regional de

---

<sup>9</sup> POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. cit. nota n. 03, p. 82.

<sup>10</sup> DE VOS apud POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. cit. nota n. 03, p. 83.

elaboração identitária. Isso se vincula, sem dúvida, ao processo de ascensão econômico-social experimentado pelos diversos grupos de imigrantes europeus, em especial alemães e italianos. Dizer hoje que se é um estado de imigrantes, equivale a dizer que se tem um desenvolvimento sócio-econômico melhor.

De qualquer forma, a cultura que os imigrantes de primeira e segunda geração tentam manter é sempre um conjunto mal formado e desconexo de fragmentos da terra de partida. A rigor, não chegam a constituir uma funcionalidade própria, mas são os sinais identificados pelos imigrantes como articuladores de uma procedência comum. Mesmo não apresentando um todo contínuo e uniforme, tornam-se marca diferenciadora no conjunto maior.

Essa experiência identitária, na contemporaneidade, é marcada pelo domínio da testemunha, daquele que ocupa o lugar de voz e memória viva do passado<sup>11</sup>. Progressivamente, a humanidade precisa de sinais concretos de pessoas que viveram o passado, necessita escutar o “eu vi”, “eu ouvi”, procurando esse atestado de veracidade encontrado nos lábios daqueles que viveram o passado, daqueles que sobreviveram.

Com isso, a construção identitária desses egressos da Península Itálica é rememorada por testemunhas, agora já de segunda mão, ou delegadas, pois não se cansam de narrar as dificuldades passadas por seus antepassados para construir a vida em terras brasileiras. Também os descendentes de imigrantes são como vozes que não podem deixar esquecer a passagem, a travessia do oceano, as primeiras edificações em solo americano. É essa testemunha que atesta o passado, que nos diz: eles viviam assim, eles falavam ou eles faziam assim. Esse indivíduo que tem a incumbência de recordar, que muitas vezes é o memorialista da localidade, constrói progressivamente a visão “correta” acerca da identidade do imigrante, o “como realmente eram”. São também essas testemunhas – filhos e netos de imigrantes – que fornecem uma base

---

<sup>11</sup> HARTOG, François. A Testemunha e o Historiador. In: PESAVENTO, Sandra (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.



imagética sobre as experiências desses homens e mulheres que aqui chegaram e construíram uma maneira própria de viver. Ao historiador cabe mergulhar na profundidade da época estudada, desvendando estes mistérios e cruzando com os mistérios dos arquivos, testemunhas também, porém silenciosas.

Aquele que viu/viveu e que rememora o visto/vivido constrói memória, ao relembrar o passado, colorindo-o, dando a ele cores próprias, porém sempre relativas a sua experiência vivida. Nesse sentido, a tradição oral, para a imigração italiana, é um eficaz meio de transmissão dos acontecimentos de outrora. O momento em família da oração do terço ou das ladainhas de Nossa Senhora sempre foi o instante de recordar o dia que termina, bem como era o *locus* privilegiado para a imersão na nostalgia do passado, na lembrança dos eventos quotidianos familiares e grupais. É importante ter presente esse momento não apenas como um ato inocente de enunciação, mas como a busca de construir uma memória sobre o acontecido.

O processo social de transmissão da memória também apresenta outros elementos que podem ser percebidos quando se discute a imigração italiana. O elemento material presente em meio aos afrescos e esculturas, às medalhas e lápides, é um instrumento didático para preservar aquilo que deve ser rememorado, que tipo de traços devem ser constitutivos dessa construção do grupo étnico. As festas e comemorações são também utilizadas nessa “pedagogia identitária”, buscando não deixar esquecer o que deve ser sempre presentificado. Muitas vezes, o próprio processo de construção da memória – a partir da comemoração – adquire um duplo significado, como o caso do 20 de setembro, evento que celebra ao mesmo tempo a data máxima da República Farroupilha e a tomada de Roma, mantendo, dentre os personagens principais, um indivíduo que é recorrente, *Giuseppe Garibaldi*.

Ainda, como elemento pedagógico da memória, não se pode deixar de

mencionar a espacialidade. Para Halbwachs<sup>12</sup>, a escolha do local de colocação das imagens é muito relevante quando da fixação de uma versão sobre os acontecimentos, promovendo uma associação de idéias entre o objeto e o espaço no qual ele se insere. Quando se fala em espacialidade, também se tem de referenciar a importância da organização espacial dos objetos, pois não é apenas o local escolhido que determina o tipo de ensino que se quer dar sobre o passado, mas a própria organização, seqüência e sistematização da explicação desses objetos produz a elaboração de uma imagem daquilo que um dia aconteceu.

Fernando Catroga<sup>13</sup> destaca três questões desse processo de rememoração: a alteridade, o caráter seletivo e o esquecimento. O passado sempre é entendido em um mosaico de contrastes, recorda-se sempre em contraposição com experiências contemporâneas. Esse jogo de contrastes engendra uma seleção, logo, permite o esquecimento. Lembra-se algumas coisas, as quais estão em harmonia com o momento presente, por isso são selecionadas, criando, assim, lacunas de experiências que permanecem mergulhadas no passado. Na visão de Peter Burke, as memórias são “maleáveis”, sendo necessário compreender como elas são concretizadas, por quem e quais são os limites de “maleabilidade”<sup>14</sup>.

O exercício da memória é uma prática de alteridade, posto que se fala de outro, ao menos no tempo. O próprio processo de voltar no tempo e reconstruí-lo tem sua característica de encontro do outro na medida em que as recordações são sempre vinculadas a um contexto, não acontecem isoladamente, mas são parte de uma liturgia da lembrança. O presente daquele que retorna a suas experiências passadas não é o fim de uma viagem, mas o ponto de intersecção entre uma experiência do passado e uma expectativa de futuro, entre recordações e esperanças. Para Reinhart Koselleck<sup>15</sup> é o presente que pensa o passado, com um olhar para o futuro, ou seja, olha o vivido com as expectativas construídas para o seu futuro e/ou

---

<sup>12</sup> HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994.

<sup>13</sup> CARTROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

<sup>14</sup> BURKE, Peter. **Varieties of Cultural History**. New York: Cornell University Press, 1997.

<sup>15</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**. Barcelona: Paidós, 1993.

da coletividade.

A memória também apresenta uma dimensão que se estende para além do individual, pois segundo Halbwachs<sup>16</sup>, ela é plural, sendo construída por grupos sociais. No caso específico da imigração, tem-se a construção de memórias étnicas, ou melhor, elaboradas por grupos étnicos, sempre em sua experiência inter-relacional com os demais grupos circundantes, os quais elaboram as lembranças coletivas dignas de serem preservadas:

São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é ‘memorável’, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para o seu grupo<sup>17</sup>.

Logo, mesmo tendo sua face individual, a memória se constrói enquanto experiência social, pois os próprios processos de construção perpassam elementos da coletividade, somando-se às rememorações individuais acerca do passado. Nesse sentido, a história adquire este papel de agente qualificado na busca da conservação das lembranças do passado e como alimentador de uma memória social da ancestralidade. Em verdade, os processos relativos à memória coletiva e individual, segundo Halbwachs, sofrem dinâmicas de interpenetração, tendo em vista que cada uma é parte constituinte da elaboração da outra:

Neste sentido é que existirá uma memória coletiva e os quadros sociais da memória, e é na medida em que nosso pensamento individual se transfere destes quadros e participa desta memória que será capaz de se recordar<sup>18</sup>.

Para melhor entender essa relação entre identidade étnica e memória, parte-se da discussão sobre as representações sociais. Para Chartier, a partir do conceito de representação pode-se articular “três modalidades da relação com o mundo social”, quais sejam: o modo como a realidade social é contraditoriamente

---

<sup>16</sup> HALBWACHS, Maurice. Op. cit. nota n. 12.

<sup>17</sup> BURKE, Peter. Op. cit. nota n. 14, p. 44.

<sup>18</sup> HALBWACHS, Maurice. Op. cit. nota n. 12, p. VI. Tradução livre do texto que segue: “C’est en ce sens qu’il existerait une mémoire collective et des cadres sociaux de la mémoire, et c’est dans la mesure où notre pensée individuelle se replace dans ces cadres e participe à cette mémoire qu’elle serait capable de se souvenir”.

constituída por diferentes grupos, o modo como “as práticas [...] visam fazer reconhecer uma identidade social”<sup>19</sup> e o modo como determinados grupos marcam com maior ênfase a coletividade. Assim, a construção dos acontecimentos torna-se uma representação possível do passado – a mais verossímil dentro das condições dadas.

Nesse percurso em busca das representações possíveis dessas construções imagéticas das identidades coletivas, o poder simbólico tem, por vezes, um efeito de real muito mais forte que o próprio real acontecido. Assim, as representações do real são diferentes do real, não são espelhos da realidade objetiva, ou seja, as coisas têm um outro sentido além daquele manifesto. Nesse processo assimétrico de relação com o real, a representação se constrói a partir de uma dinâmica própria com a realidade representada, marcada pela relação presença/ausência:

Por um lado, a ‘representação’ faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar<sup>20</sup>.

Dessa forma, cada sociedade cria um sistema de representações, o qual dará sentido as suas estruturas fundantes. O imaginário social, na visão de Baczkó, é um eficaz dispositivo de controle da coletividade, sendo o lugar e o objeto dos conflitos sociais.

A discussão acerca das representações sociais remete, ainda, à noção de imaginário, o qual, segundo Pesavento<sup>21</sup>, trabalha sobre o vestígio, é sempre

---

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 23.

<sup>20</sup> GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85.

<sup>21</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma Outra História: imaginando o Imaginário. In: **Representações - Revista Brasileira de História**. São Paulo: Contexto, ANPUH, Vol. 15, n. 29, 1995a.

representação e não existe sem interpretação. Com isso, percebe-se que os conceitos de representação e imaginário estão ligados, pois a precisão do conteúdo de imaginário pode começar pela noção de representação – apresentando-se imageticamente e/ou através do discurso:

é a tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração.

O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição à realidade<sup>22</sup>.

O imaginário é sempre referência a um “outro” ausente, evocando-o e a ele se reportando, tecendo uma relação entre significantes e significados. É uma outra forma de realidade histórica, sendo parte constitutiva do real, tanto em sua concretude quanto em sua representação, tornando-se a epifania deste real, sua revelação:

A rigor todas as sociedades, ao longo de sua história, produziram suas próprias representações globais: trata-se da elaboração de um sistema de idéias-imagens de representação coletiva mediante o qual elas se atribuem uma identidade, estabelecem suas divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros<sup>23</sup>.

Essa construção de representações coletivas e de um imaginário social é passível de ser percebida no processo de reelaboração cultural desses imigrantes vênets do século XIX. No transcorrer do século, produziram-se diferentes representações sobre o mundo, misturando noções de uma cultura erudita com construções populares, repensando suas histórias de vida a partir de mitos formadores de sua identidade. Esse sujeito que reside em um mundo rural, com lentas mudanças, com uma estrutura religiosa, social e cultural secular, percebe – ao longo do século XIX – sucessivas transformações políticas e uma efervescência de idéias liberais, anticlericais, e de novas percepções de mundo que começam a se forjar:

Estas representações da realidade social [...] inventadas e elaboradas com materiais tomados do caudal simbólico, têm uma realidade

---

<sup>22</sup> LE GOFF, Jacques apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit. nota n. 21, p. 15.

<sup>23</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit. nota n. 21, p. 16.

específica que reside em sua própria existência, em seu impacto variado sobre as mentalidades e os comportamentos coletivos, nas múltiplas funções que exercem na vida social. [...] todo poder se acerca de representações, símbolos, emblemas etc., que o legitimam, o engrandecem e que necessita para assegurar sua proteção<sup>24</sup>

No século XIX verificam-se grandes transformações o quotidiano dos habitantes do norte da Itália, o que o leva a uma conjuntura de reelaboração de suas percepções sobre o mundo que o cerca, a retraduições da realidade exterior. Reconstrói-se, assim, um sistema de representações que possibilite significar as novas questões cotidianas que são postas, que expresse de uma forma verossímil a realidade que está em transformação, em um longo momento de passagem. Posteriormente, essa produção, feita ainda em solo da Península Itálica, é transportada para o Brasil, logicamente sendo reelaborada e ressemantizada. Dessa forma, forja-se nas colônias italianas, a partir de toda a experiência vivida na terra de partida, percebendo a viagem como um momento de novas formulações simbólicas e, por fim, as vivências na terra de chegada, novas perspectivas nessa percepção do real para o recém-egresso.

Esse período de mudanças produz figuras emblemáticas e mitos, a partir de uma circularidade entre uma cultura campesina – forte marca do vêneto do século XIX – e uma cultura erudita, de uma Europa e uma região que se encontram em transformação. Na visão de Barthes<sup>25</sup>, o mito é uma fala, um sistema de comunicação, é uma mensagem, um modo de significação. Para Oliven<sup>26</sup>, mito é uma narrativa atemporal e abrangente, cuja unidade significativa está preocupada em resolver contradições e questões que têm a ver com a origem de fenômenos naturais. Esse mito tem limites formais e não substanciais, não perpassa nele a noção de eternidade, por mais antigo que possa ser, pois sua função é transformar o real em discurso. Logo, o mito tem sua relação posta em três pontos – signo, significante, significado – e ele fala de algo, a alguém, buscando dar um sentido, uma

---

<sup>24</sup> BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales: memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991, p. 08.

<sup>25</sup> BARTHES, Roland. **Mitologias**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

<sup>26</sup> OLIVEN, Ruben George. **Mitologias da Nação**. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (org.) **Mitos e Heróis: construção de Imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 23-39.

verossimilhança àquilo a que se refere. Isso pode ser dado pela linguagem, discurso ou fala, por toda unidade ou por toda síntese significativa, verbal ou visual.

As “figuras emblemáticas”, segundo Maciel<sup>27</sup>, representam toda uma coletividade, a partir de sua dimensão simbólica. Dessa forma, há uma comunidade de sentidos interligando a figura aos demais membros da coletividade, a ponto de que quando se enaltece a um, o todo se sente agraciado. Em cada ato bravio e heróico de um membro, toda a comunidade participa do triunfo, produzindo representações:

Esta figura, muito além do estereótipo e do clichê, é um emblema, um símbolo, presentificando e personalizando um conjunto social, e como tal pertence ao imaginário, mobiliza representações e sintetiza valores e julgamentos<sup>28</sup>.

Na intersecção entre o mito e a figura emblemática, podem ser percebidos os personagens fundantes do Estado italiano, que personificam uma identidade nacional: Garibaldi, Cavour e Vittorio Emanuele. Os feitos desses homens e do reino sardo-piemontês tornam-se conquistas da Itália. O ingresso triunfante do rei nas diversas regiões, o qual expulsa os dominadores, constitui-se na entrada do conjunto da população: é a nação italiana que chega a todos os pontos da Península. Um dos pontos que rompe essa unidade mítica é a tomada dos Estados Pontifícios, pois a Igreja é parte dessa auto-imagem do habitante da Península Itálica, o que causa certo desconforto e divisão na construção simbólica da condução do processo unificador.

Outra elaboração mítica expressa-se na própria constituição da imagem do imigrante, quando das primeiras festas. A partir da imagem de grandes nomes – destaques na indústria, comércio, enfim de pessoas que conseguiram “fazer a América” – constrói-se a mítica do imigrante trabalhador, que “vem, vê e vence”, aquele que com mãos laboriosas trabalha a terra e dela tira a riqueza<sup>29</sup>. Difundindo-

---

<sup>27</sup> MACIEL, Maria Eunice de Souza. Procurando o Imaginário Social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (org.). **Mitos e Heróis: construção de Imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

<sup>28</sup> Idem, p. 83.

<sup>29</sup> Abramo Eberle constitui-se em um exemplo clássico dessas figuras emblemáticas, sendo

se a imagem do imigrante como trabalhador incansável, econômico, que paulatinamente vai edificando sua fortuna, este é percebido como uma graça para a nação.

Cabe destacar uma idéia discutida por Ginzburg que nos permite melhor entender os processos construtores desse entrecruzamento de imagem, mito e figura emblemática, um ponto que une esses três conceitos em um código valorativo próprio. Enquanto elementos de representação do real, eles fogem à dicotomia de uma leitura entre o certo e o errado:

Uma reflexão iniciada pelos gregos permitiu descobrir o que une, embora em sua diversidade, imagem, nome e mito: o fato de estarem situados além do verdadeiro e do falso<sup>30</sup>.

Esse conjunto conceitual – marcado pela identidade, memória, representação, imaginário social e mito – está inserido em um segmento maior que os incorpora: a cultura. Certamente, não se está entendendo a cultura como o conjunto de expressões artísticas de um dado povo, mas como os significados partilhados por um determinado grupo, que os permite enxergar e construir de forma diferenciada o social. Assim, a cultura “oferece a possibilidade de conceber a unidade do homem na diversidade de seus modos de vida e de crença”<sup>31</sup>.

Primeiramente, tem-se de ter presente, como já enunciado, que a cultura, assim como a identidade, não é descolada dos grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, os diversos processos de interação – internos e externos aos grupos – configuram novas organizações culturais, promovendo transformações no social. Dito de outra maneira, se cultura, como nos diz Sapir<sup>32</sup>, são significações comunicadas pelos indivíduos de um dado grupo através de interações, é nos processos intergrupais que estão sendo forjadas as percepções/organizações culturais.

---

representado em obras como: FRANCO, Álvaro. **Já tocou... ou a epopéia de um imigrante**. São Paulo: Ramos, Franco, 1943; FRANCO, Álvaro. **O milagre da montanha**. São Paulo: Ramos, Franco, 1946.

<sup>30</sup> GINZBURG, Carlo. Op. cit. nota n. 20, p. 13.

<sup>31</sup> CUCHE, Denis. Op. cit., nota n. 05, p. 13.

<sup>32</sup> SAPIR apud CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 5, p. 105.



Ainda se pode perceber a cultura enquanto “sistemas de valores, de representações e de comportamentos que permitem a cada grupo identificar-se, localizar-se e agir em um espaço social que o cerca”<sup>33</sup>.

Pensando esta impossibilidade de separar a cultura e o social, Chartier<sup>34</sup> entende a cultura como parte das relações e práticas sócio-econômicas em uma dada sociedade. A cultura sofre seu processo dinâmico de elaboração em um mesmo mundo no qual se dão as relações sociais, significando-as:

Cultura não está nem para além nem acima das relações econômicas e sociais, nem pode ser uma variação entre elas. Todas as práticas são articuladas conforme as representações pelas quais os indivíduos constroem sentido para suas existências, e este sentido, este significado, está inscrito em suas palavras, seus atos e seus ritos. [...] As estruturas que determinam os relacionamentos entre indivíduos devem ser entendidas como o resultado – sempre instável e conflitivo – de relacionamentos entre representações antagônicas do mundo social. [...] Todas as práticas são culturais tanto quanto sociais e econômicas, visto que elas traduzem em ação os muitos caminhos pelos quais os homens atribuem significados ao seu mundo<sup>35</sup>.

Chartier traz à tona uma outra questão que perpassa esse processo de elaboração cultural: o embate. Se as construções culturais se desenvolvem no mundo social, como representações desse social, dando a ele significado, os conflitos que envolvem a sociedade são, então, marcados também por embates simbólicos de representações que envolvem o plano cultural, tendo presente que, na medida em que o social se transforma, as representações sobre ele sofrem alteração, e vice-versa: ao mesmo tempo em que as mudanças rituais alteram os significados sobre eles, os significados alterados passam também a alterar os próprios ritos.

---

<sup>33</sup> CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 05, p. 108.

<sup>34</sup> CHARTIER, Roger. **The cultural uses of Print in Early Modern France**. Princeton: Princeton University Press, 1987.

<sup>35</sup> CHARTIER, Roger. Op. cit. nota n. 34, p. 11. O texto é uma livre tradução extraída do original em inglês. Para facilitar a compreensão do original, deixa-se registrado também o trecho em inglês. “Culture is not over and above economic and social relations, nor can it ranged besides them. All practices are articulated according to the representation by which individuals make sense of their existence, and this sense, this meaning, is inscribed in their words, their acts, and their rites. [...] the structures that determine relationships between individuals must be understood as the result – always unstable and conflictive – of relationships between the antagonistic representations of the social world. [...] All practices are ‘cultural’ as well as social or economic, since they translate into action the many ways in which humans give meaning to their world”.

Nesse sentido, a cultura não se restringe a um fragmento do social, mas está presente em todo o sistema de relações que envolvem a sociedade:

Descrever a cultura deve, assim, envolver a compreensão de todo seu sistema de relações – a totalidade das práticas que expressam como se representa o mundo físico, a sociedade e o sagrado<sup>36</sup>.

Torna-se importante, nesse momento, fazer um pequeno resgate da discussão antropológica em torno do fenômeno hoje compreendido por transculturação<sup>37</sup>, o qual parte da noção de aculturação e tem uma grande sistematização em Roger Bastide, construindo-se enquanto entrecruzamento. Assim, ao participar do complexo sistema de relações de uma dada sociedade e fazer parte das disputas travadas no campo social, a cultura participa de um fenômeno constante de “entrecruzamento” ou “interpenetração”, ambos conceitos utilizados por Roger Bastide<sup>38</sup> para entender os processos de trocas culturais. Esses conceitos têm sua origem no termo aculturação, criado em 1880 por Powell – antropólogo norte-americano – referindo-se aos processos de mudança nos modos de vida dos imigrantes, quando em contato com a sociedade americana. Destacando esse processo como bilateral, em 1936, Robert Redfield, Ralph Linton e Melville Herskovits, no “Memorando para o Estudo da Aculturação”, formulam que a aculturação é um processo dinâmico entre grupos diferentes, produzindo mudanças:

o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (*patterns*) culturais iniciais de um ou dos dois grupos<sup>39</sup>.

No interior do processo de aculturação, Herskovits<sup>40</sup> acresce a noção de reinterpretção, elemento dinamizador, o qual caracteriza-se pela significação de

---

<sup>36</sup> Idem, p. 11 - “Describing a culture should thus involve the comprehension of its entire system relations – the totality of the practices that express how it represents the physical world, society, and the sacred.”

<sup>37</sup> Deve-se mencionar também a as discussões produzidas por Fernando Ortiz em torno ao conceito, destacando-se sua obra *Cuban counterpoint: tobacco and sugar*, publicada pela primeira vez em 1940, pela Duke University Press.

<sup>38</sup> Estes conceitos apresentados por Roger Bastide são discutidos por Deny Cuche – CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 05.

<sup>39</sup> CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 05, p. 115.

<sup>40</sup> HERSKOVITS, 1948 apud CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 05, p. 118.

novos elementos a partir de antigos códigos e pela ressignificação de antigas formas, a partir da soma de novos valores. Essa dinâmica é sistematizada por Barnett<sup>41</sup> em três pontos: (1) quanto mais estranha for a forma, mais difícil será sua aceitação; (2) as formas são mais facilmente transferíveis que as funções; e (3) um traço cultural será mais bem aceito e integrado se puder adotar uma significação de acordo com a cultura que recebe.

Esse processo contínuo de ressignificações, o qual sempre está diretamente ligado ao mundo social, possibilita modificar a visão de cultura como um estado puro, percebendo-a como um processo de construção, logo, dinâmico. Assim, pode ser percebido um constante movimento nos processos culturais:

Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. [...] A cultura é uma construção ‘sincrônica’ que se elabora a todo instante através deste triplo movimento<sup>42</sup>.

Pode-se entender esses processos de “interpenetração”, “entrecruzamento”, ou ainda, mais atualmente, “transculturação”, como relações dinâmicas de interação entre diversas culturas que, apesar das delimitações de fronteiras, experimentam trocas simbólicas e se reelaboram a partir dessas trocas. É importante se ter presente que existem sempre processos de ressignificação nas interações culturais – independente do grau de transformação – produzindo releituras e respostas às experiências individuais e/ou coletivas:

Mas certamente essas comunidades não estão emparedadas em uma tradição imutável. Assim como ocorre na maioria das diásporas, as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta às experiências migratórias<sup>43</sup>.

A idéia de uma contínua transformação nas percepções das experiências e de uma constante interpenetração cultural produzida na “zona de

---

<sup>41</sup> BARNETT apud CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 05, p. 119.

<sup>42</sup> CUCHE, Denis. Op. cit. nota n. 05, p. 137.

<sup>43</sup> HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 66.

contato<sup>44</sup>, produz a dinamicidade desse processo de transculturação, no qual sujeitos até então isolados, temporalmente ou espacialmente, travam embates simbólicos e entrecruzam suas diferentes compreensões sobre a realidade e sobre si, sobre o outro e sobre essa própria inter-relação. Nesse sentido, os sujeitos em contato partilham de uma dinâmica comum de transformação, o que promove mudanças em suas representações do mundo, conduzindo a uma impossibilidade de reencontrar-se com o seu mundo anterior, quando em um retorno à terra de proveniência:

Se eles retornassem as suas cidadezinhas, o mais tradicional deles seria considerado ‘ocidentalizado’ – senão irremediavelmente diaspORIZADO<sup>45</sup>.

Esse não-reconhecimento no retorno, essa impossibilidade de uma leitura plena da experiência contemporânea, produzirá um movimento construtor de percepções cambiantes da terra de partida e da vivência presente. Em uma produção de leitura acerca dos fragmentos mnemônicos que interconectam presente e passado, os restos imagéticos trazidos pelos imigrantes serão tecidos múltiplas vezes em processos de reinterpretação das relações entre o todo – a existência anterior – e a parte – o vestígio que dela permanece:

Essa tensão que o resto expõe, entre o todo e a parte, remete para a multiplicidade de formas que lhe se podem reconhecer, formas que se inscrevem em fases diferenciadas de um processo, de uma transformação<sup>46</sup>.

O processo de transculturação promove diferentes efeitos de transformação nas culturas em contato, produzindo o “novo” em ambas, marcando a identificação de um sujeito que não se caracteriza mais por nenhuma delas. Dessa forma, os restos representativos dos antigos códigos culturais partilhados constituir-se-ão, a um mesmo tempo, em vínculos com o passado – ressemantizado – e

---

<sup>44</sup> Esse conceito é discutido por Mary Louise Pratt como o espaço de encontros coloniais [porém, entende-se que pode ser utilizado no contexto das relações na zona de imigração italiana], sendo tomado emprestado da lingüística – “linguagem de contato” – o qual faz referência “a linguagens improvisadas que se desenvolvem entre locutores de diferentes línguas nativas que precisam se comunicar entre si de modo consistente”. PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999. p. 31.

<sup>45</sup> HALL, Stuart. Op. cit. nota n. 43, p. 76.

<sup>46</sup> VECCHI, Roberto. Recife como restos. In: **Colóquio/Letras**, Lisboa, 157-158, 2000. p. 192.

memória de seu desaparecimento.

Permanecendo na esfera da cultura, no Rio Grande do Sul, muito já foi escrito sobre a cultura italiana, mas, muitas vezes, enfatizando seu olhar folclórico e estático. Uma extensa bibliografia sobre a imigração italiana foi sendo constituída, especialmente ao longo das últimas quatro décadas, podendo ser dividida em três grandes temáticas: os costumes dos imigrantes e sua religiosidade, a influência dos imigrantes na organização político-econômica gaúcha e a análise conjunta da religião e da Imigração.

No que se refere à primeira temática, destaca-se a ênfase nos modos de sobrevivência e organização folclórica, abordando, por exemplo, como eram os primeiros fogões, o que se comia, e outras generalidades culturais; enfim, o que os imigrantes faziam no seu dia-a-dia. Essas questões podem ser observadas em publicações, principalmente, de Rovílio Costa, na Escola Superior de Teologia (EST), sendo inúmeras em parceria com a Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS)<sup>47</sup>. Em sua maior parte, essas obras apresentam a problemática da imigração italiana sob uma determinada perspectiva antropológica dos anos 1970. Dessa forma, são apresentados os hábitos cotidianos dos imigrantes, sendo destacada sua vida, seus costumes, organização doméstica, alimentação, vestuário, namoro, amizade, lazer, educação e vida religiosa, esboçando, assim, a forma como esses imigrantes se encontravam em terras brasileiras.

Nessa mesma linha, destacam-se algumas obras recentes da EST, como *Storia e Fròtole*<sup>48</sup> e *Duas Itálias*<sup>49</sup>, ambas coletâneas organizadas por Rovílio

---

<sup>47</sup> Como exemplo dessas publicações, tem-se as seguintes obras: COSTA, Rovílio. **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**: vida, costumes e tradições. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1986; MERLOTTI, Vânia. **O Mito do Padre entre os descendentes italianos**. Caxias do Sul: EST/UCS, 1979; BATTISTE, Arlindo. **Colônia italiana**: religião e costumes. Caxias do Sul: ESTEF, 1981; FOCESATTO, Iloni. **Descrição do Culto aos Mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EST/UCS, 1987; RABUSKE, Arthur. **Os inícios da Colônia Italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães**. Caxias do Sul: EDUCS/EST, 1978; COSTA, Rovílio & DE BONI, Luis Alberto. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições, 1996.

<sup>48</sup> COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo. **Storia e fròtole**. História e estórias. Porto Alegre: EST, 2001.

Costa e Arlindo Battistel, e *Polenta e Liberdade*<sup>50</sup>, de Arlindo Battistel, somente para nominar algumas. Nessas publicações do biênio 2000/2001, a marca especial é a memória da imigração, a partir da fala do memorialista. As coletâneas contam as lembranças de diversos descendentes sobre as proezas, os reveses e as aventuras de seus antepassados em seus primeiros anos nas terras gaúchas, partindo ainda das últimas experiências na terra de partida. O livro de Battistel procura, a partir de uma narrativa literária, reconstruir a saga da imigração, desde a partida no norte da Itália, mais especificamente no Vêneto, até a reorganização da vida na região serrana do estado<sup>51</sup>.

Não se pode deixar esquecida a poliantéia em homenagem a Rovílio Costa, organizada por Antônio Suliani, também da EST<sup>52</sup>. Essa obra – *Etnia e Carismas* – é motivada por várias comemorações, porém, seu cerne é felicitar Rovílio Costa pelos seus sessenta e seis anos de vida e quarenta anos de sacerdócio. Este livro, de 1268 páginas, dentre outros autores, contém artigos da grande maioria das pessoas que se dedicam ao estudo da imigração rural italiana no Rio Grande do Sul. Nele, pode-se observar discussões desde a sociabilidade dos imigrantes até memórias de vida, tendo escritos de historiadores, sociólogos, antropólogos, teólogos, filósofos, educadores, enfim, uma gama imensa de perspectivas sobre a trajetória da imigração. Especialmente, busca dar conta da imigração em todas as direções do estado, da serra a Santo Antônio da Patrulha, passando por Porto Alegre e pela quarta colônia (Silveira Martins), indo até Santa Catarina. No que se refere às temáticas, estas são ainda mais variadas: gênero, práticas religiosas, costumes, cultura vêneta, mito, memória, economia, política – questões para todos os gostos e problemáticas.

De outra parte, a obra de Bernardin D’Apremont e Bruno Gillonnay,

---

<sup>49</sup> BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. **Duas Itálias**. Porto Alegre: EST, 2000.

<sup>50</sup> BATTISTEL, Arlindo. **Polenta e liberdade**. Porto Alegre: EST, 1998.

<sup>51</sup> Estas obras são parte da coleção “Itália nel Mondo/125 anos de Imigração Italiana”, coordenadas por Antonio Alberti e Moacir Molon. A coleção se dedica a publicações que versam sobre os imigrantes, apresentando questões relativas às construções dialetais, às memórias dos imigrantes, às organizações das colônias.

<sup>52</sup> SULIANI, Antônio. **Etnias e carismas**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre:

*Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)*<sup>53</sup>, diferencia-se das demais por seu caráter de fonte primária, pois se constitui em um relatório escrito pelos referidos freis, quando do término da concessão administrativa do Seminário de Porto Alegre aos capuchinhos, e quando de seu retorno à França. No seu conjunto, apresenta todo um panorama da missão capuchinha francesa, nas colônias do Rio Grande do Sul, apontando sua organização, religiosidade, perspectiva educacional, as dificuldades missionárias, as vocações sacerdotais e religiosas, bem como um relato sobre os vinte e cinco anos dos capuchinhos franceses no estado.

No que tange à segunda temática, tem-se inúmeros trabalhos sobre as influências dos imigrantes na economia e na política gaúcha<sup>54</sup>, sob uma visão estrutural. Esses trabalhos apresentam a construção da comunidade italiana no Rio Grande do Sul – ou pelo sentido da produção/economia e construção de uma economia agrário-pastoril-industrial, ou no sentido da política, administração e estruturação das colônias, e sua participação no processo político sul-rio-grandense.

A terceira temática vincula imigração e religião. A publicação de Zagonel<sup>55</sup>, que é fruto de sua Tese para Livre Docência em História da Igreja, busca apreender, de uma forma mais elaborada historicamente, a problemática do clero sul-rio-grandense, em um contexto de mudança na perspectiva do ser Igreja, do fazer parte da instituição e compartilhar suas crenças. Nesse sentido, destaca, enquanto movente desse processo, a entrada no país dos imigrantes – no caso específico, italianos – bem como a vinda de congregações religiosas européias, sendo, no contexto da publicação, abordada a congregação dos Frades Menores Capuchinhos. Lembra-se, inclusive, que dos trabalhos citados quando da apresentação da primeira das temáticas, bem como outros publicados pela EST, encontra-se a abordagem desta

---

EDIPUCRS, 2001.

<sup>53</sup> D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: UCS, 1976.

<sup>54</sup> Essa influência político-econômica do imigrante pode ser percebida em obras como *A presença italiana no Rio Grande do Sul*, organizada por Luís Alberto De Boni, composta de três volumes; “RS: Imigração e Colonização”, organizado por José Hildebrando Dacanal, entre outras.

relação de proximidade do imigrante italiano à religião. Isso se processa, especialmente, a partir de sua relação com a transcendência, ou seja, do culto aos mortos, das práticas de piedade popular, das crendices.

O trabalho de Marin<sup>56</sup> objetiva analisar as transformações promovidas pelo Concílio Vaticano I na região da ex-colônia de Silveira Martins. Dentre esse universo de pesquisa, seu objetivo específico é perceber como as idéias do Concílio foram construídas pela Igreja na ex-colônia de Silveira Martins, como se organizou todo um sistema de vigilância e punição na comunidade, principalmente sob os aspectos morais e religiosos.

Por fim, mas ainda nessa terceira temática, citaria minha dissertação de mestrado<sup>57</sup> apresentada em 1999 na UFRGS, a qual aborda, também, a questão da imigração italiana, vinculada à religião, discutindo as alterações nas práticas religiosas que os imigrantes propiciaram ao estado. Nesse trabalho, é discutida a implementação do Projeto de Restauração Católica no Rio Grande do Sul, as experiências trazidas pelos imigrantes da terra de partida e o sistema de manutenção do credo organizado pelos sacerdotes capuchinhos, baseado na pregação das missões, nas escolas católicas e no jornal católico. Como último ponto são abordadas as diferentes recepções desse conjunto de normatizações.

Outra dissertação de mestrado, defendida na UFRGS, no ano de 2000, foi “Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul”, apresentada por Adriana Orlandi<sup>58</sup>. Nela, procura-se perceber – a partir do cruzamento entre História e

---

<sup>55</sup> ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana**. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.

<sup>56</sup> MARIN, Jéri Roberto. **"Ora et labora"**: o projeto de Restauração Católica na ex-colônia de Silveira Martins. Porto Alegre: CPGHistória/UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado).

<sup>57</sup> BENEDUZI, Luís Fernando. **Nem santos nem demônios: italianos**. Porto Alegre: PPGHist/UFRGS, 1999. (Dissertação de Mestrado).

<sup>58</sup> ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta**: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGHist./UFRGS, 2000. (Dissertação de Mestrado).



Literatura, tendo como fonte literária a obra *Nanetto Pipetta*<sup>59</sup>, de Aquiles Bernardi – a construção e festejamento da identidade italiana no Rio Grande do Sul, discutindo seu processo de elaboração na memória coletiva.

Aproveitando a questão acadêmica, é importante traçar também o caminho das pesquisas sobre imigração italiana no Rio Grande do Sul e seu entorno, e qual sua trajetória no que se refere à temática e ao referencial teórico. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) existe uma linha de pesquisa, capitaneada pela professora Núncia Constantino, que se dedica à discussão do processo migratório de italianos, porém com especial destaque à imigração urbana, a qual apresenta em grande parte imigrantes meridionais. Deve-se também mencionar, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), a qual fica na própria zona primeira de imigração rural italiana, pesquisadores que se dedicam, em diversas temporalidades, a discussão do processo migratório e de suas especificidades em solo gaúcho. Destaca-se alguns, como a professora Loraine Slomp Giron e Maria Luiza Iotti. Por fim, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) existe um grupo de pesquisa que se dedica à imigração italiana, em especial à reelaboração identitária desses imigrantes depois da chegada, destacando a professora Maria Catarina Zanini, que trabalha com os processos de construção de identidade étnica.

Tendo em vista a perspectiva da articulação entre a cultura originária do imigrante italiano, em especial vêneta, que transmigra para a serra gaúcha, e a cultura que se constitui em território nacional, presente na Tese, torna-se pertinente um breve relato sobre as publicações acerca da temática na Itália. Assim, divide-se em dois pontos a análise da bibliografia: (1) a abordagem da imigração italiana por pesquisadores italianos e (2) a constituição da identidade italiana.

No que se refere à primeira questão, os trabalhos publicados na Itália

---

<sup>59</sup> A obra de Aquiles Bernardi foi publicada primeiramente em fragmentos no jornal *Staffetta Riograndense*, atualmente denominado *Correio Riograndense*, em torno ao ano de 1925 (cinquentenário da imigração italiana) e, posteriormente, compendiado em livro e publicado pela EST. Esta história é tida como um dos clássicos das narrativas literárias sobre a imigração italiana.

acerca da emigração, em grande parte se referem às condições anteriores à emigração, como se encontrava a população, tanto em uma perspectiva econômica quanto no que concerne ao imaginário social. Os autores procuram dar conta do universo que circundava o emigrante, qual seja: os aspectos legais referentes à emigração e como se desenvolve a legislação, a propaganda emigracionista e seu embate com aqueles contrários à emigração, a organização de todo um sistema de informações e de uma rede de relações referentes a ela<sup>60</sup>. Ou ainda, em uma perspectiva diferente, buscam apresentar referências míticas acerca da emigração, a ela relacionando as noções de sensibilidade e de representação<sup>61</sup>. Esse segundo grupo de autores articula o universo da emigração com idéias referentes à criação de identidade e de novas formas de vida, a partir do uso da literatura e de fontes propagandísticas, correspondendo a uma nova safra de publicações acerca da temática da emigração, seguindo um sólido relacionamento com a historiografia francesa, o que se depreende por sua bibliografia.

Relativo à segunda questão, a construção da identidade italiana, uma das obras mais importantes publicadas sobre o assunto – uma obra de três volumes que busca dar conta dos mitos, eventos, locais, símbolos e estruturas da Itália unificada – foi organizada por Isnenghi<sup>62</sup>. Esse compêndio narra, a exemplo da obra de Pierre Nora, os lugares de memória do processo formativo da italianidade – nesse prisma, parte de estruturas fundantes da memória do italiano, as quais remontam ao período ainda anterior à unificação. Assim, recorda o *paese*, a paróquia, *pinocchio*, os país da pátria – Mazzini, Vittorio Emanuele e Garibaldi – a noção da palavra

---

<sup>60</sup> Neste sentido citaria: Cecilia Lupi. “Partano pure, ma senza imprecare: le guide per gli emigranti fra ideologia e consigli pratici (1855-1927)”; Annarella Quasi, “Aspetti della Legislazione in Materia di Emigrazione nel Periodo Liberale”; Ercole Sori, “L’Emigrazione Italiana dall’Unità alla Seconda Guerra Mondiale”; Francesco Surrdich, “L’emigrazione di Massa e la Società Geografica Italiana”; Piero Brunello, “Agenti di Emigrazione, Cotadini e Immagini dell’America nella Provincia di Venezia”, “Emigranti”; para nominar alguns.

<sup>61</sup> Gianfausto Rosoli, “La Problematica dei patronati cattolici di emigrazione sotto Pio X”; Emilio Franzina, “L’immaginario degli emigranti: miti e raffigurazioni dell’esperienza italiana all’estero fra i due secoli”, “Gli Italiani al Nuovo Mondo: l’emigrazione italiana in America (1492-1942)”; Ralph Harper, “Nostalgia. Una esplorazione esistenziale della brama e della realizzazione nel mondo moderno”; dentre outros.

<sup>62</sup> Cita-se como parte desta obra os autores que seguem: Pietro Borzomati, “La Parocchia”; Pietro Clemente, “Paese/Paesì”; Glauco Sanga, “Campane e Campanile”; Maurizio Ridolfi, “Mazzini”; Enzo Collotti, “I Tedeschi”; Guido Verucci, “Il XX Settembre”; Fernando Tempesti “Pinocchio”;

*tedesco*<sup>63</sup>, além de vários outros entes desta Itália que se constitui.

Nessa linha de análise da construção identitária italiana e da construção da nação, tem-se de mencionar duas obras atuais que buscam dar conta desse fenômeno. Uma delas, *La nazione del Risorgimento. Parentela, santità e onore alle origini dell'Italia unita*, escrita por Alberto Banti, busca, trabalhando com escritores italianos do período, reconstruir, a partir do discurso do *Risorgimento*, a fase originária da formação da identidade italiana, de seu entendimento enquanto nação. A outra, *Storia d'Italia*, organizada por Sabbatucci e Vidotto, busca reconstruir, a partir da história política, associada à economia, aos fenômenos sociais e à vida cultural, o processo de construção da nação italiana de finais do século XVIII aos dias de hoje.

Destaca-se ainda – como informativo da construção identitária italiana – a obra organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, *História dos Jovens*, especialmente nos artigos de Sabina Loriga, *A Experiência Militar*; e de Luzzatto, o estudo *Jovens Rebeldes e Revolucionários: 1789-1917*. Especialmente no segundo volume, publicado em 1994, relata as vivências e transformações da juventude na época contemporânea, dando forte ênfase ao norte da Península Itálica.

Tal elenco de temáticas relativas à imigração italiana e seu entorno permite perceber a linha de análise que se pretende seguir, partindo da inter-relação entre a cultura da terra de partida e aquela que se vai produzindo em solo brasileiro. Dessa forma, são cruzadas as experiências vividas nas localidades da serra gaúcha, os usos e costumes, as práticas religiosas, a vida cotidiana, as elaborações culturais; com as práticas, experiências e vivências na região do Vêneto.

Para a construção da presente Tese de Doutorado, fez-se necessário,

---

Adrea Riccardi, “I Papi”, apenas para exemplificar com algumas obras.

<sup>63</sup> O termo *tedesco* é utilizado hoje para designar o habitante da Alemanha, poderia ser traduzido por alemão. Porém, se constitui também em um adjetivo pejorativo quando percebemos a história de utilização desse designativo.

em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica, bem como a busca de documentos relacionados à temática, objetivando detectar novas categorias a serem trabalhadas no transcorrer da pesquisa. A partir da análise dos documentos encontrados, buscou-se discutir a organização do sistema de representações coletivas do camponês vêneto do século XIX e do recém-egresso, em seus primeiros anos de vida em terras brasileiras – último quarto do século XIX – suas construções imaginárias, seus mitos fundantes, enfim, todo o complexo mundo de sinais que fazem parte de suas idéias-imagens. Nesse contexto, procurou-se entender como se formam as percepções sobre a América e como esta é percebida no meio rural norte-italiano no período de 1797 a 1870, bem como sua transmutação em solo brasileiro.

No primeiro momento, fez uma leitura *grand tour* da bibliografia arrolada, bem como de documentos de fonte primária encontrados, quais sejam: jornais de época – italianos (*Il Gazzettino, Folgietto di Vicenza, Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia, Gazzetta di Venezia, Nuova Illustrazione Universale, L'Italia Nuova, La Gazzetta di Mantova, Verona Fidele, L'Operario Catolico, La Riscossa, Veneto Catolico, La Rassegna Nazionale, La Vita Italiana, La Voce di Murano*) – brasileiros (*La Libertà, Il Colono Italiano, Staffetta Riograndense, Correio Riograndense, Stella d'Italia, Jardim Missionário, Lampejos Seráficos, Correio do Povo, A Federação, entre outros*); documentação de institutos e associações culturais – italianas (*Istituto per la Ricerca della Chiesa, Istituto Feltrino, Istituto Veneto, Biblioteca Marciana, Museo di Cesiomaggiore, Centro Culturale della Benetton*) – brasileiras – (*Società Operaia Italiana di Mutuo Soccorso Stella d'Italia, Arquivo Histórico do Município de Garibaldi, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Público de Porto Alegre, entre outros*); documentação das *comune* sedes de províncias italianas (Beluno, Veneza, Pádua, Verona, Vicenza, Treviso, Mântua) e de cidades da serra gaúcha (Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi e Carlos Barbosa); documentação das paróquias das regiões imigratórias (ex-colônias de imigração Conde d'Eu e Dona Isabel), bem como do arquivo da cúria de Porto Alegre; literatura italiana e brasileira do século XIX; cantos, fábulas e provérbios. Também foi analisado material constante dos registros das congregações e ordens religiosas (Capuchinhos, Irmãs de São José, Irmãos Maristas). Utilizou-se, ainda, o

Livro Tombo<sup>64</sup> da Paróquia de São Pedro, de Garibaldi, relatos de missões populares e processos eclesiais, buscando perceber a relação nas diversas comunidades camponesas, objetivando apreender essa compreensão do mundo, a partir de relatos de festas, de procissões e de acontecimentos que marcaram a comunidade.

Em um segundo momento, de posse das categorias que se configuraram na primeira fase, procedeu-se a uma análise dos documentos objetivando denotar e decodificar as formas organizativas, como se processou essa reelaboração da cultura campesina vêneta, as construções e reconstruções do imaginário social, a partir de rearticulações das representações coletivas. Tendo como ponto de partida as informações obtidas da documentação de jornais, documentos, entrecruzando com a literatura e outras expressões culturais, buscou-se reconstruir esse microcosmo da região do Vêneto. Objetivou-se, dessa forma, partindo dos rastros da civilização, montar um mosaico das relações entre os camponeses italianos durante o século XIX, até sua partida para o Brasil. Cabe destacar que essa análise micro-estrutural deu-se concomitante ao desvelamento das relações de um macrocosmo sócio-político da Itália, da Europa e do mundo eurocêntrico desse período.

Nesse ponto, lembra-se a perspectiva de análise da micro-história, a qual, no dizer de Ginzburg<sup>65</sup>, afirma que para a percepção da representação deve-se recorrer a uma articulação entre texto e contexto. Assim, para ele, deve-se partir do texto, microrrealidade, e vislumbrar novas relações no contexto, retornando depois ao texto, perfazendo, dessa forma, uma cadeia de entendimento. A partir desse distanciamento e dessa reaproximação, diversas novas relações podem ser percebidas, pois às vezes se está com o foco muito próximo, o que impede enxergar mais amplamente – e nesse caso é necessário afastá-lo um pouco – já, outras vezes, está-se com o foco tão distante que se faz necessário aproximá-lo. Entretanto, esse

---

<sup>64</sup> Livro no qual são relatados os acontecimentos transcorridos na comunidade, de acordo com a apreensão do sacerdote, tendo em vista que o mesmo o escreve.

<sup>65</sup> GINZBURG, Carlo apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. Esta História que chama Micro. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto et al (org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

movimento de afastamento-aproximação abre a possibilidade de perceber o próximo, engrandecer a análise com o distanciamento, e re-observar o objeto, apreciando novas facetas suas em um retorno ao microcontexto. Com isso, propõe-se “uma história que, pela redução de escalas, conseguia ‘ler’ melhor o real, indo além da suposta literalidade das coisas”<sup>66</sup>.

No intuito de decodificar os sinais que emergem do passado, a micro-história busca lidar com o particular-exemplar, entendendo-o em sua própria realidade contextual:

A abordagem da micro-história dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico<sup>67</sup>.

Além dessa procura pelo específico, entende-se, como parte integrante desse olhar metodológico sobre o passado, a dimensão de pluralidade que ela oferece para a compreensão das experiências humanas no tempo:

A intenção é claramente anunciada: a abordagem micro-histórica deve permitir enriquecer a análise social, deve complexificá-la para que ela leve em conta os aspectos diferentes, inesperados, multiplicados pela experiência coletiva<sup>68</sup>.

O historiador deve partir em busca do indício, dos restos significativos, que apresentam um conhecimento indireto e conjectural. Deve cotejar, dessa forma, uma interpretação psicanalítica ou uma investigação policial, dando atenção na construção de seu objeto à construção do real e dos instrumentos de observação, percebendo, na análise em pequena escala, as condutas individuais e

---

<sup>66</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Esta História que chama Micro. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto et al. (org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 213

<sup>67</sup> LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 154.

<sup>68</sup> REVEL, Jacques. L'Histoire au Ras du Sol. In: LEVI, Giovanni. **Le Pouvoir ao Village**. Paris: Gallimard, 1989. p. XIII.

coletivas, as quais permitem uma melhor descrição e compreensão do passado. A análise micro-histórica compreende, ainda, uma dimensão experimental, a qual se reporta às condições de observação que devem ser criadas objetivando trazer à luz as formas, as organizações, os objetos inéditos.

Giovanni Levi oferece um bom exemplo dessa forma organizativa de trabalho, própria da micro-história italiana<sup>69</sup>. Ele reconstrói a trajetória de um exorcista no Piemonte de finais do século XVII. A partir da história de vida de Giovan Battista Chiesa, vigário da paróquia de Santena, narrando uma campanha de exorcismo feita pelo sacerdote de vila em vila, no verão de 1697, o autor tenta reconstruir os destinos coletivos inscritos em uma comunidade restrita. Leva em conta uma racionalidade *paesana*, não buscando apenas a resistência a uma nova sociedade que se desenvolve, mas que ela visa realizar ativamente uma transformação e uma utilização do mundo social e natural. Seu estudo se embasa na lógica dos comportamentos econômicos e no mercado de terras, trazendo, no coração da análise, as relações hierárquicas, as formas de poder que estruturam a sociedade antiga, traçando as relações entre centro e periferia, entre a capital e uma comunidade local, em um período decisivo da construção do Estado Moderno.

Partindo da análise das micro-estruturas, limitando o campo de observação, permite-se não somente um enriquecimento numérico dos dados, um refinamento, mas, além disso, a organização de configurações inéditas e a construção de uma outra cartografia do social. A micro-história possibilita, dessa forma, pensar a exemplaridade de um fato social ao invés de pensá-lo em termos rigorosamente estatísticos: “Reafirma-se, também, que o social não é um objeto definido, mas que ele deve ser construído através das interrogações cruzadas”<sup>70</sup>.

Outro exemplo, este clássico no que se refere à micro-história, é o

---

<sup>69</sup> LEVI, Giovanni. **L’eredità immateriale**: carriera di un esorcista nel Piemonte del Seicento. Torino: Einaudi, 1985.

<sup>70</sup> REVEL, Jacques. Op. cit. nota n. 68, p. XXXIII.

caso de Menocchio<sup>71</sup>, o moleiro investigado por Ginzburg em todo seu círculo de relações e depoimentos frente à Inquisição. A partir desse cotidiano do século XVI, Ginzburg vai reconstruindo todo um conjunto de círculos culturais desse momento de nascimento da época moderna. No caso do moleiro, percebe-se uma outra busca da micro-história, ou melhor, um seu desafio – perceber o mundo pelos olhos do personagem estudado:

Ler como Menocchio leu, eis o grande desafio, que implica pensar a recepção, ressemantização, apropriações e construções de sentido próprias à leitura em todas as épocas<sup>72</sup>.

Essa busca implica uma constante tentativa de interpretar as formas como esse pensamento vai se construindo, circulando no social, adquirindo novos significados e construindo leituras e sentidos diferenciados. Assim, estes *case studies* propiciam, a partir de uma leitura densa da realidade, reconstruir toda uma teia de relações que deixarão mais claras as formas como Menocchio poderia ter lido a realidade.

Em um segundo momento, tendo por base um entrecruzamento das fontes, seguiu-se a construção de categorias de análise, as quais tornaram-se componentes aglutinadores na elaboração da presente Tese. Nessas categorias, foram contempladas as figuras emblemáticas representativas dessa sociedade, bem como seus mitos fundantes e suas utopias, em uma busca de produzir um instrumental eficaz para a elaboração de um texto histórico e socialmente relevante.

Por fim, mediante o confronto dos dados e das categorias, a organização do texto procurou articular as mudanças e mapear a construção desse imaginário social, a partir das diversas formas de manifestação da época. Tendo como referência as relações dos sujeitos e a comunicação intersubjetiva, buscou-se observar a construção de novas práticas sociais e religiosas, tendo como ponto de partida as transformações que foram se dando ao longo do século, tanto sob a

---

<sup>71</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>72</sup> PESAVENTO, Sandra. Op. cit. nota n. 66, p. 220.



perspectiva política – dominação externa e unificação italiana – quanto social – as revoltas liberais, a instauração do anticlericalismo, os modismos e o processo modernizador.

No que se refere à organização do texto final da Tese, objetivando discutir esse processo de sublimação da nostalgia, a partir da manutenção de marcas identitárias que funcionassem como ponte entre o passado pátrio e o presente da comunidade, procedeu-se a divisão em quatro capítulos. Entende-se nessa articulação a possibilidade de perceber a dinâmica de ressemantização da cultura campesina vêneta, bem como reter um jogo de resignificação da cultura vêneta em solo nacional, a partir da reconstituição de laços comuns entre a experiência anterior à expatriação e a vivência nas colônias.

Nesse intuito, o primeiro capítulo versa sobre os processos transformativos da cultura campesina vêneta, na trajetória que se instaura com a queda da República de Veneza, em 1797, passando pela dominação napoleônica e austríaca, e finda com a anexação ao Reino da Itália, em 1866. Nesse processo, destaca-se dois momentos-chave para a leitura dessa cultura popular: a enquete Scopoli e a enquete Jacini. A primeira, no espírito da França do Iluminismo, busca detectar, em 1811 – por ordenação de Napoleão – as superstições e trevas que ainda reinavam no meio rural, procurando trazer a luz para esses camponeses. A segunda, levada a cabo na década de 1870, como expressão da Itália unida, tem por objetivo construir um fundo comum de tradições para essa nação que se queria edificar. Enfatiza-se, nesse capítulo, o processo transformativo fundado pelo capitalismo que produz um desenraizamento das populações rurais do Vêneto, gerando uma progressiva perda da tradição e de seus sólidos referenciais e uma nostalgia da segurança que o passado representava.

Norteia ainda esse capítulo inicial, as estratégias que se configuram em um continuum no sentido de construir a nação italiana, rompendo com os individualismos de uma Península marcada historicamente pelas divisões provinciais e pelo chamado “campanilismo”. Para isso, problematiza-se-se alguns elementos

comuns desse processo, os quais, para além da pedagogia edificativa de uma identidade nacional, passaram a fazer parte de uma leitura dessa cultura popular do norte italiano do século XIX. Um dos elementos que marcaram fortemente a população peninsular, em especial aquela do Vêneto, foi tomada de Roma, quando o Papa se declarou prisioneiro do Vaticano. Essa situação criou grande conflito na região, haja vista a força exercida pelo catolicismo e a vivência de uma religiosidade intransigente pela massa campesina vêneta. Outro, foi o próprio fenômeno emigratório, rememorado até hoje em comunidades menores, pois em muitas localidades houve a saída de toda a população, incluindo o sacerdote. Assim, a emigração tornou-se um evento comum e criador de uma identificação enquanto sinal rememorativo.

No segundo capítulo, elabora-se, em um primeiro momento, o entrecruzamento de diversos lugares de memória, os quais são formadores de laços de pertencimento naquela sociedade italiana do século XIX: a paróquia, a praça, o *paese*, o sino, a representação mítica do sacerdote, o campanário, o café, as expressões da literatura, convergindo em um conjunto de transformações que transcorrem na Itália desse período. Após uma análise dessa paisagem vêneta do *Ottocento*, o capítulo apresenta uma leitura sobre a tradição que estava sofrendo um processo de desconstrução frente ao avanço da sociedade capitalista. A partir da idéia da tecelagem, entende-se essa tradição como composta por fios: a superstição, as fábulas, os provérbios, as credices populares; os quais entrelaçados permitem uma leitura das representações construídas acerca do real no interior da sociedade. Por fim, resgata-se – na experiência do *filò*<sup>73</sup> – as formas como essa tecelagem vai sendo montada, mostrando-os como lugar de construção da memória coletiva, pois nesses momentos de sociabilidade o mundo da tradição é remontado nas conversas informais e nas narrativas dos contadores de história.

---

<sup>73</sup> O *filò*, no Rio Grande do Sul, constituía-se em um momento de descontração e lazer, acontecendo, geralmente, nas noites de sábado. Duas ou mais famílias encontravam-se em uma das casas da comunidade para jogar, conversar, comer e beber. Jogos como a bisca, o três sete, a escova eram parte dos ritos de sociabilidade, via de regra partilhados pelos homens. As mulheres conversavam, costuravam e faziam crochê na cozinha, com as crianças brincando aos seus pés. Normalmente,

O terceiro capítulo procura analisar as formas que esse Vêneto imaginário é transportado para o Rio Grande do Sul – a partir do caso específico da ex-colônia de Conde d’Eu – bem como os contínuos processos de reelaboração imagética que ele sofre ao longo da epopéia da colonização italiana no estado. A rigor, são discutidos três lugares de memória – o mito civilizatório, a subserviência ao Catolicismo e a figura do colono – que serão construídos ao longo dos cinquenta primeiros anos da imigração e reforçados nas comemorações do centenário da chegada dos italianos ao Rio Grande do Sul.

Além disso, procura-se compreender os processos de ressemantização das práticas culturais do imigrante, em uma dinâmica fundadora da “venetização” da região serrana. Dessa forma, destaca-se mais uma vez o *filò*, embora marcado por outras formas de representação, e as relações de sociabilidade que transcorriam nesses encontros de trabalho e lazer. Dentre esses elementos, construtores de um sentimento de pertencimento nos imigrantes e seus descendentes em Conde d’Eu, cita-se as histórias fantásticas, os provérbios, as canções populares, os quais produzem uma relação sensível com o social.

Finalmente, o último capítulo tenta reconstruir as primeiras experiências em terra brasileira, tendo como referencial de leitura a nostalgia das coisas pátrias – das vivências sensíveis no ambiente do *paese*<sup>74</sup>. Objetivando melhor compreender essa leitura nostálgica do passado, procura-se historicizar o conceito, parte-se de sua primeira aparição na esfera do saber – no século XVII – como uma questão pertinente à área médica. Discute-se, então, o processo transformativo que se instaurou no final do século XVIII, com a percepção do nostálgico não vinculada apenas ao não-retorno no espaço, mas, também, no tempo, o que progressivamente conduziu o conceito à esfera do sentimento – tendo forte marca da literatura do século XIX.

---

comiam-se pinhões, *crostoli*, bebia-se vinho, doce, suave ou seco.

<sup>74</sup> Ao longo da Tese será utilizado o termo *paese*, pois não se encontrou no português um termo que apresentasse todo um conjunto de relações do indivíduo com seu local de nascença. Assim, *paese*, não é apenas a vila, ou a localidade, mas um conjunto de relações afetivas, plena de significados imagéticos e relacionais.

O olhar sobre a manutenção de vestígios identificadores de uma relação rememorativa de uma experiência de expatriação, e da imagem mágica trazida da terra de partida, tem por base um cruzamento do sentimento do nostálgico com as representações construídas com base nos restos e nas alegorias que remetem a um passado permeado pela emoção do sujeito que recorda. Nessa trajetória de reelaboração mnemônica do passado no entorno do *paese*, procura-se decodificar a leitura nostálgica do imigrante, como essas lembranças e presenças produzem um cruzamento entre presente e passado em suas vidas e na de seus descendentes, como se constrói essa presentificação das experiências, que se pensava estivessem perdidas.

## **1 AS MÚLTIPLAS FORMAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS DA TERRA DE PARTIDA: O VÊNETO – DA *SERENISSIMA* À PRESA DE ROMA (1797-1870)**

No último quarto do século XIX, tendo como marca comemorativa o ano de 1875, muitas levas de imigrantes italianos aportaram em terras brasileiras. A imensa maioria desses recém-egressos era proveniente de regiões há pouco anexadas ao Reino da Itália. Daqueles que se dirigiram para a região da serra gaúcha, em especial para a ex-colônia de Conde d’Eu, a esmagadora maioria era composta por famílias oriundas da região do Vêneto, no norte italiano.

Essa região, incorporada ao Reino, oficialmente, em 1866, tem uma trajetória histórica singular dentre as diversas outras partes da Itália pré-unificação. Marcada pela imagem do leão alado de São Marcos, a República de Veneza, entre os séculos XV e XVII, estendeu seus protetorados por toda a região do Vêneto, chegando até as províncias de Bérgamo, Bréscia e Mântua, na Lombardia, e de Udine, no Friuli. Com a sua queda, em 1797, com a conquista da laguna pelas tropas de Napoleão, sucederam-se dominações francesas e austríacas, até a vitória final de Vittorio Emanuele II, “o Pai da Pátria”, da casa de Savóia, que instaurou a monarquia em toda a Península unificada.

A França pós-revolucionária do *Diretório*, já envolvida em um projeto expansionista napoleônico, invadirá a cidade de Veneza, em 1797, dividindo o território do norte da Península Itálica com o Império Austríaco. No período que se segue até o Congresso de Viena – 1815 – as dominações francesas e austríacas se sucederão na região setentrional italiana, tendo, a figura do invasor, ora a imagem dos Departamentos franceses ora das Províncias austríacas. A partir de 1815, o Império Habsburgo consolidar-se-á como força dominante na região, assumindo a

administração do norte peninsular até a vitória do projeto de unificação da Casa de Savóia, em 1866.



As diversas estruturas político-administrativas e as diferentes experiências de contatos socioculturais ocorridos ao longo do tempo, além da vivência comum da derrota militar e da decadência político-econômica, conduziram à construção de elementos simbólicos<sup>75</sup> partilhados pelos vênets e que os diferenciavam das demais regiões do novo reino. As constantes trocas com a chamada *middle Europe*, formada particularmente por matriz identitária germânica, contribuíram para construir esse conjunto de práticas culturais diferenciadas com relação a outras regiões italianas.

Essa diferenciação interna não era uma peculiaridade vêneta, mas algo

---

<sup>75</sup> Esse capital simbólico diferenciador entre a região do Vêneto e as demais regiões da península

que, em maior ou menor grau, perpassava os doze estados existentes na província em finais do século XVIII e inícios do XIX. Como diz Alberto Banti, esses estados eram freqüentemente muito diversos política e economicamente e possuíam trajetórias e construções culturais dessemelhantes:

As numerosas cidades que formavam a Península eram administradas de modos diferentes, em razão das leis gerais dos diversos estados aos quais pertenciam, assim como dos inumeráveis estatutos ou regulamentos municipais ainda ativos, que cada uma delas podia se vangloriar. E o mesmo poderia se repetir para qualquer um outro aspecto da vida administrativa dos estados ainda existentes<sup>76</sup>.

### República de Veneza e região – 1797



(Fonte: <http://digilander.libero.it/arupinum/chronol.htm>)

Denota-se que esses ditos descendentes de italianos que emigraram

Itálica será discutido no segundo capítulo da tese.

<sup>76</sup> BANTI, Alberto M. **La nazione del Risorgimento**: parentela, santità e onore alle origini dell'Italia unita. Torino: Giulio Einaudi editore, 2000. p. 17. – texto original – “Le numerose città che costellavano la penisola erano amministrata in modi differenti, in ragione delle leggi generali dei diversi stati in cui erano incluse, cosìcom degli innumerevoli statuti o regolamenti cittadini ancora attivi, che ciascuna di esse poteva vantare. E lo stesso avrebbe potuto ripetersi per qualunque altro aspetto della vita amministrativa degli stati allora esistenti”.

para o Rio Grande do Sul, não podem ser catalogados como uma unidade formativa homogênea, pois, mesmo com elementos comunicantes, não eram partes de uma mesma matriz formativa e construíram experiências culturais diferentes ainda em sua terra de partida. Para ser possível perceber os cruzamentos culturais dos imigrantes vênets em solo gaúcho, faz-se necessário, como ponto de partida, uma “radiografia” das diversas faces do poder, na Península Itálica, nesse século de transformações.

Assim, buscar-se-á, em um primeiro momento, mapear as diversas transformações no período imediatamente posterior à queda da *Dominante*<sup>77</sup>, conotando a instabilidade nas sucessões do poder entre franceses e austríacos. Em um segundo momento, procurar-se-á apresentar um esboço do quadro econômico-social do Vêneto no período de dominação austríaca. Por fim, discutir-se-á o processo de *risorgimento* da Península unificada e os primeiros passos do governo do Reino de Itália até os anos 1880, quando se inicia um movimento de emigração de massa para o Brasil.

### **1.1 Da decadência à ocupação austríaca: o processo de construção de uma cultura Vêneta**

O poder secular que o Campanile di San Marco detinha em diversas províncias do norte da Itália<sup>78</sup> foi solapado por Napoleão, quando da invasão da laguna por tropas francesas, no ano de 1797. Em 17 de outubro de 1797, um acordo franco-austríaco divide a então República Cisalpina. O Vêneto torna-se província austríaca e as províncias lombardas formam a citada República, a qual tem reconhecimento internacional.

---

<sup>77</sup> O termo *Dominante* referia-se à República de Veneza, a qual exercia seu protetorado em vasta região do norte da Itália peninsular. Outro designativo que a ela se refere, e que está sendo utilizado no texto, é o de *Sereníssima*. Os dois identificadores traziam em si uma representação da República de Veneza. Enquanto alteridade, para a região do Continente, por ela subjugada, a República significava a *Dominante*. De outra forma, em um processo de auto-identificação, Veneza se reconhecia como a *Sereníssima*.

<sup>78</sup> A zona de influência da República Vêneta, no norte italiano, compreendia as províncias de Treviso, Pádua, Verona, Beluno, Vicenza e Rovigo, da atual região do Vêneto; Bréscia, Bérgamo e Mântua, da Lombardia; Udine, do Friuli.



A queda da *Sereníssima* traz um vazio de poder, um *não-saber* como serão conduzidas as províncias, ou quais serão os novos rumos políticos e sociais. Veneza, ou a República Veneziana, está morta, mas uma nova organização é incerta e o futuro se apresenta com uma cortina de dúvida e confusão. De outra parte, o cotidiano passa por um processo de transformação frente a novos movimentos sociais, muitos deles minoritários e silenciados pela elite da laguna.

A rigor, tem-se um acirramento no processo de desconstrução de relações sócio-culturais secularmente elaboradas no entorno da cidadela de Veneza. Os lugares de reconhecimento da população, as vinculações hierárquicas, as significações que criavam sentido para a própria continuidade do viver tornam-se elementos do passado e vinculam-se à dor da perda, criando uma nostalgia das cores, dos odores, das instituições do passado glorioso da República.

Com a figura do francês, tem-se a ruptura com o caráter nobiliárquico presente na elite da laguna e em suas relações com os protetorados na Península. O apoio da França produz inúmeras manifestações públicas de grupos que buscam ascender ao poder, porém trazem a ruptura da tradição e a desestruturação de laços que significam a vida. Isso se pode perceber pelo esforço simbólico dos defensores da nova República através de jornais, discursos de assembléia, comícios, festas, espetáculos teatrais e imagens pictóricas, bem como os *tableaux vivants*<sup>79</sup> em torno às “árvores da liberdade” – todos buscando construir novas representações do social e construir novas percepções hierárquicas.

Na fala desses grupos descontentes, a proteção exercida por Veneza sob seus protetorados não era aceita pacificamente por todas as elites locais. Para

---

<sup>79</sup> Segundo o *Dictionnaires de L'académie française*, em sua 8ª edição, o termo *tableau vivant* é entendido como a representação “de uma cena dramática pelos personagens que adotam uma certa atitude e mantêm a imobilidade” - d'une scène dramatique par des personnages qui adoptent une certaine attitude et gardent l'immobilité. Assim, os *tableaux vivants* mencionados significam esses quadros vivos montados para uma pedagogia cívica da libertação que os “irmãos” franceses estavam trazendo.

eles, o governo da *Dominante* era uma tirania, cujas tropas francesas vinham destruir. A diversa recepção à chegada dos franceses se observa em um escrito do dia 25 de abril de 1797, no *Giornale degli Amici della Libertà Italiana*, no qual se descreve a diferença da chegada da “libertação” nas cidades de Milão e Mântua:

Vós pudestes, oh cidadãos, sentir muito bem semelhante verdade em vossa passada por Milão e por Mântua. A primeira entusiasta pela liberdade bendiz o momento que as armas francesas aportaram; a segunda, fria e insensível, parece nem se dar conta da sua feliz revolução. Eu não sei qual destino teve a minha pátria [Mântua] em uma fatal ignorância<sup>80</sup>.

A decepção do militante da “revolução” promovida pelos franceses é emblemática na compreensão desse efeito de estranhamento das populações para com o invasor. Pela tradição presente no imaginário social, construiu-se uma situação de normalidade nas relações estabelecidas entre a *Sereníssima* e seus súditos, a qual, especialmente no mundo rural, criou raízes. Principalmente para as populações que viviam distantes de um mundo urbano e eram pouco afeitas à política, a mudança não representara algo positivo, pois indicava a perda de certezas já estabelecidas e de uma realidade já conhecida.

Esse momento de instabilidade, marcado pela chegada dos franceses e pela desestruturação político-social da antiga *Dominante*, cria uma sensação de insegurança: perde-se a compreensão do mundo vivido, pois os códigos não são mais reconhecidos em um processo de incessante transformação. Assim, as mudanças do presente conduzem a uma busca de identificação com o passado, muitas vezes reinventando-o completamente:

Mas a obscuridade do presente e a incerteza do porvir eram a razão daquela reinvenção [...] A humanidade não está em ruínas, está em um canteiro de obras<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> FINZI, Gilberto. **Giornale degli amici della libertà italiana**. Mantova: Tip. Alce, 1962 (Mantova nel Risorgimento). p. 45. – “Voi avete potuto, o cittadino, sentir molto bene simile verità nel vostro passaggio da Milano a Mantova. La prima entusiasta per la libertà benedice il momento che le armi francesi gliela portarono; la seconda fredda e insensibile sembra neppure accorgersi della sua felice rivoluzione. Io non so qual destino há tenuto la mia patria in una fatale ignoranza”.

<sup>81</sup> AUGÉ, Marc. **Rovine e macerie**. Il senso del tempo. Torino: Bollati Boringhieri, 2004. p. 15-16. – “Ma l’oscurità del presente e l’incertezza dell’avvenire erano la ragione di quella reinvenzione [...] l’umanità non è rovina, è in cantiere”.

Nesse processo de encontro com o *outro* – o francês – em um presente repleto de lutas e dissensões, a própria percepção das relações estabelecidas com a República de Veneza sofre um processo de reelaboração. Pensando a humanidade como um contínuo canteiro de obras, os traços culturais e sociais que são remanescentes da tradição vêneta passam por um processo de releitura, pois o momento de desestruturação do cotidiano constrói um efeito diferenciador entre o passado e o presente. Torna-se importante reconhecer *quem somos* em relação a esses *outros*, primeiro os franceses e depois os austríacos.

O próprio jornal pró-francês é emblemático para entender as dificuldades dessa mudança na vida diária da população rural. Mesmo destacando o fim da opressão que os exércitos da França vêm trazer, o artigo se direciona a convencer a conservadora população campesina de que seus costumes e tradições não serão tocados:

deixa-se intacta a tua religião, se respeitam as tuas propriedades, e que só de ti depende ser feliz, porque só de ti depende ser virtuoso. A distinção do nascimento não tem mais valor, não tem mais lugar a prepotência dos grandes, a crueldade dos ricos é punida, não escutam mais as imposturas daqueles que ao invés de pregar o evangelho de Cristo, fanatizam o mundo inteiro com as máximas mais venenosas, destrutivas de toda boa ordem social<sup>82</sup>.

Justamente a divulgação do novo ideário busca discutir questões que são fundamentais para as populações rurais: o apego do camponês à terra e à religião. Entretanto, se a idéia de religião permanece, sua percepção muda, pois aqueles que atentam contra a ordem serão afastados. Aqui fica também claro um outro confronto desse final do século XIX, qual seja, entre os religiosos e os revolucionários. Os sacerdotes se colocam como em uma cruzada santa contra os infiéis revolucionários franceses. Durante todo o século, a Igreja enfrentará energicamente toda tentativa de mudança, enxergando nela a vitória do ateísmo. Em um mundo campesino vêneta

---

<sup>82</sup>FINZI, Gilberto. Op. cit. nota n. 06, p. 80. – “si lascia intatta la tua religione, si rispettano le tua proprietà, e che da te solo dipende l’essere felice, perché da te solo dipende l’essere virtuoso. La distizione della nascita ora più non vale, più non há luogo la prepotenza dei grandi, la crudeltà dei ricchi è punita, più non ascoltano le imposture di coloro che invece di predicare l’evangelo di Cristo, fanatizzano il mondo intero com le massime le più venenose distruttive di ogni buon ordine sociale”.

marcado pelo catolicismo intransigente, a própria idéia de mudança na religião produzia uma sensação de desestruturação da vida.

O jornal também mencionava explicitamente essa oposição de determinados segmentos da população. Embora os caracterizasse como conservadores e promotores da ignorância e das trevas, sua atuação era retratada em suas colunas. Em 29 de abril de 1797, manifesta-se contra a não-aceitação das mudanças pela Igreja e pelas castas políticas em Verona – os quais falam contra os franceses e a revolução – o que gera a manutenção da ignorância do povo:

A desgraça dos *veronesi* é um exemplo bem triste e funesto da influência dos padres sobre o coração das pessoas da campanha<sup>83</sup>.

Essa defesa da religião e da propriedade – em última análise, da tradição – tão comum ao mundo camponês, será um eixo de unificação entre imigrante e Igreja nas novas terras da serra gaúcha. O próprio discurso de final dos tempos, dissolução dos costumes e decadência moral da civilização, serão recorrentes nas falas dos sacerdotes do período próximo à emigração e serão elementos de árdua luta na instalação das comunidades religiosas no Rio Grande do Sul. Também a experiência com os franceses contribuirá para uma certa reticência dos colonos com relação aos sacerdotes capuchinhos, da província de Savóia, na França.

A imagem que se buscava construir no meio popular era de regeneração da República, destacando em Napoleão a figura emblemática do retorno à democracia inicial da *Sereníssima*, a qual tinha sido solapada pela tirania. No meio camponês, entretanto, a idéia da chegada de exércitos estrangeiros trazia em si a representação da pilhagem e da destruição, da ruptura com a normalidade da vida, com a tradição. Com o objetivo de justificar a importância da chegada dos franceses, ressaltando a positividade da mudança vislumbrada na liberdade por eles trazida, é que o jornal construirá o seu discurso. O texto do cidadão *Tamassia*, no dia 13 de

---

<sup>83</sup> Idem, p. 45. – “La disgrazia dei veronesi è un esempio bem triste e funesto dell’influenza dei pretti sul cuor delle genti di campagna”.

maio de 1797, à Academia de Instrução Pública, o qual apresentava essa visão, construía-se sob essa antítese liberdade *versus* escravidão:

Os bravos franceses não vos esqueceram; esses não são aqueles infames negociantes de povos, [...] esses desceram dos Alpes, esses versaram o seu sangue em torrentes para partir eternamente os vossos cepos, não para vos fazer entrever uma efêmera liberdade, e vos fazer em seguida cair em uma escravidão mais dolorosa<sup>84</sup>.

Efetivamente, com a chegada das primeiras tropas austríacas, no ano de 1798, a figura do invasor e o efeito de estranhamento se ampliam, pois embora se esteja falando em um mesmo personagem – o *outro* – ele assume características novas, agora a partir de uma mistura franco-austríaca. Viena busca um maior controle dos impostos e da população, criando um governo para todo o Vêneto, e rompendo com a tradição dos protetorados da República Vêneta. A região, mesmo mantendo-se fora do conflito que se seguirá no ano de 1799 – entre franceses e austríacos na Lombardia – sentirá seu peso através das taxas, das requisições e da prepotência dos soldados austro-russos, pois se tornou local de trânsito e depósito dos exércitos, acelerando um processo de percepção negativa do invasor e das mudanças que ele consigo traz.

Na figura dos austríacos, que chegam aumentando as dificuldades de sobrevivência cotidiana, rompendo com a “normalidade” civil, percebe-se mais uma vez o relampejar da imagem do *tedesco*, lugar de memória ancestral dos habitantes do norte da Península Itálica. A permanência desses germânicos, também associados às antigas invasões bárbaras, trazia em si a representação da violência, da violação, do saque. A construção mítica do grande inimigo atemporal será reforçada pela experiência de dominação austríaca e por sua ação no norte italiano por mais de sessenta anos.

---

<sup>84</sup> Idem, p. 46. – “I bravi francesi non vi hanno dimenticato; essi non son quelli infami negozianti de’ popoli [...] essi scesero dall’Alpi, essi versarono il loro sangue a torrente per infrangere eternamente i ostri ceppi, non già per farvi travisare uma efimera libertà, e farvi quindi piombare in una schiavitù più dolorosa”.

Em 1801, findado o diretório francês, Napoleão já se encontra com maiores poderes, retornando aos conflitos com a Áustria. Em nove de fevereiro do mesmo ano, assina a paz de *Lunéville*, aumentando a presença francesa na Itália e fortificando a República Cisalpina, a qual passa a denominar-se República Italiana. Segundo o referido armistício, o Vêneto foi dividido, permanecendo com os austríacos os territórios a leste do rio Ádige. Mesmo com a paz, os quatro anos de guerra, somados à derrocada da estrutura social da República de Veneza e a não-reestruturação sócio-econômica, conduzem a um progressivo empobrecimento da população, haja vista a péssima situação da produção e do comércio. Alguns viajantes, como o alemão Johann Gottfried Seume – que passa por Veneza no ano de 1802 – destacam essa nova imagem da região:

A cidade e seus habitantes aparecem como despidos de si mesmos.  
[...] Pobres e mendigos estão em toda parte. [...] Jovens prostitutas,  
aos grupos, se oferecem pelas estradas<sup>85</sup>.

As experiências da guerra, a miséria, as novas estratégias de sobrevivência frente ao estrangeiro que comanda a política da região, trazem transformações na cultura local. Mais fortemente, essa passagem de exércitos franceses e austríacos especialmente, trará o cruzamento de novas marcas culturais e essas alteridades tão próximas contribuirão na reelaboração de uma identidade regional.

A queda da invencível *Sereníssima* traz consigo a depressão da casa ocupada. Os novos inimigos, portadores de novos códigos culturais, podem até explorar menos que a *Dominante*, mas é o estrangeiro, o diferente: não partilham dos mesmos rituais sociais e culturais. Além da mendicância física, a nova situação vai promovendo um despojar-se de tradições, especialmente nas terras mais próximas ao centro do poder veneziano, a *terraferma* que circunda a laguna e se estende até a província de Treviso. Mesmo que a situação primeira, de subserviência, não tenha

---

<sup>85</sup> SCARABELLO, Giovanni. Da conformido al congresso di Vienna: l'identità veneta sospesa. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 11. – “La città e i suoi abitanti apparvero come spogliati di se stessi [...] Poveri e mendicanti da per tutto. [...] Prostitute giovani a gruppi si offrivano per strada”.

mudado para as províncias vênetas, pois passam de súditas de Veneza para outro dominador, os códigos culturais sofrem sensíveis alterações no confronto com outros costumes, bem como com outras tradições administrativas e relações de sociabilidade.

Além disso, Silvio Lanaro<sup>86</sup> recorda que o século XIX será palco da reevocação mitificada de uma *Sereníssima* promotora do bem e da concórdia aos mais desprovidos. Essa marca será reeleborada em cada época, construindo a força materna de Veneza, recordada como bastião do bem-estar, inclusive entre os descendentes de imigrantes na serra do Rio Grande do Sul.

Realça-se a Guerra de Cambrai (1509), na qual a população *contadina* lutará ao lado da *Dominante*. O autor marca essa reconstrução imagética em elementos ancestrais da memória rural vêneta, evidenciando que

para os habitantes da campanha, como notou Angelo Ventura, por mais conservadora que fosse e pouco tenra para com as classes humildes, a autoridade veneziana era, mesmo assim, sempre um poder superior ao qual se podia recorrer, às vezes com sucesso, para conter ou impedir os abusos da aristocracia feudal e da 'possidenza' da cidade<sup>87</sup>.

Sentia-se por toda parte a incerteza e a nostalgia de um mundo perdido. O memorial de Ottavia Negri Velo, filha do Conde Marco Egidio Negri – Vicenza – oferece uma minuciosa observação sobre a vida cotidiana nesse período – virada dos séculos XVIII e XIX. Segundo ela, “O leão alongava suas patas, mas ao menos se sabia aonde chegavam”<sup>88</sup>. Já não se poderia dizer o mesmo do Regime Napoleônico, sempre envolvido em custosas operações militares e restritor das soberanias regionais sempre permitidas por Veneza.

---

<sup>86</sup> LANARO, Silvio. **Storia d'Italia: le regioni dall'Unità a oggi. Il Veneto.** Torino: Einaudi, 1984: Premessa.

<sup>87</sup> Idem, p. 06. – “ per gli abitanti delle campagne, come ha notato Angelo Ventura, per quanto conservatrice e poco tenera verso le classi umili, l'autorità veneziana era pur sempre un potere superiore a cui si poteva ricorrere, talvolta con successo, per contenere o impedire gli abusi dell'aristocrazia feudale e della possidenza cittadina “.

<sup>88</sup> BARBAN, Barbara. Ascese e declini famigliari agli inizi dell'Ottocento. In: MARCADELLA, Giovanni. **Un Archivio per la città.** Le carte della famiglia muzani dal recupero alla valorizzazione. Vicenza: Atti del Convegno “Giornata di Studio sugli archivi di famiglia, abril, 1998. p. 49. – “Il

Nesse sentido, retoma-se a idéia de Marc Augé – de uma humanidade mergulhada em um contínuo “canteiro de obras” – pois a percepção da *Sereníssima* sofreu um processo de reelaboração constante nesse processo de permanência do invasor. Ela mesma deixa de ser vista como “o invasor” em seus antigos protetorados na Península e recebe a afetiva associação com a maternidade: efetivamente ela recebe o reconhecimento de protetora dessas populações. Insultada e ultrajada pelos seus invasores, Veneza é absolvida de seus pecados da juventude, tendo em vista os efeitos da dominação vivida no momento presente das comunidades.

Em 1805, os franceses retomam toda a região do Vêneto, assinando, em dezembro, a paz de Presburgo. No ano seguinte, com o decreto n. 55, de 29 de abril de 1806, as antigas províncias são transformadas em Departamentos, de acordo com o artigo III. No artigo V, são elencados os novos nomes departamentais dados a elas: Veneza (Adriático), Pádua (Brenta), Vicenza (Bacchiglione), Treviso (Tagliamento), Friuli (Passariano), Istria (Istria) e Belluno (Piave). A mudança dos nomes e da estrutura organizativa secular da região traz em si a busca de desconstrução da ordem que vigia. Se a divisão provincial remontava, em muitos casos, a antigas denominações romanas, o novo vem romper com a tradição e fundar uma nova matriz.

As novas estruturas organizativas e as denominações das antigas províncias, mais que trazerem problemas de compreensão para as populações rurais, rompem com laços de significados construídos na história das comunidades. As vinculações provinciais, como citado acima, retomam o Império Romano e constituem-se parte do auto-reconhecimento histórico dos habitantes de sua circunscrição. Na verdade, essas divisões administrativas seculares criam um senso de pertencimento identitário – uma relação entre aqueles que pertencem a um mesmo conjunto de códigos culturais – marcados pelo dialeto, pela tradição, por laços familiares. Dessa forma, o rompimento que o invasor promove traz consigo a

---

leone alungava le zampe, ma si sapeva almeno dove arrivavano”.



desestruturação de relações de afetividade e pertença construídas na comunidade, além da sensação de estranhamento em casa sua, partindo de uma percepção sensível do espaço territorial.

As lutas contra as forças opressoras, não só pelo estrangeirismo, mas por um somatório de diferenças administrativas, em última análise de uma cultura político-administrativa, e altas taxas, têm um momento de intensificação no ano de 1809. Especialmente nas zonas periféricas do Vêneto se pode observar, nesse ano, episódios de luta armada, promovidos por estratos marginais de *contadini*, com o objetivo de forçar uma redução das taxas e do autoritarismo.

O empobrecimento era cada vez maior, haja vista a progressiva subvalorização da produção vêneta do século XVIII. A nova administração pública não altera significativamente a vida na campanha, pois permanecem a subordinação e a pobreza. Mesmo na cidade, os laços de trabalho ainda mantinham a organização artesã-corporativa, sem grandes mudanças em direção ao capitalismo. Um dos poucos focos de transformação é a produção têxtil em Vicenza, a qual remonta à segunda metade do século XVIII:

As figuras e os sentimentos que se concretizavam depois da queda da República, são o resultado de uma época de transição, na qual as mudanças são mais sofridas que desejadas e, portanto, determinam forte tensão, especialmente ao interno de uma sociedade tradicionalista como aquela vêneta<sup>89</sup>.

A estrutura da terra começa a sofrer fortes transformações com o final da *Dominante*. Antes dos franceses, o mundo *contadino*<sup>90</sup>, compreendendo também os senhores nobres, era marcado pelo binômio *honra e família*, sendo alterado para uma significação meramente econômica da terra. A partir da nova percepção de

---

<sup>89</sup>Idem, p. 49 – “Le figure e i sentimenti, che si concretizzavano dopo la caduta della Repubblica, sono il risultato di un’epoca di transizione, dove i cambiamenti sono più subiti che desiderati e, perciò, determinano forte tensioni, specialmente all’interno di una società tradizionalista, come quella veneta”.

<sup>90</sup> Poderia ser usado o termo camponês, o qual seria uma tradução possível ao termo citado, porém decidiu-se manter o referido termo por pensar-se que o mesmo empregava uma situação específica do camponês italiano de fins do século XIX. Este trabalhador do campo que dividia a situação de

riqueza, marcada pelo dinheiro – nome e renda – percebe-se um aumento significativo na mobilidade social, levando a se assistir, ao longo do século XIX, uma progressiva ascensão de novos cepos (Rossi, Marzotto) e o declínio de tradicionais famílias nobres.

Os franceses também promovem uma grande reestruturação da produção cultural, a partir da reorganização e ampliação do sistema de ensino: Ateneus, Escolas de Belas Artes, Institutos de Ciências, todos com forte influência do Classicismo. Se as mudanças promovem uma modernização das Artes e da Ciência, ao mesmo tempo são armas mutiladoras das culturas locais e as normatizações, como afirma Scarabello, transmitem nesse sentido:

Se dilataram todavia, também, os vícios de autoritarismo, seleções classicistas, condicionamento eclesiástico-religioso, achatamento (mesmo com a modernização do elenco de disciplinas) dos conteúdos culturais em módulos centralizados e deliberadamente depauperados de muitas possíveis relações com as culturas locais (por exemplo, proibição dos dialetos)<sup>91</sup>.

A língua é um forte instrumento de preservação cultural e identitária e será um dos pontos atacados pela nova administração. Em 1800, já se expressa a exigência de que no futuro os professores se abstenham do uso do dialeto para o ensino. Mais adiante, em 1810, essa projeção, para um gradual abandono da fala dialetal, torna-se uma proibição imediata<sup>92</sup>. Soma-se a isso a perda de posição de Veneza, decadente e em progressiva perda de autonomia política frente à Milão, como principal centro de publicação e difusão cultural. A outrora vicejante República Vêneta sofre o constante avanço da fala do italiano que vai ocupando o espaço do dialeto. A dominação francesa traz consigo novos termos que vão deixando suas marcas junto ao dialeto, como afirma Manlio Cortelazzo:

---

pequeno proprietário e trabalhador das grandes propriedades dos *signori* (grande proprietário rural).

<sup>91</sup> SCARABELLO, Giovanni. Op. cit. nota n. 85. – “Si dilatarono tuttavia anche i vizi di autoritarismo, selezione classisata, condizionamento ecclesiastico-religioso, appiattimento (pur com l’ammordenamento della gamma delle discipline) dei contenuti culturali su moduli centralizzati e deliberatamente depauperati di molti dei possibili apporti delle culture locali (per esempio, divieto dei dialetti)”.

<sup>92</sup> SALMINI, Claudia. L’istruzione pubblica dal Regno Italico all’unità. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

E se os ‘napoleões’, moedas da época, permaneceram apenas como recordação histórica e numismática, os ‘franchi’, [...] superaram os decênios e as sucessões dos governos, designando ainda as ‘lire’<sup>93</sup>.

A decadência econômica, as novas estruturações sócio-políticas, os golpes contra esse universo afetivo da expressividade dialetal, os estrangeirismos trazidos pelos invasores trazem ao mesmo tempo um efeito de transformação e de retorno à tradição. Por um lado, a partir de um processo dinâmico próprio das relações culturais, esse quotidiano campesino vivencia um processo continuado de transformação em seus códigos de leitura do mundo que os cerca. Por outro lado, entretanto, como efeito contrário inclusive ao projeto francês, desenvolve-se um retorno às raízes e uma percepção positiva do passado vinculado à Veneza e aos próprios costumes ancestrais da comunidade. A rigor, ao buscar-se construir um mundo marcado pela luz do saber científico e pela nova racionalidade pós-revolucionária francesa, elaborou-se também um efeito oposto de volta às “trevas” do saber empírico da experiência e das relações afetivas.

Esse efeito contrário à pretensão francesa será perceptível em pesquisa realizada pelo Império Francês sobre os costumes das diferentes partes componentes de sua territorialidade. No ano de 1811, um decreto napoleônico determina a organização de uma grande pesquisa sobre a cultura local no Reino da Itália<sup>94</sup>. Esse trabalho buscava detectar os pontos em que as superstições ainda eram fortes e levar a “ciência redentora” para iluminá-los. Era clara a intenção de mapear as “trevas”, trazendo-lhe a “luz”. Assim, a Pública Instrução do reino leva a cabo uma pesquisa do “Espírito da Nação”, destacando costumes tradicionais, usos, fala, práticas agrárias, tipologia das habitações rurais e superstições correntes<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> CORTELAZZO, Manlio. I dialetti e la dialettologia nell’Ottocento. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 348. – “E se i ‘napolioni’, monete dell’epoca, restano solo come ricordo storico e numismatico, i ‘franchi’, [...] hanno superato i decenni e la successione dei governi, designando tuttora le ‘lire’”.

<sup>94</sup> Com a circular n. 3461, de 15 de maio de 1811, o Conde Giovanni Scopoli dispunha que os professores de Letras dos Liceus dos vários departamentos - divisão francesa do território – se encarregassem da pesquisa.

<sup>95</sup> BERNARDI, Ulderico. Gli Studi sul costume e le tradizioni popolari nell’Ottocento. ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra

Conhecer os hábitos da população – suas expressões culturais – era um caminho para buscar desconstruir os regionalismos e localismos tão fortes na Península Itálica e, em especial, no Vêneto. A busca da construção efetiva de um Reino da Itália (Lombardo-Vêneto) sob a tutela francesa, funcionando como um amortecedor frente ao Império Austríaco, seria um objetivo atingível somente com a elaboração de um sentimento nacional que fosse para além do pequeno *paese*.

Ao mesmo tempo, esse pensamento da ordenação napoleônica se insere em um contexto europeu de busca da invenção das tradições, da construção de um folclore comum que conecte os povos de uma determinada territorialidade para a fundação da nação. Nesse sentido, ela representa uma iniciativa fundamental para o conhecimento das tradições populares de finais do século XVIII e início do XIX, sendo implementada por dois grupos de indivíduos: os literatos e os sacerdotes. Todavia, os padres serão, sem sombra de dúvida, aqueles que terão mais condições e pendor para fazer essa coleta das tradições populares, fundamentalmente por terem uma proveniência social muito próxima à do *contadino* e, logo, conseguirem partilhar códigos culturais e linguagens compreensivas para ambas as partes. Essa proximidade de relação se percebe, também, nos inúmeros “diálogos” publicados pelas editoras vênetas e os diversos manuais práticos direcionados às populações rurais, em linguagem simples e acessível a esses grupos.

Torna-se parte, dessa forma, daquilo que foi marca no *Ottocento* europeu: a busca da tradição, das marcas de uma sociedade campesina que cada vez mais vai perdendo espaço no desenvolvimento de novas relações urbanas e manufatureiras. No Vêneto, em especial, percebe-se uma comunidade que se vê

---

mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. (pp. 311-341) O autor informa que foram apresentadas três ordens de questões: (1) Sobre os diversos costumes e, também, preconceitos que [os campesinos] mantêm na campanha deste Departamento por ocasião do nascimento, do casamento, da morte ou do sepultamento, como também em tempo de festa, por exemplo, no princípio e no fim do ano, no Natal, no Carnaval, na Quaresma, na Semana Santa e na Páscoa; (2) Sobre as práticas que se têm nas diversas estações, também naquilo que se relaciona à empresa agrária e sobre demonstrações de alegria, e se existem canções assim ditas nacionais e outras composições semelhantes; (3) Sobre as características particulares e os modos pelos quais se distinguem os dialetos dos habitantes dos diversos municípios deste Departamento. p. 312.

sempre mais desalojada de práticas seculares e, conjuntamente, a decadência de estruturas sociais e políticas seculares. O mundo lento das relações semi-servis do campo, ao longo do século da Ciência, vai cedendo espaço à aceleração das relações capitalistas de produção, findando com o rompimento de laços de sociabilidade e pertença a uma estrutura cultural anterior que a emigração trará. Essa situação de transformação traz consigo seu efeito contrário, a conservação, pois se torna premente a busca de uma estetização da tradição, haja vista seu processo de perda ante a sociedade que se moderniza.

## 1.2 A *Inchiesta Scopoli*: uma radiografia dos costumes vênéticos no período napoleônico

A *Inchiesta Scopoli*<sup>96</sup>, assim denominada pelo sobrenome de seu responsável – Conde Giovanni Scopoli, inicia-se pelas tradições e comportamentos relativos ao nascimento, no qual já são destacados eventos quotidianos que fogem à razão cartesiana e a lógica do saber científico enquanto fala autorizada da realidade:

No portogruarense [região da província de Veneza], escreve o relator do Adriático, se usa colocar no neonato o nome do ‘santo do dia’, e em diversos lugares existe o gentil e aproveitável costume de fazer visita a *puerpera* levando algum substancioso presente: ovos frescos e galinhas em primeiro lugar<sup>97</sup>.

As práticas relativas às sociabilidades no momento do nascimento, fazem perceber a relação do *contadino* com a natureza – o ovo, a galinha – como símbolos da vida – e com a religião – o santo do dia<sup>98</sup>, elementos de proteção. Poder-se-ia pensar em uma fusão das divindades da natureza do paganismo e da nova

---

<sup>96</sup> *Inchiesta Scopoli* é a denominação dada à pesquisa – já mencionada anteriormente – ordenada por Napoleão para a região do Vêneto. Cabe ressaltar que as citações que se seguirão no presente subitem, de autoria de Ulderico Bernardi, são utilizadas como fonte primária sobre essa pesquisa de 1811, pois a mesma constitui-se de relatos dos pesquisadores que promoveram o trabalho de campo.

<sup>97</sup> BERNARDI, Ulderico. Op. cit. nota n. 95, p. 315. – “Nel Portogruarese, scrive il relatore dell’Adriatico, si usa imporre al neonato il nome del ‘Santo che corre in quel giorno’, e un poco ovunque è presente la gentile e profittevole usanza di far visita alla puerpera recando qualche sostanzioso regalo: uova fresche e galline, in primo luogo”.

<sup>98</sup> Ambos os costumes vão ser trazidos com os emigrantes e farão parte, também, das relações de sociabilidade nas colônias italianas na serra gaúcha.

cultura trazida pela Igreja cristã. De qualquer forma, retrata uma percepção da vida e da realidade circundante a partir das experiências concretas da própria existência. Os registros relativos ao matrimônio reforçam ainda mais essa percepção:

Na terça-feira [martedì] não gostam, porque acreditam que derive da palavra mártir e, por isso, traga a idéia de martírio; na quinta-feira se estima que as bruxas se agrupam e tenham influência sobre a ação dos homens; na sexta-feira se faz resguardo pela paixão de Jesus Cristo<sup>99</sup>.

O casamento, sempre matinal, é seguido de almoço e baile, tendo como ponto de partida o cortejo que parte da casa da noiva, findando na igreja. Também esses hábitos celebrativos são trazidos com os primeiros vênets que chegam ao Rio Grande do Sul. Terminada a festa, resta a prova de ingresso na *genos* do esposo. Chegando na casa, uma vassoura deitada na soleira da porta espera a recém-casada e de sua atitude diante da situação depende sua imagem na família. Se a noiva, sem se dar conta, passa por cima e entra em casa, antevê-se seu desleixo nas lides domésticas; se ela parar e recolher o instrumento, entrando em casa com ele, o efeito será diverso e se terá testemunho de sua solicitude.

Em um mundo camponês, no qual o trabalho árduo e a necessidade de braços são constantes, a escolha de esposa é fundamental, pois nela está depositado o peso da fecundidade e a manutenção da casa como sua segunda jornada de trabalho. Logo, os ritos mostram essa preocupação com a procriação e com o ensinamento dos deveres da “boa esposa”.

Concluindo o ciclo da vida do *contadino*, tem-se o momento da morte, *locus* de rememoração da comunidade. Os usos, quando do funeral, mostram a importância do almoço/janta coletiva após o sepultamento do morto. Terminado o serviço mortuário, os familiares se reagrupam na casa do morto para comer e recordá-lo em seus bons momentos. Conati, responsável pela pesquisa no

---

<sup>99</sup> Idem, p. 315. – “Nei giorni di martedì non piace perché si crede che derivi dalla parola martire e perciò presenti l’idea del martirio; nel giovedì si stima che le streghe si adunino ed abbiano influenza sulle azioni degli uomini; nel venerdì si ha riguardo alla passione di Gesù Cristo”.

Departamento do Ádige, detalha esse momento:

Seguida a inumação retornam os parentes a casa do morto e, enquanto se estão confortando reciprocamente, se dispõe a mesa, a qual é preparada com a estatutária sopa de aletria [cabelinho de anjo], dita entre nós vulgarmente ‘bígoli’, com frango, salame e aquilo que de melhor puder dar a família. Os discursos que aqui se têm não são já dirigidos a distanciar a mente da imagem da dor, mas tudo gira em torno das louváveis qualidades do extinto. Caem as lágrimas; mas se os olhos estão prontos para o seu trabalho, não parecem menos prontas as mandíbulas e os dentes<sup>100</sup>.

Depois de descrever o ciclo da vida humana, o segundo ponto abordado é o ciclo da natureza, ou o ano agrícola e cerimonial. Nesse ponto, o primeiro momento a ser recordado, segundo Ulderico Bernardi<sup>101</sup> é o do êxodo forçado das terras daqueles que não conseguiram renovar o pacto de ocupação. O período coincidia com o início do inverno e o festejamento do sol, em meio às longas e frias noites. Cristianizado, o hábito pagão de reverenciar o sol cede lugar à comemoração do nascimento do Salvador, Jesus como o grande sol a conduzir a humanidade. Como que ornamentando esse momento de festa e confortando as crianças diante das perdas, tem-se uma grande profusão de santos distribuidores de doces.

No frio do inverno, que o calor das estrebarias afasta, San Nicolò – 06 de dezembro, Vêneto Oriental – e Santa Lúcia – 13 de dezembro, Vêneto Ocidental – além dos personagens da Epifania – Befana, Menino Jesus e São Tomás – são os responsáveis pela premiação das crianças que se portaram bem e cumpriram seus deveres, foram mais “ajuizadas”. Esse é o momento de maior convívio na família campesina, pois o rigoroso inverno mantém todos mais tempo juntos no calor natural da estrebaria. Assim, tem-se o tempo para produzir e consumir os confeitos próprios da época, como o ‘mandorlato’ – composto de amêndoa, mel e clara de ovos.

---

<sup>100</sup> Idem, p. 317. – “Seguita la inumazione tornano i parenti alla casa del morto ed ivi, mentre stanno confortandosi scambievolmente, si dispone la mensa, la quale viene imbandita colla statutaria minestra di vermicelli, detti da noi vulgarmente ‘bígoli’, con polli, salami, e quel che meglio può dare la famiglia. I discorsi che qui si tengono non sono già diretti ad allontanare la mente delle immagine di dolore, ma tutti si aggirano sulle lodevoli qualità dell’estinto. Cadon le lacrime; ma se gli occhi sono pronti al loro ufficio, non sembrano esserlo meno le mascelle e i denti”.

<sup>101</sup> Idem.

Contudo, não se pode esquecer do símbolo máximo para as comemorações, o fogo, o qual passa pelas casas conduzido por jovens, simbolizando a vida que vai nascer.

O calendário invernal também é composto pelo Carnaval, celebração das “mascaradas” – brincadeiras e danças com máscaras e dos bailes, recheados com as *frittelle*<sup>102</sup>. É um espaço de visitas, comemorações, refeições nas grandes famílias patriarcais, isso favorecido pela impossibilidade de trabalhos na terra por causa da neve e das intempéries. Já a Quaresma traz o rito de “serrar a velha”. Na província de Verona, como relata Conati, a “velha” – uma estátua combustível – sofre um processo de julgamento fictício, na praça, sendo acusada de descuidar da virtude suas filhas imaginárias, é ao final condenada, mesmo com os apelos erguidos pela defesa. Como fruto da condenação, vai tendo seu busto serrado e de lá começam a jorrar balas que são entregues às crianças. A representação encerra com uma exortação às crianças para que conservem uma sã condição moral.

No que se refere ao momento da Páscoa, a “Inchiesta Scopoli” informa a tradição das encenações da Paixão de Cristo e o hábito de apanhar os ovos de galinha na sexta-feira santa para serem cozidos, pintados e comidos no domingo de Páscoa. Na província de Treviso, como relatado, acreditava-se nos efeitos mágicos da ingestão do ovo a partir desse ritual, tanto para preservar da “pleurisia” quanto como remédio para o histerismo.

Ainda na primavera, nos dias que antecediam a ascensão, em um misto de fervor cristão e crença pagã, viam-se nas estradas os “pellegrini delle Rogazioni”. Entestados pelo sacerdote, esses *contadini* percorriam os espaços da comunidade agrária, fazendo momentos de pausa nos limites do território, em frente aos capitéis e das cruzes de agradecimento. Ali procuravam esconjurar os espíritos malignos e as bruxas, e seus efeitos nocivos, com orações, hinos e santas bênçãos, nas quais o ‘pievano’ invocava: “A fulgure et tempestate libera nos Domine, ut fructus terrae dare et conservare digneris, Te rogamus Domine, audi nos!”<sup>103</sup>. Os

---

<sup>102</sup> Tradicionais bolinhos fritos com noz e frutas secas.

<sup>103</sup> BERNARDI, Ulderico. Op. cit. nota n. 95, p. 322.



rituais de defesa espiritual englobavam desde aspersões de água benta em cruzes de misericórdia, passando pelo cantar do evangelho nas propriedades, até a colocação de cruzes de agradecimento como sinal de proteção. Todos esses ritos funcionavam como instrumentos preservativos na comunidade rural, especialmente nas questões de fertilidade, sejam elas do solo ou da família. Nessas comunidades, nas quais os braços eram tão importantes para a produção familiar, e a produtividade do solo era o diferencial da sobrevivência ou da morte, as faces da presença do mal mostravam-se da não-fecundidade.

Outra questão destacada na pesquisa napoleônica é a superstição diante das práticas de cura, como observam os relatores no *veronese*, no *trevigiano* e no *vicentino*. Nesses locais, se costumava amarrar as pessoas em condição febril em um ramo de árvore, como a do figo ou a da noz, por meia-hora, para que a temperatura baixasse. Outros elementos, como os talheres cruzados sobre a mesa ou o derramamento do saleiro, são vistos como maus presságios. O primeiro faz referência a uma morte próxima e o segundo, marca o advento da carestia. Ainda são sinais de desgraça o cantar da coruja sobre a casa à noite e se pode esperar um falecimento próximo se a primeira pessoa encontrada no primeiro dia do ano for um padre ou frei. Essas superstições nas práticas cotidianas também são relatadas nos escritos literários da região, ainda no século XIX. Especialmente os romances de Caterina Percoto – como *L'anno della fame* – narram essa relação mágica do camponês com os problemas que norteiam sua vida diária.

O dia-a-dia dessas comunidades rurais é animado por uma grande leva de criaturas sobrenaturais, como reporta o relator de província de Treviso, o sacerdote Giuseppe Monico. Segundo ele, o imaginário *contadino* é povoado por infindável número de seres:

Os espíritos, sobre qualquer denominação, almas saídas de corpos humanos, *folletti*, anjos, gênios, demônios, divididos em diversas hierarquias, [...] que tem em cada idade e em cada lugar empregado a curiosidade e o raciocínio, excitado as esperanças e os temores não só da ínfima plebe<sup>104</sup>.

---

<sup>104</sup> Idem, p. 323. – “Gli spiriti, sotto qualunque denominazione, anime uscite da corpi umani, folletti,

Não são raros os casos de pessoas que dizem ter visto esses seres do mundo espiritual e a comunicação entre os dois mundos – como nos festins de magos e bruxas. Os personagens das lendas e fábulas assumem poderes de possessão, como o *Saguanello ou Mazzariollo* – um pequeno jovem todo vestido de vermelho<sup>105</sup>.

A ordenação napoleônica faz também referência aos dialetos regionais em voga no início do século XIX. Os relatores ressaltam tanto as diferenciações frasais quanto as diversas formas de pronúncia específicas de cada região, distinguindo ainda as populações rurais das urbanas e os dialetos de origem germânica e eslava nas regiões de fronteira. Se por um lado buscam percebê-los como parte da língua italiana corrompida, por outro, destacam a diferenciação de uma influência grega, a qual se manifesta, especialmente nas formas de pronúncia do “c” e do “z”.

Esse quadro de costumes populares dos habitantes da região do Vêneto será, em certo modo, transportado com eles na experiência emigratória, e as histórias mágicas se perpetuarão nas vozes dos egressos e encontrarão eco nos primeiros anos da imigração. As mesmas figuras mágicas ou suas variantes serão encontradas em terras gaúchas. Também aqui os espíritos passearão pelas terras e os poucos relatos não encontrados referem-se aos festins de bruxas e magos. As estruturas dialetais serão ainda conservadas, sofrendo sucessivas transformações pelas proximidades de contato com outras variâncias do Vêneto, que na Itália encontravam-se em pontos distantes, impossibilitando grandes trocas. No que se refere a essas aproximações, tem-se de mencionar que as próprias construções mágicas – as lendas e as fábulas – sofrerão sobreposições e reorganizações nessa confluência de vivências distantes que agora experimentam uma existência comum.

---

angeli, geni, demoni, in diverse gerarchie ripartiti, [...] hanno in ogni età e in ogni luogo impiegato la curiosità e il raziocinio, eccitato le speranze e i timori non solo dell'infima plebe”.

<sup>105</sup> Recordam-se, nesse ponto, os estudos de Carlo Ginzburg sobre as concepções de bruxaria e de sobrenatural na cultura camponesa, particularmente quando o autor fala de uma religiosidade popular compósita e de um sincronismo entre ritos agrários e cristianização. GINZBURG, Carlos. **Andarilhos do Bem:** feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Essa radiografia de estudo do passado, levada a cabo pela autoridade política, dá-se em um momento de mudança nos hábitos políticos, sociais e culturais, conduzindo ao crescimento de uma nostalgia do passado e, conseqüentemente, a um esforço de manutenção e ressurreição de costumes ancestrais das comunidades. Assim, especialmente no meio popular e rural, afeito ao conservadorismo, percebe-se a efervescência de diversas produções literárias que expressavam uma aproximação com a época da República. Constrói-se a imagem da *Sereníssima* como um lugar de memória da autônoma identidade coletiva, a qual estava sendo destruída pelo estrangeiro. Ao longo do século XIX e, principalmente, do XX essa imagem da potência do campanário de São Marcos será retomada sempre em momentos de crise da identidade local.

A pesquisa ordenada por Napoleão mostra esse conflito entre saber científico e popular que se instaurava na Europa, na qual a ciência buscava afirmar-se enquanto enunciação da verdade. Dessa forma, os resultados da enquete ressaltam uma circularidade de relações nesse mundo camponês, a qual perpassa a pátria –relação de sensibilidade com o lugar de nascimento, a terra – produção da vida, a natureza – cadência da existência, a família – elo com o mundo natural e sobrenatural e a religião – ressemantização das práticas mágicas. Os relatos dos pesquisadores permitem perceber o início de um processo de implementação do capitalismo no norte da Itália, o qual – ao longo do século XIX – promoverá contraditoriamente o declínio da tradição e a busca da preservação em instituições privadas e públicas de coleção.

### **1.3 De província imperial da casa dos Habsburgo à região do Reino da Itália: o percurso da dominação austríaca e as esperanças de liberdade**

Em 1813, com as sucessivas derrotas de Napoleão, mais uma vez o Vêneto se torna palco de disputa armada, sendo retomado pelos austríacos em 1814. No mês de abril, as tropas entram em Veneza. A nova administração mantém a

estrutura política existente; porém, o Reino de Itália fenece outra vez.

O retorno da dominação austríaca traz consigo a retomada de espaço do catolicismo conservador e da sociedade nobiliárquica. O mundo das luzes é esconjurado e com ele o medo eclesiástico de perda de seu papel de protagonista no mundo rural e interlocutor com essas populações agrárias. Assim, o espectro da disseminação dos “horrores” da Revolução Francesa, em território vêneta, estava eliminado, pois os austríacos representavam uma administração aristocrática e voltada para Roma.

Porém, as relações não permaneceram tão pacíficas como em um primeiro momento poderiam parecer. Esse período de dominação austro-húngara que se segue à queda do bonapartismo – 1814 – até a entrada definitiva do Vêneto no Reino da Itália – 1866, será cheio de disputas patrióticas pela construção da nação. De fato, a maior parte da população rural pouco entenderá das concepções mazzinianas sobre o futuro da Península Itálica, ou no que elas se diferenciam das percepções de Vittorio Emanuele ou de Giuseppe Garibaldi, porém cada vez mais percebem que o *tedesco* fala uma outra língua, não constrói elementos culturais comuns significativos com a comunidade local e, sem dúvida, para essas populações rurais, é o grande responsável pelos problemas de miséria enfrentados. A liberdade torna-se também a esperança de uma melhora qualitativa na vida, compreendendo alimentação e relações de trabalho.

De qualquer forma, não se pode comparar as parcelas aristocrática e *contadina*, no que se refere a uma resposta aos apelos patrióticos, à burguesia. Foi esse grupo emergente, o qual muito perdia com a política dos habsburgos, o principal articulador *risorgimentale* nas províncias vênetas. Entretanto, a memória sobre a unificação relata uma adesão lenta e trabalhosa dos ambientes vêneta à idéia nacional<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> AUZZAS, Ginetta. Ricordi Personali e Memoria del Veneto. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

Auzzas<sup>107</sup> fala ainda em uma imagem típica das províncias vênetas, verossímel, a qual foi criada e consolidada, perdurando até nossos dias enquanto representação de uma cultural regional. Ela se constrói enquanto uma mistura de fechamento “campanilístico”, no sentido de desconfiança de tudo que tenha sentido de novidade e de progresso, de religiosidade cega nutrida por superstições, pela ignorância e pela miséria. Assim, convivem com um eterno senso de uma perda irreparável do mundo no qual nasceram e ao qual pertenciam seus pais.

Nesse sentido, a sensação de perda se traduz em Luisa Codemo e Antonio Caccianiga, “na lânguida contemplação da harmonia acolchoada do bom tempo antigo [...] e na defesa amarga e obstinada do pequeno vêneto rural”<sup>108</sup>.

Com isso, para Giovanni Fontana, pensar uma italianidade, na década de 1840, tornava-se uma saída, uma redenção ao degredado da *Sereníssima*, que buscava superar o fim inglório e, a partir de um resgate outro do passado, projetar uma nova história<sup>109</sup>. Desse modo, o desejo de cada italiano – referindo-se aos vênets – era não se sentir um estrangeiro em seu próprio território, devendo obediência e obrigações ao “outro”. Conforme relata o jornal *Il Comune*, queria ser

Primeiro chefe da casa em casa  
Depois cidadão na minha cidade  
Italiano na Itália e assim por diante  
Discorrendo, homem na humanidade<sup>110</sup>.

Aqui se percebe a permanência de um conceito de pátria vinculado à noção de lugar de nascimento ou lugar de onde se traz a origem, seja uma pequena cidade, um grande reino ou áreas culturais. Essa concepção de pátria, comum na

---

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> Idem, p. 306. – “nel vagheggiamento languoroso dell’armonia ovattata del buon tempo antico [...] e nella difesa aspra e caparbia del piccolo veneto rurale”.

<sup>109</sup> FONTANA, Giovanni. Patria Veneta e Stato Italiano dopo l’Unità: problemi di didentità e di integrazione. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

<sup>110</sup> Idem, p. 565. – “Prima padron di casa in casa/Poi cittadino nella mia città/Italiano in Italia, e così via/ Discorrendo, uomo nell’umanità”.

virada dos séculos XVIII-XIX, é uma das asserções possíveis ao termo. Outra leitura, também em voga no período, é a sua identificação enquanto sistema político-institucional ao qual os cidadãos ou súditos deviam lealdade<sup>111</sup>.

Também a idéia de nação, associada à da pátria quando se fala em uma italianidade, possuía três significados distintos. O primeiro faz referência ao nascimento, a uma geração de homens nascidos em uma cidade ou província. O segundo expressa um senso de coletividade, construído em um contraponto com a alteridade, ou seja, a observação de usos e costumes comuns que distinguiam essa coletividade de uma outra, percebida como diferente e, ao mesmo tempo, enquanto diferença era parte constituinte do sentimento de nação. Dessa forma, poder-se-ia ouvir falar em uma nação veneziana. O terceiro significado, fortemente construído no século XVIII, pensa, especificamente para o caso italiano, na existência de uma comunidade cultural italiana, com uma língua e uma literatura comuns – dito de outra forma, um coletivo peninsular dotado de códigos culturais partilhados.

É importante ter-se claras essas múltiplas inferências sobre os termos pátria e nação, tendo em vista que serão adotados na Península Itálica em um duplo sentido. Sempre que se fala em pertencimento à nação, está-se falando tanto no conjunto de regiões formadoras da Itália Estado Nacional quanto no pequeno *comune* ou *paese* de nascimento e crescimento.

Logo, as disputas contra o opressor traziam esse duplo significado. Se alguns grupos o entendiam como elemento de obstrução para a construção da nação italiana, outros o pensavam enquanto inimigo cotidiano que trazia o sofrimento e não permitia o desenvolvimento da “pequena nação”, o *paese*, aquele que não era imbuído dos códigos ancestrais:

Se a pátria italiana era – para Carli – uma *koinè* histórica e cultural, todavia o patriotismo que dela derivava não se traduzia em negação dos fundamentos da esfera pública dos antigos estados, da legitimidade de suas instituições, da soberania dos seus princípios. Aqui, ao contrário, encontram conciliação dois modos diversos de ser

---

<sup>111</sup> BANTI, Alberto. Op. cit. nota n. 76.

patriota: se sob o plano cultural era necessário procurar contribuir para o progresso das artes e das ciências que faziam da Itália uma nação, sob o plano político a fidelidade à “pequena pátria” era completamente fora de discussão<sup>112</sup>.

No conjunto de crônicas de Caterina Percoto, intitulado *Racconti*, se pode perceber, ainda, essa concepção de pátria vinculada ao pequeno lugar de nascimento e seu entorno, aos lugares de memória que remetem à infância. Assim, sobre o viajante que à casa retorna, ao escutar o tocar da “Ave Maria” pelos sinos da Igreja de São Pedro, é descrita a seguinte sensação:

Aquele som o comoveu. Parecia-lhe a voz conhecida de um amigo que se revê depois de longa ausência. Quantas memórias voltaram então ao seu coração! A sua infância passada, os pais, os amigos, a pátria, o primeiro palpito da alma enamorada, tudo se ligava àquele sino harmonioso<sup>113</sup>.

Na narrativa, o termo pátria é associado a designações afetivas que rememoram um lugar perdido no passado. O viajante que retorna à pátria está voltando fisicamente a uma específica localidade, mas subjetivamente vai ao encontro de lembranças de uma infância que um dia existiu e de todas as coisas boas que ela representa. Assim, entre as mais doces memórias desse país encantado dos tempos de outrora, encontra-se a pátria enquanto o lugar dessas experiências.

De outra parte, essa nostalgia que se busca pacificar no retorno à velha pátria, *paese* de uma infância imemorial, também pode ser observada em um sentido coletivo na luta pela pátria peninsular, pela nação italiana, visto que essa não faz parte de uma criação, mas de uma “ressurreição”. Porém, não se pode jamais esquecer que essa busca não deixa de lado a dicotomia presente na construção da

---

<sup>112</sup> Idem, p. 7. – “Se la patria italiana era – per Carli – una koinè storica e culturale, tuttavia il patriotismo che ne derivava non si traduceva in negazione dei fondamenti della sfera pubblica degli antichi stati, della legittimità delle loro istituzioni, della sovranità dei loro principi. Ché anzi qui trovavano conciliazione due modi diversi di essere patriota: se sul piano culturale era necessario cercare di contribuire al progresso delle arti e delle scienze che facevano dell’Italia una nazione, sul piano politico la fedeltà alla propria “piccola patria” era assolutamente fuori discussione”.

<sup>113</sup> PERCOTO, Caterina. **Racconti**. Firenze: Felice le Monier, 1858. p. 10. – “Quel suono lo commosse. Parevagli la voce conosciuta d’un amico che rivedi dopo lunga lontananza. Quante memorie gli tornarono allora nel cuore! La sua fanciullezza passata, i genitori, gli amici, la patria, il primo palpito della anima innamorata, tutto si legava a quella campana armoniosa [...]”.

nação, qual seja, o pertencimento ao conjunto nacional passa pela pertença ao *paese* e à província na qual se nasceu e se vive. Como diz Alberto Banti, os que lutam pela pátria não juram fidelidade como membros de uma comunidade *ex novo*, mas

fazem outra coisa: juram despedaçar a opressão estrangeira; juram restituir à mãe-pátria as terras que a ela pertencem; juram dar um Estado à nação. Não precisam participar de um “contrato social” fundador da nação, porque a nação já existe; esses já fazem parte dela; não são mais que uma das tantas gerações de uma imemorable comunidade de destino, a geração mais afortunada talvez, desde muito tempo a mais viril, a mais corajosa, mas certamente não a primeira<sup>114</sup>.

Para Alessandro Manzoni, uma nação, com conotações relativamente precisas, já existia em 1821: “una d’arme, di lingua, d’altare,/di memorie, di sangue e di cor”.<sup>115</sup> Assim, já existiam, em sua visão, códigos culturais comuns que possibilitassem levar a pensar os italianos como um grupo unificado.

Esse processo de buscar uma percepção comum enquanto grupo nacional, passa pela construção de um inimigo comum, de uma alteridade contra quem lutar. O termo *tedesco* pode simbolizar essa figura do bárbaro invasor, do saqueador, daquele que não permite ao povo da terra dela desfrutar totalmente. Em determinado momento histórico, a designação *tedesco* era direcionada aos austríacos e, posteriormente, aos alemães. De qualquer forma, fazia menção aos povos saxões, germânicos, ou seja, sua raiz primeira se refere aos bárbaros invasores do Império Romano. Em síntese, *tedesco* é o outro invasor e destruidor, responsável pela desagregação e opressão do povo italiano.

Nesse sentido, a narrativa nacionalista da primeira metade do século XIX traz à tona esse ancestral inimigo do povo peninsular, o bárbaro germânico. Seja o juramento de Pontida representado na obra *Le fantasie*, de Giovanni Berchet, ou *La battaglia di Legnano*, de Salvatore Cammarano, a visão da união itálica,

---

<sup>114</sup> BANTI, Alberto M. Op. cit. nota n. 76, p. 61. - “Fanno altro: giurano di spezzare l’oppressione straniera; giurano di dare uno stato alla nazione. Non hanno bisogno di partecipare a un “contratto sociale” fondativo della nazione, perché la nazione esiste già; essi ne fanno già parte; non sono che una delle tante generazioni di una immemorable comunità di destino, la generazione più fortunata forse, da tanto tempo la più virile, la più coraggiosa, ma non certo la prima”.

<sup>115</sup> MANZONI, Alessandro. Marzo 1821. apud BANTI, Alberto M. Op. cit. nota n. 76, p. 61.



especialmente do norte italiano, através da Liga Lombarda, é muito clara. Ao mesmo tempo, esse agrupamento para a batalha não se dá contra qualquer homem, mas contra Frederico Barbarroxa, chefe máximo dos bárbaros germânicos invasores que de um extremo a outro saqueavam a península.

As falas de Rolando e de Arrigo na obra de Cammarano, como lembra Banti<sup>116</sup>, são expressão desse discurso sobre um inimigo comum, percebido no teuto Frederico, em contraposição a uma comunidade “nacional”. Assim falava Rolando:

De Milão e de Como: um único inimigo,  
Uma só pátria temos,  
O teuto e a Itália; em sua defesa  
Levavam todos à espada<sup>117</sup>.

A fala sobre o renascimento da pátria italiana não se restringe aos romances, mas faz parte, também, das narrativas políticas e dos inflamados discursos em prol da nação. Tanto em Vittorio Alfieri, ainda no século XVIII, quanto em Giuseppe Mazzini, em meados do século XIX, a defesa da ressurreição da nação é presente. Ambos falam no presente divino recebido dos céus: ser a nação com os limites mais precisos de toda a Europa. Porém, Alfieri reforça a dimensão do inimigo comum, agora francês, provavelmente fruto da invasão francesa pós-revolucionária, e dos elementos comuns como língua e costumes, enquanto Mazzini reforça a dimensão de construção da nação como vontade do povo, e vislumbra o dia feliz em que a pátria será mais que família, dinastia ou egoísmo de casta.

Quando se está falando sobre a idéia de nação, não se quer dizer que na Itália havia de fato uma coesão, uma comunidade nacional ligada por profundos vínculos de italianidade. O que se está querendo demonstrar é que apesar das profundas diferenças existentes entre os antigos estados da província, diversidade tanto de história quanto de organização do social e das instituições dele normatizadoras, fazia-se sentir, já no final do século XVIII e início do XIX, vozes que anunciavam uma perspectiva de integração da província. Se nesse momento as falas pareciam pouco tocar aos ouvintes, ao longo do *Ottocento* vê-se que sua

---

<sup>116</sup> BANTI, Alberto. Op. cit. nota n. 76.

<sup>117</sup> Idem, p. 62. – “Di Milano e di Como: un sol nemico,/Sola una patria abbiamo,/Il Teutono e l’Italia;

eficácia foi se tornando sempre maior. Poder-se-ia dizer que, mesmo quando da unificação, falava-se em “fazer” o italiano; porém, um sentimento de pertença, independente de como tenha sido moldado, conduziu o processo de *risorgimento*. Em verdade, todo o processo de construção da nação *risorgimentale* foi um embate físico e simbólico entre aqueles que buscavam a unidade e aqueles que defendiam a manutenção dos estados fragmentados. Claro que além dos discursos, e como parte do pano de fundo deles, existia uma série de interesses, muitos de cunho pessoal.

Dito de outra forma, não se pode negar que houve um grande trabalho dos intelectuais *risorgimentali*:

Se assiste, dessa forma, a criação de uma mitologia, de uma simbologia, de uma reconstrução histórica da nação italiana que tem em si uma extraordinária força comunicativa; esta *complessiva* mitografia teve, de fato, o poder de tocar a mente e o coração de uma parte não insignificante da opinião pública da península, o suficiente para difundir a idéia da efetiva existência de um sujeito – a nação italiana – que, nos fatos, parecia muito difícil de identificar. Não somente: a mensagem foi tão poderosa a ponto de convencer muitos a agir perigosamente em seu nome, arriscando o exílio, a prisão e a vida<sup>118</sup>.

Além do trabalho intelectual, tem-se a forte presença de Giuseppe Garibaldi, ele próprio um mito fundante da nova nação: a imagem guerreira, infatigável, de lutador da causa dos povos, a vítima-herói da memória de um passado que não passa. Como sublinha Mario Isnenghi, Garibaldi vai ser a possibilidade de uma visão prática do que o discurso patriótico está construindo:

percorre e refunda como teatro de uma ação comum aquela “Itália” que vem se reconhecendo como tal, de ator e evocador de uma geografia de lugares até então estrangeiros uns aos outros<sup>119</sup>.

---

in sua difesa/Leviam tutti la spada”.

<sup>118</sup> Idem, p. 30 – Si assiste, cioè, alla creazione di una mitologia, di una simbologia, di una ricostruzione storica della nazione italiana che ha in sé un’eccezionale forza comunicativa; questa complessiva mitografia ebbe, infatti, il potere di toccare la mente e il cuore di una parte non trascurabile dell’opinione pubblica della penisola, tanto da diffondere l’idea dell’effettiva esistenza di un soggetto – la nazione italiana – che, nei fatti, sembrava molto difficile da identificare. Non solo: il messaggio fu così potente da convincere molti ad agire pericolosamente in suo nome, rischiandol’esilio, la prigione, la vita.

<sup>119</sup> ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria**. Personaggi e date dell’Italia unita. Roma: Laterza, 1997: Garibaldi. p. 29. – “[...] percorre e rifonda come teatro di un’azione comune quell’Italia’ che si viene riconoscendo per tale, da attore ed evocatore di una geografia di luoghi sin qui l’uno all’altro stranieri”.

A figura emblemática de Giuseppe Garibaldi e de suas camisas vermelhas permanecerá na memória popular, sendo parte constituinte o assédio de Roma – em 1849 – e a expedição à Sicília – em 1860. A memória dos atos de libertação deste rebelde da esquadra sarda, condenado à morte, é recordada e anotada até o final do processo de unificação.

Os monarquistas se empenharão em re-associar a memória de Garibaldi com aquela de Vittorio Emanuele II – assim como a de Cavour – buscando se aproveitar, dessa forma, de sua imagem catalisadora. Nesse sentido, buscava-se redimensionar a imagem de paternidade da pátria, retirando a figura do “apóstolo republicano” e inserindo uma configuração monárquica com a vinculação à pessoa do rei e de seu ministro.

Essa geografia da trajetória de construção de uma rememoração monarquista da fundação pátria primará pela negação de Mazzini e pela associação entre Garibaldi e Vittorio Emanuele:

Espaços públicos negados pelas instituições e privilégios acordados por outros meios de transmissão da memória concorrem em limitar a “monumentalização” da memória de Mazzini e em afirmar, em contraposição, o primado do binômio Vittorio Emanuele II-Garibaldi<sup>120</sup>.

A morte prematura do rei, em 1878, promoveu um grande incremento em sua imagem de “pai da pátria” e “grande rei”. Inscrições, busto, estátuas, monumentos, cantos e preces se multiplicaram por toda a jovem nação e a figura mítica de Vittorio Emanuele vai se estabelecendo no imaginário italiano. O próprio Estado contribui nessa construção, principalmente a partir das edificações e publicações comemorativas, as quais enalteciam a pessoa do monarca. Mesmo antes da unificação da Itália, ainda nas *demarche* do processo *risorgimentale* – meados do

---

<sup>120</sup> RIDOLFI, Maurizio. Mazzini. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria**: simboli e miti dell'Italia unita. Roma: Editori Laterza, 1996. p. 18. – “Spazi pubblici negati dalle istituzioni e privilegio accordato ad altri mezzi di trasmissione della memoria concorrono nel limitare la ‘monumentalizzazione’ della memoria di Mazzini e nell’affermare invece il primato del binomio Vittorio Emanuele II – Garibaldi”.

século XIX – a figura do monarca era associada, enquanto lugar de memória coletiva, ao rei cavaleiro, ao *gentiluomo*. Absorve em si os esforços de todos os italianos e os unifica na figura do rei providencial<sup>121</sup>.

Esse processo de construção imagética dos pais da pátria, a qual ficará marcada indelevelmente, terá forma e conteúdo voltado para a educação popular – escola e exército – fazendo parte de uma multiplicidade de esforços para a formação patriótica e dinástica dos jovens italianos. Nas escolas proliferaram os exercícios, problemas de aritmética, ditados e temas de composições, sempre relacionados ao “pai da pátria”, “cavaleiro” e “grande rei”.

Outro artifício de construção imagética das figuras emblemáticas do *risorgimento*, dentre as quais destacava-se o rei, foram as obras da coleção de livros patrióticos. Estes contavam a história da unificação italiana, em edições de alta qualidade e escritos por autores de sucesso, e custavam menos que dois quilos de pão. Fartamente ilustrado, atingia os mais iletrados, levando até eles as imagens oficiais do processo de unificação, apresentando episódios e personagens importantes.

Várias são as praças, ruas, bairros, estradas, jardins e edifícios que possuem o nome do rei Vittorio Emanuele, inclusive cidades inteiras, como o caso de Vittorio Vêneto - cidade da região do Vêneto. Os bustos e as estátuas erigidas em praça pública apresentavam a imagem do soberano em uniforme, geralmente em cenas relativas à região. Já nos interiores de palácios e edifícios públicos, a figura real era apresentada em trajes civis. Ainda as estátuas, acompanhadas de lápides ou não, buscavam deixar inscrições relativas à relação do rei com a localidade.

Abordar a questão da busca de uma identidade nacional, de um elo comum aos habitantes confinados ao território em forma de bota, entende-se importante enquanto expressão de um século marcado pela idéia da nação e do

---

<sup>121</sup> LEVRA, Umberto. Vittoria Emanuele II. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita**. Roma: Editori Laterza, 1996.

nacionalismo. Certamente os egressos da região do Vêneto, população-foco da presente tese, como afirmado anteriormente, não tinham uma compreensão de um saudosismo pátrio no sentido da grande Itália, territorialidade entre os alpes e o mar.

Contudo, ao se elencar esses elementos que faziam parte do discurso e das discussões já um século antes da partida, quer se dar a ver como os elementos simbólicos relativos à concepção de uma pátria norteavam o imaginário desses emigrantes, acima de tudo, ao entendê-la no sentido do *Heimat* alemão, ou seja, o lugar de nascimento, o *locus* da nostalgia do emigrante. Percebe-se essa construção imaginária como processos de representação elaborados pelo grupo acerca de sua experiência sensível.

A luta pelo retorno à liberdade, à grandeza de um passado imemorial, passava, especialmente no norte da Itália, pela vitória sobre um inimigo comum: a dominação austríaca. Os exércitos do império habsburgo, efetivamente após a queda de Bonaparte, controlavam grande parte da Itália setentrional, estendendo seus confins desde o Friuli, passando pelo Vêneto e pelo Trentino Alto Adige, até a Lombardia. De fato, fora de suas mãos, no norte da península, sobravam apenas o Piemonte e a Ligúria.

Será nesse período que se observará, como escreve Silvio Lanaro, o momento de esfacelamento da relação de há muito estabelecida entre a pequena e a grande *Venetia*, ou seja, entre a região lagunar (Veneza) e a chamada *terraferma*, o Vêneto peninsular<sup>122</sup>. A figura da *Dominante* que distribuía seus protetorados pelo território, cederá espaço para a cidade decadente e ocupada. A administração terá outra cor, outra língua e outra estrutura organizativa.

Essa decadência pode ser percebida pelo setor cultural, especialmente no que se refere à produção editorial. No Vêneto, somadas economia em declínio e censura, não se experimentou no período austríaco uma nova produção literária, pois os custos e o perigo de não se ter um retorno do investimento eram grandes. No que

se refere à censura, no ano de 1849, a Áustria reforçará as medidas de controle e vigilância no setor editorial. Assim, as editoras limitavam-se à reprodução de obras já consagradas: “A hegemonia cultural que a viu senhora por tantos séculos é definitivamente passada”<sup>123</sup>

O Plano Geral de Censura austríaco, diferente do modelo francês – o qual marcava a proibição de obras que ferissem os deveres dos súditos para com os interesses do Estado – acrescia o respeito à religião *Dominante* e aos bons costumes. Dessa forma, construiu-se, a partir de um manual de censura, toda uma malha de controle codificada sobre o que se lia e quais as idéias que circulavam: *erga schedam* – admitida à venda somente para os sábios; *Damnatur* – proibido por completo; *Admittitur* – podem ser livremente vendidos; *transeat* – podem ser vendidos, mas não publicizados. As proibições se estendiam de livros eróticos e contra a moral religiosa, aos patrióticos e de idéias subversivas, como obras de Voltaire e Rousseau. Também os livros populares, como almanaques e obras devocionais não eram bem vistos, pois poderiam fermentar idéias e modelos novos.

Presentes as condições já discutidas, grande parte dos romances envolviam-se em uma aura de nostalgia e saudosismo, retomando a glória da República de Veneza e sua edificação. Será propriamente a Lírica, no Vêneto, segundo Anco Mutterle, que estará interagindo em um impacto direto com os grandes acontecimentos do *risorgimento*<sup>124</sup>:

A experiência *quarantottesca* [década de 40 do século XIX] de Carrer, na qual teria participado, entre outras coisas com o “*Canto di Guerra*” - “Fora daqui, *tedesco* infiel,/não mais pactos, não acordos,/ Guerra! Guerra! Todo outro grito é infâmia e servidão”<sup>125</sup>.

---

<sup>122</sup> LANARO, Silvio. Op. cit. nota n. 86.

<sup>123</sup> ARICÒ, Angela Caracciolo. Censura ed Editoria (1800-1866). In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 98. – “L’egemonia culturale che la vide signora per tanti secoli è definitivamente tramontata”.

<sup>124</sup> MUTTERLE, Anco Manzio. Narrativa e poesia nell’Età romantica e nel secondo Ottocento. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

<sup>125</sup> Idem, p. 128 – “L’esperienza quarantottesca di Carrer, alla quale avrebbe partecipato, tra le altre cose con il “Canto di Guerra” – “Via da noi, tedesco infido,/non più patti, non accordi,/Guerra!

Progressivamente, vê abrir, na cena romanesca e lírica, embate contra a dominação austríaca e a dissolução das antigas instituições da *Sereníssima*. Nessa nova perspectiva, não existe mais espaço para grandes discussões diplomáticas, pois essas não levaram à vitória, mas deve-se agora tomar diretamente as armas e atacar ao inimigo invasor, sob pena de deixar-se levar pela servidão e subserviência. Serão propriamente os anos quarenta que experimentarão uma tentativa de antigos venezianos de tomada da cidade, a qual perdurará por um pequeníssimo período de tempo.

A contestação patriótica vêneta trilha um percurso de rememoração da glória e melancolia frente às perdas da época moderna:

Na verdade, em todos esses autores [românticos] o empenho político às vezes ser quase um parêntese, um desvio momentâneo na linha de uma tradição que permanece intimista e conservadora: um leve pessimismo é sempre possível, e com isso conseqüente *ripianto* por uma medida de Idílio que a época moderna perdeu<sup>126</sup>.

Em verdade, a região do Vêneto, para além de limites geográficos demarcados, ou um conjunto objetivo de elementos constitutivos da realidade histórica cotidiana, é uma expressão imagética da literatura: “O Vêneto é também um sonho literário, uma acumulação narrativa, obra de seus escritores”<sup>127</sup>.

Pode-se elencar como exemplos desse mergulho nostálgico do Vêneto do *Ottocento*, os escritos de Giovanni Pratti (1814-1884) que entendem a região como uma zona de origem ou ponto de referência fantástico. Também Giacomo Zanella, com seus escritos relativos ao cotidiano da pequena crônica local, os quais são destinados ao popular e uma busca da paz social, embarca nessa viagem mágica ao tempo de ouro do passado.

---

Guerra! Ogni altro grido è d'infamia e servitù”.

<sup>126</sup> Idem, p. 129. – “In realtà, in tutti questi autori l'impegno politico sembra a volte essere un parentesi, una deviazione momentanea nella linea di una tradizione che rimane intimistica e conservatrice: un lieve pessimismo è sempre possibile, e con esso il conseguente rimpianto per una misura di idillio che l'epoca moderna ha ormai perduto”.

<sup>127</sup> ISNENGHI, Mario. I luoghi della Cultura. In: LANARO, Silvio. **Storia d'Italia: le regioni dall'Unità a oggi. Il Veneto.** Torino: Einaudi, 1984. p. 396. – “Il Veneto è anche un sogno letterario,

Na trilha saudosista de um passado perdido, marcado pelas tradições ancestrais, o novo centro da teatralização se torna o campo e o tipo de vida que o cerca e o constitui:

O *contadino*, então, é o novo protagonista de toda uma produção que, desenvolvendo certos esquemas da tradição *rusticale*, prospecta o discurso da educação desse e de sua eventual recuperação em termos socialmente mais atualizados<sup>128</sup>.

Nesse sentido da excelência da narrativa rural na produção romanesca, são exemplares as obras de Antonio Caccianiga, *La vita campestre* (1867) e *Le cronache del villaggio* (1872) ou, também, a já citada *L'anno della fame*, de Caterina Percoto e, ainda, *Bozzetti della Campagna Veneta* (1871) de Pompeo Gherardo Momenti. Luisa Codemo, em obras como *Miseria e splendori della povera gente* (1864), *La Rivoluzione in casa* (1872) e *I nuovi ricchi* (1876), discutirá, a partir da percepção de sua própria classe – senhorial – os valores de religiosidade, ordem e nobreza. Isso será narrado no sentido de dar a conhecer uma crise geral, segundo ela, do mundo moderno, o qual contrapõe um passado feudal-aristocrático não-retornável e uma democracia de massa cujos perigos não foram ainda avaliados.

O temor ao novo e o tradicionalismo católico, mais uma vez estão presentes enquanto traços dessa cultura vêneta do século XIX, marcada pela formação rural da população da região. Assim, a lírica regional do final do *Ottocento* insistirá nessa vocação moralista e na desconfiança orgulhosa, o que dá a parecer como uma impotência frente ao transcurso da própria história. Em verdade, Mario Isnenghi avaliará metaforicamente essa “nuvem de incenso” de matriz *fogazzariana*<sup>129</sup> que cobre o vêneto, ou seja, a ação clerical nas vidas dos habitantes da região, muito mais compacta no romance que na realidade quotidiana<sup>130</sup>.

---

un'accumulazione narrativa opera dei suoi scrittori”.

<sup>128</sup> MUTTERLE, Anco. Op. cit., nota n. 124, p. 133 – “Il contadino, appunto, è il nuovo protagonista di tutta una produzione che, sviluppando taluni schemi della tradizione rusticale, prospecta il discorso dell'educazione di esso e del suo eventuale recupero in termini socialmente più aggiornati”.

<sup>129</sup> Antonio Fogazzaro faz parte do chamado *Decadentismo* italiano da segunda metade do século XIX. Com formação em jurisprudência, a partir de 1869 dedicou-se exclusivamente à literatura, tendo sua poética marcada por um misticismo exacerbado.

<sup>130</sup> ISNENGHI, Mario. Op. cit. nota n. 127.



Nicolò Tommaseo, em meados do século XIX, também foi um exemplo do nostálgico olhar para a glória passada da *Sereníssima*, isso em um momento em que Veneza enquanto cidade-símbolo não tinha mais condições de fornecer aquele fluxo de cultura que a mantinha como a *Dominante* até o final do século XVIII. Essa subserviência política e cultural marca por demais as obras de Tommaseo.

Inconformado com a retomada austríaca, após a vitória sobre o movimento de 1848, parte para o exílio, escrevendo, em 1851, uma ode *A Venezia*. Em seus escritos, narra os sacrifícios da *Sereníssima*, da vergonha que deve cobrir os vencedores e da dor que impera em seus territórios e nas gentes amigas. Porém, não serão apenas os austríacos a marcarem esse fim inglório – Tommaseo verá ainda a anexação do Vêneto, em especial de Veneza, ao Reino da Itália, por um prisma quase de furto, pensando sempre em um possível retorno do leão alado. Dessa forma, narra na segunda lírica *A Venezia* de 1870:

E o vigor que os teus vôos sustenta enquanto trabalhas as chagas dos teus grandes ancestrais, renascerá. Renasceram as penas, novamente voarás sobre as águas<sup>131</sup>.

Em um tom também nostálgico, porém reverenciando a “italianização” de Veneza, Ippolito Nievo escreverá *Confessioni d’un italiano*, em 1858, assim como *Venezia e la libertà d’Italia*, em 1859. A percepção da perda e da necessidade de rememorar o passado, particularmente em uma visão de uma idade de ouro passada, será marca dos romancistas deste século XIX, bem como a ênfase no rural e no pequeno vilarejo de campanha. Essa marca estará em Nievo, tanto nos romances já citados, marcados pela grande Veneza e pelo sentido patriótico, quanto nos escritos *paesani*, como em *Il Varno*, de 1856. Diferente de Tommaseo, Nievo é patriota e lutou no processo de unificação, tendo, inclusive, recebido um posto administrativo na cidade de Palermo, entre 1859 e 1861. Esse diferencial marcará

---

<sup>131</sup> BEZZOLA, Guido. Niccolò Tommaseo e la cultura veneta. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 160. – “E il vigore che i voli tuoi sostenne mentre fatica à tuoi grand’avi

sua escrita e o distinguirá de um filão marcadamente contrário à anexação do Vêneto ao Reino<sup>132</sup>.

O Vêneto aristocrático não desaparecerá apenas nos romances, mas os teatros experimentarão um mesmo momento de declínio e transformação. Também nesse processo não se pode perder de vista duas forças fundamentais: o ordenamento austríaco de 1820, que proíbe a construção de novos teatros, e o processo de aburguesamento da sociedade. Isso vai conduzindo a um progressivo esvaziamento da importância do teatro veneziano, assim como reduz a frequência dos espectadores.

Diferentes do antigo modelo teatral, os novos espetáculos se popularizam, adquirindo uma conotação mais comercial e uma maior rotatividade de estilos de apresentações. Esse novo teatro será o do espaço aberto, da “arena”, tornando-se um local de entretenimento. Torna-se um local onde a sociedade “encena os próprios ritos de convivência social, civil e familiar, e recolhe a própria vida emotiva e cultural”<sup>133</sup>. Outra marca dessa mudança que o século XIX trará ao teatro é o fenômeno da dialetização da dramaturgia, isso marcadamente no teatro popular e nas comédias dialetais. As características de uma “venezianidade” ou de um venetismo serão observáveis nessa linha de produções dos autores dialetais vênedos.

O novo perfil do espetáculo teatral, que se construirá ao longo do século XIX, trará uma redução do distanciamento entre uma dramaturgia para a aristocracia e outra para as camadas populares da população. Também a nova estruturação proporcionará espaço para um incremento nas manifestações patrióticas nos teatros vênedos, especialmente com as obras de Giuseppe Verdi. Porém, justamente pela maior amplitude de recepção que se estabelece, ocorrerá um

---

piacque, rinascerà. Rinasceran le penne, rivolerai sull'acque”.

<sup>132</sup> ROMAGNOLI, Sergio. Ippolito Nievo. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

<sup>133</sup> PULLINI, Giorgio. Il teatro fra scena e società. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 240. – “inscena i propri riti di convivenza sociali e civile e familiare, e raccoglie la

aumento da censura às manifestações dramatúrgicas.

Essas mudanças na sociedade e na cultura, narradas nos romances e experimentadas em forma e conteúdo pelo teatro, também são parte do discurso dos memorialistas de finais do século XIX. Eles vão construir a idéia de que

mesmo contra as aparências, continua o processo de deterioração progressiva da identidade vêneta que desde muito tempo vem se ativando<sup>134</sup>.

Enfim, efetivamente vivia-se um momento de transformações políticas, sociais e econômicas no período de dominação austríaca, as tradições da *Sereníssima* tendiam a desaparecer, a partir da transformação dos costumes e do declínio da fala dialetal. Porém, ainda mais forte foi a construção literária e dramatúrgica desse fim, inspirada na nostalgia de um passado idílico sempre mais distante pela aceleração das transformações e pelo saudosismo de uma Veneza desterritorializada, como uma nuvem vagando nas linhas poéticas do romantismo *ottocentesco*.

#### **1.4 “Feita a Itália, façamos os italianos”: o Vêneto pós-unitário do século XIX**

Em 1866, através da anexação ao Reino de Itália, o Vêneto deixa de ser uma possessão austríaca a passa a ser uma região italiana. Porém, embora grande parte do processo de unificação tivesse já findado e uma significativa parte da península pertencesse à casa dos Savóia, de fato o sentimento pátrio, a identificação com uma italianidade não era corrente. Igualmente, a unidade desejada, especialmente pelo setor político, era restringida pela busca de uma distinção entre uma unificação política e outra administrativa:

A partir do momento, senhores, em que Veneza se associou ao grito unânime que se elevou em toda a Itália e que a acordou para a liberdade, os vênetsos não tiveram mais que um único pensamento,

---

propria vita emotiva e culturale”.

<sup>134</sup> AUZZAS, Ginetta. Op. cit. nota n. 106, p. 308. – “anche contro le apparence, continua il processo di deperimento progressivo dell’identità veneta che già da lungo si era venuto innescando”.

aquele de tomar parte da grande família italiana [...] esses, porém, distinguiram entre a unificação política e a unificação administrativa<sup>135</sup>.

Na região, como em toda a nação, o sentimento de pertença ao Reino dar-se-á pela associação pequeno/grande *paese*. Assim, a identidade regional será construída, também, em uma relação com *il tedesco*, neste momento, os austríacos. O fato, enquanto concretude da dominação, oblitera o olhar, a percepção dos aspectos positivos da administração austríaca, enfocando a debilidade e o risível do sistema. Em um jogo de contraposição entre aquilo que somos e como é esse outro, o inimigo *tedesco*, elabora-se esse processo de identificação das populações vênetas. Em um mesmo fenômeno construtivo, a imagem do outro está sendo forjada, a diferença a essa cultura vêneta – sua alteridade. Esse elemento diferenciador no qual se constituía o antigo dominador é marcado pela representação do tolo – do *cruco*, daquele que facilmente se deixa enganar.

Segundo Silvio Lanaro, o problema maior pelo qual se debatia a deputação vêneta quando do processo de unificação legislativa, era em defesa de um Estado comprometido em cuidar dos contratos antes de satisfazer aos cidadãos<sup>136</sup>. Mesmo com a saída do invasor, a relação entre e administração pública e o indivíduo pouco se alterou. Embora sendo cidadão e estando em sua própria pátria, o campesino vêneta continuará mergulhado em uma inalterada situação de exploração pelo poder público, o qual manterá sua aliança com as camadas dominantes da população. Da mesma forma, a situação da terra não se modificará, sendo o acesso a ela restrito e as relações de trabalho ainda mantidas em uma semi-servidão.

A partir desses últimos decênios do século XIX, é que começaremos a observar o processo de construção de uma imagem que se perpetuará para além do

---

<sup>135</sup> ATTI PARLAMENTARI. Camera dei Deputati, Discussioni, 9 de junho de 1969 apud FONTANA, Giovanni. Op. cit., nota n. 106, p. 583. – “Fino quando, signori, la Venezia si associò al grido unanime che si è sollevato in tutta Italia e che l’ha risvegliata a libertà, i veneti non ebbero che un solo pensiero, quello di formar parte della grande famiglia italiana [...] essi però distinguevano tra la unificazione politica e la unificazione amministrativa”.

<sup>136</sup> LANARO, Silvio. **Storia d’Italia**: le regioni dall’Unità a oggi. Il Veneto. Torino: Einaudi, 1984: Dopo il ’66. Una regione in Italia.

tempo e do espaço de vêneto imemorial e desterritorializado. Essa figura emblemática da região não será uma composição geográfica como as extensões de terra de Rive del Garda até Mirano, ou de Treviso a Este, nem tão pouco um fantasma da *Sereníssima* ou uma pequena pátria étnica e lingüisticamente homogênea. Diversamente, deixando de fora a montanha, Veneza e o Polesine, partícipes de uma mesma tradição estatutária, constituir-se-á enquanto

o Vêneto da economia mista e da fábrica dispersa, das bancas populares e da micro-empresa agrícola, da hegemonia católica e do paternalismo proprietário<sup>137</sup>.

Nesse sentido, o *Archivio Veneto*, a partir de 1874, não se ocupará mais apenas de questões relativas a Veneza, como era até então, mas se dedicará a discussões relacionadas ao inteiro Vêneto. Assume, também, uma progressiva organização temática das publicações, tendo um fio condutor ao qual se articulavam os artigos bibliográficos ou monográficos:

A competência no restrito núcleo diretivo e na sempre maior lista dos sócios da deputação, de estudiosos locais, de universitários, de venezianistas é garantia de um empenho programático, no qual o reconhecimento da eminência de Veneza é acompanhado da valorização da realidade local, enquadrada em uma mais ampla dimensão histórico-geográfica, aquela do Vêneto<sup>138</sup>.

De qualquer forma, essa imagem glorificada da região não será mantida em terra pátria, mas será expandida às terras de imigração, como um outro componente dos caixotes e malas que levavam as roupas e utensílios dos emigrantes:

Também no olhar a *ritroso* dos emigrados, dos italianos fora da Itália e dos vênetos fora do Vêneto, a mãe-pátria termina por se apresentar – e seja mesmo por motivos bastante diversos – com delineamentos que foram impressos pela propaganda imperialista: é um *Heimat* sem *guscio* de passado, um lugar focal do imaginário, uma terra na qual todos falam a mesma língua e comem os mesmos alimentos e onde o Estado possui arsenais que fazem medo aos estrangeiros, levando-os a ter uma maior consideração para com os filhos *raminghi* que estão

---

<sup>137</sup> Idem, p. 425. – “il Veneto dell’economia mista e della fabbrica dispersa, delle banche popolari e della microimpresa agricola, dell’egemonia cattolica e del paternalismo proprietario”.

<sup>138</sup> BENZONI, Gino. La Storiografia. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 622. – “La competenza nel ristretto nucleo direttivo e nella sempre più lunga lista dei soci della deputazione, di studiosi locali, di venezianisti è garanzia di programmatico impegno nel quale il riconoscimento dell’eminenza di Venezia s’accompagna alla valorizzazione della realtà locale inquadrata in più lata dimensione storicogeografica, quella del Veneto”.

hospedando<sup>139</sup>.

Essa positividade para com a terra de partida vai se mostrar com muita força no meio imigrante brasileiro, principalmente a partir dos anos 1920, com a política fascista da “Grande Itália”. Efetivamente, esse será o momento maior, até então, de um olhar da mãe-pátria para com os seus filhos dispersos pelo mundo. Assim, a associação da política fascista para com os italianos no exterior e a busca da pacificação imagética no processo migratório, conduzirá a um olhar retrospectivo sobre a terra de partida, enxergando-a como um porto seguro e defesa nas desventuras na nova vida.

Porém, a construção imagética desse Vêneto já um pouco descrito, não se dará no imediato pós-unificação, mas será uma elaboração simbólica paralela ao processo construtor do sentimento de pertença à Itália, de uma italianidade. Assim, a educação será um dos elementos-chave para a identidade nacional/regional, bem como a utilização emblemática dos símbolos pós-unitários e a marca do arraigado catolicismo tradicional. Também a emigração e a “América” terão uma destacada importância nesse processo evocativo de elementos identitários comuns, pois se constituirão enquanto lugar de memória daqueles que permanecem na província, mas acompanham um verdadeiro êxodo de parentes, vizinho e amigos.

A rigor, o momento de edificação da nação é, também, um período de efervescência de uma idéia de conservação do passado. Poder-se-ia entender esse binômio “sentimento pátrio” e “preservação” como a marca de um tempo da memória no processo identitário:

com a sistemática arquivística, com a biblioteca cívica, com a constituição do museu, todas etapas importantes na construção da identidade histórico-artística, urbana, em uma idade na qual é

---

<sup>139</sup> LANARO, Silvio. Op. cit. nota n. 136, p. 439-440. – “Anche allo sguardo a ritroso degli emigrati, degli italiani fuori d’Italia e dei veneti fuori del Veneto, la madrepatria finisce per presentarsi – e sa pure per motivi tutt’affatto diversi – con i lineamenti che le ha ormai impresso la propaganda imperialista: è una *Heimat* senza guscio di passato, un luogo focale dell’immaginario, una terra in cui tutti parlano la stessa lingua e mangiano gli stessi cibi e dove lo Stato possiede arsenali che incutono paura agli stranieri spingendoli a una maggior considerazione per i figli raminghi che stanno ospitando”.

vivíssimo o esforço na recuperação das relíquias dos pais como documento dos filhos<sup>140</sup>.

No que se refere à educação na região do Vêneto, após a unidade, pode-se destacar uma imagem de manutenção dos tradicionais conteúdos, módulos e ritmos de vida. De fato, os acontecimentos políticos pouca incidência tiveram sobre a dimensão das transformações culturais na região. Marcadamente resistente às novidades, mesmo em suas grandes diferenças, o campesino da região receia as mudanças repentinas:

Certamente a pesquisa histórica em suas conclusões prevalentes indica no Vêneto, especialmente naquele rural, uma vasta zona de relutante e lentíssima integração no Estado unitário, quando não se restringe a elencar a mera mudança nominal e administrativa, também entre as quais todavia se pode notar o persistir de escolhas que retomam os costumes passados e o regime precedente<sup>141</sup>.

A unificação deveria substituir uma imagem de autogoverno representada pela *Sereníssima*, bem como do lombardo-vêneto dos habsburgo, tendo presente a posição periférica que a região passaria a ocupar nessa nova Itália. Efetivamente, e a “presa de Roma<sup>142</sup>” muito vai contribuir nesse sentido, buscava-se construir um Estado unitário e fortemente centralizado em Roma – capital real e emblemática da nação – evitando todo o tipo de autonomia provincial.

Buscava-se construir uma unidade no sistema de ensino, implementando novas estruturas didáticas, trazendo no *kit* unitário a organização didática vigente no antigo Reino Sardo-piemontês. Nesse sentido, algumas

---

<sup>140</sup> BENZONI, Gino. Op. Cit. nota n. 138, p. 615. – “con le sistemazione archivistiche, colla biblioteca civica, colla costituzione del museo, tutte tappe importanti nella costruzione dell’identità storicoartistica, urbana, in un’età nella quale è vivissima la spinta al recupero delle reliquie dei padri a documento dei figli”.

<sup>141</sup> BERNARDINIS, Anna Maria. Il Dibattito sui problemi dell’educazione dopo l’unità. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall’età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 653. – “Certamente l’indagine storica nelle sue conclusioni prevalenti indica nel Veneto, specie in quello rurale, una vasta zona di riluttante e lentissima integrazione nello Stato unitario, quando non si sofferma ad elencare i meri mutamenti nominali ed amministrativi, anche fra i qualli tuttavia si può notare il persistere di scelte risalenti al passato comune ed al precedente regime”.

<sup>142</sup> O termo “presa de Roma” é de uso corrente na Itália para designar a tomada da cidade de Roma, em 1870, findando, assim, a unificação da península itálica em um único Estado. Outra terminologia utilizada para o evento é a “brecha da Porta Pia” – porta de entrada dos soldados guiados por

características culturais atribuídas aos vênetos, embora não deles exclusivas, serão entrave para essa política, ao passo que outras serão facilitadoras de sua implementação:

Quais sejam: obediência à autoridade superior e distante, a constância no trabalho, mesmo o mais ingrato, a desconfiança para com a transformação, muito raramente concebido como melhoramento, uma sociabilidade que do núcleo familiar se abre para nele se fechar novamente, mesmo depois da evasão na festa [...] um interiorizado senso de dever<sup>143</sup>.

As características acima aludidas mostram, por um lado, o medo da mudança – logo a tendência para a inércia ou para a lenta e trabalhosa transformação, sempre desconfiada; porém, enunciam também a obediência à autoridade e o senso de dever, bem como o trabalho constante, o que conduz a uma resignação ao que foi ordenado e deve ser feito. Assim, segundo Anna Maria Bernardinis, percebe-se o porquê da aceitação de todo modelo pedagógico que se alicerçasse na ordem sistemática, em uma metodologia observativa e experimental, em um controle dos impulsos e das fantasias, na produtividade e sociabilidade do trabalho<sup>144</sup>.

A experiência da autoridade maior, a partir da relação entre *comune* e paróquia, era parte da tradição recente dos vênetos, tanto na República *Sereníssima* quanto no período de dominação austríaca. O novo Estado peninsular que se forma terá forte posição no sentido de romper essa relação, procurando laicizar sempre mais as relações no social. Essa nova situação de confronto, bastante aprofundada com a tomada dos Estados Pontifícios e com o Papa se considerando prisioneiro no Vaticano, oporá radicalmente a Igreja e o Estado, elaborando uma batalha feroz entre clericais e anticlericais.

Nesse sentido, o Vêneto, no imediato pós-anexação, será palco de uma sementeira de símbolos do *risorgimento*. Praças, estátuas, prédios serão construídos

---

Garibaldi no 20 de setembro.

<sup>143</sup> Idem, p. 654. – “quali l’obbedienza alle autorità superiori e lontane, la costanza nel lavoro anche più ingrato, la diffidenza verso il mutamento, assai raramente concepito come miglioramento, una socialità che dal nucleo familiare si apre per richiudersi su di esso anche dopo l’evasione nella festa [...] interiorizzato senso del dovere”.



em larga proporção, disputando espaço na paisagem e na geografia da região com os antigos lugares de memória regionais – igrejas, capitéis, santos e “madonas”. De qualquer forma, por um longo tempo permanecerão como elementos estranhos na “fauna” do *paese*, a qual mantém como memória corrente os nomes e significados anteriores à unificação. Mesmo assim, será o sinal de que a batalha, em especial simbólica, está sendo travada, e se está buscando desconstruir uma certa imagem ancestral de dominação eclesiástica, para sobrepor com uma imagem laica e patriótica, a partir da marcação dos eventos da construção da nação.

Nessa luta simbólica, a Igreja coloca-se em vantagem, particularmente pelos seus diversos séculos de experiência e pela sua proximidade à vida cotidiana e aos problemas dessas populações rurais. A própria imprensa católica no Vêneto já se esta constituindo, na segunda metade do século XIX, em uma rede capilar e orgânica de grande monta. A principal marca de sua divulgação será o associacionismo católico e a busca de novas formas de religiosidade para esse período “pós-presença de Roma”.

Os jornais católicos empreendiam uma verdadeira guerra santa contra toda e qualquer idéia que se desviasse do corpo ideológico de um catolicismo rural e intransigente. Em muitos periódicos havia uma profissão de fé à religião, não sendo omitidas expressões como martírio, cruzada, perseguição, luta, defesa e guerra. Invocavam-se, simbolicamente, os diversos períodos de enfrentamento vivenciados pela Igreja em sua história.

As publicações tinham uma grande penetração no público rural, de uma parte devido à diversidade e quantidade de periódicos: *Vicenza – Il foglietto religioso, Il Berico, L'operaior Cattolico*; *Verona – Il riposo domenicale, La verità, Verona Fedele, Il martello*; *Treviso – L'eco del Sile, La marca, La vita del popolo*. De outra parte, pela sua linguagem popular e pela ênfase na tradição rural ancestral a

imprensa católica intransigente, com a sua linguagem plebéia [...]

---

<sup>144</sup> Idem.

conseguiu catalisar consensos e agregar largas franjas do mundo rural e da pequena e média burguesia [...] re-propondo dia a dia os mitos de uma sociedade rural e pré-industrial, ligada aos valores tradicionais da fé; segura em suas certezas, “com o Papa e pelo Papa sempre”<sup>145</sup>.

Nos congressos católicos que foram organizados a partir de 1874, a defesa dos valores rurais será sempre uma das principais preocupações dos jornais da religião. A defesa do homem do campo frente às idéias revolucionárias, anti-religiosas e socialistas, será ponto central nessa imprensa.

Além da linguagem direcionada e da ênfase na tradição, os impressos católicos lidavam com uma figura emblemática ímpar no contexto italiano e, em especial, no Vêneto: o Papa. Na história italiana, o Papa se constitui em um dos maiores pontos de referência nacionais, marcando indelevelmente a vida da população. Independente de quem estivesse ocupando o trono de São Pedro, como que marcada por um fundamento meta-histórico, a cátedra em si fornecia um capital simbólico utilizado para a pacificação do dia a dia, ou seja, o Papa é a marca da divindade, logo, das certezas. Isso fica ainda mais importante quando se percebe esse mundo de finais do século XIX como marcado por um processo de acelerada transformação e perda, justamente, das certezas.

Nessa segunda metade do século XIX, soma-se à imagem universal do Papa, em particular da vida de Pio IX:

A devoção à pessoa do Papa (alimentada também de suas vicissitudes) cresce durante o seu pontificado em toda Europa. Pio IX é um Papa acessível, fácil ao encontro, que deixa sempre uma impressão de simpatia sobre seus interlocutores<sup>146</sup>.

Será justamente por essa força imagética do pontífice, somada a impressão específica causada por Pio IX, que sua pessoa se constituirá em símbolo

---

<sup>145</sup> BERNARDINIS, Anna Maria. Op. cit. nota n. 141, p. 681. – “*stampa cattolica intransigente, con il suo linguaggio plebeo [...] riuscì a catalizzare consensi e ad aggregare larghe frange del mondo rurale e di piccola e media borghesia [...] riproponendo giorno per giorno i miti di una società rurale preindustriale, legata ai valori tradizionali della fede, sicura nelle sue certezze, ‘con il Papa e pel Papa sempre’*”.

<sup>146</sup> RICCARDI, Andrea. I Papi. In: ISNENGI, Mario. **I Luoghi della Memoria**. Personaggi e date dell’Italia unita. Roma: Laterza, 1997. p. 409. – “La devozione alla persona del papa (alimentata anche dalle sue vicissitudini) cresce durante il suo pontificato in tutta Europa. Pio IX è un papa

do estranhamento à causa nacional. Desde a tomada de Roma, quando ele se considera prisioneiro do Vaticano, a unidade peninsular será combatida veementemente no Vêneto por populações rurais vinculadas a um catolicismo intransigente:

Trata-se de uma experiência comum a muitos católicos italianos obedientes e, por isso, intransigentes como o seu pontífice para com a Unidade da Itália e ao ‘desnudamento’ da soberania temporal do papado. O estranhamento dos católicos obedientes se traduz concretamente na não-participação na vida política nacional, enfim na política do *non expedit*<sup>147</sup>.

A divisão da região entre duas percepções bastante diversas do momento pós-unitário, marcadamente baseada por liberais-burgueses de um lado e conservadores-clericais de outro, será aprofundada pelas reformas empreendidas após a unificação. Essas transformações surgirão como uma revolução para os habitantes do Vêneto, pois traziam em si a laicização da vida, a começar pela obrigatoriedade do matrimônio civil. Somava-se a isso a supressão das corporações religiosas, o serviço militar obrigatório para os clérigos e a necessidade do *placet* imperial para todos os benefícios eclesiásticos.

O quadro delineado acima deve ser enriquecido com outro componente, qual seja, o impacto que as reformas liberais promovidas pela casa de Savóia trará a uma sociedade fortemente ancorada aos modelos religiosos da Paróquia Pós-tridentina. Em uma organização embasada na paróquia enquanto centro da vida comunal, os austríacos souberam se utilizar dessa instituição em uma função conservadora, porém, o novo Estado vai construir com a “brecha da Porta Pia”, associada a todas essas transformações, um distanciamento progressivo das comunidades rurais e o surgimento de focos de combates ao Estado Nacional.

Entretanto, acima dos jornais, da figura do Papa, ou ainda, dos

---

accessibile, facile all’incontro, che lascia sempre un’impressione di simpatia sui suoi interlocutori.”  
<sup>147</sup> Idem, p. 409. – “Si trata di un’esperienza comune a molti cattolici italiani obbedienti e, per questo, intransigenti come il loro pontefice verso l’Unità d’Italia e la ‘spoliazione’ della sovranità temporale del papato. L’estraniamento dei cattolici obbedienti si traduce concretamente nella non partecipazione alla vita politica nazionale, insoma nella politica del *non expedit*.”

movimentos organizados, como o movimento operário católico, o principal personagem na luta contra o Estado liberal, e marca da defesa do catolicismo intransigente, será o sacerdote vêneto. A maior preocupação do clero da região era com a descristianização de seus paroquianos: para isso, travava lutas ferrenhas contra comunistas e liberais, utilizando-se do meio que dispunha – a participação na vida diária da comunidade e a proximidade de origem:

A consequência mais importante deste enraizamento é a atitude do clero reforçando as suas relações com o ‘povo’, com o qual partilha das misérias e dos sofrimentos, sobretudo no transcurso das grandes calamidades sociais<sup>148</sup>.

Na comunidade, o padre exerce as mais diversas funções, as quais se conectam com os diversos momentos da vida do fiel. É ele o *maestro*, o inspetor das escolas, o responsável pelos registros de nascimento, casamento e óbito e pela administração de obras caritativas. Contudo, sua função mais importante estava para além do imanente, pois era ele o responsável diante de Deus pela salvação de seus paroquianos: portanto, lutava tenazmente contra as superstições e as credices populares e combatia os desvios a partir de um grande conhecimento dogmático e das escrituras.

A sua proximidade para com a grei era dada também pelo fato de grande parte dos sacerdotes vênets serem da região e, ainda, de uma mesma origem *contadina*. Isso também formava um clero fortemente “bairrista”, o qual buscava manter uma “endogamia geográfica”, reagindo inclusive a Roma quando o assunto envolvia a distribuição de paróquias e bispados. Em verdade, quando da escolha de bispos para a região, os clérigos faziam forte pressão para manter um circuito fechado de decisões, lutando para que não lhes fosse enviado um “forasteiro”.

A rigor, o homem rural vêneto buscava em seu presbítero a encarnação de uma figura de sacerdote,

---

<sup>148</sup> LANARO, Silvio. Op. cit. nota n. 86, p. 37. – “La conseguenza più importante di questo radicamento è l’attitudine del clero a rafforzare i suoi legami con il ‘popolo’, di cui condivide le miserie e le sofferenze, soprattutto nel corso delle grandi calamità sociali”.

que fosse compreensivo e veloz na confissão, competente nos exorcismos [...], amoroso e generoso como o pobre que é afligido pela fome e pela doença<sup>149</sup>.

A emigração, ou a figura da América enquanto terra de promessa, será outro lugar de memória entre a população desse lugar chamado Vêneto. Diferentes das antigas emigrações temporâneas no interior do continente europeu, especialmente freqüente para os habitantes da região alpina, esse fenômeno trará, além de um maior período de duração, um maior rompimento com os laços ancestrais. A partida traz em si o abandono de uma paisagem reconhecível, a qual constrói e alimenta uma memória pessoal e coletiva:

Se não sempre, a partida destroça definitivamente a rede das memórias e dos ritos, e inteiras comunidades vênetas se reconstroem, assim, do outro lado do oceano<sup>150</sup>.

As questões que norteiam a emigração, na região do Vêneto, passam por diversos pontos, os quais podem ser lidos como a construção de um mosaico, por encaixe. Pode-se entendê-la dentro da perspectiva de um sinal de decadência da sociedade veneziana e desenraizamento de um pós-término da República de São Marco, em um processo que remontará, em uma proporção mais significativa, às primeiras décadas do século XIX<sup>151</sup>. Sempre em uma perspectiva de montagem, se soma a idéia de redução qualitativa e quantitativa da dieta das populações rurais, contribuindo em uma necessidade de busca de melhores condições objetivas de vida. Essa dimensão da necessidade contribuía para a propagação da imagem de uma Itália repleta de problemas, em contraponto com a terra de chegada, a qual apresentava-se como o pote de ouro do final do arco-íris. O espaço da praça era o *locus* de embate entre publicistas e contrários à emigração. Era nela que, em tom de confiança e familiaridade, divulgava-se as possibilidades de sucesso na “América”, no “el dorado” que os esperava além-mar.

---

<sup>149</sup> PITTARINI, Domenico. Apud LANARO, Silvio. Op. cit. nota n. 86, p. 51 – “che’l sipia largo e asguelto in confossion,/brao da deliberare indemoniè,/morèole e bondanzoso col poretto,/ che xe pin de travagi e de pitetto”.

<sup>150</sup> ISNENGHI, Mario. Op. cit. nota n. 127, p. 383. – “Se non sempre la partenza scardina definitivamente la rete delle memorie e dei riti, e interi paesi veneti si ricostituiscono così di là dell’oceano”.

<sup>151</sup> FRANZINA, Emilio. Dopo il’76. Una regione all’estero. In: LANARO, Silvio. **Storia d’Italia: le regioni dall’Unità a oggi. Il Veneto.** Torino: Einaudi, 1984.

Outro elemento que pesava na escolha de partir ou ficar era a busca de autonomia. Procura-se maior poder decisório tanto ao interno da família, haja vista o forte patriarcalismo e, conseqüentemente a submissão de esposa e filhos ao “cabeça do casal”, quanto na relação social, com o *parón*, pois em modelo organizativo semelhante às *haciendas*, a grande maioria dos camponeses – *fittavoli* – pouco decidia sobre suas coisas. A emigração, para esses grupos, surgia como uma possibilidade de romper essa estrutura e promover uma ascensão social<sup>152</sup>.

De qualquer forma, mais que fruto de um desespero, a “partida para a América” será conseqüência de uma escolha, partindo da escuta dessas diversas vozes que se embatiam sobre o continente americano. Nas narrativas sobre a emigração, fazendo referência a casos específicos de emigrantes, tanto Daniela Perco quanto Piero Brunello e Emilio Franzina fazem referência à venda de bens para a aquisição do bilhete de viagem e para o pagamento do transporte até o porto de Gênova. Isso permite perceber que, embora não podendo generalizar-se a todos os casos, houve uma possibilidade de escolha, feita a partir de um certo imaginário construído sobre a “América”. Efetivamente a questão não estava posta sob o prisma do inevitável – partir ou morrer – mas sobre uma produção imagética que conduziu os emigrantes a antever, no além-mar, a possibilidade de uma melhoria de vida, mais ainda, do enriquecimento.

Assim, nos anos de 1870-1880, encontra-se um verdadeiro debate sobre a emigração na Itália, esse perpassando a esfera da praça, das casas, dos jornais e dos órgãos públicos e legislativos. De um lado, tem-se a propaganda emigracionista, particularmente financiada pelos Estados latino-americanos. No caso específico do Brasil, percebe-se, por detrás dessa política, a busca de “branqueamento” da população, substituição de mão-de-obra e colonização de terras devolutas no sul do país.

---

<sup>152</sup> BRUNELLO, Piero. Emigranti. In: LANARO, Silvio. **Storia d'Italia: le regioni dall'Unità a oggi. Il Veneto.** Torino: Einaudi, 1984

As cartas eram outro instrumento utilizado para propagandear a vinda para o Brasil. Essas tinham grande eficácia, primeiramente, porque eram dirigidas a parentes e amigos, portanto gozavam já de uma confiança do leitor, construída em uma relação de sociabilidade entre emissor e receptor da mensagem e, também, porque se referiam diretamente às questões relevantes na comunidade, à dimensão econômica da conquista e da positividade do processo emigratório. Elas narram particularmente as condições de vida dos recém-chegados. Um caso exemplar se encontra na trajetória da família Rech-Checonét, na qual, através das cartas enviadas aos parentes que permaneceram na Itália, pode-se reconstituir essas imagens do além-mar<sup>153</sup>. Em uma das cartas, escrita pelos irmãos Rech – Giacomo, Giovanni e Pietro – ao genro de Giacomo, Girolamo Scopel, o registro da fartura e da saúde marcam a narrativa de sua situação na Colônia Caxias. Assim eles informam,

Nós gozamos de perfeita saúde, as coisas procedem para o melhor, isto é vivemos bem, sem tantas preocupações, a terra frutifica e ninguém nos vem pedir pagamento de impostos etc. Vos garanto que se não fôssemos em maio ao mato não trocaríamos o nosso estado atual com os grandes, isto é, com os ricos de Feltre [...] Este ano teremos o vinho a um bom preço, esperamos que chegue a trinta centésimos a garrafa. Galinhas em abundância, porcos nem se fala. Eu Giacomo Rech possuo quatro vacas e uma mula jovem de três para quatro anos que me vendeu Momi<sup>154</sup>.

As notícias sobre a saúde, os pedidos de trabalho e as informações sobre a situação econômica da família disputam espaço nas cartas. Percebe-se que a justificação da experiência marca desde o início a comunicação com a terra de partida. Mostrar como aqui se estava bem e que se fez a escolha certa era pacificar a nostalgia da pátria distante e contribuía na elaboração de uma imagem de promessa para as terras da América. Para esse imigrante que fugia de uma crise cíclica de produção década de 70 do século XIX – a produção da terra é algo importante a ser

---

<sup>153</sup> RECH, Tamara; RECH, Marco. **Scrivere per non Dimenticare**. L'emigrazione di fine 800 in Brasile nelle lettere della famiglia Rech Checonét. Quaderno n. 13. Feltre: Libreria Pilotto Editrice, 1996.

<sup>154</sup> Idem, p. 69. – “Noi godiamo perfettissima salute, le cose procedono alla meglio, cioè viviamo bene, senza tanti pensieri, la terra frutta e niuno viene a pedirci pagamenti d'imposte ecc. Vi garanto che se non fossimo in mezzo ai boschi non cambieremmo il nostro stato attuale con i grandi cioè coi ricchi di Feltre [...] Quest'anno avremo il vino a buon prezzo, speriamo che venga a 30 centesimi alla caraffa. Galline in abbondanza, porci non se ne parla. Io Giacomo Rech sono possessore di 4 vacche ed una mula giovine di 3 per 4 anni chemi ha venduto Momi”.

destacado. Em uma sociedade marcada pela concentração de terras e de poderes, a posse da mesma e de animais, somado ao não-pagamento de impostos, é o marco diferenciador de uma ascensão social.

Embora não sendo publicadas nos jornais locais, os quais faziam forte oposição à emigração, as cartas eram divulgadas em um “boca-a-boca” na comunidade, criando ainda uma maior intimidade, o que se desdobrava em um incremento na imagem de veracidade das mesmas. Além da fala pormenorizada da situação objetiva da vida dada pelos irmãos Rech, outras informações, marcadas pelo poético e pelo religioso, também contribuíam na elaboração dessa representação das terras brasileiras:

façais como seja a voz de Deus que vos diz a vossa penitência do purgatório de Cismon [del Grappa, local de origem do escrevente, localidade feltrina, na região veneta] acabou, fujam deste cárcere e venham gozar a liberdade onde são exortados<sup>155</sup>.

Nessa mesma atmosfera, Felice Sartor escreve de Caxias do Sul, construindo uma relação imagética entre a libertação do povo hebreu e a vinda para o Brasil, inclusive elegendo D. Pedro II como um novo Moisés:

Oh! Quanto deve ter sido belo o dia no qual o povo hebreu, passado o Mar Vermelho, cantava hinos de agradecimento a Deus que os havia libertado da escravidão do Faraó! Semelhantemente nós, paroquianos de São Vitorio e Santa Corona, livres das misérias da Itália por meio do novo Moisés, D. Pedro II, imperador do Brasil, cantamos hinos de ação de graças a Deus que enxugou o nosso pranto<sup>156</sup>.

Entretanto, não se ouviam apenas vozes aliciadoras de emigrantes ou divulgadoras de uma imagem positiva da América. Os jornais funcionavam como instrumentos do governo e dos senhores, contrários à emigração, para divulgar e difundir as dificuldades a ela inerentes. Essas publicações em jornais eram em sua grande maioria constituídas por cartas de emigrados que relatavam as agruras da nova vida, a saudade da terra pátria, a vontade de retornar e a impossibilidade

---

<sup>155</sup> FRANZINA, Emilio. **L’immaginario degli emigranti**: miti e raffigurazioni dell’esperienza italiana all’estero fra i due secoli. Treviso: Pagus, 1992. p. 147.

<sup>156</sup> FRANZINA, Emilio. **Mérica! Mérica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei cotadini veneti in America Latina (1876-1902)**. Milano: Feltrinelli, 1980. p. 129.



decorrente da falta de dinheiro para a passagem de retorno, sempre tendo como mandante os senhores ou o governo. Muitos escreviam ao próprio *sindaco* ou aos proprietários, seus antigos patrões, implorando por dinheiro para a passagem de retorno; alegavam que se encontravam doentes e com a família em estado de penúria. Diziam que ao chegarem trabalhariam no que fosse necessário e pelo tempo que preciso fosse, mas não podiam mais suportar a situação na qual se encontravam.

O governo também produziu uma legislação que ajudasse a coibir a saída de italianos. Os atos legais foram, além de sinaleiros dos problemas emigratórios e entravadores desse processo, promotores de melhores condições de emigração. Pode-se destacar o Projeto Zanardelli, de 1883, que, no artigo 383, previa multa e detenção a todo aquele que por objetivo de lucro induzisse alguém a emigrar. Também a Lei nº 23, de 31 de janeiro de 1901, objetivava a tutela concreta do emigrante, criando um Comissariado Geral para Imigração e o Fundo para a Imigração, apesar de oferecer pouca proteção após o desembarque. Mas, nessa mesma Lei, o projeto de 1883 foi ampliado, à medida que acrescentou a punição a todo indivíduo que fornecesse falsas indicações sobre a emigração<sup>157</sup>.

Outra voz que se alçava contra a emigração, e narrava as dificuldades de vida no continente americano, era a dos viajantes, geógrafos e letrados italianos, os quais elaboraram diversos guias práticos de auxílio a esses emigrantes. Dessa forma, davam uma série de informações, desde o que fazer com a casa e com os campos, como se dirigir a Gênova sem ser logrado; o que colocar na bagagem, até instruções sobre a permanência no navio e como proceder na terra de chegada. Informavam, ainda, como proceder no navio para combater o enjôo, para passar o dia sem meter-se em confusão; falavam da necessidade de respeitar o regulamento de bordo e confiar no capitão em caso de situações de perigo. Por fim, falavam sobre o país de destino, fazendo uma longa descrição sobre a geografia física e política, mostrando as tabelas de salários e de preços de gêneros alimentícios; ensinavam algo

---

<sup>157</sup> QUASI, Annarella. Aspetti della Legislazione in Materia di Emigrazione nel Periodo Liberale. In: FRANZINA, Emilio (a cura di). **Un altro veneto: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20.** Abano Terme: Francisci, 1983.

sobre a história local, uma figura importante e as leis de colonização agrícola, tudo isso, entremeado pelas recordações de viagem do próprio autor do guia, ou de outrem<sup>158</sup>.

Como se pode perceber, informações não faltavam para essas populações rurais vênetas, porém as escolhas tendiam a ser uma resposta aos *sióri*. Enquanto as falas das cartas e propagandistas soavam como de velhos amigos que trazem boas notícias e verdadeiros convites, as falas dos jornais, as leis e os guias são associados aos proprietários rurais e ao prejuízo que a emigração lhes traria:

Qualquer prova tivesse trazido, não teria sido dado crédito por *contadini* cobertos de trapos que esperavam se tornar proprietários [...] E era inútil que o doutor Bianchi se aligeirasse a mostrar-lhes o que estava escrito nos jornais ou nos avisos do delegado, tanto se sabe, eram todos de acordo com as idéias dos *sióri* para impedir aos *contadini* de viver melhor<sup>159</sup>.

Todas as vozes que se erguiam contra a emigração eram associadas aos proprietários, pois todo o infortúnio era atribuído aos *sióri*. Não importava o que fosse, o que acontecesse, alguma coisa eles deviam ter feito:

Mas os *contadini* como podiam viver sem um campo para trabalhar? E depois, algum dia já se viu um prefeito ajudar uma família de colonos? Era justo, competia aos patrões dar de comer aos *contadini*. E se não o faziam? *Ecco*, era justo porque não faziam que eles todos se encontravam naquela situação, naquele trem que não se decidia a partir<sup>160</sup>.

Para esses camponeses, também as normatizações do governo constituíam-se em instrumento utilizado pelos proprietários para os impedir de emigrar:

---

<sup>158</sup> LUPI, Cecilia. Partano pure, ma senza imprecare: le guide per gli emigranti fra ideologia e consigli pratici (1855-1927). In: FRANZINA, Emílio (a cura di). **Un altro veneto: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20.** Abano Terme: Francisci, 1983.

<sup>159</sup> BRUNELLO, Piero. Op. cit. nota n. 152, p. 606. – “Qualsiasi prova avesse portato, non sarebbe stato creduto da contadini coperti di stracci che si aspettavano di diventare proprietari [...] Ed era inutile che il dottor Bianchi si affanasse a mostrargli cosa stava scritto sui giornali o sugli avvisi del prefetto, tanto, si sa, erano tutti d'accordo con i *sióri* per impedire ai contadini di vivere meglio”.

<sup>160</sup> Idem, p. 618. – “Ma i contadini come potevano vivere senza una campagna da lavorare? E poi si era mai visto un sindaco aiutare una famiglia di coloni? Era giusto, toccava ai padroni dar da mangiare ai contadini. E se non lo facevano? *Ecco*, era proprio perché non lo facevano, che si trovavano tutti assieme in quel treno che non si decideva a partire”.

Aos olhos dos *contadini* que se aligeiravam para emigrar, a Assembléia aparecia ao contrário como uma tentativa extrema a qual os *sióri* recorriam para constrangê-los a permanecer submetidos como no passado<sup>161</sup>.

A paisagem desse Vêneto do século XIX era configurada por uma sucessão de campanários, igrejas, praças, sacerdotes com presença forte na comunidade, catolicismo intransigente, grande devoção ao Papa, respeito à autoridade e emigração, essa última, como se pode perceber, constituindo-se em um fenômeno de enormes proporções nas primeiras décadas da unificação. Em alguns casos, uma comunidade inteira emigrou, compreendendo nesse grupo o sacerdote, o qual se sentia impelido a acompanhar seus paroquianos e tornar-se partícipe de sua sorte. Muitos anteviam na emigração uma possibilidade de reviver o cristianismo que segundo eles, se encontrava em decadência na Itália, tendo em vista, em especial, o projeto liberal e anticlerical que se instaurou no período pós-*risorgimentale*.

Uma radiografia da região já era objeto de preocupação na primeira década seguinte à “presa de Roma”. Os anos que se sucederam à unificação viram pontilhar, pela Itália, uma diversidade de pesquisas sobre a cultura, condições de vida, instrução pública, enfim, sob a batuta do cientificismo, buscava-se construir estatísticas sobre os diversos grupos regionais do Reino. Um dos objetivos principais dessa busca por conhecer as especificidades regionais poderia ser entendido na máxima de D’Azeglio, o qual dizia que “feita a Itália, se devia fazer os italianos”. Assim, entre os anos de 1877 e 1884, desenvolveu-se uma das mais conhecidas enquetes desse período pós-unitário, a *Inchiesta agraria e sulle condizioni della classe agricola*, também conhecida por *Inchiesta Jacini*<sup>162</sup>, a qual foi promovida pelo Parlamento do Reino da Itália<sup>163</sup>. Essa tinha por objetivo delinear as características culturais e físicas das populações da península, entendendo

---

<sup>161</sup> Idem, p. 603. – “Agli occhi dei contadini che si apprestavano a emigrare, l’Assemblea apparve invece un estremo tentativo al quale i *sióri* ricorrevano per costringerli a restare sottomessi come nel passato”.

<sup>162</sup> Seu nome ficou popularizado como *Inchiesta Jacini* porque o presidente da junta encarregada da pesquisa, bem como seu relator final, era Stefano Jacini.

<sup>163</sup> SABBATUCCI, Giovanni; VIDOTTO, Vittorio. **Storia d’Italia**. Il nuovo Stato e la Società Civile (1861-1887). Roma: Laterza, 1995.

na pluralidade o tipo italiano. Assim, seus principais pontos de indagação, conforme descrição de Antonio Lazzarini, eram as condições físicas, morais, intelectuais e econômicas dos trabalhadores da terra<sup>164</sup>.

Descrevendo os costumes rurais da região do Vêneto, tendo como referência a Província de Treviso, a pesquisa enfatiza, como já mencionado anteriormente, a capacidade de suportar situações muito adversas de trabalho árduo. Porém, ressalta uma observação relativa à preguiça nos movimentos:

No trabalho são incansáveis e, apesar de preguiçosos nos movimentos, suportam fadiga gravíssima com uma abnegação surpreendente<sup>165</sup>.

Porém, destaca um processo de transformação que vem acontecendo nos últimos tempos – nas proximidades da pesquisa – de aumento da operosidade das populações rurais, muito devido ao aumento das necessidades. Assim, na região de colinas se assiste a um grande aumento das horas trabalhadas na terra. Contudo, isso não pode ser percebido da mesma forma, segundo Antonio Lazzarini, na zona da planície, pois o *contadino*, por ser de fibra ou de pulso menos forte, “tem uma maior necessidade de repouso; trabalha nos momentos de urgência com constância, mas com lentidão”<sup>166</sup>.

Continuando a descrever o trabalho rural, salienta a presença feminina e infantil na produção, guardadas as capacidades de cada um. As mulheres são de ajuda para o momento da sementeira do milho e para a colheita dos cereais, enquanto as crianças dedicam-se à retirada do inço e à poda das plantas. Além do trabalho específico, as crianças ainda são as responsáveis por levar de casa para o campo a comida dos trabalhadores. Ainda é explicado que, devido ao aumento no consumo de polenta – farinha de milho – pois se faz necessário para a alimentação dos trabalhadores, a abolição da taxa para a moedura foi providencial. Dessa forma, se

---

<sup>164</sup> LAZZARINI, Antonio. **Contadini e Agricoltura**. L'inchiesta Jacini nel Veneto. Milão: Franco Angeli, 1983.

<sup>165</sup> Idem, p. 213. – “Nel lavoro sono instancabili e, benché pigri nei movimenti, sopportano fatiche gravissime con una annegazione sorprendente”.

<sup>166</sup> Idem, p. 218. – “ha bisogno d'un maggior riposo; lavora nei momenti d'urgenza con costanza, ma con lentezza”.

retirou uma taxaço que, além de impopular, prejudicava a produção campesina.

Outro destaque às características do habitante da província é a “amizade” com o vinho, o que o faz apresentar uma facilidade para a mudança de humor, passando da cordial amizade à ameaça e a luta corporal:

Hoje se bebe alegremente com o amigo, amanhã, por uma discussão pueril, se passa às ameaças, aos punhos, às pedradas e às vezes, excitados pela *acquavite* ou pelo vinho, se pega a faca em mãos<sup>167</sup>.

Assim, a bebida e a embriaguez são um divisor de águas com relação à cordialidade do habitante da região. Tanto na zona de montanha quanto na de colina, o excesso de ingestão alcoólica faz surgir as bravatas, conduzindo a situações de insultos e provocações sem razão alguma. De qualquer forma, a pesquisa ressalta que esses feitos são mais comuns entre a porção jovem da população, sendo os indivíduos de idade madura mais sérios e inclinados para sua pequena igreja e para seus pertences, casa e animais.

A pesquisa, todavia, faz uma diferenciação entre três grupos entre os habitantes da Província de Treviso: as populações *montanina* – habitantes da zona de montanha; *colligiana* – habitantes da zona de colinas; *campagnola* ou *contadina* – que habitam a planície. Marcam os *montanari* como mais rudes, enquanto a população das colinas fala com mais desenvoltura e seus costumes, após 1866, caminham, embora vagarosamente, para a civilização. Essa diferenciação é especialmente marcada pela edificação de novas escolas municipais, pela difusão do comércio e pela intervenção dos jovens que retornam do serviço militar.

Os *campagnoli* em sua maioria conservam costumes patriarcais, sendo ciumentos de seus costumes e fortemente vinculados a sua comunidade de nascimento e de constituição de suas famílias. Mesmo freqüentando as funções

---

<sup>167</sup> Idem, p.213. – “Oggi si beve e si sta allegramente coll’amico, domani, per una puerile contesa, si passa alle minacce, ai pugn, alle sassate e talvolta, eccitati dall’acquavite o dal vino, si dà la mano al coltello”.

religiosas e, ao mesmo tempo, dando ouvidos às superstições, fazem-no mais por costume que por uma profunda convicção. Eles são valorosos no tempo de trabalho, arduamente se empenhando no cumprimento das tarefas, porém, no tempo invernal, se dedicam a perder tempo no ócio, fechando-se nas estrebarias. Esses hábitos inverniais das longas conversas e da fiação nas estrebarias fazem parte dos costumes, aos quais os *campagnuoli* são fortemente presos:

As longas noites inverniais desta boa gente são destinadas ao *cianciume* e por isso consumadas sem *pro*; somente as mulheres trabalham a fiação do *canape* e do linho. Essa greve voluntária da noite não é mais que o efeito consuetudinário. E os costumes destes *massai*, destes bons operários do campo, são conservados fielmente<sup>168</sup>.

Por estarem vinculados ao apego à tradição, que esses camponeses não desenvolvem indústrias que pudessem ser lugar de trabalho em dias de chuva, de frio e de neve, as quais poderiam ser praticadas com vantagens para a economia doméstica. A única atividade constituída no costume como atividade para o tempo do ócio, do frio, é a fiação desenvolvida pelas mulheres no calor natural das estrebarias.

Dessa forma, a imagem que a pesquisa vai desenhando acerca do Vêneto em geral, e na região de Treviso em particular, é de um fechamento para a novidade e para a vida exterior ao *paese* de nascimento. Voltado para a tradição, acalenta os costumes ancestrais, mostrando, assim, uma dificuldade pela aquisição de novos hábitos, civilizados. Isso certamente diferencia-se nas zonas que participam com mais frequência de processos de trocas, principalmente comerciais e, portanto, acabam convivendo mais com a civilização, dela necessitando.

Outra marca da pesquisa, vinculando-a com o grupo que a está pensando e organizando, é a ênfase dada à mudança que a anexação traz para aquelas populações, no sentido civilizatório. Isso fica marcado quando se enfatiza o ano de

---

<sup>168</sup> Idem, p. 217. – “Le lunghe sere invernali da codesta buona gente sono destinate al cianciume e per ciò consumate senza pro; soltanto le donne attendono alla filatura del canape e de lino. Questo sciopero volontario della sera non è che effetto della consuetudine. E le consuetudine da codesti massai, da codesti buoni operai del campo, sono conservate fedelmente”.

1866, data da anexação ao Reino da Itália, como ponto de mutação, embora lenta, dos costumes. A esse ano, é associada, ainda, a abertura de escolas municipais, bem como a instauração do serviço militar na região:

Os *contadini* de bom grado, durante o serviço militar, sabem tirar proveito daquele pouco ensino recebido nas casernas e, retornados ao seu *focolare*, se encontram em condições de tirar os seus nomes do número dos analfabetos<sup>169</sup>.

Reforça, também, o esforço que tem sido feito pelo governo para dar acesso ao ensino das primeiras letras. Para isso, salienta a obrigatoriedade do ensino e sua adaptação à rotina das populações rurais. Porém, ao mesmo tempo, destaca as dificuldades em fazer cumprir essa normatização, tendo em vista a distância entre habitações, comum na zona agrícola. Assim, não obstante os esforços governamentais, devido às especificidades do trabalho no campo e a organização esparsa das habitações rurais, o número de analfabetos é ainda considerável.

A *Inchiesta* ainda faz menção à discussão acerca da emigração e, estranhamente, tendo seu período de feitura entre os anos de 1877 e 1884, período já de forte saída de emigrantes, atenua esse processo, não o entendendo como um fenômeno relevante. Pelo contrário, e dentro das estratégias do poder público, a caracteriza com um desejo “destes pobres escravos das douradas ilusões”<sup>170</sup>, os quais já em grande número têm perdido esse desejo de partir, devido a diversas cartas chegadas da América, narrando a triste sorte enfrentada por um bom número de emigrantes. Nesse sentido, conclui esse item enfatizando que o fenômeno não está dando sinais de causar preocupações aos proprietários rurais.

Os diversos momentos na vida dos habitantes rurais são também fonte de destaque na enquete. Fala que o povo, apesar da má alimentação, dos trabalhos penosos e de alguns hábitos contrários à boa higiene, é vigoroso e saudável, ressalvadas algumas exceções. Casam cedo, e o serviço militar, além de ser um

---

<sup>169</sup> Idem, p. 215. – “I contadini di buon volere, durante il servizio militare, sanno trar profitto di quel po’ d’insegnamento imprtito nelle caserne e, ritornati al loro focolare, si trovano in grandio di far cassare il loro nome dal numero degli analfabeti”.

<sup>170</sup> Idem, p. 216. – “codesti poveri schiavi delle dorate illusioni”.

“abre alas” para a idade adulta, é a marca da idade matrimonial para o homem; quanto à mulher, nada registra. Apesar da prole numerosa, a mortalidade infantil é freqüente, sendo associada, primeiro, às superstições e, depois, ao hábito de levar a criança, mesmo em rigoroso inverno, ainda recém-nascida, para ser batizada, levando-se em conta um longo trajeto a ser percorrido até a igreja, o qual muitas vezes atinge três quilômetros.

Quanto às causas de mortalidade adulta, é evidenciada a pelagra, a qual grassa em uma quinta parte da população *campagnola*, sendo de pouca monta nas regiões de colina e de montanha. Essa é atribuída sobremaneira à péssima dieta alimentar quotidiana dos pobres camponeses. Nesse sentido, menciona ainda a situação de impotência em que se encontram os hospitais nessa época, haja vista o aumento do número daqueles que os procuram. Entretanto, não deixa de louvar as visitas que fazem os médicos e os esforços no sentido de manter abertas o quanto possível, essas instituições, para dar recuperação e socorro.

Relata também a imprevidência desses camponeses, os quais não organizaram nem *Casse di Rirparmio* nem Sociedades de Socorro Mútuo, pois não compreendem sua importância. Outrossim, informam a pouca atenção dada a escola por esses grupos. No período de inverno freqüentam regularmente a escola municipal, mas simplesmente a abandonam entre os meses de abril e de junho, dificultando que o objetivo de instrução almejado pelo governo se concretize em plenitude.

O ponto da pesquisa que versa sobre as condições morais, físicas, intelectuais e econômicas dos trabalhadores da terra, na Província de Treviso, é concluído com uma advertência acerca do cuidado que os proprietários têm de ter para com as famílias de seus camponeses. Especialmente, destaca que para bloquear a emigração devem ser tomadas medidas que propiciem a permanência regular desses trabalhadores nas propriedades:

Para melhorar a sorte das classes agrícolas e combater indiretamente a emigração, é necessário sobretudo que os proprietários pensem na



condição das famílias agrícolas, as quais consagram as suas fadigas, o seu suor, para o cultivo da terra, garantindo-lhes com aluguéis de longa duração. Então, afastada em parte a miséria dos trabalhadores, com um pouco de filantropia pelos proprietários, entraremos em uma era de mais alegria e de melhor sorte. Haverá mais amor ao trabalho e a terra dará seus frutos mais copiosamente<sup>171</sup>.

Entretanto, para que essa melhoria fosse alcançada, seria necessário promover algumas transformações nas relações de aluguel da terra, as quais mantinham uma grande instabilidade, haja vista que eram contratos verbais, renovados a cada ano. Isso provocava uma grande incerteza aos arrendatários, pois a cada ano o preço do aluguel pode subir, obrigando-o a abandonar a terra, a buscar um novo arrendador. Isso, segundo os dados da pesquisa, mantém um pouco avanço nas técnicas de produção, o que gera um constante desgaste do solo e uma estagnação na produtividade.

Essa baixa produtividade ainda é atribuída as sucessivas divisões que vem sofrendo as famílias camponesas, das quais pouco se vê hoje os traços das antigas famílias patriarcais composta por mais de trinta membros. A sempre mais constante separação entre consangüíneos, está conduzindo ao surgimento de famílias pouco numerosas, grandemente composta por crianças e mulheres, que não conseguem dar conta do trabalho regular da propriedade alugada, o qual requer grande fadiga.

De qualquer forma, essa não foi a única enquete efetivamente levada a cabo no Reino da Itália, neste último quarto do século XIX. Embora não sendo implementada pelo Estado, diversas foram as pesquisas de cunho positivista, realizadas nesse período. *A Inchiesta sulle superstizioni in Italia*, dirigida por Paolo Mantegazza, buscava radiografar as crendices populares italianas, para evitar sua perda em um mundo de acelerada transformação e avanço da civilização. Assim, a Sociedade italiana de Antropologia, Etnologia e Psicologia comparada, através do

---

<sup>171</sup> Idem, p. 221. – “Per migliorare quindi la sorte delle classi agricole e combattere indirettamente l’emigrazione, è necessario sopra tutto che i proprietari pensino alla condizione delle famiglie agricole le quali consacrano le loro fatiche, i loro sudori per la coltivazione della terra, garantendole con affitanze di lunga durata. Allora, allontanata in parte la miseria dei lavoratori con un po’ di filantropia dei proprietari, entreremo in un’era più ridenti e più fortunata. Ci sarà più amore al lavoro e la terra darà più copiosi i suoi frutti”.

*Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*, publicava, em 1887, os resultados dessa sondagem.

As superstições são classificadas, no âmbito da pesquisa de 1887, em nove grupos: religiosas – bruxas, diabo, santos, espíritos; bons e maus agouros – dias venturosos e desgraçados, objetos que trazem sorte ou azar; meteorológicas – sinais do tempo e profecias sobre as estações; agrícolas – êxito nas colheitas, desenvolvimento das plantas e dos animais; caça e pesca; amorosas – coisas que provocam amor ou ódio; saúde, doença e morte – gravidez, parto, longevidade, remédios, virtude curativa de pessoas em particular; jogo; e, por fim, as superstições de qualquer outro tipo. Assim, esses eixos que basicamente lidavam com um mundo rural, e seu complexo de sensibilidades e sociabilidade que estava se diluindo na contemporaneidade, procuravam guardar as marcas dessa cultura em “extinção”, para preservar as realidades locais que vão se desvanecendo.

No que se refere ao Vêneto, se ocuparam da pesquisa Giambattista Bastanzi, da região de Vittorio Veneto e Pio Mazzucchi, do Polésine, publicando artigos sobre a temática das superstições, em suas respectivas províncias, a partir do *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*. Giambattista escreveu *Superstizioni religiose nelle provincie di Treviso e di Belluno*, em 1887, enquanto Pio, no ano de 1888, redigiu *Leggende, pregiudizie e superstizioni del volgo nell'Alto Polesine*<sup>172</sup>:

Substancialmente, esses testemunhos confirmam o *corpus* das superstições reveladas setenta anos antes na *Inchiesta* napoleônica, carregando-se no máximo de novas ou *ribadite asprezze* anticlericais<sup>173</sup>.

A religião é um elemento destacado na pesquisa, sendo a paróquia, o local por excelência no qual o *contadino* se sente humano. Fora dela, escreve Bastanzi, existe apenas a espoliação, seja da multa cobrada pelo prefeito; sejam as

---

<sup>172</sup> BERNARDI, Ulderico. Op. cit., nota n. 95.

<sup>173</sup> Idem, p. 339. – “Sostanzialmente queste testimonianze confermano il *corpus* delle superstizioni rilevate settant'anni prima nell'Inchiesta napoleonica, caricandosi semmai di nuove asprezze anticlericali”.

obrigações cobradas pelos patrões; sejam as cobranças do *maestro*, na escola. Assim, a paróquia torna-se o lugar de encontro com um mundo mais próximo ao paraíso e a benção sacerdotal cada vez adquire mais esse efeito de bálsamo na aspereza da vida cotidiana.

Quanto às superstições, recorda o uso de beber um gole de vinho branco, ao acordar-se, no dia primeiro de agosto. Esse receituário teria efeito para combater as temíveis febres de agosto, sendo ao referido hábito associado um ditado popular: *Frève autunal o longa o mortal*. Portanto, o ato de beber em jejum o vinho traria a certeza da vitória sobre essa doença perniciosa em um momento de grande necessidade de braços para o trabalho.

Essa visão panorâmica expressa até então, permite visualizar o contexto de transformações que vinha sofrendo o Vêneto, pós-*Sereníssima* e pré-Reino Itálico. Pode-se observar como se estava construindo em grandes linhas essa imagem da terra de partida por aqueles que acabarão, na segunda metade do século XIX, emigrando para terras de além-oceano, trazendo consigo uma imagem reelaborada da própria região.

O século XIX foi o momento de expansão do processo industrial pela Europa, promovendo um intenso desenvolvimento do capitalismo. O fenômeno ambíguo e contingente da modernidade que chega em regiões marcadas pela tradição conduz a uma progressiva perda de práticas culturais e sociais de solidariedade e sociabilidade de origem secular. Nesse mesmo processo de perda nasce o seu contrário, a preservação. Dessa forma, a segunda metade do século XIX será marcada, também, pela busca do cultivo da tradição, do folclore e das características dialetológicas regionais, bem como pelo nascimento de instituições que se dedicam à conservação da tradição, como o já mencionado *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*.

Com o processo de unificação e busca da construção da nação italiana, resgatam-se alguns lugares de memória das populações da Península, os quais

procuram ser emblemas de uma unicidade identitária. De qualquer forma, essas marcas entendidas como nacionais apresentam peculiaridades em cada região, vinculadas a suas trajetórias específicas de constituição. Assim, percebe-se a necessidade de aprofundar o olhar em alguns pontos dessa construção imagética, em alguns lugares de memória do Vêneto do século XIX que serão transportados na bagagem nostálgica desses egressos da Península Itálica.

## **2 O IMAGINÁRIO *CONTADINO* VÊNETO NO SÉCULO XIX: LUGARES DE MEMÓRIA DA CULTURA RURAL**

No primeiro capítulo, se pôde perceber que a cultura rural vêneta foi sofrendo uma acelerada transformação ao longo do século XIX, em parte movida pelas mudanças trazidas pelo ocaso da ancestral República de Veneza, em parte levada a cabo pelas transformações sociais inerentes ao processo de desenvolvimento do capitalismo na região. Dessa forma, as tradições e superstições rurais, a rigor todo um mundo imagético campesino, está passando por um momento de re-elaboração. Essa situação não escapa aos contemporâneos, os quais tentam resgatar os traços dessa cultura antes que sejam perdidos. Pode-se perceber a busca de um resgate dos hábitos *campagnuoli* pelos trabalhos do *Archivio di Antropologia e Etnologia*, o qual promove uma série de publicações em finais do século XIX<sup>174</sup>.

Embora essa acelerada alteração de costumes tenha reconstruído hábitos comunitários ancestrais e edificado outros, muito dessa cultura campesina será trazida na bagagem daqueles que partem para a “Mérica”. Mesmo sendo fruto de uma intensificação no processo de implantação do capitalismo no Vêneto, a emigração será, também, um instrumento de manutenção, além-mar, de costumes camponeses ainda remanescentes das antigas sociedades rurais vênetas.

No presente capítulo tem-se por objetivo tecer, com os fios da tradição, da superstição, das fábulas e dos hábitos de sociabilidade, a teia de memórias e imagens que se construiu no Vêneto do século XIX e que será, mesmo que re-figurado, transportado para a zona da serra gaúcha, no Brasil. Nesse intuito ter-se-á, em um primeiro momento, como marcos fundamentais, os lugares de memória subdivididos por Mario Isnenghi em três subgrupos: personagens e datas da

---

<sup>174</sup> BERNARDI, Ulderico. Op. cit., nota n. 95.

Itália unida, estruturas e eventos, símbolos e mitos<sup>175</sup>. Em um segundo momento discutir-se-á as imagens da superstição na região a partir de romances locais, das fábulas, dos ciclos lunares e dos ditados populares. O *filò*, entendido não somente como lugar de memória da imigração no Rio Grande do Sul, mas como *locus* privilegiado de reprodução da tradição, será elemento de análise em um terceiro momento do capítulo.

## **2.1 Entre caixotes e malas a imagem da terra deixada: construções de memória sobre o Vêneto da unificação**

No que se refere ao primeiro momento, cabe mencionar que será discutido a partir de elementos específicos que compõem cada um dos subgrupos. Em tangência aos personagens e datas da Itália unida, focar-se-á basicamente a figura do *tedesco*, alteridade inquietante e a obra *Cuore*<sup>176</sup> e *Sull'Oceano*<sup>177</sup>, lugares de memória do fenômeno emigratório. Da questão relativa às estruturas e aos eventos, abordar-se-á a relação *Paese/paesi*, enquanto marco do sentimento de pertença, esse associado à imagem da paróquia e da *piazza*, não esquecendo a figura do café e da *osteria*. Por fim, referindo-se à problemática dos mitos e símbolos da Itália unida, analisar-se-á a construção emblemática do sino e do campanário, da ópera, dos hinos e canções.

O *tedesco*, figura já abordada no capítulo anterior, especialmente identificado com o opressor austríaco, o qual tem sua imagem associada ao estrangeiro saqueador e violento, herdeiro mais dos hunos que dos teutos e germânicos, ao longo e ao final do processo de unificação será sempre mais entendido enquanto personificação do alemão. Cria-se uma justa tensão na percepção da Itália nascente e acerca da Alemanha, também recém-formada, que

---

<sup>175</sup> ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997. – A obra é composta por três volumes, cada um deles abordando um dos subgrupos nominados.

<sup>176</sup> DE AMICIS, Edmondo. **Cuore**. Turim: Einaudi, 1972.

<sup>177</sup> DE AMICIS, Edmondo. **Sull'Oceano**. Milano: Fratelli Treves, 1925.

mescla a admiração pela arte, pela técnica e pela ciência alemãs e o medo da ação do Estado – enquanto receio ao expansionismo alemão, o qual já fazia parte de seu processo de unificação.

Mesmo a relação de proximidade, a partir da Tríplice Aliança, em 1882, constituiu-se mais como uma escolha política de conveniência, vinculada a esse receio de uma invasão alemã. Essa busca de uma unidade de interesses de duas nações recém-unificadas, em confronto a impérios já constituídos, devido a questões identitárias, não proporcionou a aproximação dos dois povos, ou um maior calor nas relações entre os dois países, mas manteve uma separação só percebida quando da eclosão da Primeira Guerra Mundial.

A associação entre dominador e *tedesco* impregnou tanto o imaginário coletivo, que levou, inclusive, o Ministério da Cultura Popular, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a fazer uma solicitação para a não-utilização do termo *tedesco* se referindo aos aliados alemães:

Com o fim de se entender de uma vez por todas acerca da terminologia a ser usada com relação aos nossos aliados, evitar o termo *tedesco*, que naquelas regiões já dominadas pela Áustria servia para indicar genericamente o dominador, se bem que fosse austríaco e não *tedesco*, e usar o termo ‘*germanos*’, que é muito mais sonoro<sup>178</sup>.

Esse sentimento de despreço é parte constituinte da identidade italiana, ou melhor, constituiu-se enquanto lugar de memória de um não-ser, de um contrário ao povo de Dante. Mais forte ainda se faz sentir na região do Vêneto, não somente por ter sido um dos pontos centrais da dominação austríaca na Itália setentrional, mas por ter sido, também, o cenário de sangrentas lutas travadas com os *tedeschi* na Primeira Guerra Mundial, das quais ainda restam visíveis sinais de memória no território, como das batalhas travadas na zona de *Montello*, na província de Treviso.

---

<sup>178</sup> COLOTTI, Enzo. I Tedeschi. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997. p. 77. – “Al fine di intendersi una volta per tutte circa la terminologia da usarsi nei riguardi dei nostri alleati, evitare il termine *tedesco*, che in talune regione già dominate dall’Austria serviva indicare genericamente il dominatore, sebbene questo fosse austriaco e non *tedesco*, e usare il termine ‘*germanici*’, che è molto più orecchiabile”.

A literatura fornecerá ainda outros lugares de memória da Itália *risorgimentale*, procurando, especialmente no ambiente escolar, construir um sentimento de pertença ao território peninsular que se tornava uma só nação. Nesse sentido, a obra *Cuore*, de Edmondo De Amicis, será particularmente importante, pois busca dar a conhecer, através das aventuras e desventuras de Enrico, o que corre “nas veias da Itália”<sup>179</sup>.

Através do mundo de Enrico, aluno da Escola Elementar – seção Baretta – pela narrativa de seu diário, constrói-se o retrato de uma nação pobre e digna. No mundo de *Cuore* circulam os diversos tipos sociais que compõem a jovem nação, desde os poucos que foram já premiados com os êxitos imediatos da unificação até tantos outros não convencidos e mau dispostos a seguirem um roteiro de sacrifícios e de lutas pela construção da nação.

Também a imagem de um povo marcado pela emigração é narrada nesse ano escolar de Turim de 1881-1882, destacando a aspereza desse fenômeno. Em capítulos como *Il piccolo patriota padovano*, *Dagli Appenini alle Ande* e *Naufragio*, De Amicis traz a público um tema próximo e duro para a Itália dos anos 1880:

Um resumo preciso de alguma coisa que se aproxima as suas condições e as suas perspectivas: o destino do emigrante fraco, pobre, expulso, abusado<sup>180</sup>.

Na obra, coloca-se a importância da escola e da luta contra a ignorância, marcada na batalha do pai de Enrico, mas não se deixa de trazer a luz a experiência da viagem, da experimentação cognoscitiva de outros espaços, de outras culturas. Nesse momento, a figura de De Amicis se aproxima muito do cronista viajante de *Sull'Oceano*, o qual é fruto de uma sua viagem à América, em 1884.

---

<sup>179</sup> FAETI, Antonio. *Cuore*. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997.

<sup>180</sup> Idem, p. 109. – “Un resoconto preciso di qualcosa che si stringe alla loro condizione e alle loro prospettive: il destino dell'emigrante imbecille, povero, respinto, sfruttato”.



Edmondo, nessa obra, constrói uma imagem que permanecerá como ponto de referência nas histórias sobre a travessia do oceano. A saga da terceira classe, dos emigrantes que deixavam o porto de Gênova a caminho da América, da terra da promessa, no caso em uma nave que rumava à Argentina, será reconstruída em toda sua tessitura interna. Também nesse escrito, o autor buscará remontar um universo de relações que se dá no interior da nave, desde os contatos intraclasse – entre os passageiros da terceira classe – até os encontros entre classes distintas, como com a primeira e a segunda. Ora na proa, ora na popa, ou, ainda, nas refeições no grande salão de primeira classe, De Amicis narra esses momentos particulares da travessia<sup>181</sup>.

O livro inicia com a narrativa da brutal miséria quando do embarque no porto, na nave *Galileo*. Em um dado momento ouve-se uma voz dizendo: “– Quem não é passageiro, à terra<sup>182</sup>!” Em seguida, pode-se perceber, em alguns, já os primeiros sinais de nostalgia, da tristeza da partida, da recordação das coisas que ficam para trás. Após o anúncio, o autor descreve as reações:

Estas palavras fizeram correr um arrepio [...]. Então, das mulheres estourou um choro, dos jovens que riam se fizeram sérios, e se viu alguns homens barbudos, até agora impassíveis, passarem-se a mão sobre os olhos<sup>183</sup>.

De outra parte, De Amicis ainda observa um velho que brada contra a pátria:

Próximo ao castelo de proa uma voz rouca e solitária gritou em tom de sarcasmo: – Viva a Itália! – e elevando os olhos, vi um velho alto que mostrava o punho à pátria<sup>184</sup>.

Em um primeiro momento, parece contraditório ver-se pessoas que

---

<sup>181</sup> DE AMICIS, Edmondo. Op. cit. nota n. 177.

<sup>182</sup> Idem. p. 6. – “Chi non è passeggera, a terra!”

<sup>183</sup> Idem, ibidem. – “Queste parole fecero correre un fremito [...]. Allora delle donne scoppiarono in pianto, dei giovani che ridevano si fecero seri, e si vide qualche uomo barbudo, fino allora impassibile, passarsi la mano sugli occhi”.

<sup>184</sup> Idem, p. 7. – “Vicino al castello di prua una voce rauca e solitaria gridò in tuono di sarcasmo: – Viva l’Italia! – e alzando gli occhi, vidi un vecchio lungo che mostrava il pugno alla patria”.

choram e se entristecem em contraposição a uma cena de ressentimento para com a pátria. Aqui cabe recordar um ponto já trabalhado no capítulo anterior, ou seja, a dupla relação para com a pátria, sendo entendida como a nação italiana e como o local de nascimento. Dessa forma, as duas cenas podem ser complementares na construção desse quadro da partida para o além-mar, se a desilusão para com a Itália – Estado unificado – é verdadeira, a melancolia e a tristeza por deixar o pequeno *paese* e toda uma rede de sociabilidade e solidariedade também traz em si sua verdade. O próprio De Amicis corrobora com essa percepção mais adiante, quando percebe nesses homens e mulheres mais a face de deportados que de emigrantes<sup>185</sup>.

Segue contando que a bordo pode-se encontrar um pouco de toda a Itália, enfim, fome e coragem de todas as províncias. Observa, então, que da proa à popa a imagem é de fazer medo:

Uma variedade admirável de rostos cansados, tristes, risonhos, atônitos, sinistros; muitos dos quais faziam crer verdadeiro que a emigração leve para fora do país os germens de muitos delitos<sup>186</sup>.

Em suas descrições, faz questão de destacar que esses rostos, embora trouxessem em si marcas da dor, tinham proveniências diversas não somente quanto à província de origem, mas também por lugares sociais diferentes. Marcando os diversos tipos sociais que giravam pelo navio, Edmondo dá a conhecer, à corista, que viajava sozinha e, com suas atitudes, despertava a ira e o ciúme das senhoras casadas; pessoas com algum padrão que se viram constringidas a emigrar devido a uma desventura; mulheres destruídas pela vida; e outras que mantinham feições angelicais. Enfim, faz perceber que o contexto geral da emigração é formado por um grande mosaico de particularidades, vindo à tona as mais diversas situações vinculadas ao porquê da partida para a América. Assim, termina comentando a busca de novas experiências e de uma melhora na vida, enquanto motivos para a viagem:

Tinham muitos que poderiam ter trabalhado honestamente na pátria, e

---

<sup>185</sup> Idem, p. 18.

<sup>186</sup> Idem, p. 42. – “Una varietà mirabile di facce stanche, tristi, ridenti, attonite, sinistre; molte delle quali facevan credere vero che l’emigrazione porti via del paese i germi di molti deliti”.

que emigraram somente para sair de uma mediocridade, da qual haviam decidido de não se contentar; e, também, muitos outros que, deixados a casa os débitos dolorosos e a reputação perdida, não andavam à América para trabalhar, mas para ver se teria melhor ar que na Itália para o ócio e para a patifaria<sup>187</sup>.

Seguindo ainda em um jogo de imagens sobre a terra de partida, o autor coloca na fala de um agente de câmbio a duplicidade imagética do emigrante sobre ela. O texto inicia na fala de um emigrado que, ao tornar à Itália, em sua viagem de retorno à América – essa que narra o livro – queixava-se do país que havia encontrado. Criticava a Câmara dos Deputados, o governo atrasado, o povo de mendigos e, também, os monumentos. Afirmava que o *Duomo* de Milão parecia maior quando ele havia partido. Sobre essa fala rebate o agente de câmbio, dizendo que do outro lado do oceano fazia-se o jogo oposto, reclamando de tudo que se encontrava na nova terra e exaltando com orgulho a pátria distante.

Certamente esse jogo narrado por De Amicis pode ser pensado, como estratégia consciente de fazer-se importante no novo meio social. Porém, de outra parte, pode ser o início de um processo de construção de uma nova dimensão pátria. A terra que um dia se deixou não existe mais, ao menos a visão que dela se tinha não se encontrará mais. A terra na qual se chegou não é o paraíso sonhado: torna-se, também, um lugar de desilusão. Dessa forma, o imigrante adentra um espaço intermediário, constrói uma cultura *intermezzo*, pois a pátria imaginária que carrega em si não corresponde mais à realidade concreta da sua experiência. Esse homem que a pátria deixa e busca construir uma nova vida, e elege uma terra outra, é bem percebido por Ugo Foscolo<sup>188</sup>, o qual, mesmo de outra maneira, vive essa situação:

O homem [...] o qual tem duas pátrias, a nativa e a eletiva, termina em não ter nenhuma, e permanece um exilado por toda a vida. [...]

---

<sup>187</sup> Idem, p. 47. – “Ci saranno stati molti che avrebbero potuto campare onestamente in patria, e che non emigravano se non per uscire da una mediocrità, di cui avevano torto di non contentarsi; ed anche molti altri che, lasciati a casa dei debiti dolorosi e la reputazione perduta, non andavano in America per lavorare, ma per veder se vi fosse miglior aria che in Italia per l’ozio e la furfanteria”.

<sup>188</sup> Literato originário da ilha jônica de Zante, o qual mudou-se para Veneza, com toda a família, pois sua mãe, viúva empobrecida, ali tinha certos negócios ainda pendentes do esposo. Assim, nascido em terras dependentes da República de Veneza, escolhe por eleição a cidade de Veneza como pátria. Apoiou os franceses quando esses se instalaram em Veneza, porém com a entrega da ex-República ao Império Austríaco, ficou cheio de desilusão e, até, de desconfiança e ódio para com Bonaparte e a democracia francesa.

Assim, a morte o tomará em qualquer lugar como em uma pensão pública<sup>189</sup>.

Com uma mescla de ódio e nostalgia percebiam a pátria, pois essa trazia em si as duas cores. A mesma Itália das relações ao interno da comunidade, das comadres que se encontravam diariamente, dos amigos da *bottega* ou das frias noites de *filò* na *stalla*, era a Itália dos *siori*, dos proprietários e de seus capatazes. Uma Itália se queria manter na lembrança como a doce recordação do *pays de mon enfance*, a outra, se estava procurando deixar para trás, pois era dela que se fugia e era ela que se odiava. Essa segunda figuração da pátria será observada pelo autor-narrador, Edmondo De Amicis, no capítulo “Rancores e Amores”:

Eu não tinha pensado ao estado de ânimo no qual era natural que se encontrassem muitas daquelas pessoas, enquanto ainda tumultuava nelas as memórias da vida intolerável, pela qual tinha decidido deixar a pátria, e aceso todavia o ressentimento contra aquela variada legião de proprietários, cobradores de impostos, agentes [...] designados todos com o nome genérico de *signori*, e cridos todos conjurados para seu prejuízo, e autores primeiros da sua miséria<sup>190</sup>.

Em toda a narrativa se percebe o mesmo sentimento de *Cuore*, ou seja, um povo pobre, mas digno, que buscava saídas para a situação em que se encontrava. Sente-se em toda a narrativa o lamento dessa miséria errante da pátria, desse sangue que verte da artéria da nação, desses filhos despojados de terra e de pão, para, ao final, ver-se um *mea culpa*, quando o autor assume sobre si e sobre um grupo, ao qual ele chama de “nós”, a culpa desse êxodo de co-nacionais, porque não se os amou o suficiente, porque não se trabalhou o suficiente para o seu bem. Por fim, expressa a idéia de uma indissociabilidade dos egressos da Península Itálica:

---

<sup>189</sup> PIERI, M. *Opere varie inedite originale e tradotte*. Firenze, 1851. p. 359 apud STOCCHI, Manlio. 1792-1797: Ugo Foscolo a Venezia. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della cultura veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 23. – “L'uomo [...] il quale ha due patrie, la nativa e l'eterna, termina col non averne nessuna, e riman fuoruscito per tutta la vita. [...] Così la morte coglierà dovunque come in pubblico albergo”.

<sup>190</sup> DE AMICIS, Edmondo. Op. cit. nota n. 177, p. 83. – “Io non avevo pensato allo stato d'animo in cui era naturale che si trovasse molta di quella gente, mentre erano ancora tumultuanti in essa le memorie della vita intollerabile, per troncar la quale avevano deciso di lasciar la patria, e accesso tuttavia il risentimento contro quella svariata falange di proprietari, esattori, fattori [...] designati da loro col nome generico di signori, e creduti congiurati tutti insieme ai loro danni, e autori primi della loro miseria”.

Porque a pátria e o mundo sois vós, e até quando vós chorardes sobre a terra, toda felicidade dos outros será egoísmo, e todo nosso orgulho, mentira<sup>191</sup>.

A trajetória épica do *Galileo*, desde sua partida do porto de Gênova até a antevisão da Argentina, é envolvida por De Amicis em um acontecimento de dor e tristeza, privo de esperança, uma constante melancolia e cansaço. Para o autor, aquilo que se deixava para trás era desilusão e o que esperava o viajante também o era. Essa imagem de uma eterna dor é emblemática quando se cruzam duas naves no oceano, o *Galileo*, que se dirige à América e o *Dante*, que de lá retorna. Nesse momento, escuta-se um murmúrio transformado em gritos, tanto daqueles que retornam à pátria quanto daqueles que a estão deixando. Nas palavras trocadas Edmondo constrói um quadro de dor e sofrimento:

A dolorosa recordação da pátria, a alegria de revê-la em breve, a esperança de a ela retornar um dia, a maravilha e felicidade afetuosa de encontrar os irmãos, de sentir a voz e o hálito da Itália na solidão do Atlântico imenso<sup>192</sup>.

O final da saga traz em si o dar-se conta que a pátria foi deixada, que realmente se está diante de uma nova vida, de uma nova existência. Essa imagem de efetivo rompimento com a terra de partida é construída pelo autor com a narração sobre uma senhora que somente ao ver a América se deu conta de ter abandonado irrevogavelmente o seu país e isso apertou-lhe o coração e a levou ao choro.

As duas obras de Edmondo De Amicis, *Cuore* e *Sull'Oceano*, constituem-se enquanto lugares de memória da nação que se está construindo. Na primeira vê-se a necessidade do trabalho árduo para o soerguimento da nação, a qual é estraçalhada pela miséria e pela dor – vindo ao encontro da necessidade já enunciada no capítulo anterior, de fazer os italianos – e mesmo a emigração, nesse contexto, entra como uma sangria nacional a ser estancada. Na segunda, em que se

---

<sup>191</sup> Idem, p. 221. – “Perché la patria e il mondo siete voi, e finché voi piangerete sopra la terra, ogni felicità degli altri sarà egoismo, e ogni nostro vanto, menzogna”.

<sup>192</sup> Idem, p. 328. – “Il rimpianto della patria, la gioia di rivederla tra breve, la speranza di ritornarvi un giorno, la meraviglia e l'allegrezza affettuosa d'incontrar dei fratelli, di sentir la voce e l'alito dell'Italia nella solitudine dell'Atlantico imenso”.

tem a narrativa da viagem de De Amicis, a qual também serviu à elaboração da obra anterior, a figuração do fenômeno emigratório como experiência de dor e melancolia é ainda mais reforçada, bem como o sentimento de abandono pelo governo.

Seguindo em nosso itinerário de memórias da Itália unida, não se pode deixar de marcar uma data que se constitui enquanto marca emblemática da ascensão de uma Itália laica e unida, o vinte de setembro, conhecido também como a *presa di Roma*, em 1870. Essa conquista já era sonhada na aspiração mazziniana de construção de uma terceira Roma, aquela do povo, depois de uma dos césares e outra dos papas<sup>193</sup>.

No fechamento dos debates parlamentares sobre as anexações, em outubro de 1860, pela primeira vez se afirmava que Roma devia se tornar a capital da Itália. A rigor, já em vezes anteriores ao vinte de setembro de 1870, intentou-se tomar a cidade papal, principalmente pela figura emblemática que essa conquista representaria. Porém, a efetiva conquista só foi possível nesse momento de enfraquecimento do Império Francês, o qual era defensor do Pontífice. Assim, ainda em cinco de setembro, o Conselho de Ministros decidiu pela tomada da cidade. Após diversas tentativas de acordo com a Santa Sé, para evitar a prova de força, tendo em vista, inclusive, os conflitos internos que tal intervenção armada traria, pois muitos políticos eram católicos praticantes, na alvorada de vinte de setembro Roma foi conquistada.

Para os grupos políticos que definiram a anexação, a tomada de Roma foi uma vitória e um avanço necessário no processo de laicização da Península. De outra parte, para os grupos do catolicismo intransigente, do qual o *contadino* vêneto era forte representante, o vinte de setembro representa o ápice de um processo político-ideológico anticatólico e anticristão<sup>194</sup>. Nesse sentido, a chegada da dinastia de Savóia ao poder, em Roma, significava uma ferida mortal à liberdade e à

---

<sup>193</sup> VERUCCI, Guido. Il XX Settembre. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997.

<sup>194</sup> Idem.

independência do Sumo Pontífice e, conseqüentemente, à ação da Igreja enquanto instituição.

De qualquer forma, será o período pós-unitário que trará uma grande disputa pela elaboração de uma determinada percepção sobre o vinte de setembro. Podem ser percebidos, nesse momento, três grupos buscando conduzir o processo de construção de uma imagem para a data. O Estado, procurando não conflitar com a Igreja, organiza comemorações oficiais sóbrias para o enaltecimento da unidade, com paradas militares e iluminação de prédios. Alguns círculos políticos, como de anticlericais, de maçons e associações operárias, promoviam manifestações públicas, festejando, para além da unificação, o abatimento do poder temporal do Papa. Era uma autêntica “Festa Revolucionária”, com ocupação do espaço público, jogos, sátiras, especialmente nos bairros populares. Para a Igreja, ao contrário, que faz a parte dos vencidos, a data era de luto e oração – de visitas de homenagem ao Papa. Nesse lado do campo de batalha, o catolicismo intransigente acentuava, no vinte de setembro, as discussões antiliberais e antiunitárias.

Esse mal-estar, entre os chefes de Estado que se seguiram e os pontífices – como comentado no capítulo anterior – durou por um longo período até a assinatura do tratado de Latrão, em 1929, sob o Fascismo. A relação entre a Igreja e o Estado italiano, embora sempre tendo a marca do Papa que se fecha no Vaticano, foram mais ou menos ásperas de acordo com a orientação dos ministérios que se sucediam, ora menos anticlericais, ora mais.

### **2.1.1 Territorialidade sensível: a paisagem rural vêneta de finais do século XIX como marca identitária**

A geografia identitária ainda tem, como lugares de mapeamento da memória social, as estruturas e eventos que compõem esse sentimento de pertença à coletividade. Nesse sentido, observa-se, em primeiro lugar, a relação que se estabelece entre *Paese e paesi*. O conceito enciclopédico revela uma definição que

faz transportar a espaços de sensibilidade, a um lugar físico, porém repleto de sensações não concretas: “lugar onde se nasceu e se viveu por um longo período. Pequeno centro habitado, geralmente rural (maior que o *villaggio*)”<sup>195</sup>.

O termo *paese* traz em si, a partir de seu conceito, duas percepções que se cruzam e se complementam: por um lado, a imagem do lugar de nascimento, ou de adoção, criam um sentimento de doce retorno às coisas de criança, a uma visão idílica da experiência concreta da quotidianidade; por outro lado, a idéia de um pequeno centro rural conduz o pensamento à antevisão de uma cultura fechada, marcada pela tradição e pelos laços estreitos das relações interpessoais, uma vivência diária marcada pelos mesmos encontros, com as mesmas pessoas.

De imediato vê-se a conexão de *paese* com as experiências mais íntimas do ser, com a casa paterno/materna; com a alimentação, seus aromas e sabores; com as festas. Enfim, pensar essas experiências é mergulhar em um mundo de recordações, de nostalgia. Em todos os lugares que se vai, o sentir os mesmos cheiros, o saborear as mesmas comidas, o ouvir as mesmas canções, tudo permite essa ruptura entre tempo e espaço e, como em um piscar de olhos, o mundo se transforma e nosso tempo imaginário dá um salto para trás e nos transporta a esse tempo mágico ao qual se vincula o *paese*.

A canção de Migliacci-Fontana sintetiza essa relação próxima que se dá, especialmente no Vêneto, com o lugar dos grandes referimentos de vida:

Meu *paese* que está sobre a colina/ deitado como um velho adormecido/ o tédio, o abandono, o nada/ são a tua doença/ meu *paese* te deixo e vou embora [...] Comigo trago o violão se de noite chorar/ uma canção de *paese* tocarei. [...] Quase todos meus amigos se foram/ e os outros partirão depois de mim/ pecado porque se estava em bem na sua companhia/ mas tudo passa tudo se vai/ O que será, o que será, o que será/ o que será da minha vida quem o sabe/ sei fazer tudo ou talvez nada/ amanhã se verá/ o que será, será aquilo que será<sup>196</sup>.

---

<sup>195</sup> Enciclopedia Universale Rizzoli-Larousse apud CLEMENTE, Pietro. *Paese/Paesi*. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997. p. 7. – “Luogo dove si è nati e si è vissuti per lungo tempo. Piccolo centro abitato, generalmente rurale (più grande del villaggio)”.

<sup>196</sup> MIGLIACCI-FONTANA. *Che sarà* apud CLEMENTE, Pietro. *Paese/Paesi*. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997. p. 8. – “Paese mio che stai sulla collina/



Esse lugar de encontro consigo mesmo que se chama *paese*, esse velho adormecido sobre a colina, é o lugar por excelência da nostalgia, de uma dolorosa recordação daquele que deve partir – à memória dos amigos, da partida, do retorno, ou da sua impossibilidade, são expressões que dão sentido ao termo *paese*. Ainda se conectam a ele tanto lugares físicos de memória – como a praça, a igreja, o campanário quanto lugares imagéticos e simbólicos – como a comunidade, os amigos, as recordações, a distância, a nostalgia, a infância, o amor. Nele se dá o encontro com as coisas mais íntimas da vida, com o dialeto, a forma doce e familiar de expressão; é o lugar da sociabilidade e onde se apreende o sentido da vida<sup>197</sup>.

Ao buscar-se compreender um ponto de cruzamento entre o *paese* e o campanário, o sino, o cemitério e a igreja, percebe-se uma forte ligação afetiva de pertença, a qual os vincula à casa, à mãe, ao pai, à morte. Constrói-se, assim, um campo semântico conector, não uma precisão geográfica, mas a interpenetração de relações e de vozes amalgamadoras de um sentimento tanto físico quanto metafísico. Ele é entendido enquanto lugar da tradição, de uma marca de permanência da relação entre o homem e Deus, através da Igreja, que se origina ainda no medievo. Enquanto fruto da construção das comunidades rurais ao entorno da igreja, o *villaggio* se abre ao fundamentalismo cultural e à catolicidade, negando a laicidade, a abertura, o individualismo moderno. Dessa forma, a relação Igreja-povo, que se concretiza no *paese*, forma uma força centrípeta que evoca constantemente o passado.

A relação identitária que se constrói a partir do *paese* compõe-se de uma correlação entre um “somos” e um “não-somos” – os outros – sendo essa dinâmica da alteridade a produtora de um entendimento sobre o grupo. Então, não se pode pensar uma autopercepção interna na comunidade *paesana*, sem o seu entorno,

---

disteso come un vecchio addormentato/ la noia l'abbandono il niente/ son la tua malattia/ paese mio ti lascio e vado via [...] Com me porto la chitarra se la note piangerò/ una nenia di paese suonerò. [...] Gli amici miei son quasi tutti via/ e gli altri partiranno dopo me/ peccato perché si stava bene in loro compagnia/ ma tutto passa tutto se ne va/ Che sarà che sarà che sarà/ che sarà della mia vita chi lo sà/ so far tutto o forse niente/ da domani si vedrà/ che sarà, sarà quel che sarà”.

<sup>197</sup> CLEMENTE, Pietro. Paese/Paesi. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997. p. 24.

sem suas interfaces com a região e com o mundo:

O *paese* pode ser, então, único na memória e na pertença, mas é sempre parte de um sistema de relações negativas e positivas que o conectam com o território e com o mundo<sup>198</sup>.

Logo, o pensar aquilo que se é está diretamente ligado à forma com que se constrói os relacionamentos e a percepção da existência. Como fruto desse embate com a alteridade *paesana*, tem-se as seculares discussões entre lugares confinados, entre a comunidade de um local e de outro. Esses conflitos se expressam de uma forma muito significativa através de versos populares que correm a comunidade, como *vicentini mangiagatti*<sup>199</sup>.

Enfim, essa palavra possui uma dupla retórica em sua definição, a qual conecta o *paese* minúsculo àquele maiúsculo, o microcosmo ao macrocosmo, o *paese mio* ao *nostro paese*. Na pertença recíproca *paese-Paese*, os afetos locais reforçam o amor pela pátria comum, que em efeito é aquela que legitima o unir-se dos *paesi* em uma comunidade nacional. Nesse sentido, o sentimento de pertença à nação que começa a ser construído ao longo do século XIX, especialmente após sua unificação, será uma ação de ampliação do pertencimento ao pequeno lugar de origem pessoal e/ou familiar. Assim, a nostalgia pátria que se pode perceber nos emigrantes, desde sua partida e no transcorrer de suas vidas, vincula-se ao microcosmo afetivo das relações na comunidade de origem.

Através dos ditados populares pode-se perceber muito claramente como essa construção de um olhar sobre o mundo se dá a partir das experiências da quotidianidade das microrelações *paesanas*. Por exemplo, quando se quer dizer que todas as coisas são iguais, em qualquer lugar do mundo, uma expressão muito comum é: *tutto il mondo è paese*. Outro ditado popular, *paese che vai – usanza che trovi*, exprime o entendimento da diferença de costumes nos diversos locais, a partir

---

<sup>198</sup> Idem, p. 29. – “Il paese può essere dunque unico nella memoria e nell’appartenenza ma è sempre parte di un sistema di relazioni negative e positive che lo connettono con il territorio e il mondo”.

<sup>199</sup> Provérbio de claro conteúdo depreciativo – “Vicentino come gatos” – produz uma percepção negativa dos habitantes da província de Vicenza. O enunciador, possivelmente, constrói uma imagem do Vicentino como aquele que facilmente é passado para trás.

das diferenças entre as pequenas localidades. Ou ainda, *cambiano paese – si cambia fortuna e meglio bruciare un paese – che perdere un’usanza*, ambos significativos dessa marca da tradição, da memória e, por conseguinte, da construção de uma visão de mundo que se entrecruzam no espaço *paesano*.

A figura mnemônica na qual se constitui o *paese* tem sua imagem vinculada a um conjunto de estruturas emblemáticas que o compõe. A primeira edificação a ser destacada é a igreja paroquial, ponto-chave e originário das pequenas comunidades rurais. Ela se constitui enquanto lugar de encontro para a comunidade dos fiéis, lugar no qual se pode encontrar pessoas de diversos estratos sociais e culturais, todas partilhando um mesmo espaço e participando dos mesmos ritos. Assim, a paróquia, centro dinâmico no *paese*, adquire uma posição central na recordação e re-evocação da terra de partida, por parte do emigrante.

Nesse sentido, o espaço da Igreja era lugar de peregrinação quando da partida e um dos primeiros pensamentos quando da chegada. Ao partir, o emigrante a ela se dirige pedindo a proteção da divindade pela sorte que o espera. Ao chegar, busca em sua construção reatar os laços imagéticos com o distante *paese*:

Esses pediam à Virgem não tanto bens de sorte quanto um mais humano contrato de trabalho, pagamentos dignos, ou serem aliviados do peso do exílio e, sobretudo, de ter a graça de recordar a praça e a paróquia, o cemitério e a casa do *paese* de origem. Por isso, nas localidades de emigração foram erigidas igrejas para honrar os seus santos patronos, celebrando-lhes a festa assim como era celebrada na mãe-pátria<sup>200</sup>.

A paróquia era levada pelo emigrado como lugar de agregação da memória, não apenas por sua estrutura física, ou pelo seu santo patrono, mas, sobretudo, pela relação sensível que nela se estabelecia com a transcendência. Esse lugar sacro ecoava na lembrança por seus ritos litúrgicos: pelas celebrações

---

<sup>200</sup> BORZOMATI, Pietro. La Parrocchia. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997. p. 78. – “Essi chiedevano alla Vergine non tanto beni di fortuna, quanto un più umano impegno lavorativo, compensi dignitosi o l’essere alleviati dal peso dell’esilio, e soprattutto di avere la grazia di ricordare la piazza e la parrocchia, il cimitero e la casa del paese d’origine. Per questo nella località d’emigrazione eressero chiese per onorare i loro santi patroni, celebrandone la feste così

eucarísticas, pelas rezas do Rosário, pelos batismos, pelos matrimônios e pelos funerais. Enfim, ela condensava o cotidiano da vida comunitária e os momentos-chave na vida rural, o nascimento, o casamento e a morte. A paróquia adquiria sua importância enquanto “símbolo e síntese de toda uma vida, da adolescência à maturidade”<sup>201</sup>.

De qualquer modo, quando se faz referência ao espaço paroquial, tem-se de ter em mente sempre a figura do sacerdote, pois ele também se constitui em um grande ponto de referimento associado à paróquia e, como já dito anteriormente, o clero vêneto por excelência tinha uma relação muito próxima com sua grege. A igreja era esse local no qual a transcendência se manifestava e o pároco era o instrumento através do qual Deus se fazia presente em meio ao seu povo. Em tudo era vista a presença do Altíssimo: em cada evento da natureza ou casualidade da existência humana, fosse ela boa ou ruim. O sacerdote era aquele que poderia colocar todas as coisas em seu devido lugar, ou então, maldizer a comunidade e levá-la à ruína: homem-deus conduzia seu rebanho como um pai, um perfeito patriarca, não deixava espaço para manifestações e controlava suas ovelhas com mão forte. Assim era a percepção religiosa no Vêneto, permeada pela magia e pelo catolicismo intransigente:

No Vêneto, por exemplo, o pároco exercia o ministério com modalidades diversas, pois, sobretudo no mundo rural, o sacro permeava a vida da população, condicionando todas as coisas; ele adotava métodos paternalistas que não deixavam nenhuma possibilidade aos fiéis de dialogar ou colaborar. O pároco vêneto era considerado, na sociedade tradicional, depositário de poderes quase sobrenaturais: a ele eram conduzidos os rapazes doentes para serem re-sanados com uma bênção particular, a ele se pediam intervenções para afastar calamidades naturais, para propiciar a chuva etc<sup>202</sup>.

---

come venivano celebrate nella madre patria”.

<sup>201</sup> Idem, p. 89. – “Símbolo e sintesi di tutta una vita, dall’adolescenza alla maturità”.

<sup>202</sup> Idem, p. 71. – “Nel Veneto, ad esempio, il parroco esercitava il ministero con modalità diverse, poiché, soprattutto nel mondo rurale, il ‘sacro’ aveva permeato la vita della popolazione tutto condizionando; egli adottava metodi paternalistici che non lasciavano nessuna possibilità ai fedeli di interloquire o collaborare. Il parroco veneto era considerato, nella società tradizionale, depositario di poteri quasi soprannaturali: a lui venivano condotti ragazzi discoli per essere rinsaviti con una particolare benedizione, a lui si chiedevano interventi per scongiurare calamità naturali, per propiziare la pioggia ecc”.

A década de 1860 é um momento-chave para a retomada do espaço na paróquia e da religião na vida quotidiana da comunidade. Nesse período, desenvolve-se grandemente nas paróquias da região a ação pastoral de muitos missionários que, ao girarem o Vêneto, procuravam restabelecer ligações corroídas entre a Igreja e seus fiéis. Esse evento extraordinário, de trabalho formativo e de recuperação das almas, provocou grandes emoções nas comunidades visitadas. Dessa forma, através de contundentes sermões e de exercícios espirituais, buscava-se combater as práticas mágicas e as superstições, bem como sanar situações familiares com a realização de casamentos de “consciência”.

A experiência missionária, unida a outros eventos da fé, trouxe novo ânimo à comunidade paroquial e reinstalou a paróquia no centro da vida comunitária:

Esses e outros eventos tinham revigorado a unidade espiritual dos crentes, na Paróquia, a qual não vinha comprometida da morte de seus protagonistas, como freqüentemente se fazia memória do passado no decurso de apropriadas manifestações<sup>203</sup>.

No espaço da Igreja paroquial, associa-se um outro *locus* privilegiado da memória *paesana*: a praça. Enquanto lugar do reconhecimento da comunidade, tanto em sua sociabilidade quotidiana quanto nas imagens e nomes que a ela caracterizam, a praça assume uma função pedagógica na comunidade local. Esse lugar físico composto por bancos, jardins, fontes e monumentos tem algo que se constrói para além do plano sensível e concreto, dando a conhecer seu relacionamento com a população. Ela traz em si um conjunto simbólico que foi sendo forjado em séculos de existência, toda uma relação de empatia com esse lugar de descanso e de trocas.

A praça é um lugar de encontros amorosos, fraternos, políticos, sociais, também de desencontros. Ela se constitui em um local de luta e de festa, das paradas militares e da busca de emprego, das conversas após a missa e das discussões sobre o socialismo. Dessa forma, esse espaço interconecta a sua

---

<sup>203</sup> Idem, p. 75. – “Questi e altri eventi avevano rin vigorito l’unità spirituale dei credenti nella parrocchia, che non veniva compromessa dalla morte dei suoi protagonisti in quanto frequentemente

paisagem concreta com uma estreita relação de sensibilidade, o que a faz ser elemento de rememoração e de certezas:

As certezas sobre si mesmos são confiadas freqüentemente às pedras, isto é, a certeza e a continuidade da paisagem vista, na qual se viveu imerso<sup>204</sup>.

Como centro nevrálgico nas relações *paesanas*, a praça concentra em si a geografia das transformações sofridas pela comunidade, tanto na reorganização de seu espaço físico quanto na renomeação de seus recantos e dela como um todo: cada mudança precisava ser anotada em seus “livros”, reforçando sua imagem pedagógica. O período do *risorgimento*, o qual vai coincidir com a “estação” dos monumentos públicos, que foi o século XIX, enfatizará essa característica simbólica da praça. Nesse período, ela era vista como o palco da pátria e as figuras da unificação preenchiam o espaço paisagístico. Após a unidade peninsular, bustos de Vittorio Emanuele II, Garibaldi, Cavour adornavam, em grande quantidade, as praças italianas. Cada vez mais esses locais eram associados com o *risorgimento*, com esse processo de unificação da pátria, com o sentimento de pertença a uma comunidade maior que o pequeno grupo *paesano*. Também as ruas, especialmente nos centros históricos, alteram seus nomes para participar desse itinerário patriótico que envolve as diversas comunidades para construir uma italianidade imaginada pelos setores dirigentes.

A imagem de espetáculo do povo, a qual será fortemente impressa na praça do *paese*, será cada vez mais reforçada ao longo do século XIX. Esse será o período no qual se verá em maior profusão as manifestações públicas, os piquetes, as discussões acaloradas, no âmbito da praça. As diversas tendências político-religiosas nela se embatiam, a partir de cortejos, comícios, assaltos às prefeituras, árvores da liberdade, tumultos e sedições. Era nesse espaço público que patriotas, socialistas e clericais faziam as batalhas imagéticas e concretas pela defesa da nação, do partido

---

si faceva memoria del passato nel discorso di apposite manifestazioni”.

<sup>204</sup> ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997: La Piazza. p. 45. – “Le certezze su se stessi si affidano spesso alle pietre, cioè alla certezza e continuità del paesaggio visivo in cui si é vissuti immersi”.

ou da Igreja. O catolicismo intransigente saberá utilizar primorosamente esse espaço popular, preenchendo-o com os rituais e os símbolos católicos, buscando uma re-cristianização da praça:

A oposição católica – dos tempos do clero-intransigentista – se contrapõe ao Estado das elites, propondo a reconquista e cristianização da praça graças a procissões, congressos eucarísticos, visitas bispais e bandas católicas, em direta concorrência com a oposição socialista<sup>205</sup>.

Dessa forma, percebe-se a imagem da praça sempre vinculada com as discussões de época, com o calor dos processos sociais, verdadeiramente como uma vitrina das relações humanas e das expressões da coletividade. A mesma praça dos festejos patrióticos e das cerimônias católicas, será a praça das manifestações liberais de 1848 e das lutas camponesas. Será nela que se verá sempre mais, na segunda metade do século XIX, as lutas de matriz radical, socialista, democrática, ou garibaldina. A eclosão de movimentos grevistas de operários ou *braccianti*<sup>206</sup> trará ao espaço da praça as multidões de manifestantes, sempre mais construindo nela a imagem do local da luta social. Assim, a praça enquanto lugar de memória da comunidade será local de disputa pela afirmação político-religiosa de vários grupos da sociedade italiana.

Associa-se, nessa configuração dos espaços de discussão e luta, bem como de festejamento, as figuras do *caffè*<sup>207</sup> e da *osteria*<sup>208</sup>. Enquanto a *osteria* é o local do proletário, da língua falada e da subversão, o *caffè* é o lugar de encontro do burguês e do aristocrático, da cultura escrita e figurativa, o lugar da integração. Mas ao se perceber esses dois locais como partícipes de um sistema de comunicação e sociabilidades, eles adquirem um caráter comum, como ambientes de discussão de

---

<sup>205</sup> Idem, p. 48. – “L’opposizione cattolica – dai tempi del clerico-intransigentismo – si contrappone allo Stato delle élites, proponendosi la riconquista e la cristianizzazione della piazza grazie a processioni, congressi eucaristici, visite vescovili e bande cattoliche, in diretta concorrenza con l’opposizione socialista”.

<sup>206</sup> *Braccianti* é a figura do trabalhador rural desprovido de qualquer propriedade da terra para cultivo, sendo por isso, sendo dependente de um proprietário que paga pela sua força de trabalho.

<sup>207</sup> Manteve-se o nome original desses lugares que ainda existem na Itália que condensam em si os serviços de um bar e de uma cafeteria; são os grandes salões públicos do século XIX.

<sup>208</sup> A *osteria* é uma espécie de antigo bar.

idéias, de partilha de pensamentos e das expressões da quotidianidade.

Em comunidades urbanas e rurais que estão sofrendo grandes transformações, como essas do norte da Itália, ao longo do século XIX, o *caffè* e a *osteria* constituir-se-ão em locais de construção de uma dimensão coletiva na formação de opinião:

O *caffè* e a *osteria* foram os lugares nos quais se expressaram várias formas de divertimento e comunicação, no período de formação da dimensão coletiva nas realidades urbanas, e naquelas rurais em via de transformação. Em ambos se jogava carta, bilhar, dama, e o jogo permaneceu por um longo período estreitamente controlado<sup>209</sup>.

Assim, tornar-se-ão o *locus* privilegiado da sociabilidade, especialmente masculina, nas sociedades do *Ottocento*. Embora tragam em si, e mantenham, essa dimensão da discussão, o espaço da diversão e do entretenimento será sempre mais presente. Contudo, não se pode deixar de mencionar, ainda, seu papel formador da tradição e do imaginário coletivo, pois as crenças, as fantasias, as percepções eram em seu espaço também discutidas e reelaboradas.

Além de ser um local de sociabilidade masculina, os espaços do *caffè* e da *osteria* também comportavam os fazeres femininos. Serão nesses lugares que se darão os encontros amorosos, se iniciarão os cortejos. Entre danças e passeios, dois públicos femininos de diferentes estratos ocupavam “território” nas mesas e cadeiras. Por um lado, tem-se as senhoras, as quais procuravam o *caffè* para olharem os acontecimentos e serem admiradas. Por outro, tem-se as prostitutas, as quais, também, de uma outra forma, buscavam ser admiradas. Mesmo representado mundos diferentes e sendo portadoras de motivações diferenciadas, essas mulheres viviam o ambiente do *caffè* como parte do mercado de trocas da sociedade.

---

<sup>209</sup> MALATESTA, Maria. *Il Caffè e L'Osteria*. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997. p. 57. – “Il caffè e l'osteria furono i luoghi in cui si espressero varie forme di svago e comunicazione nel periodo di formazione della dimensione collettiva nelle realtà urbane e in quelle rurali in via di trasformazione. In entrambi si giocava a carte, a biliardo, a dama, e il gioco restò a lungo strettamente sorvegliato”.



A população que ocupava esses espaços – os tipos sociais – mudava completamente de acordo com as horas do dia e com sua localização, compondo-se, da manhã até a noite, de uma pluralidade de estratos sociais e culturais que por suas proximidades transitavam:

Mas a fluidez da passagem, o suceder-se de clientes diversos, faz do *caffè* – da mesma forma da *osteria* – um recipiente destinado a encher-se, de acordo com as horas do dia e das conjunturas históricas, dos tipos mais diversos de passantes<sup>210</sup>.

Nesse sentido, o *caffè* terá sua fase áurea no período do *risorgimento*, sendo um centro de discussões políticas e de debates nacionalistas. Entretanto, a *osteria* terá seu momento de ouro na fase da Primeira Internacional Comunista, enchendo-se de anarquistas e socialistas, fomentando os debates sobre as transformações sociais e os embates ideológicos, bem como sobre as lutas operárias. Será um momento de uma forte busca da politização das classes trabalhadoras, sejam elas urbanas ou rurais, sendo locais da sociabilidade política do operariado.

Esses dois locais da vida social “espelhavam um período no qual a vida coletiva era definitivamente saída ao espaço aberto e se exprimia em lugares públicos”<sup>211</sup>. O *caffè* foi o local de encontro e de organização dos revoltosos de 1848, sendo também o ponto de discussão das lutas e das idéias do *risorgimento*. Ainda constituiu-se em lugar de encontro para as lutas estudantis, de universitários que buscavam a libertação do Vêneto das tropas austríacas. Como centro de discussões e de libelos, foi, também, o centro das batalhas e o alvo de ataque das forças opressoras, fossem elas os austríacos ou, posteriormente, o próprio governo.

A rigor, pode-se perceber um conjunto de imagens que unificam as diferentes estruturas da Itália unificada, as quais desvelam seu papel de lugares de

---

<sup>210</sup> Idem, p. 59. – “Ma la fluidità del passaggio, il succedersi di clientele diverse fa del caffè - allo stesso modo dell'osteria - un contenitore destinato a riempirsi, a seconda delle ore del giorno e delle congiunture storiche, dei tipi più diversi di avventori”.

<sup>211</sup> Idem, p. 60. – “Rispechiava un stadio in cui la vita collettiva era definitivamente uscita all'aperto e si esprimeva in luoghi pubblici”.

memória da Península. O somatório de significados simbólicos que envolvem o *paese*, a igreja paroquial, a praça, o *caffè* e a *osteria*, dão-se a conhecer enquanto lugares de construção de entendimento sobre a realidade e construção de uma visão de mundo. Além do *paese*, todas as demais estruturas, as quais se encontram em sua espacialidade, constroem-se como *locus* de embates políticos e ideológicos, locais de desfile dos mais diversos segmentos sociais das comunidades. Enfim, ao mesmo tempo em que compõem a paisagem peninsular e fazem parte de seu processo de identificação, são, também, componentes ativos desse processo.

### **2.1.2 Territorialidade sensível: construções emblemáticas e a elaboração de um sentimento de italianidade**

A recordação da terra de partida, além de se dar por locais edificadas, como a Igreja, o *caffè*, a praça ou, ainda, por datas e figuras que evocam uma emoção, pode ser dirigida a lugares de memória edificadas ou não, os quais adquirem sua importância na medida em que se constituem como mitos e símbolos para além de suas funções reais. Nesse sentido, as construções emblemáticas em que se constituem o sino e o campanário, os cantos e hinos, e a ópera, são parte integrante na construção imagética da italianidade pós-unificação e, também, serão componentes das figuras construídas sobre a terra de partida por parte dos emigrantes.

No espaço geográfico do burgo, duas figuras se cruzam, o sino e o campanário. Eles se consolidam como marcas de identificação – o sino, com a passagem do tempo, com as mudanças, com os acontecimentos na comunidade, e o campanário, com o reconhecimento da territorialidade do *paese*, ou seja, de seus limites. Assim, tornam-se referenciais de orientação temporal e espacial da comunidade, lugar de reconhecimento de um “nós” e de um “outros”.

O sino, particularmente, traz em si, desde os tempos medievais, a marca da passagem do tempo, do controle da vida cotidiana. Ele ritma a existência

humana, enuncia as mudanças, sinaliza as catástrofes e os festejos, seus toques diferentes evocam códigos de sentidos que remetem a acontecimentos e conduzem a ações:

O uso e a função do sino estava intimamente ligado às cadências e aos problemas do trabalho [...], aos ritmos da vida doméstica quotidiana, aos momentos relevantes, de dor e alegria, da vida individual e coletiva, aos valores, à ritualidade, ao imaginário coletivo da comunidade. Eram os sinos que tiravam do leito o *contadino* e a fiandeira, e que assinalavam o fim da jornada de trabalho; eram os concertos em certas festas de santos que assinalavam o início da sementeira ou colheita [...]; como era o soar dos sinos que chamavam a festa e a concluía<sup>212</sup>.

Na verdade, o sino era um eficaz meio de comunicação ao interno da comunidade, porém se diferenciava do meio de comunicação escrito ou imagético por sua codificação específica, sonora, a qual era composta por uma diversidade rítmica e tonal. A partir dessas múltiplas sonoridades, os eventos comunitários passavam a ser narrados: os nascimentos, os matrimônios, as mortes, inclusive destacando a proveniência social do personagem. Também exercia uma função de alarme em momentos de calamidade, de anunciador do início de guerras e das greves, ainda, anunciava o retorno dos emigrados, especialmente conectado com o fenômeno em âmbito intra-europeu.

Em última análise, o sino historiciza o humano, coloca-o em um conjunto temporal marcado por um antes e um depois. Portanto, narra a trajetória da comunidade de pertencimento, a história da conservação de um grupo social que transcende o indivíduo, de um “nós” plenipotenciário:

A nossa história, a história de cada nível do “nós” comunitário que queremos identificar, da paróquia e da aldeia, à nação (nós italianos),

---

<sup>212</sup> Associazione Ricerca Popolare con Mezzi Audiovisivi - ARPA. Campane e Campanari nella Provincia di Bergamo. Bergamo: Quaderno di Ricerca, n. 5, 1986. p. 7 apud SANGA, Glauco. Campane e Campanari. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita**. Roma: Laterza, 1997. p. 31. – “L'uso e la funzione delle campane era intimamente legato alle cadenze ed ai problemi di lavoro [...], ai ritmi della vita quotidiana domestica, ai momenti rilevanti, di dolore e di gioia, della vita individuale e collettiva, ai valori, alle ritualità, all'immaginario collettivo della comunità. Erano le campane che buttavano giù dal letto i contadini e le filandere, e che segnavano la fine della giornata di lavoro; erano i concerti in certe feste di Santi che segnavano l'inizio di semina o raccolti [...] come era il concerto di campane che chiamava alla festa e la concludeva”.

à civilização (nós ocidentais, nós cristãos)<sup>213</sup>.

Embora o sino seja elemento de construção identitária e de memória, e levando em consideração todo seu sentido mágico religioso, ele só adquire seu valor de lugar de reconhecimento de uma pertença, ao se combinar com o campanário. Na cultura italiana, será a expressão *campanilismo*, vinculada a *campanario*, que identificará esse espírito de apego e afeição, às vezes excessiva, pelo lugar de nascimento.

Enquanto representação desse local onde se nasceu, ou do lugar que se adotou como seu, o campanário tornou-se aquela estrutura possível de ser reconhecida à grande distância, aquele último ponto a sair do campo visual quando se partia do *paese*. Ponto de reconhecimento da proximidade e da distância do lugar de nascimento, era a segurança de que se estava ainda em terra conhecida, ou que se estava passando a um outro mundo, estranho.

Pode-se perceber essa relação confortante do campanário no testemunho de Ernesto de Martino, sobre o campanário de *Marcellinara*<sup>214</sup>. Enrico recorda-se de uma vez, em que perdido pela campanha, encontra um velho pastor, ao qual pede informações para encontrar o caminho correto. Como as indicações eram muito confusas, pediu que o pastor subisse no carro e o acompanhasse por alguns quilômetros. Ao longo da estrada, deu-se conta que um medo crescia nas feições do pastor, quando esse não mais avistava o campanário em seu horizonte. Percebendo sempre mais os sinais de desespero do velho pastor – o qual havia perdido o ponto de referência de seu pequeno espaço existencial – Enrico decidiu trazê-lo de volta. Na medida em que retornavam, o pastor angustiadamente observava pela janela, em busca da visão de seu campanário, e um ar de suavidade lhe veio à face quando, ao longe, já o podia avistar.

---

<sup>213</sup> SANGA, Glauco. *Campane e Campanili*. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita**. Roma: Laterza, 1997. p. 34. – “La nostra storia, la storia di ogni livello del ‘noi’ comunitario che vogliamo identificare, dalla parrocchia e dal villaggio, alla nazione (noi italiani), alla civiltà (noi occidentali, noi cristiani)”.

<sup>214</sup> Idem, p. 35.

Como narra o testemunho, o campanário torna-se, especialmente nas pequenas comunidades rurais, esse lugar de referência, um verdadeiro divisor de águas entre o conhecido e o estranho, entre o estar em casa e o estar fora dela: perder a visão do campanário é sair do espaço de uma pátria existencial e adentrar o nada, o vazio do desconhecido. Essa alta torre, da qual soam os sinos, é o centro mágico do mundo *contadino*, é o somatório de uma identidade territorial e outra temporal: enfim, constrói uma identidade histórica através da domesticação do mito.

Nesse ponto de confluência entre a história e o mito, em um processo de reelaboração cotidiana do imaginário social, a ópera, os hinos e as canções são portadores de uma particularidade lúdica que traz os processos coletivos para o mundo privado, em um turbilhão de melodias, palavras, recordações, sentimentos. A ópera, nesse sentido, trabalha pelo menos com três tipos sógnicos que se complementam: a palavra escrita, a imagem cênica e a melodia.

Não se pode falar em ópera, sem que a imagem geográfica da Península Itálica nos venha em mente, haja vista que por quatro séculos se manteve enquanto um gênero itálico. Essa força do italiano como “língua oficial da ópera” fazia-se sentir no processo de aceitação de obras não-italianas, as quais, para terem aceitação, inclusive em seu próprio país, deveriam ser traduzidas ao italiano. Em verdade, a ópera constitui-se em um verdadeiro produto de exportação peninsular, um manufaturado *made in Italy*.

Por conseguinte, não se pode falar em ópera italiana, no século XIX, como elemento de consolidação da nação, sem recordar Giuseppe Verdi. O maestro trará em um alto grau esse senso de italianidade e marcará sua profícua produção operística com um grande peso nacionalista:

Com seu empenho criativo, afortunadamente interconectando-se – ópera após ópera, título após título [...] – com a cadência histórica da ‘Itália que se fazia nação’, tinha por assim dizer ‘elevado ao quadrado’ aquele senso de italianidade que tinha mesmo sempre

brotado das cenas do melodrama<sup>215</sup>.

Um exemplo dessa evocação da italianidade da produção do grande gênero músico-teatral verdiano é sua emblemática obra *Aída*. Esse *capolavoro* de Giuseppe Verdi busca trazer à Itália uma re-apropriação de sua filha extraviada, recuperar à língua italiana esse melodrama de ambientação histórica, por excelência, bíblica. Em grandes óperas suas como *Nabuco* ou *Lombardi*, a força pátria é enaltecida, a capacidade de luta e de sobrevivência mesmo diante das mais difíceis situações.

Enfim, a ópera se constituirá enquanto um lugar de memória da cultura italiana – particularmente cisalpina – a partir de seu progressivo processo de substituição de um folclore peninsular perdido:

É que a ópera seja, então, [...] o sujeito ativo de uma efetiva ‘destronização’, ou de um esvaziamento, ou aniquilação do *folclore autêntico italiano*, iniciado e cumprido entre o Romantismo e o *Risorgimento*<sup>216</sup>.

Também os cantos e hinos participam dessa leitura outra da identidade cultural italiana, fazendo parte de um contar das tradições, dos costumes e das crenças. Assim, fazem parte do processo de construção de um sentido de comunidade de pertença, uma identificação de um “nós” e de um “outro”. O fato de se tocar uma canção que todos sabem – e sua execução desencadeia uma relação de reconhecimento com situações e momentos passados – propicia um retorno a um passado vivido ou imaginado, pessoal, familiar ou grupal: ouvir, assistir a execução constrói como que um efeito de relação direta com o objeto de raiva, melancolia, nostalgia ou afeto.

---

<sup>215</sup> MORELLI, Giovanni. L’opera. In: ISNENGGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria**: simboli e miti dell’Italia unita. Roma: Laterza, 1997. p. 47. – “Col suo impegno creativo, avventuratamente intrecciatosi – opera dopo opera, titolo dopo titolo, [...] con le cadenze storiche dell’Italia che si faceva Nazione”, aveva per così dire ‘elevato al quadrato’ quel senso d’italianità che pure da sempre era sprizzato su dalle scene del melodramma”.

<sup>216</sup> Idem, p. 48. – “È che l’opera sia appunto [...] il soggetto attivo di un effettivo ‘spodestamento’, o di uno svuotamento, o annichilazione del *folclore autentico italiano*, iniziato e compiuto fra Romanticismo e Risorgimento”.

Ao se falar especificamente em canções patrióticas ou que assumem essa imagem, mais uma vez se deve fazer menção a Verdi. O coro de óperas como *Lombardi e Nabuco* traça um perfil moral da construção nacional, reforçando um gosto sobretudo romântico. Essas canções assumirão um espaço de auto-reconhecimento no conjunto da população, criando um sentimento de partícipe de um mesmo processo:

Príncipes e *contadini*, nota ainda Enzo Siciliano, ‘as aprendem de memória, e descobrem nas poucas notas daquelas árias uma identidade espiritual, até então desconhecida’<sup>217</sup>.

Acima de todas, a ópera *Nabuco*, de Verdi, com o coro *Va’ pensiero sull’ali dorate*, é por excelência a imagem dessa transposição do coro operístico para a canção patriótica. Entre exilados e escravos a canção constrói um retrato do sentimento desse povo dominado pelas forças estrangeiras.

Em contraposição aos cantos cívicos pós-unitários, tem-se o surgimento de cantos populares de sentido social, envolvidos com a luta operária e com o comunismo, os quais se fortificam no último quarto do século XIX. Canções como *Mamma dammi cento lire* são expressão de uma tomada de consciência dos segmentos populares. Toda essa transformação dá-se em um período de grande reforçar-se dos movimentos subalternos e a canção popular engajada começa a ocupar um lugar de destaque no imaginário coletivo:

Estamos nos anos em que a ‘questão social’ procura reações espontâneas e fenômenos, por sua vez, geradores de canções aptas a recortam um lugar no imaginário coletivo: fiandeiras e mineiros, mondadeiros e emigrantes, operários e diaristas rurais com a voz da tradição, mas já com *refrain* da atualidade se fixam na memória nacional à infâmia de serem emblemas de uma só parte em causa e, logo, símbolos de marcadas contradições<sup>218</sup>.

---

<sup>217</sup> FRANZINA, Emilio. *Inni e Canzoni*. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell’Italia unita**. Roma: Laterza, 1997. p. 123. – “Principi e contadini, nota ancora Enzo Siciliano, ‘li imparano a memoria, e scoprono nelle poche note di quelle arie una identità spirituale fino ad allora sconosciuta’”.

<sup>218</sup> Idem, p. 137 – “Siamo negli anni in cui la ‘questione sociale’ procura reazioni spontanee e fenomeni a loro volta generatori di canzoni adatte a ritagliarsi un posto nell’immaginario collettivo: filandiere e minatori, mondine e emigranti, operai e braccianti con la voce della tradizione, ma ormai con parole e *refrai* d’attualità si fissano nella memoria nazionale ad onta del proprio essere emblemi

Essa nova estrutura dos cantos populares, sempre marcada pela tradição, mas ressignificada ao atual momento de ebulição das camadas subalternas, vai inundando o espaço urbano e rural e construindo uma outra tradição – a da luta social. Um dos mais célebres cantos operários e, posteriormente comunistas, do século XX, será produzido, em uma primeira versão, nesse último quartel do século XIX, *Bandiera Rossa*.

Em direta competição com os cantos vinculados ao movimento operário de esquerda, insurge-se a Igreja católica com os cantos sacros, a dita “música de igreja”. Esse tipo de canção será fomentada nos ambientes católicos e muitas, especialmente em finais do século XIX, tomarão também um discurso social. Porém, a grande maioria se inspirava em motivos como a bandeira branca e o Santo Padre, sendo tocada em encontros eucarísticos, nos passeios pelas montanhas e no pós-almoço. Os grandes publicistas desse estilo musical serão os grupos paroquiais, movimentos de jovens católicos, escoteiros, ação católica.

Também os cânticos religiosos terão forte marca da tradição, mas isso no aproveitamento de cantos já identificados no catolicismo. Nesse rol de músicas sacras, destacar-se-ia aquelas que fazem parte do calendário litúrgico, as quais são entoadas quase invariavelmente ano após ano, como os cantos natalícios ou pascais, como o *Te Deum* ou o *Veni Creator*. Além desses, ainda música gregoriana constrói uma relação de pertença e proximidade no interno da comunidade, elaborando uma comunidade de sentidos entre emissor e receptor.

Dessa forma, percebe-se como está sendo forjada uma memória coletiva em território peninsular, um sentimento de pertencimento a um conjunto de códigos identificadores comuns. Esses elementos físicos ou imagéticos do social constroem uma vinculação de recordação com aqueles que partem, possibilitando a re-elaboração e ressignificação desse mundo deixado em outros espaços, a partir da manutenção de traços conectores. Como narra Caterina Percoto, a terra cultivada, o

---

di una sola delle parti in causa e quindi simbolo di marcate contraddizioni”.



som do sino e a visão do campanário, e a sagra são marcas de recordação, sinais visíveis que se transformam em ícones de uma nostalgia<sup>219</sup>.

## **2.2 Os fios da tradição: superstição, fábulas e crendices populares no Vêneto rural do século XIX**

As sociedades rurais são marcadas pela tradição, pela conservação do passado e dos elementos de identificação sociais a ele vinculados. O mundo *contadino* vênето, nesse sentido, é marcado por fenômenos mágicos, sejam eles fruto da formação católica pós-cristianização ou resquícios de um paganismo anterior. Algumas vezes, ainda, constituem-se em um sinal do sincretismo popular construído pela cristianização desses povos da periferia do Império Romano. De qualquer forma, um roteiro de fábulas, ditados populares, ciclos lunares e superstições, especialmente a partir de narrativas folclóricas, permitem vislumbrar fragmentos desse mundo rural e conectá-los, construindo uma cartografia da cultura popular do Vêneto na segunda metade do século XIX.

Deve-se clarificar que, ao se falar em uma cultura *contadina*, está-se vivendo sobre o domínio do afetivo, da experiência, do costume:

Corresponde àquele tipo de racionalidade ligada à experiência, aos princípios empíricos capazes, todavia, de elaboração ‘filosófica’, não sistemática, ‘sapiencial’, que se desenvolvem gradualmente de uma geração a outra por contribuição de anônima ‘individualidade’, mas, sobretudo, pela capacidade de síntese e de ‘pureza de costume’ inerente no grupo social<sup>220</sup>.

Assim, o mundo campesino constitui-se em uma comunidade de ensinamentos consuetudinários, voltando-se para o passado, para a moral, para o

---

<sup>219</sup> PERCOTO, Caterina. Op. cit. nota n. 113.

<sup>220</sup> COLTRO, Dino. *Stalle e Piazze. El filò, il teatro di paese e di parrocchia*. Verona: Bertani, 1979. p. 216. – “Corrisponde a quel tipo di razionalità legata all’esperienza, ai principi empirici capace, tuttavia, di elaborazione ‘filosofica’, non sistematica, ‘sapienziale’, evolvente da una generazione all’atra per apporto di anonime ‘individualità’, ma soprattutto per la capacità di sintesi e di ‘purezza del costume’ insita nel gruppo sociale”.

grupo em si. A dimensão do grupo prevalece sobre aquela do indivíduo quando se refere aos processos de ‘normalização’ dos costumes. Entretanto, o ensinamento eclesiástico ocupa um lugar de destaque nessa construção, haja vista seu papel secular enquanto mantenedor da tradição nas comunidades e sua autoridade nesse meio rural do norte italiano, posto que é a fala autorizada sobre a vida dos homens – o mensageiro de Deus.

Embora dispondo de um grande poder no *paese*, a Igreja não consegue imprimir uma religiosidade unitária na campanha. O mundo religioso do *contadino* é complexo e de difícil explicação, escondendo uma multiplicidade de concepções religiosas, de percepções da normatização da Igreja. O dialeto muito contribui para esse afastamento da norma, pois as crenças populares, as superstições são narradas sempre em linguagem dialetal, construindo uma ligação com um passado mitificado e com um doce sentimento de proximidade, de lar, de família.

Outro fator relevante a ser destacado, como já mencionado no capítulo anterior, é a positividade que se atribui à cultura rural, no século XIX. A literatura é uma grande promotora dessa imagem idealizada do mundo contadino, um lugar de pureza quando confrontado com a vida cortesã. Também Percoto, no capítulo “La Nipote del Parroco”, destaca essa supremacia moral da vida de campanha com relação à frivolidade e à falsidade da vida urbana. Em suas narrativas, sempre construídas enquanto histórias de moral, ela mostra que a simplicidade das coisas da campanha e seus puros sentimentos trazem uma felicidade perene; ao contrário disso, as luzes do mundo urbano e da corte trazem a falsidade de uma alegria passageira, de um mundo efêmero<sup>221</sup>.

Um lugar de afabilidade, de carinho e de serviço era a imagem construída por Percoto do mundo rural vênето-friulano. A figura por ela construída do contadino era de uma eterna devoção aos seus senhores, mesmo quando da sua ingenuidade se aproveitavam:

---

<sup>221</sup> PERCOTO, Caterina. Op. cit. nota n. 113.

Nascida na simplicidade do campo, ela tinha trazido seco o seu coração puro e simples, e se tinha afeiçoado aos seus patrões como se fosse da família. Servia não por ofício, mas por afeto; e como o último de seus pensamentos era o salário que recebia, assim, não lhe passava nem ao menos pela mente que as atenções e a benevolência que se prodigalizavam provinham do quanto achavam útil o seu ingênuo e desinteressado serviço. A pobre criança acreditava ser amada<sup>222</sup>!

A família era a expressão da continuidade da ordem moral. Ela constituía-se ao mesmo tempo em peso a carregar e força de trabalho que unida trazia a esperança. Quando os filhos eram pequenos, em uma estrutura voltada para o trabalho braçal, vinculado à terra, as muitas bocas a alimentar e os poucos braços a labutar sinalizavam um grande esforço de sobrevivência, um grande fardo. Entretanto, a partir do momento em que a prole começa a adquirir força para o trabalho, esses novos braços indicam o porvir de uma fase de maior produção e abundância.

Em uma realidade marcada pelo trinômio terra, tradição e família; a vida se desenvolvia balizada por dois pólos: a esperança e o medo. Assim, a transcendência e o universo sobrenatural transformavam-se em um meio de superação do medo que as adversidades quotidianas traziam:

medo que exorcizava nos modos prescritos (rogação, bênção, intervento mágico, fórmula propiciatória, jaculatória) pode transformar-se em esperança<sup>223</sup>.

No cruzamento da religião romana, personificada no sacerdote, e da religião do focolare, marcada pela tradição popular – plena de ritos pré-cristãos – se corporifica a busca da proteção nos momentos de crise e dificuldade. Nesse contexto, os santos eram invocados para a proteção de toda a atividade humana,

---

<sup>222</sup> Idem, p. 108. – “Nata nella semplicità dei campi, ella aveva portato seco il suo cuore schietto e facile, e s’era attaccata ai suoi padroni come si fosse della famiglia. Serviva non per mestiere, ma per affetto; e siccome l’ultimo de’ suoi pensieri era il salario che riceveva, così come non passava per la mente che le attenzioni e la benevolenza che le si prodigavano provenissero dall’utile che si trovava dal suo ingenuo e disinteressato servizio. La povera fanciulla credeva di essere amata”!

<sup>223</sup> COLTRO, Dino. Op. cit. nota n. 220, p. 229. – “Paura che esorcizzata nei modi prescritti (rogazioni, benedizioni, interventi magici, formule propiziatorie, giaculatorie) può trasformarsi in speranza”.

porém o seu papel frente à divindade não se coadunava com a figura teologicamente construída pela Igreja. Os santos, no mundo contadino, adquiriam um papel de divindade, assumindo para si poderes exclusivos de Deus. Com isso, embora haja o contexto de cristianização, percebe-se a permanência das múltiplas divindades da natureza do período pagão, sincretizadas nas nomenclaturas e nos personagens católicos.

Em uma sociedade rural regulada pela observação quotidiana das “regras da natureza”, pela experiência passada entre as gerações, os astros tornam-se os regentes da colheita, da sementeira, enfim, da vida produtiva. Eles passam, dessa forma, a reger a própria vida campesina, pois a colheita pode ser a delimitação entre a morte e a sobrevivência. Todas essas preocupações, as quais são expressas nas superstições e nos pedidos de bênção, bem como nos provérbios sobre os meses e dias santos, giram em torno à esfera produtiva: “se pióve a i santi Paolo e Piero, pióve ‘n mese intiero”<sup>224</sup>.

Nos provérbios, a marca do tempo é feita pelos dias dos santos, seguindo o calendário litúrgico católico. Na verdade, o ciclo produtivo e o litúrgico estão em consonância, pois o segundo foi construído pela sobreposição às comemorações pagãs, as quais vinculavam-se à natureza e a seus ciclos. Nesse sentido, a data de sementeira é marcada pelo dia de São Domingos, nove de outubro: “par San Domin, sómena ‘l contadin”<sup>225</sup>. O calendário religioso mantém, ainda, uma série de ritos na comunidade, como a tradição do dia dos mortos. Essa comemoração trazia uma idéia de ampliação da família, composta não somente por seus membros vivos, mas por aqueles que já faleceram e eram presentes em meio às recordações e à nostalgia da noite. Utilizava-se a expressão “venuti a catàre i sò morti” para explicar esse encontro de parentes reunidos à mesa, fazendo referência a um vir ao encontro dos próprios defuntos.

---

<sup>224</sup> COLTRO, Dino. **Paese perduto**: la cultura dei contadini veneti. V. 1. Verona: Bertani, 1975. p. 35. – “Se chove nos dias dos Santos Paulo e Pedro, chove um mês inteiro”.

<sup>225</sup> Idem, p. 43. – “Para São Domingos, semeia o *contadino*”.

Os provérbios ainda se referem ao mundo do trabalho, destacando sempre a importância do trabalho continuado para se seguir adiante. A sobrevivência resumia-se quase que exclusivamente à árdua labuta diária; logo, o centro das discussões dos provérbios é essa experiência: “L laóro inegna piassè de ‘l libro”<sup>226</sup>. As atividades produtivas recebiam uma positividade ímpar nos ditados populares: “Beati chéi che só pare g’ha inegnà a laoràre”<sup>227</sup> ou, ainda, rechaçando as desculpas preguiçosas daqueles que, com pouca vontade de trabalhar, arrumam sempre uma justificativa: “Si sa che a poca vóia no manca scusa”<sup>228</sup>.

Além da preocupação específica com o trabalho, o qual é inerente a busca da sobrevivência, mas também a ele vinculado, tem-se as construções proverbiais referentes aos filhos, outro elemento importante na vida rural. Como comentado anteriormente, será o filho crescido que propiciará o incremento na produção e, conseqüentemente, uma melhoria na situação familiar. Logo, o grande número de filhos é importante para a reprodução dessa indústria agrícola doméstica. Também a sabedoria contadina se faz presente: “i fiói e i nizói no iè mai massa” ou “fiói e biancaria no i fa carestia”<sup>229</sup>.

Porém, se a quantidade de filhos é bem-vinda, o controle dessa população numerosa em casa também é importante. Aqui se vê a ênfase dada ao saber educar, incluindo-se, nessa sabedoria, na maioria das vezes, a idéia do “saber bater” nas horas certas: “bisogna pantufiàrli per tiràrli su da cristiani” ou “la scúria salva da ‘l fosso”, ou ainda, “quando ocorre bisogna molàrghele”<sup>230</sup>. Como se percebe, faz-se necessário lapidar os filhos, endireitar o seu caminho, e a reprimenda do relho, do castigo e do chinelo constituem-se na melhor estratégia dessas comunidades campesinas para fazê-lo.

---

<sup>226</sup> Idem, p. 53. – “O trabalho ensina mais que o livro”.

<sup>227</sup> Idem, p. 57. – “ Feliz aquele que seu pai ensinou a trabalhar”.

<sup>228</sup> Idem, p. 54. – “Se sabe que para pouca vontade não faltam desculpas”.

<sup>229</sup> Idem, p. 109-110. – “Filhos e lençóis nunca são demais” ou “filhos e roupas não produzem carestia”.

<sup>230</sup> Idem, p. 110. – “Precisa bater neles para fazê-los crescer como cristãos (para educá-los bem)” ou “o relho salva do fosso”, ou ainda, “quando se faz necessário é preciso castigá-los (um dos sentidos da palavra molar no italiano é o de lapidar)”.

Acima de tudo, essas comunidades campesinas eram marcadas pela busca da manutenção da ordem e ela iniciava no espaço doméstico. A criação dos filhos seria o primeiro caminho para a construção de uma sociedade ordenada pelo respeito à hierarquia. Por isso, o entendimento claro da pessoa do chefe era importante e, certamente, nesse mundo rural masculinizado quem comandava era o homem, apesar do grande papel da figura materna na comunidade italiana. Nessa perspectiva, a falta de um timoneiro, de um guia, leva a família à ruína: “quando in de ‘na fameia manca ‘l timón, l’è ‘na casa che va de rebaltón”.

A marcação do tempo também seguia os ritmos da vida quotidiana, assinalando a mudança pelas estações do ano e pelos tempos da natureza. Assim, eram as experiências comunitárias e familiares que construíam a idéia de passagem do tempo. A vida continuava sempre, porém sua leitura era feita a partir de eventos do calendário religioso e familiar.

O controle do tempo é muito importante no quotidiano do contadino, pois ele deve regular seu dia de acordo com a natureza e as necessidades dos animais. Portanto, o tempo do repouso compreende o período entre o anoitecer e o alvorecer, muito embora seja também o tempo do trabalho doméstico. Também a Igreja fazia a demarcação do fim e do início da jornada de trabalho no campo: “A l’Ave Maria i fiói in casa mia”. A conhecida hora da Ave-Maria, ou quando tocava a Ave-Maria, entrava consuetudinariamente ligada à norma de controle do retorno dos filhos à casa, o tempo do recolhimento.

Como se pode perceber, os ditados populares, provérbios desse mundo contadino, buscam construir uma imobilidade de costumes, a atemporalidade da tradição. No século XIX, momento de grande aceleração do tempo histórico e do processo de expansão do capitalismo e da urbanização, o mundo rural sofria grandes mudanças no confronto com as tecnologias que se alteravam velozmente. A própria escala de valores construída nas comunidades campesinas, na qual a comida, especialmente o trigo, assumia um papel de proeminência, vê-se alterada pela

especulação imobiliária e pela produção têxtil. Manter os hábitos ancestrais de trabalho, a organização hierárquica interna da família e a relação místico-mágica com aspectos da transcendência eram maneiras de pacificar esse presente em ebulição, de construir uma leitura estabilizadora das novas relações.

Para os trabalhadores das zonas agrícolas do norte da Itália, em especial a região do Vêneto, quando se busca caminhar na direção correta, deve-se respeitar as tradições, seguir o sulco do arado: “bisogna nare drio a l’arà se te vól caminare drito”. Precisa-se seguir fazendo como sempre se fez, sem inovações, pois se as coisas estão ocorrendo corretamente assim, a mudança pode ser um prejuízo. Em uma comunidade fortemente fechada em si, em seu paese, a imagem do novo vincula-se ao estrangeiro, ao de fora, àquilo que se deve temer por não se conhecer bem.

Por um lado, a estrutura de uma família numerosa significava incremento produtivo para o futuro; por outro, a manutenção da linhagem e da tradição do núcleo. O casamento estéril era desprezado socialmente, sendo a culpa atribuída à mulher. Em comunidades voltadas à procriação, essa falta de filhos gerava preconceitos que se materializavam nos adjetivos pejorativos e nas atitudes para com a esposa. Nesse sentido, e para garantir a profícua posteridade, essa sociedade voltada para a fertilidade do matrimônio tinha seus santos de recorrência para a perpetuação familiar. Segundo Tiziana Casagrande, quatro eram os santos reconhecidos e cuja devoção era cultivada no Vêneto, especialmente na zona alpina: Nossa Senhora, Santo Antônio, Santa Líbera – protetora dos partos – e São Martinho. Inúmeros são os relatos daqueles devotos que suplicaram e foram atendidos<sup>231</sup>.

Diversas eram as superstições referentes à gravidez, tanto no tocante aos desejos das gestantes quanto ao cordão umbilical. Em relação ao primeiro,

---

<sup>231</sup> CASAGRANDE, Tiziana. **Parto e Maternità nel Veneto all’inizio del secolo**. Bassano del Grappa: Ghedina & Tassotti, 1994. (Collana Le Giuncate).

atribuía-se as marcas na pele e a má formação dos neonatos a desejos de alimentos não atendidos ou sustos recebidos. Em relação ao segundo, prescrevia-se uma série de resguardos para evitar que o cordão umbilical se colocasse ao entorno do pescoço da criança, como, por exemplo, não passar embaixo de escadas ou de parreiras quando da gestação. Também a placenta era um elemento de credices, haja vista a construção de uma relação sua com o aleitamento. Então, devia ser enterrada profundamente – isso, também, pela concepção de que se tratava de algo sacro, portanto digno de profundo respeito.

Nesse mundo contadino vinculado à terra e à natureza, bem como marcado fortemente pelos traços do paganismo, a crença nas forças naturais, como a lua, regentes do ciclo da vida, era muito forte. Assim, as benzeduras, os sortilégios, as práticas mágicas e supersticiosas faziam parte da vida dos seres humanos, desde sua concepção, passando pelo parto, até a morte.

O nascimento era marcado por uma diversidade de rituais, desde antes do parto. Segundo Dino Coltro, o espaço utilizado para trazer o bebê do útero materno era o quarto do casal, o qual se transformava em uma sala de parto, instrumentalizada segundo o costume. Costumava-se colocar os mosquiteiros ou alguma coisa de “precioso” como sinal de “bem-vindo” ao neonato; também, era comum fechar as frestas de portas e janelas com palha, para evitar o vento<sup>232</sup>.

Depois do parto, o brodo<sup>233</sup> devia ser preparado com uma galinha preta, na maioria das vezes trazida pela futura madrinha do neonato. Os conhecidos, ao virem fazer a visita de felicitações, traziam presentes como pães, ovos, açúcar, queijo. Devido à grande mortalidade infantil, bem como a teoria do Limbo<sup>234</sup>, o Sacramento do Batismo devia ser recebido logo após o nascimento, entre os quinze primeiros dias de vida. O padrinho – o compadre – era, geralmente, o mesmo do

---

<sup>232</sup> COLTRO, Dino. **L'altra cultura**. Sillabario della tradizione orale veneta. Verona: Cierre, 1998.

<sup>233</sup> Caldo de galinha, preferencialmente feito com o peito do animal.

<sup>234</sup> Segundo a teologia católica da época, todos os que morressem sem o batismo, por não terem tido possibilidade de recebê-lo, estariam pela eternidade em um lugar de não-sofrimento. Não gozariam da presença de Deus, mas não sofreriam, como no inferno, a sua ausência.



matrimônio, construindo uma amizade especial, com grande intimidade e confiança, nessa relação de compadrio.

Em caso de perigo de vida, a parteira batizava o recém-nascido apenas terminado o parto. Com uma fórmula tradicional, introduzia o neonato na cristandade: “se sei vivo e se sei degno, io ti battezzo nel nome del Padre, del Figliuolo e dello Spirito Santo”<sup>235</sup>. A parteira assumia então para si, em inúmeras ocasiões, a missão do sacerdócio comum, parte da tríplice missão do batizado.

Como se disse, a mortalidade infantil era um mal que grassava a região, especialmente nos períodos de crise de produção de alimentos, e crise do próprio sistema capitalista, como na década de 1870. Dentre as doenças recorrentes nas crianças, os vermes era a mais freqüente. Isso trazia um grande medo do sufocamento dos recém-nascidos, pois os parasitas podiam se alojar na traquéia. Para evitar a morte, as mães tinham o costume de utilizar um colar de alho ao redor do pescoço de seus filhos. Assim, com o odor do alho, acreditava-se que os vermes eram afugentados da garganta. Outro recurso para proteção era fazer a criança ingerir pequenos pedaços de alho, o que também impedia a subida desses parasitas.

Outro fator que poderia levar as crianças à morte era o término precoce do aleitamento materno. Com relação a isso, acreditava-se que bruxas ou mau olhado pudessem fazer secar o peito da mãe. As doenças estranhas e não explicáveis pela experiência contadina eram atribuídas a bruxas. A figura da strega era muitas vezes encarnada pela cigana, podendo lançar feitiços e maldições contra os neonatos ou as puerperas. Também, dizia-se que serpentes e rãs podiam vir roubá-lo dos neonatos. Para isso, confiava-se a criança a São Mamante, mártir do século III, o qual protegia contra a perda do leite materno. Ainda como protetor dos recém-nascidos, encontra-se a devoção a San Nicolò – São Nicolau, que se comemorava no dia seis de dezembro, quando se davam os presentes às crianças. Ele era conhecido como padroeiro da infância e da família.

---

<sup>235</sup> CASAGRANDE, Tiziana. Op. cit. nota n. 231, p. 98. – “Se estás vivo e se és digno, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

De qualquer forma, em uma sociedade norteada pelo trabalho, com inúmeros provérbios que enaltecem o trabalho árduo e desprezam a inatividade, tanto o pós-parto quanto os problemas de saúde eram considerados quase uma culpa. Assim, tão logo pudesse locomover-se, a puerpera colocava-se a serviço:

O hábito de esconder, de não dizer, distingue freqüentemente a relação dessas mulheres ante à doença, à dor física. Muitas foram habituadas desde pequenas a não se lamentar, a suportar mal-estares e indisposições sem deixar os outros saberem, continuando a trabalhar<sup>236</sup>.

Porém, essa atividade limitava-se ao âmbito doméstico, pois se devia respeitar um período de quarentena que a impedia de fazer visitas. Mesmo a freqüência à igreja ou receber a bênção não era permitido, haja vista a crença que por estarem impuras poderiam portar alguma desgraça ou maldição.

Terminado o período de “reclusão”, a mãe retornava aos seus afazeres normais no campo, deixando o recém-nascido aos cuidados da avó, com o auxílio dos irmãos e dos primos, outras crianças, porém um pouco maiores. A incumbência materna restringia-se quase somente ao aleitamento, antes de ir ao campo, no descanso do meio-dia e à noite, pois o dever do sustento pesava também sobre seus ombros.

No ciclo de vida contadina, a doença era o primeiro inimigo a ser combatido, pois impedia o exercício de seu ofício, a lida do campo. Assim, uma grande diversidade de poções e de rituais mágicos é utilizada para normalizar a saúde nos momentos de doença. A primeira pessoa procurada para buscar a cura da enfermidade era a avó, que conhecia a tradição, as ervas, os ritos, todos aprendidos pela experiência. Certamente, o médico era o menos procurado nos momentos de problemas físicos, especialmente porque a constituição de uma relação mais próxima

---

<sup>236</sup> CASAGRANDE, Tiziana. Op. cit. nota n. 231, p. 38. – “L’abitudine a nascondere, a non dire, contraddistingue spesso l’atteggiamento di queste donne di fronte alla malattia, al dolore fisico. Molte sono state abbituate, fin da piccole a non lamentarsi, a sopportare malesseri e indisposizioni senza darne notizia, continuando a lavorare”.

e humana com o doutor era difícil. Quem mais se procurava nessas dificuldades era o mago, porque os magos, naquele contexto, faziam parte de uma mesma categoria que o doente e conheciam os males<sup>237</sup>.

O zarlatan construía uma relação mais próxima com a vida campesina, porque utilizava a materialidade: associava, às poções, os rituais e invocações. Esse cruzamento de um universo material a um outro espiritual trazia em si a expressão de um valor invisível, mas real. Inúmeras vezes, fazia-se da bênção e do exorcismo, utilizando-se da liturgia católica, fórmula e sinal material da ação de cura.

Um exemplo das práticas mágicas utilizadas é trazido pela narrativa do baixo veronês, a partir do ritual de cura de uma machucadura no braço ou na perna, composto, também, por uma fórmula curativa:

Enquanto a água saía pela parte debaixo do pognatin, a velha esfrega a parte adoentada [...] e pronuncia as palavras: ‘Janela vá do braço (perna) de ... (o nome do interessado)’<sup>238</sup>.

Segundo Dino Coltro, o termo “janela”, em italiano *finestra*, pode estar ligado a uma transformação no vulgar do latim *finēs extra*, ou seja, *fuori esca*<sup>239</sup>, em italiano moderno. Dessa forma, o significado original da fórmula seria “Saia fora e vá embora do braço (perna) de...”, representando uma fórmula bastante comum nas práticas mágicas européias para expulsar o mal dos endemoniados ou comandar a cura.

Em conjunto com os provérbios, com as credices e com as superstições, as fábulas e lendas constituem-se em expressão da narrativa oral e possibilitadores de uma leitura do mundo contadino do século XIX. Enquanto parte da tradição oral, essas histórias fantásticas são parte constitutiva do imaginário rural vêneto, trazendo, além da textualidade, a expressividade oral do narrador. Sua

---

<sup>237</sup> COLTRO, Dino. Op. cit. nota n. 232.

<sup>238</sup> Idem, p. 126. – “Intanto che l’acqua esce da sotto *el pognatin*, *la vecia frega la parte indolentà* [...] e pronuncia le parole: ‘Finestra va in del brazo (gamba) de... (il nome del interessato)’”.

<sup>239</sup> A expressão, em português, significa “saia fora”.

diferença pode ser entendida a partir da distinção entre o narrado como “real acontecido” – a lenda, e o contado como expressão poética – a fábula.

Segundo Daniela Perco, essa “literatura oral”, especialmente a fábula, é elaborada a partir de um conjunto estrutural de métrica e rima<sup>240</sup>, trabalhando, para além das palavras, com a sonoridade, com a gestualidade e com a expressão facial. A fábula é o espaço da invenção: “conotação prevalente das fábulas: a não-veracidade, o não ser crível, o ter um desenvolvimento completamente fantástico”<sup>241</sup>.

Com as transformações sócio-econômicas do século XIX, também essa marca da cultura oral passa a declinar como estrutura corrente do quotidiano vêneto. A partir de então, em finais do ottocento, inicia-se uma preocupação com a conservação desses traços da cultura rural, tendo como lugar de preservação os estudo folclóricos. Infelizmente, a extra-textualidade do discurso não pode ser resgatada, mas as estruturas narrativas escritas permitem uma leitura desse universo contadino.

Geralmente, a magia da noite e da penumbra transformava-se no melhor cenário para a atuação dos narradores, ou os cantastorie. Essa prática narrativa era habilmente conduzida tanto por homens quanto por mulheres, com um repertório diferenciado para cada um. Normalmente, as mulheres, devido ao seu público constituído basicamente por crianças, contavam fábulas de animais, breves e com a construção de rimas. Os homens, de outra parte, tinham o repertório composto por temas de humor, sarcasmo e alusões ao sexo, inclusive porque seu público era constituído basicamente por adultos do sexo masculino.

A interação entre a experiência do narrador e a estrutura da fábula constrói uma constante presentificação da narrativa. A partir do uso de paisagens locais e de uma contextualização à realidade comunitária, a atemporalidade do “Era

---

<sup>240</sup> PERCO, Daniela. **La Cultura Popolare nel bellunese**. Milano: Amilcare Pizzi, 1995: Fiabe e leggende di tradizione orale.

<sup>241</sup> Idem, p. 212. – “connotazione prevalente delle fiabe: la non veridicità, il non essere credibili, l’averne uno sviluppo assolutamente fantastico”.

uma vez...” se temporaliza e territorializa na vivência quotidiana do mundo contadino. O contastorie assume para si a figura daquele que viu e ouviu, contando, assim, o que colheu em suas andanças, tanto na figura de pobre emigrante quanto na de um pastor das montanhas.

Em uma relação direta com o público ouvinte, constituído fundamentalmente de gente não letrada e pobre, a fábula se desenvolvia a partir de uma estrutura baseada no herói ou na heroína. No início, o personagem principal é vítima de um mal a ele feito e a fala vai ao encontro da vitória final sobre esse dano, para, por fim, todos viverem felizes para sempre. Sem dúvida, nesse percurso narrativo, não faltam as provas vencidas pelo herói para que esse consiga o feliz desfecho, sendo sempre marcadas pelo elemento mágico:

Aquela do dragão de sete cabeças; aquela da água que canta, da árvore que dança e do belo passarinho verde; aquela da rã [...] Os ouvintes se encontravam, assim, projetados em um mundo de reis, rainhas, cavaleiros, dragões, cavalos falantes, onde tudo se tornava possível<sup>242</sup>.

Também, era o próprio narrador que construía o suspense da história, criando as pausas, acelerando o ritmo e encerrando em um dado momento, deixando a continuação para um outro dia. Dessa forma, mantinha a atenção do espectador e construía uma identificação imagética entre a narrativa e o pensamento do ouvinte, criando, inclusive, um efeito de real.

Um grande personagem desse mundo rural era *il Torototèla*, um poeta mendicante que cruzava as freguesias e marcas vênetas, narrando histórias fantásticas. Ao som de uma caixa harmônica, as narrativas eram acompanhadas de cantos de repetição, como ladainhas. Passando pelos diversos *paesi* da região, *il Torototèla* agrupava uma verdadeira legião de adultos e crianças que ao seu encaço seguiam, formando como uma procissão<sup>243</sup>. Especialmente para as crianças, ele se

---

<sup>242</sup> Idem, p. 213 – “Quela del drago dale sète teste; quela de l’acqua che canta, l’albero che bala e l’oselin bel verde; quela della rana [...] Gli ascoltatori si trovavano così proiettati in un mondo di re, regine, cavalieri, draghi, cavalli parlanti, dove tutto diventava possibile”.

<sup>243</sup> COLTRO, Dino. Op. cit., nota n. 232.

constituía em uma fábula viva, identificando-se como parte da memória alegre da doce infância vivida.

Em um mundo fortemente marcado pela religião, também as lendas e fábulas têm como temática essa realidade transcendental católica. A presença dos santos, de Deus, do diabo e de todo o mundo espiritual voltado à Igreja romana elaborava narrativas que, sempre em um tom de brincadeira, tratavam da quotidianidade das relações com o elemento mágico-religioso. Nessas narrativas, a vitória do bem – de Deus – tão necessária diante das incertezas da vida diária, sobre o mal – o diabo – era uma condição de pacificação da existência. Assim, nas diversas situações apresentadas pelos *contastorie*, especialmente trazendo uma disputa entre Deus e o diabo, a esperteza do Senhor sempre se sobrepõe as maquinações do demônio:

Tinha o diabo e o Senhor, os dois, não, e tinha uma caldeira cheia de leite. ‘Então – Ele disse, o Senhor – deixo a ti, te deixo escolher agora – Ele disse. Tu queres aquilo que vem por cima ou aquilo que está embaixo? Ele disse. ‘Eh! – ele disse – para mim aquilo que está em cima’. E pela manhã o desejável era em cima e a parte gorda foi destinada ao Senhor, a ele sobrou a parte magra. Porém, tinha ainda alguma coisa para tirar da caldeira. ‘Agora – ele disse – temos de fazer o queijo. Tu, que coisa queres: aquela que está embaixo ou aquela que está em cima’. ‘Ah... Desta vez tu não me enganas mais, esta vez, para mim – ele disse – aquele de cima me disse o diabo, não. E aconteceu que quando o queijo é feito, ele vai para baixo, ao fundo e, em consequência ele ficou com o soro só, ah! Eis como aconteceu<sup>244</sup>.

Os personagens da religião, como os santos e os sacerdotes se tornam também motivos de fábulas, sendo muitas vezes apresentados de forma anedótica. A escrita humorística torna-se uma forma de romper com o formalismo quotidiano das relações com a transcendência e equilibra o espírito intransigente para com a

---

<sup>244</sup> PERCO, Daniela. Op. cit., nota n. 240, p. 213 – “L era el diavolo e el Signor, lori due nò, i aveva pien la caudiera de late. ‘Alora – el dis el Signor – ti te lasse, te lasse seglie a ti adesso – el dis. Ti vustu quel che ven per sora o quel che sta de soto?’ L à dit. ‘Eh! – el dis – a mi quello che sta di soto’. E la matina la brama la era su e la parte grassa la gh è tocàda al Signor, a el gh è restà la parte magra. Però l à ancora qualche còsa da tirà fora da caudiera. ‘Adesso – el dis – aon da far el formài, ti còssa vòsto: quello che sta de soto o quello che sta di sopra’. ‘Ah... stavolta no ti me freghe più stavolta a mi – el dis – quel de sora a mi’ ga dito el diavolo, nò. E l è successo che quande che l formài l è stat fat lu el va giù dal fond e in conseguenza l è stat col scola sol ah! Eco come che l è stada”.

religião.

Com relação aos sacerdotes, uma história registrada por Dino Coltro exemplifica bem essa experiência de ridicularizar o sagrado. Em “La confessione”, um grupo de amigos comenta as lamentações do pároco pela falta de esmolas à igreja, afirmando que ele diz não poder sobreviver mais assim. Em tom burlesco, decidem roubá-lo:

‘Mas olha, seria mesmo correto ir roubar-lhe...’  
‘Sim, sim, roubar-lhe! Uma palavra...!’ [...]  
Sim... Mas tu te dás conta que ele coloca o salame embaixo da cama!’  
‘Embaixo da cama!’, disseram todos com uma voz surpresa e maravilhada.  
‘Embaixo da cama? Eu me ocuparei disso, não temas. Eu me ocuparei.’  
Quem dizia essas últimas palavras não se confessava fazia tantos anos, muitos anos<sup>245</sup>.

Assim, fizeram uma aposta com o amigo que fazia tanto tempo não se confessava. Ele ganharia uma grande janta se conseguisse roubar o salame sob a cama do sacerdote. Para conseguir a vitória, o homem dirigiu-se a casa do padre à meia-noite. Batendo à porta da Canônica, pediu a perpétua que chamasse o sacerdote porque queria se confessar. Essa lembrou o adiantado da hora, mas visto que já se tinham passado tantos anos de sua última confissão, atende seu pedido e vai perguntar ao padre. Tudo acertado, o penitente sobe as escadas e entra no quarto sacerdotal:

‘Seja louvado Jesus Cristo, padre!’  
‘Muito bem querido, muito bem! Siga em frente, querido... siga em frente! Bem-aventurado e bendito, meu querido... Melhor tarde que nunca!’  
‘O quer o senhor, quando se sente o remorso... enfim, precisa preparar-se...’  
‘Sim, querido, venha aqui! Muito bem... aproxima-te, ajoelha-te aqui ao meu lado, faz um pouco de exame de consciência’.  
‘Sim, padre, sim’ Enquanto isso, pegava debaixo da cama os salames e os colocava dentro do bolsão da jaqueta, pegava o *codeghin* e dentro

---

<sup>245</sup> COLTRO, Dino. **Paese Perduto**. Vol. IV, parte II. Verona, 1979. p. 515 – “Ma guarda, sarebbe proprio giusto andare a rubarglielo...’ ‘Sì, sì, a rubarglielo! Una parola...!’[...] ‘Sì... Ma ti rendi conto che si è messo i salami sotto il letto!’ ‘Sotto il letto!’, dissero tutti a una voce, stupiditi e meravigliati. ‘Sotto il letto? Ci penso io, non aver paura tu. Ci penso io’ Chi diceva queste ultime parole non andava a confessarsi da tanti anni, molti anni”.

dos bolsos, aonde pudessem ficar<sup>246</sup>.

O penitente seguiu, arrependido, a narração de seus pecados, contando, por fim, o furto dos salames e dos *codeghin*<sup>247</sup>, sem dizer de onde tinham sido pegos. Respondendo a pergunta do sacerdote, diz que roubou todos que havia na casa. Depois da resposta prosseguiu o padre:

‘Bem...’, concluiu o pároco. ‘O que queres fazer... agora! Melhor, responde-me: os roubaste de uma pobre família que tem os filhos pequenos? Pode ser que não saibam como matar a fome? Tiraste a comida da boca de pobres criaturas?’

‘Não senhor, não... os tirei de uma casa onde ninguém sofre a fome, ninguém mesmo’.

‘Então, te absolvo e vai em paz... Amanhã, pela manhã, vem receber a comunhão e tudo estará terminado’<sup>248</sup>.

No outro dia, quando a *perpétua*<sup>249</sup> foi preparar o almoço, ainda cedo pela manhã, viu que os salames não se encontravam mais sob a cama. Perguntando ao padre, esse se recordou da noite anterior:

Ao padre vem uma improvisa iluminação e ele entendeu o truque do penitente.

‘Ah, o que eu fiz... E pensar que o absolvi... Absolvi quem me roubou tudo. Mas essa manhã ele vem para a comunhão... mas eu devo calar, devo calar’<sup>250</sup>.

Ao final da história, além de ter conseguido vencer a aposta, o falso

---

<sup>246</sup> Idem, ibidem. – “Sia lodato il nome del Signore, arciprete!” ‘Bravo caro, bravo! Vieni avanti, caro... vieni avanti! Beato e benedetto, caro... Meglio tardi che mai!’ ‘Cosa vuole, signore, quando si sentono i rimorsi... insomma bisogna prepararsi...’ ‘Si caro, vieni qua! Bravo... avvicinati, inginocchiati qui al mio fianco, fa un po’ di esame di coscienza’. Sì, arciprete, sì’. Intanto tirava fuori sotto il letto i salami e li metteva dentro nel tascone della giacca, prendeva i cotechini e dentro nelle tasche, ovunque potessero stare”.

<sup>247</sup> O *codeghin* é um embutido feito com couro de porco, o qual é enrolado com temperos e prensado, tendo a aparência externa de um tipo de salame.

<sup>248</sup> COLTRO, Dino. Op. cit., nota n. 245, p. 515. – “Bene...’, concluse il parroco. ‘Cosa vuoi fare... adesso! Piuttosto, rispondimi: li hai rubati a povera famiglia che ha dei bambini piccoli? Magari non sanno come sfamarsi? Hai tolto il cibo di bocca a delle povere creature?’ ‘No, signore, no... li ho tolti in un casa dove nessuno soffre la fame, proprio nessuno’ ‘Allora, ti assolvo e va in pace... Domatina vieni a ricevere la comunione e tutto sarà finito”.

<sup>249</sup> A *Perpétua* era a denominação da pessoa responsável por cuidar da casa do sacerdote, bem como de sua alimentação e de seus objetos pessoais.

<sup>250</sup> COLTRO, Dino. Op. cit., nota n. 245, p. 515. – “Al prete venne una improvvisa illuminazione e capì il trucco del penitente. ‘Ah, cosa ho mai fatto... E pensare che l’ho assolto... Assolto chi mi ha



penitente ainda teve a absolvição de todos os pecados, inclusive a do roubo em curso. Assim, a fábula de igreja, quando em seu estilo anedótico, satiriza as situações mais próximas à comunidade, jogando com o sagrado. Com isso, a esperteza de Deus sobre o demônio é enfocada, bem como a do homem sobre o representante da divindade. A partir do elemento humorístico a divindade sacerdotal é relativizada. De acordo com Daniela Perco, são essas narrativas que apresentam a comicidade, aquelas que mais permanecem na memória narrativa, tratando de questões relativas à coletividade:

As brincadeiras e as anedotas são, talvez, as narrativas que mostram a maior persistência no patrimônio narrativo atual. Em geral, giram entorno a um único episódio e são caracterizadas por situações irônicas e hilariantes, como por exemplo, aquelas referidas aos padres, onde colocam em evidência dotes como a argúcia e a astúcia, em oposição à força, ou se sublinha a estupidez do protagonista<sup>251</sup>.

De qualquer forma, essa comicidade transcende o espaço religioso e adentra as relações ao interno da comunidade e, também, as relações intercomunitárias. Em verdade, essas narrativas dos *contastorie* trazem em si a marca da alteridade, desse outro, diferente, que causa um estranhamento. Um outro que pode estar ao interno do *paese*, mas de hábitos diversos, ou um outro que está em um outro *paese*. Independente do distanciamento, geográfico ou cultural, o outro habita sempre uma zona de fronteira e torna-se referência entre “o que somos” e “o que não queremos ser”.

Esse tom hilariante com a figura do outro pode ser percebido em narrativas fantásticas que destacam a estupidez. As histórias que destacam a tentativa de realizar o impossível falam da busca de fazer as vacas pastarem sobre o campanário, de alargar a igreja empurrando as paredes internas, ou de trancar o sol

---

rubato tutto. Ma stamattina viene a fare la comunione... ma devo tacere, devo tacere”.

<sup>251</sup> PERCO, Daniela. Op. cit. nota n. 240, p. 213. – “Gli scherzi e gli aneddoti sono forse i racconti che mostrano la maggiore persistenza nel patrimonio narrativo attuale. In genere ruotano intorno a un unico episodio e sono caratterizzati da situazioni ironiche o esilaranti, come ad esempio quelli riferiti ai preti, dove si mettono in evidenza doti quali l’arguzia e l’astuzia in opposizione alla forza, oppure si sottolinea la stupidità dei protagonisti”.

em casa<sup>252</sup>.

Dessa forma, pode-se entender como os provérbios, as superstições e crendices e as fábulas são elementos construtores dos fios da tradição que tecem a tapeçaria desse Vêneto rural. A partir desses elementos pode-se traçar um perfil, embora pouco profundo, dessa sociedade campesina e que tipos de idéias-imagens serão transpostas para o Rio Grande do Sul, através da emigração.

### **2.3 O fiar da tradição: *el filò* ou *la veglia di stalla* como lugar de produção e conservação da memória coletiva**

Os elementos da tradição oral vêneta tinham seu lugar de cruzamento e amalgamento no *filò*, pois era nesse evento comunitário que os *contadini* se reuniam, discutindo e construindo suas visões de mundo. À luz trêmula do fogo, as fábulas e as lendas eram contadas, os ensinamentos da experiência eram trocados, as superstições eram reforçadas, enfim, esse mundo rural era recriado. Esse era o momento por excelência da sociabilidade, pois se constituía na única atividade invernal possível, particularmente ao falar-se em alpes e pré-alpes vênets.

*El filò* era um hábito ancestral, pré-romano, das comunidades do norte da Itália, em especial dos Vênets das zonas de montanha e planalto. Constituíam-se, basicamente, no costume de encontrar-se nas frias noites de inverno, no calor natural da *stalla* – estrebaria. Porém, é um encontro de cunho sócio-cultural fundado, também, na necessidade econômica:

O *filò* tem, então, um valor econômico, porque nas longas noites de inverno se trabalha, se fia o cânhamo e o linho para a troca dos lençóis, ou para ‘fazer o dote á filha que vai se casar’<sup>253</sup>.

Esses eventos espontâneos da cultura campesina adquirem um valor ainda maior quando se percebe as transformações no caráter popular do teatro e das

---

<sup>252</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>253</sup> COLTRO, Dino. Op. cit. nota n. 224, p. 13. – “Il filò ha, quindi, un valore economico, perché nelle lunghe sere dell’inverno si lavora, si fila la canapa o il lino per il ricambio delle lenzuola, o per ‘farghe la dòta a la fióla che se marída’”.

fábulas que se assiste ao longo do século XIX. Ambos passam a ter o adjetivo de popular, referindo-se ao grupo de pessoas ao qual se destinam, não mais em decorrência do meio que os produz. As fábulas, por exemplo, são organizadas literariamente por Perrault, pelos irmãos Grimm, deixando o âmbito da magia *contadina* e ganhando os salões. Progressivamente, esses dois meios de comunicação cultural perdem a espontaneidade da experiência quotidiana, assumindo um formalismo artístico. Vive-se o momento de transição de um rural encarnado na realidade vivida a um outro, virtual, eternizado pela narrativa de folcloristas e cultores desse mundo campesino.

Nesse processo de implosão da tradição *contadina*, a partir de novas relações que se estabelecem ao longo do *ottocento*, o *filò* cada vez mais vê enriquecido o seu lugar de elo conservador da cultura campesina. Essa função de reprodução cultural é enfatizada na medida em que a necessidade econômica vai cedendo espaço às necessidades de sociabilidade e manutenção da tradição. A produção material, econômica nunca deixa de existir, mas ela perde o seu papel como eixo principal na motivação para as reuniões invernais na *stalla*:

Os jovens remanescentes, privados da cultura dos anciãos, continuaram um *filò*, por muitos aspectos, diverso daquele tradicional, com a introdução do jogo de cartas, da *mora*, antes apenas tolerados em certos ‘*filò* de bairro’<sup>254</sup>.

Serão essas experiências da *stalla* que se constituirão enquanto um lugar de referência dessa cultura *contadina* vêneta, até o período do Pós-Segunda Guerra Mundial. O processo de conservação da cultura popular se dará em meio ao calor natural dos animais da estrebaria e à penumbra das lanternas a óleo, que criavam esse ambiente mágico da vida rural.

O inverno promovia uma grande transformação na organização do trabalho das comunidades rurais vênetas. As lides do campo, marcadas pelo trabalho

---

<sup>254</sup> Idem, p. 20. – “I giovani rimasti, privati della cultura degli anziani, continuarono un *filò*, per molti aspetti, diverso da quello tradizionale, con l’introduzione del gioco delle carte, della *mora*, prima appena tollerati in certi ‘*filò* di contrada””.

externo, cedem lugar, diante da neve e do grande frio, às lides domésticas. É o momento de fiar, trançar, costurar – trabalho feito no espaço da *stalla*, pelo aquecimento natural que o calor dos animais permitia. Nessas longas e frias noites, nesses dias de campos nevados, os *contadini* limitavam suas vidas ao espaço da estrebaria. Nela, faziam-se as refeições, os trabalhos, porque as casas eram lugares frios, haja vista a exigüidade de fontes artificiais de calor, em uma sociedade pobre de recursos. Ela tornava-se, então, o centro da vida social e familiar nesse período, muitas vezes de cerca de seis meses, no qual duravam o frio e a neve.

Assim, no transcorrer das noites inverniais, uma família acolhia em sua *stalla*, geralmente próxima à cozinha da casa, aos demais membros da parentela, ou demais pessoas a ela ligadas por laços diversos de parentesco, como padrinhos e madrinhas. A reunião inicia-se quando do pôr-do-sol, prolongando-se até o final da noite – por volta das 23 horas – promovendo, além da socialização e da aprendizagem, o nascimento dos primeiros relacionamentos amorosos<sup>255</sup>. Inclusive, esse era um dos motivos pelos quais o *filò* era grandemente atacado por sacerdotes e pela Igreja em geral, por ser um local propício para a dissolução moral dos costumes, ambiente que propiciava o pecado da carne – isso ocorria tanto pela pouca luminosidade quanto pelos odores que a ele eram característicos.

Nesse momento do *filò*, as experiências quotidianas eram trocadas, eram trocados os comentários irônicos e jocosos, a emigração era comentada. Nele, dava-se o lugar da nostalgia, da rememoração, falava-se de tempos distantes, recordavam-se vivências passadas. Enfim, ele reunia em si os elos da tradição, as marcas da cultura campesina que se reproduziam dentro das paredes da estrebaria e ao calor de vacas e cavalos.

Daniela Perco utiliza a fala de um proprietário de terras da região de Belluno, Antonio Maresio Bazzole, para reconstruir esse espetáculo da *vegli di stalla*:

---

<sup>255</sup> PERCO, Daniela. Op. cit. nota n. 240.

À noite, depois de comer a polenta, os moços solteiros *contadini* se unem em companhia de quatro, seis, dez e vão girando pelas estrebarias próximas e também pelas mais distantes, onde estão as *tose*, moças, e visitando também mais estrebarias, ficam conversando sentados próximo às moças, mesmo até a meia-noite, e até que a anfitriã anuncia que é hora das moças irem dormir e elas iam para casa [...] Essa reunião noturna nas estrebarias se chama *vejò*, e além de todas aquelas mulheres que fiavam, participavam todos os homens da família, os outros que foram aceitos estavelmente e aqueles ocasionais que vinham fazer visita, ou, como se diz, *in vejò*. Os homens normalmente repousam sentados ou deitados, e não fazem nada, quando muito algum trabalho fácil, leve, e que poder fazer com as mãos, estando sentado<sup>256</sup>.

O testemunho mostra o hábito alimentar básico das comunidades vênetas, especialmente de montanha, a polenta, assim como a importância do encontro nessa fase de busca de relacionamentos amorosos. O *filò* constitui-se em uma possibilidade de os membros da comunidade estarem mais próximos por diversas horas, inteirados dos costumes comunitários, entabulando conhecimento entre os sexos, funcionando como um lugar de encontros e de nascimento dos amores. Nessa situação destaca-se o eixo econômico: enquanto as mulheres fiavam, sobressai a presença quase ociosa do elemento masculino nessas tarefas mais domésticas, o qual, sentado, desenvolvia alguns poucos serviços.

No que se refere às atividades não vinculadas ao trabalho, Bazolle fala das conversas, especialmente do universo feminino, as quais transitam desde o rosário até as fofocas:

Todas essas mulheres reunidas falam continuamente, contam fofocas familiares e de outras mulheres, fábulas e outras histórias e, por vezes, recitam o rosário<sup>257</sup>.

---

<sup>256</sup> Idem, p. 198. – “Alla sera, dopo mangiata la polenta, i tosi celibi, contadini si uniscono in compagnie di quattro, sei, dieci e vanno girando per le stalle vicine e anche più miglia lontane, dove vi sono tose, ragazze, e visitando anche più stalle stanno in conversazione seduti vicino alle tose, anche fino a mezzanotte, e finché la coga di casa annunzia che era ora che le tose vadino a dormire e loro a casa [...] Questa riunione serale noturna nelle stalle si chiama *vejò*, e oltre a tutte quelle donne che filano, vi partecipano tutti gli uomini della famiglia, gli altri che furono accettati stabilmente e quelli occasionali che vi vanno a far visite, o, come si dice, *in vejò*. Gli uomini per solito riposano stando seduti o sdraiati, e non fanno niente, al più qualche lavoro facile, leggero, e da potersi eseguire là colle mani stando seduti”.

<sup>257</sup> Idem, ibidem. – “Tutte queste donne là riunite chiacchierano continuamente, raccontano pettegolezzi famigliari e d’altre donne, fiabe e altre frottole, e talvolta recitano il rosario”.

O universo masculino é mostrado em duas perspectivas: uma, quando, em pequeno número, participam do discurso das mulheres, fazendo seus interventos; outra, quando se encontram em um grupo numeroso e falam contra os patrões:

Os homens intrometem-se também nas conversas das mulheres, mas se encontram em muitos, e mais, se com algum de outra família, falam e mal diziam dos seus patrões, tratando dos trabalhos agrários, dos animais e de quanto possa interessar-lhes nos seus relacionamentos e negócios coloniais e familiares<sup>258</sup>.

De qualquer forma, mesmo não participando de atividades práticas, o mundo do trabalho não fugia das idéias do *contadino* quando reunido no *filò*. Nesse momento de encontro, poder-se-ia organizar, inclusive, as manifestações contra a exploração dos patrões, pois seus interesses agrários eram tratados. Grande parte dessas famílias trabalhava em um sistema de aluguel das terras, devendo parcelas de seus rendimentos aos proprietários. Dessa forma, as estratégias de como lidar com os senhores, coletivamente, eram bem-vindas, de como conseguir um melhor contrato de aluguel.

Porém, deve-se mencionar que o teor das conversas também era definido pelo perfil da família que recebia a todos em sua estrebaria. Tudo se deve ao caráter mais sério, ou a uma moral mais elevada daquela família junto à qual se tinha o *filò*; nesse sentido, pensa-se desde a freqüência das orações até o teor das fofocas e do mal-dizer dos patrões.

Além das narrativas mágicas ou dos fatos quotidianos, o espaço da *veglia* era utilizado para a formação moral do *contadino*. Assim, muitos escritos religiosos, partindo de uma estratégia do diálogo entre o *contadino* e seu pároco, eram lidos nessas noites de *filò*. Esses manuais formativos versavam sobre as temáticas mais diversas, informando desde os problemas da pelagra e das plantações até a história da Santa Igreja.

---

<sup>258</sup> Idem, ibidem. – “Gli uomini si immischiano anch’essi nei discorsi delle donne, ma se si trovano in parecchi, e più se con alcuno d’altra famiglia, parlano e sparlano liberamente dei loro padroni, trattando dei lavori agrari, degli animali e di quanto può interessarli nei loro rapporti e affari colonici e di famiglia”.

Desde o início do século XIX, circulam pela região do Vêneto os manuais práticos de instrução e formação da comunidade rural. Um exemplo dessas obras, do primeiro quarto do século, é o “*Il contadino istruito dal suo parroco*”<sup>259</sup>, composto de uma série de cadernos agrupados sobre esse título. Nele, encontra-se uma ferrenha crítica contra a *veglia di stalla*, tanto pelas condições de higiene, em um lugar repleto de animais e miasmas, quanto pela promiscuidade sexual – homens e mulheres com os corpos aproximados, em um mesmo ambiente mal iluminado.

Na obra, o padre, então, dialoga com as mulheres que têm o hábito de fiar nas estrebarias. Essas definem a *stalla* como o lugar onde passam os dias inteiros a fiar. O sacerdote diz saber das duras necessidades que as mantêm reclusas nesse local, mas reforça os problemas de saúde a que elas estão sujeitas em permanecendo na estrebaria. Elas revidam, perguntam o que podem fazer, dada sua pobreza, suas cozinhas frias e abertas e sua dificuldade de obter madeira para o aquecimento. O sacerdote, assim, apresenta sua proposta para modificar tal situação de tamanho prejuízo físico e moral:

O pároco propõe de aparelhar uma pequena sala fechada, onde as mulheres, sozinhas, possam facilmente aquecer-se com um braseiro: ‘Vocês ficariam tranqüilas, com a visita, ainda, de algumas de suas amigas e sem a supervisão de tantos homens, que vêem a ficar em ócio junto a vocês’<sup>260</sup>.

Diante da preocupação do sacerdote, as mulheres respondem que não querem sentir-se em uma prisão, sozinhas, definhando em melancolia. Nesse ponto, retruca o padre: “Não importa que a sala seja ruim, está no coração de vocês a conversação [...] porque vocês não fazem outra coisa nesses seus *filò* que namorar”<sup>261</sup>.

---

<sup>259</sup> BERNARDI, Ulderico. Op. cit., nota n. 95

<sup>260</sup> Idem, p. 329. – “Il parroco propone di attrezzare una piccola stanza chiusa, dove le donne, sole, possano facilmente riscaldarsi con un braciere: ‘Voi vi dimorereste tranquile, con la visita ancora di alcune delle vostre amiche e senza sopravveggenza di tanti uomini, che vengono a starsene in ozio d’acosto a voi altre’”.

<sup>261</sup> Idem, ibidem. – “Não importa que a sala seja ruim, está no coração de vocês a conversação [...] porque vocês não fazem outra coisa nesses seus *filò* que namorar”.

A narrativa prossegue, com o *piovano*<sup>262</sup> enunciando todos os males morais que traz o *filò*, desde a dissolução dos costumes, com homens e mulheres entregues a fofocas e comentários maliciosos, até as brigas e rixas por causa das moças. O *filò*, como lugar de sociabilidade, era o local dos encontros e dos comentários sobre a vida alheia, e o ambiente de penumbra facilita as intenções dos mais “avançados” – além de ser um lugar que foge ao controle do discurso da Igreja, pois como ela, faz parte da tradição.

Embora essa fuga do controle eclesiástico, o sacerdote não abandona a sua dimensão panóptica, pois diz às mulheres reunidas que, mesmo não freqüentando essas reuniões dissolutas, sabe de tudo que nelas acontece – afinal, ele é o representante de Deus e como o Senhor tudo vê, inclusive os pecados que não queremos revelar, também o seu representante de tudo está a par.

Referindo-se a Treviso, o abade Marchesan, no livro *Morgano e la sua nuova chiesa*, publicado em 1894, relata uma noite da *veglia invernale*, dando a conhecer os espaços ocupados pelos diversos grupos, os seus afazeres e o ritual da *serata*:

O velho pai está sentado a parte, no vértice transversal do presépio, entre dois animais, como o bom Redentor em seu nascimento; os outros seres masculinos da família, excetuando os jovens, estão em um dos ângulos da estrebaria, jogando cartas com um religioso em silêncio. Silêncio cortado, porém, entre um *gitto* e outro de vivazes e sonoros *bisticci*. As crianças estão todas recolhidas, uma parte junto ao avô e outra parte junto ao tio mais velho, e as palavras pendem de suas bocas, de onde saem contos misteriosos; e a cada tanto sente-se um estourar de risadas sinceras e sonoras, que atraem para aquela parte o vulto amoroso das mães ocupadas [...] No outro ângulo, em torno à luz, estão as mulheres, absortas em uma espécie de acurado trabalho de embudadura das gloriosas calças do marido [...] As moças ocupam a parte da estrebaria que está mais próxima à porta de entrada e esperam com ânsia, que elas só compreendem, a esperada visita dos moços<sup>263</sup>.

---

<sup>262</sup> É um termo dialetal – expresso muitas vezes como *piovan* – que no italiano gramatical diz-se *pievano*, significando abade ou padre, aquele que conduz uma *pieve*: igreja paroquial.

<sup>263</sup> MARCHESAN, A. **Morgano e la sua nuova chiesa**. apud BERNARDI, Ulderico. Op. cit., nota n. 95, p. 330. – “Il vecchio padre è seduto in disparte sull’asse trasversale del presepio fra due



A descrição segue, ainda, detendo-se em uma narrativa pormenorizada do ritual de colóquios que se estabelece entre moças e moços, cadeiras próximas, e o enamoramento se inicia. Os espaços são bem demarcados: um mundo feminino, outro masculino e outros dois, um para as crianças e outro para as moças. Lembra-se que o *filò* dá-se, via de regra, em uma extensa família patriarcal; logo, os moços devem procurar relacionamentos em outras estrebarias.

Tanto na narrativa de “*Il contadino istruito dal suo parroco*” quanto naquela de “*Morgano e la sua nuova chiesa*”, sente-se uma certa reticência da Igreja com relação à *veglia di stala*. No primeiro, no início do século XIX, tem-se uma frontal rejeição a esses encontros inverniais. No segundo, porém, no final do *ottocento*, percebe-se apenas uma certa contrariedade para com os hábitos das jovens e dessa troca de conversa com diversos rapazes. Assim, pode-se dizer que em ambos é perceptível uma reserva com relação ao caráter moral do *filò* e uma constante busca de controle também desse momento da vida do *contadino*. Isso pode ser percebido, também, na progressiva inserção da oração do terço em diversas zonas do Vêneto.

Encontram-se admoestações da Igreja vêneta com relação ao *filò* e aos seus fiéis, já em 1542. Nessa data, o bispo de Verona, Gian Matteo Giberti, na sua “*Monitiones*”, exorta os sacerdotes a alertarem seus paroquianos, particularmente os jovens, a evitarem essas conversas perigosas – na *stalla* – as quais trazem grave perigo a sua honestidade. A *veglia invernale* é apresentada como promotora da mais torpe ação, fonte de todo mal e ruína moral<sup>264</sup>.

---

animali, come il buon redentore nella sua nascita; gli altri esseri mascholini della famiglia, non i giovanotti però, stanno invece in uno degli angoli della stalla giocando alle carte con religioso silenzio, silenzio rotto però tra un *gitto* e l'altro da vivaci e sonori bisticci. I fanciulli si son tutti raccolti parte intorno al nonno, parte intorno allo zio più maggiore, e pendono dalle loro labra donde escono racconti misteriosi; e ad ogni tanto si sente uno scoppio di risa schiette e sonore, che attraggono verso quella parte i volti amorosi delle mamme occupate [...] Nell'altro angolo attorno al lume stanno le donne, intente ad una specie di accurato lavoro d'intarsio ai gloriosi calzoni del marito [...] Le fanciulle occupano la parte della stalla che è più presso alla porta d'ingresso, e aspettano con ansia, che esse solo comprendono, l'attesa visita dei giovanotti”.

<sup>264</sup> COLTRO, Dino. Op. cit. Nota n. 224.

Em um outro escrito, ainda do mesmo bispo de Verona, as recriminações com relação ao *filò* são ainda maiores. Em sua fala, percebe-se claramente o ditado popular: “homens e mulheres, o diabo está junto”, afirmando que a promiscuidade dos sexos traz a tentação da carne, obra do demônio. Essa mistura dos sexos sempre foi combatida pela Igreja, inclusive, nos próprios momentos de ofício religioso a comunidade se dividia em espaço masculino e feminino. O pecado não estava somente no fazer, mas no olhar e no sentir. Com isso, a proximidade dos corpos e dos olhares poderia conduzir os fiéis a pensamentos libidinosos, de fornicção e adultério. Assim, o bispo manifesta-se enxergando nesses encontros inverniais o sinal de todos os males: “Tot fraudes, tot familiarum excidia, tot scandala, tot homicidia, tot adulteria, tot virginum corruptiones”<sup>265</sup>.

Especialmente no espaço das crianças, a narrativa das histórias fantásticas, das lendas e das fábulas vai reproduzindo um universo *contadino* e mantendo o imaginário rural. O lugar da estrebaria constrói o ambiente da aprendizagem. Essa escola *contadina* da experiência ensina desde os afazeres domésticos, como costurar e trançar, até as normas de convívio, os jogos, os cantos, as fábulas e as lendas. Enfim, é o local onde se toma conhecimento da experiência da coletividade e, justamente, onde a tradição é constantemente reelaborada.

Segundo Dino Coltro, era no momento da fábula, da história fantástica contada e encenada pelo *contafole*, que o *filò* transformava-se em um evento mágico, sobressaindo a quotidianidade<sup>266</sup>. De qualquer forma, a experiência do grupo não fugia totalmente ao narrador, pois sua capacidade teatral e ficcional mesclava-se a uma ressignificação das vivências comunitárias, tanto do pequeno *paese* quanto da grande região do Vêneto, por onde também transitavam.

No calor da *stalla*, os *restus* – fragmentos sólidos da tradição – eram remontados e a memória coletiva encontrava-se sempre em constante produção e

---

<sup>265</sup> Idem, p. 15. – “toda fraude, toda ruína das famílias, todo escândalo, todo homicídio, todo adultério, toda a corrupção da virgindade”.

<sup>266</sup> Idem.

reprodução de um passado comunitário. Em um grupo de camponeses de baixa escolaridade formal, em 1863, apenas 42,5%<sup>267</sup> das crianças em idade escolar freqüentavam as escolas, muito embora, em 1881, esse percentual tenha baixado para 75%, a expressão oral era a grande mantenedora da história da família e do grupo. Assim, a memória era a construtora do passado para essas comunidades, e o ancião, como já mencionado, na figura do avô, é o grande “historiador”.

Percebe-se ainda mais a importância do espaço de sociabilidade no qual se constitui o *filò*, quando se têm presentes as normatizações e proibições na vida coletiva impostas pelo Estado e ensinadas nas escolas. Claudia Salmini diz que se experimenta no período austríaco, principalmente, uma série de restrições à vida comunitária:

As tabernas são proibidas; a inclinação vêneta pelo vinho deve, evidentemente, consumir-se, com discrição, entre as paredes domésticas. Nada de bailes, nada de tocar músicas nas festas das cidades; nada de bilhar, nada de carnaval. O decoro que o quadro impõe está em claro contraste com o tratamento econômico, de fato nada decoroso<sup>268</sup>.

Essa reprodução de uma cultura rural, ainda preta de elementos advindos do paganismo, era outro ponto com o qual se debatia a Igreja. As raízes de crenças e ritos pagãos que persistiam nas fábulas, lendas, anedotas e histórias antigas poderiam conduzir a uma corrupção da verdadeira religião. Isso o intransigente clero vêneta não permitiria, pois seria um grave problema de desvio. Para evitar essa destruição de valores religiosos e, também, morais, o *piovano* ameaçava com a não bênção da *stalla* que não controlasse a liberalidade do *filò*. Nesse intuito, o chefe da família que acolhia devia manter a boa moral, evitando conversas torpes ou anedotas picantes.

---

<sup>267</sup> Os dados percentuais foram extraídos do artigo de SALMINI, Claudia. L’istruzione pubblica dal Regno Italico all’unità. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della cultura veneta**. Dall’età napoleônica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 79.

<sup>268</sup> Idem, p. 76. – “Le osterie sono proibite; l’inclinazione veneta per il vino deve evidentemente consumarsi, con discrezione, entro le mura domestiche. Niente balli, niente far musica alle feste paesane; niente bigliardo, niente carnevale. Il decoro che il ruolo impone è in netto contrasto con il trattamento economico, nient’affatto decoroso”.

Mesmo o momento dos jogos, principalmente entre os jovens, era controlado pelos adultos. O pai, mas especialmente a mãe, permitia que se jogasse, apesar do pagamento das diversas prendas, quando da derrota na partida – como o beijo de castigo. Porém, fosse o beijo ou o carinho feito na penumbra, tudo era observado pelas mães, as quais estavam atentas ao que se passava, para que o limite do pudor não fosse ultrapassado.

O baile era ainda mais nocivo, pois propiciava a mistura promíscua dos sexos e o toque, era o pecado público da sexualidade. A casa que permitisse a realização de bailes em seu interior seria solenemente excomungada, haja vista que o chefe familiar está promovendo a dissolução dos costumes e a liberalização do pecado sexual. O controle eclesiástico não poderia permitir que o pecado da carne entrasse livremente no espaço doméstico, no quotidiano das famílias e das comunidades.

Como o direcionamento da noite, também o término dela era dado pelo *capostalla* com as palavras de fechamento da *veglia*, o convite para que se encontrassem no outro dia: *dai nemo a catàre doman*. Antes, porém, ele reordenava o espaço da estrebaria, ajeitando a palha dos animais, como se dizia: “fazendo a cama para os animais”. O horário de término deveria ser bem controlado, pois se na noite tudo era alegria e festa, no outro dia, tinha-se de levantar efetivamente cedo da cama: *a la sera tuti bo ma la matina tuti vache*<sup>269</sup>.

Era o momento de se recolher. As mulheres procuravam deixar marcado o ponto onde haviam parado, para facilitar o recomeço no outro dia, uma espécie de sinal na costura, no bordado ou na trança. Os homens carregavam as crianças que já tinham pegado no sono e, com a luz do braseiro, dirigiam-se a saída da estrebaria, desejando-se uma boa noite e que se reencontrassem no outro dia saudáveis: *Felice note cristiani, e catémose in piè domani*<sup>270</sup>.

---

<sup>269</sup> COLTRO, Dino. Op. cit. nota n. 224. – “à noite todos boi, mas pela manhã todos vaca”.

<sup>270</sup> Idem, ibidem. – “Feliz noite cristãos e encontremo-nos em pé amanhã”.

O *filò* tinha uma organização rígida, tanto no que se refere aos espaços, o que já foi comentado, quanto no que se relaciona ao horário de início da função, mais respeitado que aquele de início da Santa Missa. Todos tinham de se concentrar diante da estrebaria em um mesmo horário, haja vista que não se podia ficar abrindo e fechando a porta da *stalla* todo o tempo, pois se perdia calor. Assim, procuravam entrar a um mesmo tempo e não sair antes do final da *serata*. Fechando todas as janelas, sigilavam os buracos que sobravam com esterco bovino.

De qualquer forma, o espaço do *filò* não era aberto a todos, mas tinha restrições aos freqüentadores. Nos encontros de praça e de freguesia havia uma hospitalidade maior com os forasteiros, porém, nas cortes, tinha-se de pertencer àquela corte para poder freqüentar seu *filò*. O medo de infecção por doenças viróticas conduzia a proibição da entrada de pessoas estranhas ao grupo, pois poderiam trazer consigo o vírus, conseqüentemente, a redução do trabalho e da capacidade produtiva e de sobrevivência.

Também os mascarados, fantasiados quando do carnaval, não eram permitidos no *filò* de corte. Esses jovens giravam as *stalle*, em grupo, festejando o carnaval, muitas vezes com os rostos cobertos por um lenço ou acinzentados com fuligem. Porém, esses festejos não eram permitidos, dada a sua liberalidade, o que fugia da severidade desse tipo de encontro.

Além disso, as proibições, muitas vezes, tinham um cunho moral, ou eram marcadas pelas antipatias e rixas entre famílias. A exclusão baseava-se nesse mal querer para com determinados membros por parte da família que recebia para o *filò*. Essa restrição não era uma prática específica da *veglia* de corte, mas se estendia àquela de praça e de freguesia. Algumas vezes acarretava, ainda, na decisão de proibir a própria filha de falar com os filhos de uma determinada família, devido aos rancores que se construíam.

Dessa forma, entre fábulas, jogos, olhares, anedotas, trabalhos

manuais e cantos o *filò* reelabora em si a comédia humana, associada à presença de Deus e da corte celeste:

A mistura ‘cômica’ das narrações, nasce da alma popular, do modo de viver o mundo de ponta cabeça. Assim, os motivos profundos do viver tornam-se argumento de uma grande ‘comédia humana’, na qual todos são protagonistas e, também, Deus recita a sua parte<sup>271</sup>.

A partir da associação entre esse universo material e imaterial, da cultura rural vêneta, passando pela arquitetura e organização dos espaços públicos e pelas crenças, superstições e fábulas, tem-se a construção de um imaginário *contadino*, marcado pela experiência. Na construção desse universo, como na elaboração de um crochê, o *filò* torna-se o centro de tessitura de um processo de construção identitário. A memória coletiva passa a produzir com os fios das narrativas experienciais ou fantásticas uma realidade na qual a comunidade se reconhece e, também, dá-se a conhecer.

---

<sup>271</sup> Idem, p. 40. – “L’impasto ‘comico’ delle narrazioni, nasce dall’anima popolare, dal modo di vivere il mondo alla rovescia. Così, i motivi più profondi del vivere diventano l’argomento di una grande ‘commedia umana’, in cui tutti sono protagonisti e anche Dio recita la sua parte”.

### **3 AL DI QUA DELL'OCEANO: A EX-COLÔNIA DE CONDE D'EU E A GEOGRAFIZAÇÃO DA TERRA DE CHEGADA**

Os dois primeiros capítulos buscaram fazer um mapeamento das transformações na cultura rural vêneta, ao longo do século XIX, no contexto da formação da nação italiana. Para esse fim, partiu-se da queda da República de Veneza, em 1797, trilhando outra vez os caminhos do processo de unificação, até a segunda metade do século XIX. Nesse percurso, destacou-se um itinerário mágico-religioso no cotidiano *contadino*, buscando registrar esse mundo imagético que será trazido pelo emigrante e reelaborado em solo brasileiro.

Nesta terceira parte da Tese, procura-se construir uma cartografia das relações de sociabilidade na colônia italiana de Conde d'Eu e dos lugares de memória que se foram estruturando nesse processo imigratório. Assim, parte-se do mito civilizatório construído com o fenômeno da imigração e o festejamento da italianidade nos cinquenta anos da colonização italiana no Rio Grande do Sul, levando em conta as políticas de branqueamento e colonização, as quais foram de particular importância para o desenvolvimento da região sul do país. Dessa forma, busca-se discutir as dinâmicas do processo de construção identitária na comunidade colonial italiana, a partir da articulação de três lugares de memória da italianidade: o mito civilizatório, a religião e a figura do colono.

No sentido de recuperar uma geografia das tradições étnicas, marcadas na cultura italiana enquanto lugares de memória de uma ítalo-brasilianidade, faz-se o entrecruzamento de diversos veículos de difusão da cultura rural, tanto dentro quanto fora do espaço do *filò*. Esse instrumental construtor de uma determinada imagem do imigrante italiano é composto pela interseção de

cantos, fábulas, dialeto, religiosidade e construção espacial – domínio da natureza. A partir dessa domesticação da floresta, por um lado, elabora-se uma determinada temporalização da realidade vivida – com as marcas da existência humana, por outro, esconjura-se o desconhecido – produzindo uma ambientação do território que traz consigo as experiências de civilização anteriores à emigração.

Com isso, são delineados alguns traços que permitem perceber linhas associativas entre o vêneto do século XIX e a cultura rural italiana, na zona de colonização do sul do Brasil, nos primeiros cinquenta anos da imigração. Essa aproximação entre a terra de partida e aquela de chegada, a partir de vestígios culturais, produz, também, uma representação imagética de um Vêneto rural do século XIX, o qual se teve de abandonar e que se buscou reelaborar em solo sul-riograndense.

### **3.1 *Eccoci*: a vitória da “civilidade” e o mito do bom imigrante**

A memória sobre o processo imigratório no sul do Brasil construiu, especialmente, a marca do imigrante como elemento civilizador/europeizador das terras devolutas do governo imperial. A rigor, percebia-se nesse egresso de terras européias a possibilidade de desenvolver economicamente e socialmente essa região, ocupando os espaços “vazios”. Entendido como racialmente superior, esse egresso de terras européias – branco – viria dar um sangue mais saudável ao elemento nacional, purificando a nação<sup>272</sup>.

De outra parte, contrariando essa construção e ao mesmo tempo mostrando seu efeito eclipsador da realidade, Piero Brunello traz a luz uma foto do período inicial do processo imigratório, deixando ver uma outra face da realidade na terra de imigração. O autor apresenta uma foto de imigrantes trentinos que retornam

---

<sup>272</sup> A expressão *eccoci* é apresentada no subtítulo em um sentido positivado, sendo traduzida para o português como “Eis nos aqui!”.



de uma caçada e apresentam seus troféus de guerra, entre animais mortos e bens apreendidos, podem ser percebidas duas crianças indígenas – as quais eram prisioneiros de guerra<sup>273</sup>. Certamente, se essas crianças foram trazidas, é porque seus pais já não existem mais, tendo sido vítimas de uma “guerra” de ocupação, diante de comunidades indígenas instaladas na região.

Essa fotografia que se encontra no livro de Brunello, acima citado, a qual terá fragmentos reproduzidos – também – na capa e contra-capas da obra, ilumina uma outra relação entre o imigrante italiano – especialmente setentrional – e a população autóctone. Ao analisar-se com mais atenção o conjunto da imagem, percebe-se dez homens, todos de casaca e de chapéu, representação de um formalismo de dia de festa. Afinal, o retorno da caçada é uma festa na comunidade, comemora-se as aquisições da luta. Apenas um dos homens não possuía barba e/ou bigode, costume que denota maturidade e sobriedade. A inexistência de imberbes cria a aparência de que não se encontravam jovens entre eles, mas sabe-se que, apenas possível, esses deixam crescer pêlos no rosto, buscando, assim, parecer mais velhos<sup>274</sup>.

Diante da fachada de uma cabana, com porta e janela fechadas, esses dez homens estão dispostos como enfileirados, um ao lado do outro, todos com algum tipo de espingarda na mão, aqueles que não empunham a arma, colocam a mão na pistola que se encontra na cintura, como a demonstrar os instrumentos que proporcionaram aquele triunfo da civilização. O único que não tem sua mão segurando ou apoiando-se em uma arma é, bem no centro, um alto e magro imigrante que traz nos braços uma criança indígena chupando as mãos. Completam a composição da fotografia, cestos, potes, colares e instrumentos de guerra colocados à frente do grupo, certamente tomados dos indígenas atacados. Nesse mesmo patamar

---

<sup>273</sup> BRUNELLO, Piero. **Gli italiani in Brasile e il mito della frontiera**. Roma: Donzelli, 1994. – Na introdução do livro, Brunello informa que essa foto foi retirada de um livro sobre a história de um *paese* trentino, encontrando-se abaixo da fotografia o escrito “Gruppo di trentini in Brasile – ‘Ritorno di una battuta. Trofei e prigionieri’ (1883)”.

<sup>274</sup> Lilian Schwacz discute a representação positiva da barba na sociedade do século XIX, a partir da figura do imperador D. Pedro II. SCHWARCZ, Lilian Moritz. **As Barbas do Imperador**. D. Pedro II um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

dos utensílios capturados são colocadas duas outras crianças indígenas, uma delas com a barriga inchada.

Essas crianças apresentam uma imagem de pânico, tanto apreendida de suas faces quanto da posição de seus braços. Os rostos terrificados apresentam um misto de olhares, entre o assustado e o envergonhado, enquanto os braços cruzados em uma e dispostos como a cobrir o corpo em outra – a mais velha – representam essa busca de proteção em um ambiente de todo desconhecido. Percebe-se, assim, um contraste entre o pavor que expressa as feições dos indígenas e a marca da vitória e da conquista estampado na face dos “conquistadores” trentinos.



(Ritorno di una battuta. Trofei e prigionieri (1883) – Fonte: BRUNELLO, Piero. **Gli italiani in Brasile e il mito della frontiera.** Roma: Donzelli, 1994.)

A civilização impunha-se a barbárie, chegando com botas longas e chapéu, expressão de poder e força, além de uma posição distinta na sociedade.

Porém cabe o questionamento de qual representação de civilidade estava implícito nessas incursões de imigrantes pela floresta na busca da ocupação, ou ainda, que imagem se cristalizava – no imaginário dos recém chegados – dessas populações autóctones, qual era o grau de humanidade atribuído a elas. Mesmo não se tendo a resposta para essas questões, é importante manter a discussão sobre esses processos de trocas entre os imigrantes e as comunidades aqui existentes quando de sua chegada e que percepção eles estavam construindo da diferença.

Todavia, na dinâmica de reelaboração desse processo imigratório, em especial entre os grupos de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, a produção está concentrada na área de um certo pensamento antropológico e é conduzida por grupos genealogicamente envolvidos com o processo em si. Na leitura desses grupos, bem como nas demais produções sobre a imigração italiana na região sul, a imagem das crianças indígenas como troféus de guerra, ou mesmo a existência da referida foto não é alvo de discussão. O autor mesmo comenta esse esquecimento, vinculando-o a narrativa de uma determinada epopéia da imigração:

Sobre o argumento existe uma censura, a qual é devida a um tipo de mito da fronteira, que idealiza a figura do colono e remove ou torna falso os aspectos que podem ofuscar a epopéia<sup>275</sup>.

Com essa argumentação, Brunello passa a discutir um processo de mitificação do fenômeno imigratório no sul do Brasil, apresentando uma face menos civilizada desses egressos da Península Itálica. Nesse sentido, pode-se entender como um tipo específico de leitura sobre a imigração, esse conjunto de produções que desde o cinquentenário do processo imigratório enaltece os feitos do colono italiano como produtor de civilidade nessas terras incultas ou mal cultivadas do Rio Grande do Sul. Assim, denota-se que esse processo construído pelos estudiosos da imigração, ao longo dos últimos oitenta anos, não é falso, porém, não traduz em sua pluralidade as vivências e as relações estabelecidas pelos imigrantes italianos em solo gaúcho, apresentando uma parcela do processo, como se fosse o todo.

---

<sup>275</sup> BRUNELLO, Piero. Op. cit. nota n. 273, p. VIII. – “Sull’argomento c’è una censura dovuta a una sorta di mito della frontiera che idealizza la figura del colono e rimuove o falsa gli aspetti che possono

A rigor, a literatura sobre a imigração produzirá figuras emblemáticas no processo de ocupação do solo, as quais serão elementos de identificação, a partir de uma vontade mágica de pertencimento:

O meio mercantilizado e estereotipado da cultura de massa se constitui de representações e figuras de um grande drama mítico com o qual as audiências se identificam, é mais uma experiência de fantasia do que de auto-conhecimento<sup>276</sup>.

De qualquer forma, é relevante discutir tanto o contexto de construção desse imaginário da imigração italiana quanto os elementos constitutivos do início de tal processo. Para esse intuito, dois elementos se entrecruzam, a busca da construção de uma identidade nacional marcada pelo elemento branco e o festejamento das conquistas do imigrante nos primeiros cinquenta anos de trabalho em terras brasileiras.

O processo de construção de uma identidade nacional no Brasil desde o segundo quartel do século XIX, baseava-se fundamentalmente na negação de uma marca de africanidade, ou seja, de negritude. A imagem de nação que se configurava, especialmente a partir do Romantismo, tanto no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – quanto na Academia de Belas Artes, bem como no ensino em geral, era de um cruzamento do branco português com o bom selvagem nacional. Logo, desde o início, a marca por excelência que se buscava dar a identidade brasileira era de branquitude<sup>277</sup>.

Entretanto, no transcorrer do século XIX, a idéia de um nacionalismo cultural vai sendo suplantada por uma construção de identificação nacional marcada pela raça. Giralda Seyferth destaca que a importância de um nacionalismo demarcado pela língua e pelas tradições populares nacionais, passa a ceder lugar a uma descoberta do racismo, radicalização do darwinismo social e origem da

---

offuscare l'epopea".

<sup>276</sup> SOVIK, Liv. Apresentação para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. Op. cit. nota n. 43 p. 12.

<sup>277</sup> SCHWARCZ, Lilian Moritz. Op. cit. nota n. 274.

eugenia<sup>278</sup>. Na esteira dessa transformação, ver-se-á, ao longo do último quarto do século XIX, grandes levas de imigrantes europeus aportarem em terras brasileiras. Essa massa populacional deslocou-se fortemente impulsionada por uma agressiva política imperial de aliciamento, a qual foi implementada em todo o continente Europeu.

Ancorada na Antropologia Física e idealizada por personagens como Gobineau, Chamberlain e Lapouge, a determinação da superioridade racial branca percebia de forma negativa a mestiçagem. Entretanto, a intelectualidade brasileira, frente a essa tese da inferioridade do mestiço, construiu a teoria de um branqueamento em três gerações, o qual produziria uma população branca. Nesse intuito, elaborou-se um plano de regeneração nacional, a partir da vinda de imigrantes selecionados. Será nesse contexto de uma intrínseca superioridade branca que se dará o desembarque desses italianos, tanto em São Paulo quanto no Rio Grande Sul, sendo também esse o pano de fundo do período de festejamento do quinquagésimo aniversário da imigração italiana.

A partir de 1878, ter-se-á uma forte e direta atuação da província de São Paulo na arregimentação de imigrantes. Antônio Queiroz Teles, visconde de Parnaíba, nesse ano governador da província de São Paulo, após percorrer vários países, irá optar pela busca de imigrantes italianos. Assim, constituiu, sob sua presidência, a Sociedade Promotora de Imigração, em 1886. No período entre 1886 e 1888, essa Sociedade introduziu no Brasil 17.856 famílias, perfazendo um total de 101.396 pessoas, participando desse “boom” imigratório de finais do século XIX. Mesmo assim, será a última década do século uma das mais expressivas no que se refere à chegada de imigrantes italianos em solo brasileiro:

Em 1891 sobe a 84.486, seguindo três anos de menor movimento, até que em 1895 a imigração italiana alcançou o apogeu, registrando a entrada de 106.526 pessoas. Em 1896 a corrente imigratória italiana, por si só, representava quase o dobro das demais, e dois anos depois,

---

<sup>278</sup> SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MALO, Marcos; SANTOS, Ricardo. (orgs.) **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

em 1898, mais da metade da imigração é ainda de procedência italiana, verificando-se o mesmo nos dois anos que se seguem<sup>279</sup>.

Será no bojo dessa percepção de sociedade, construída em finais do século XIX, que se dará a grande onda imigratória de europeus para o Brasil. Dentre os tipos possíveis, será o italiano, por suas semelhanças lingüísticas e religiosas, o mais requisitado para esse processo de purificação do elemento nacional. Efetivamente, os cinquenta anos que se passam entre o início da imigração e as festividades de 1925 são marcados por uma progressiva positividade do elemento branco\europeu, logo, de uma visão de sua presença enquanto fomentador de civilidade para a nação.

No caso específico do Rio Grande do Sul, o imigrante italiano será percebido como aquele trabalhador incansável que está construindo a grandeza e pujança do estado<sup>280</sup>. Certamente, os traços psicológicos atribuídos a essas populações da Península Itálica têm uma relação direta com o progresso econômico que se começa a perceber na região a partir do início do século XX.

Quando se fala na construção de uma memória sobre a imigração italiana, em absoluto entende-se que essa parte de algo inexistente, ou que é desde sua base uma construção fantasiosa. Tem-se presente que a contínua elaboração dessa imagem positivada do processo imigratório reside em traços reais do percurso, os quais progressivamente são tecidos como uma epopéia, o grande êxodo para a terra prometida. Assim, são destacadas essas marcas de sofrimento e trabalho árduo para transformar uma terra inóspita e virgem em um potente centro produtivo, ressaltando sempre que a nobreza da raça italiana foi produtora deste núcleo de civilidade no coração da floresta.

---

<sup>279</sup> CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**: “Andiamo in ‘Merica”. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003, p. 219.

<sup>280</sup> A figura do trabalho incansável não é apenas marca da imigração italiana, constituindo-se também em referência positiva da identidade “alemã” no Rio Grande do Sul. Dentre inúmeros trabalhos sobre a discussão, recorda-se a publicação: WEBER, Regina. **Os operários e a Colméia**: trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

A narrativa que se consagrou sobre a trajetória dessas famílias vêneto-lombardas e trentinas para a região sul do Brasil parte de uma conjuntura de miséria absoluta em solo italiano e de uma necessidade brasileira de povoamento dos espaços vazios. Dessa forma, na província de São Pedro, em 1870, são criadas as colônias imperiais de Conde d'Eu e Dona Isabel, ambas já na região serrana. Ainda em 1868, algumas famílias alemãs procuraram ocupar essas terras das referidas colônias, porém, as dificuldades de comunicação e as disputas com os índios fizeram com que o projeto fosse abortado, tendo eles abandonado Conde d'Eu.

Outros grupos continuam chegando ao longo da década de 1870, formando, ainda, a colônia de Campo dos Bugres. Para chegar aos núcleos coloniais, depois do trajeto até Porto Alegre e da espera para seguir viagem, os imigrantes poderiam seguir por dois caminhos: (1) dirigiam-se por barco até Montenegro e, depois, subiam por picadas até Conde d'Eu e Dona Isabel; (2) dirigiam-se por barco pelo Rio Caí até Porto Guimarães, seguindo, após, por picadas até a região de Nova Palmira e Campo dos Bugres.

A dimensão da viagem, já em solo brasileiro, é outro elemento que torna grandiosa a epopéia, pois marca as dificuldades de penetração em meio a floresta, o desafio dos animais, os diversos dias de deslocamento. Ao mesmo tempo, produz como que um rito de passagem, pois vai introduzindo os imigrantes na nova realidade. Devido a dificuldade de comunicação entre o mundo que é deixado para trás e o novo que se apresenta, a trajetória terrestre desses imigrantes pode ser entendida, também, como a passagem por um portal que os conduz a um mundo desconhecido e primitivo, no qual devem aprender a sobreviver.

Com a distribuição dos lotes, partiam para as terras que para eles se havia destinado e iniciavam a estruturação da propriedade, particularmente preparando a terra para o plantio. Apesar do trabalho, esses primeiros anos não foram muito frutíferos para os colonos, pois as dificuldades de transporte mantinham, além do grande isolamento cultural, também o econômico. A falta de estradas de ferro ou de estradas aptas para as carretas dificultava a comercialização

da produção e, conseqüentemente, o crescimento das colônias. O transporte, dessa forma, devia ser feito em lombo de animais até atingir-se os canais fluviais, o que demandava cerca de dois dias de viagem. Essa epopéia pela floresta é narrada pelo padre Ambrósio Schupp, sacerdote jesuíta, quando de uma de suas viagens da Vila de São Sebastião do Caí até Bom Princípio:

Já contornamos o lugar perigoso e prosseguimos cavalgando com valentia. Chega agora em nossa direção, procedendo de caminho lateral, uma ‘tropa’ de mulas ou uma série longa de mulas, carregadas em ambos os lados de grandes latas (de folha de zinco). As latas estão cheias de banha, que é o produto principal da criação de porcos (suinocultura). Os animais tropeiam bastante ordenados, sempre em fila indiana, pelo caminho silvestre. Um rapaz cavalga a sua frente na qualidade de guia. Outro segue a cavalo fazendo de guarda (retaguarda)<sup>281</sup>.

Mais uma vez o sofrimento e o esforço do trabalho, os quais se fazem necessários para construir a civilização, são destacados como elementos de força na narrativa sobre o fenômeno imigratório. Como toda a grande narrativa, a vitória deve ser supervalorizada, com isso, ressaltam-se os momentos de dificuldade que enriquecem ainda mais o bom termo do evento narrativo.

Mesmo tendo como grandes culpados a penúria e miséria da zona colonial, a imagem de trabalhador incansável e ordeiro que se construirá na narrativa sobre a imigração, será relativizada pelos relatos de assassinatos e revoltas nas colônias, os quais não constam de sua contrução imagética:

Foram constantes as notícias relativas à penúria e miséria, que imperavam no Campo dos Bugres. Ocorreram também repetidas revoltas e assassinatos: o que não deixou de suscitar o temor de que houvesse dessa parte colonial perigos sérios para a Província inteira<sup>282</sup>.

De qualquer forma, o sacerdote que narra esses distúrbios na zona colonial italiana, apressa-se em dizer que, passados alguns anos, esses indivíduos inquietos e em busca de melhores condições de vida já se tinham acomodado.

---

<sup>281</sup> RABUSKE, Arthur. **Os inícios da colônia italiana no Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães**. Porto Alegre: EST, 1978. p. 26.



Segundo o sacerdote, criou-se, então, uma situação de equilíbrio, inclusive agradável para muitos. A ordem começava a vigorar na colônia, pois, assentados os imigrantes e iniciada a produção, as regras deveriam garantir o convívio comum. Em 1877, já iniciavam as primeiras colheitas em muitas comunidades, sendo produzidos alguns dos gêneros essenciais para a alimentação. Assim, o processo civilizatório seguia seu curso e a terra passava a dar fruto nas mãos de quem sabia cultivá-la. A natureza começava a ser domesticada e, portanto, o processo de nostalgia iniciava a ser pacificado.

Na recordação desses descendentes de emigrantes permanece a imagem da ordem, da honestidade, sempre em contraposição a um mundo transformado na contemporaneidade, no qual se perdeu a simplicidade das coisas do passado. O senhor Dante Chesini fala de conversas simples, de uma vida tranquila, de relações ordeiras<sup>283</sup>. No mesmo sentido, a senhora Elvira Fava, hoje com oitenta e nove anos, recorda que na época de sua infância o mundo era muito mais seguro, porque as pessoas partilhavam mais:

Olha, naquele tempo não havia nada, era tudo a braço de homem e mulher. Mas a gente diz: não era como hoje. Porque hoje é perigoso até sair fora da porta. Naquele tempo a gente sai sozinho de noite [...] se ajudava um ao outro<sup>284</sup>.

As primeiras moradias, de acordo com os escritos de jesuítas alemães, eram barracas em madeira, sendo que a construção em pinho será uma das características da arquitetura colonial italiana. Apresentando as mais diversas colorações, essas casas com telhados de grande inclinação tinham sua estrutura preparada, aos moldes daquelas deixadas na Europa, para não permitir o acúmulo de neve sob a residência, o que criaria perigo de desmoronamento para a família habitante. Embora deslocada do sentido utilitário, pois a neve na região da serra gaúcha nunca chegaria a criar uma situação de perigo por acumulação nos telhados, a edificação das habitações reevocavam a experiência do lar, de uma casa deixada em

---

<sup>282</sup> Idem, p. 27.

<sup>283</sup> CHESINI, Dante. Depoimentos, dezembro de 2003.

<sup>284</sup> FAVA, Elvira. Depoimentos, dezembro de 2003.

solo pátrio, presente no sujeito que recorda.

Com o florescimento das colônias, já no início do século XX, casas em pedra, com ou sem reboco, começaram a ser construídas: marcadas ainda estavam as características arquitetônicas das regiões de procedência. A tradicional casa colonial vêneta de dois ou três pisos pode ser vista nas mais diversas localidades de colonização italiana na serra gaúcha. Construída em três andares, a habitação era constituída de uma cantina no andar inferior, de uma zona diurna no nível intermediário e de uma zona noturna no último piso.

O andar mais baixo da moradia, muitas vezes abaixo do nível do terreno, servia para a conservação dos gêneros alimentícios, tais como queijos e salames, bem como para a produção do vinho. Imediatamente acima, tinha-se o espaço da vida social familiar e comunitária – era o lugar da cozinha e da “sala de estar”, onde a família se encontrava durante o dia e onde se recebiam os visitantes, especialmente nas noites de *filò*. O terceiro piso era onde se encontravam os quartos, era uma zona mais reservada e íntima da casa.

Algumas moradias, especialmente aquelas feitas em madeira, tinham a cozinha em um espaço fora da casa, construído a uma certa distância. Isso se devia grandemente ao perigo de incêndio que a precariedade dos antigos *focolare* trazia. Assim, a distância entre a cozinha e a habitação permitia uma segurança maior à família quando da utilização do fogo.

O espaço doméstico, além de ser o lugar da vida familiar do imigrante, também é, por excelência, o *locus* da rememoração das experiências da trajetória da família e do grupo étnico. No interior da residência, as histórias coletivas são reinventadas e o mito civilizatório da imigração italiana é edificado. Dessa forma, os preceitos religiosos são mantidos e enriquecidos pelos rituais quotidianos de orações, invocações, súplicas e ladainhas e a trajetória da imigração vai sendo revisitada,

especialmente a partir das aventuras de Nanetto Pipetta<sup>285</sup>.

Será a partir do jornal *Staffetta* Riograndense – de propriedade dos Frades Menores Capuchinhos<sup>286</sup> – que se terá um dos eixos para construção de uma determinada memória acerca da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nele, como já enunciado, começava a entrar na casa dos descendentes, ao longo da década de 1920, a figura de Nanetto Pipetta, o qual vai se constituir em figura emblemática dos imigrantes vênetsos no sul do Brasil.

Muito embora fosse pequeno o número de imigrantes que tinha acesso à leitura do jornal e, conseqüentemente, contato com a leitura da história de Nanetto, sua popularidade era grande na comunidade de descendentes de italianos na serra gaúcha. Segundo Adriana Orlandi<sup>287</sup>, esse processo de popularização do personagem dá-se pela transformação dos leitores em multiplicadores na comunidade. Assim, Nanetto é incorporado à tradição oral, pois muitos o conheceram somente a partir da oralidade. Nesse sentido, as aventuras de Nanetto Pipetta transformam-se em *storie*, em fábulas contadas oralmente na comunidade nos mais diversos momentos de sociabilidade, do espaço da *piazza* àquele do *filò*.

Essa produção literária da zona colonial italiana<sup>288</sup>, para além de ser instrumento de diversão, um passatempo na comunidade, adquire um sentido de militância na manutenção de uma identidade *contadina* vêneta:

o caráter de militância dessas publicações<sup>289</sup> se dá no sentido da defesa e da valorização do universo camponês de origem vêneta, que

---

<sup>285</sup> As aventuras de Nanetto Pipetta, nascido na Itália e vindo à América para encontrar a *cucagna*, foram escritas por Achiles Bernardi e publicadas originalmente no Jornal *Staffetta Riograndense*, atual Correio Riograndense, na década de 1920.

<sup>286</sup> Os Frades Menores Capuchinhos foram trazidos pelo bispo Don Claudio Gonçalves Ponce de Leão, em 1896, para atender as comunidades italianas na serra gaúcha. Provenientes da província de Sabóia, na França, estabeleceram-se, primeiramente, na ex-colônia de Conde d'Eu.

<sup>287</sup> ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta**: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGHist/UFRGS, 2000 (Dissertação de Mestrado).

<sup>288</sup> Além da obra citada de Nanetto Pipetta, pode-se citar, ainda, Nino – il fratello di Nanetto, Togno Brusafrafrati ou Storia di Peder.

<sup>289</sup> Refere-se às publicações em vêneto-riograndense, como Nanetto; Nino, il fratello; Togno Brusafrafrati e Storia di Peder – principais expressões de uma literatura de origem vêneta.

procura manter viva uma imagem e uma memória, para adaptá-la às novas circunstâncias. O vêneto torna-se o lugar por excelência da memória coletiva, pois corresponde ao patrimônio de sentimentos, crenças, esteriótipos, que caracteriza o camponês vêneto, transferido para o outro lado do oceano<sup>290</sup>.

Assim, o Vêneto sofre um processo de desterritorialização e destemporalização, transformando-se em uma imagem idílica e flutuante na imaginação dos egressos da Península Itálica, nem sempre provenientes dessa região, mas que se associam a essa imagem do imigrante Nanetto Pipetta. Essas obras marcam a reelaboração além-mar de bens culturais não-tangíveis trazidos com os imigrantes, os quais vivificam uma identidade étnica.

A literatura da imigração torna-se um elo de identificação comunitária, trazendo em si perdas e esperanças. Por um lado, marca a nostalgia das coisas que foram deixadas para trás, de um mundo que não está mais no horizonte de expectativas. Porém, por outro, elabora um sentimento de reconstrução, a possibilidade de iniciar mais uma vez e, de uma forma melhor, ressignificar esse mundo perdido. Afinal, se está trabalhando com uma imigração que deu certo e na qual muitos construíram capital e adquiriram um pedaço de terra, enfim, viveram o seu sonho de uma ascensão social.

Ao mesmo tempo, essa produção literária não deixa de ter uma intencionalidade produtiva, um núcleo intelectual que pensa essa relação de identificação e busca marcar, de uma forma determinada, a identidade comunitária. Nesse sentido, divulgadas e produzidas por setores vinculados à Igreja, especialmente instalados no seio da congregação dos Frades Menores Capuchinhos, as obras literárias sobre a imigração buscam elaborar no grupo de descendentes italianos uma imagem que integre um catolicismo intransigente e uma forte cultura rural, entendidos como caracterizadores de uma identidade vêneta.

---

<sup>290</sup> ISNENGHI, Mario. Il Veneto nella America: tracce di una letteratura popolare della emigrazione. In: FRANZINA, Emilio. **Un altro Veneto**: saggi e studi di storia dell'emigrazione nei secoli XIX e XX. Abano Terme (Padova): Aldo Francisci Editore, 1983 apud ORLANDI, Adriana. Op. cit. nota n. 287. p. 115.

De qualquer forma, essa identificação com o personagem de Nanetto Pipetta – ou de seu irmão, não tão famoso, Nino – é parte da construção de uma comunidade de sentidos entre o grupo de descendentes e o texto literário ou a transmissão oral. A narrativa adquire popularidade porque as pessoas nela encontram sua história, entendem-se como parte dessa trajetória vivida por Nanetto, independente de seus ancestrais a terem experimentado ou não. A literatura de imigração cativa o público não apenas pela linguagem dialetal que ressoa como um eco da infância, mas pela capacidade evocativa da memória, marcada por um vínculo afetivo de recordação do grupo de pertença.

Pipetta torna-se um elo nessa tessitura de uma cadeia de pertencimento afetivo que não permite o esquecimento:

Portanto, a memória não faz ruptura entre passado e presente porque só retém do passado aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém<sup>291</sup>.

Com isso, desenvolvia-se no espaço doméstico a dinâmica da rememoração. O interior da casa era um lugar privilegiado da construção de uma memória sobre a imigração, tanto nos momentos de intimidade da família quanto naqueles de sociabilidade com os grupos familiares próximos. A zona “pública” do lar será o centro de trocas e, dessa forma, de construção imagética da comunidade de imigrantes, de sua cultura rural e de suas práticas religiosas.

Embora não se possa, segundo Iam Chambers, retornar a casa, àquela cena primária cristalizada no passado, pode-se vislumbrá-lo a partir de sinais por ele emitidos, os quais permitem a reelaboração de uma teia que o significa:

Diante da ‘floresta de signos’ (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada com nossas histórias e memórias (‘reliquias secularizadas’, como Benjamin, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que

---

<sup>291</sup> ORLANDI, Adriana. Op. cit. nota n. 287, p. 84.

temos<sup>292</sup>.

Essa memória construída acerca da imigração funcionava como uma sinalizadora de um efeito de unidade entre passado, presente e futuro. Elaborava-se, a partir do reagrupamento das relíquias de um passado comum, uma trajetória de auto-conhecimento enquanto grupo, possibilitando a percepção de elos comunicantes que justificavam a experiência da expatriação e significavam a caminhada na terra de chegada. Isso, ao mesmo tempo em que funcionavam como pontes entre o *paese* distante e a atualidade da vida na nova terra.

Acresce-se à literatura, enquanto construtora de uma percepção da imigração, a música, também parte desse sustentáculo imagético da operosidade do colono italiano – no estado – de sua dedicação ao trabalho. Como diz uma das canções mais célebres da imigração *Mérica Mérica* – nas dificuldades foram construídas indústrias e fundadas cidades:

Na América nós chegamos,  
não encontramos nem palha nem feno,  
dormimos sobre o terreno nu,  
como animais nós repousamos.  
A América é longa e é larga  
Ela é formada de montes e de planícies  
e com a indústria de nós italianos  
fundamos *paese* e cidades<sup>293</sup>.

A canção não deixa de ser fruto de um processo de revisão da trajetória da imigração, enfatizando o ponto de chegada, ou seja, a vitória. *Mérica Mérica* expressa a celebração da conquista da terra – de uma certa forma comemorasse o encontro da terra da *cucagna*, mesmo invertendo o preceito do não trabalho envolto no mito. De qualquer forma, ela apresenta uma absolutização do bom termo do processo emigratório, como uma justificação pelo deslocamento. Dessa forma, a

---

<sup>292</sup> CHAMBERS, Iam. *Border Dialogues: journeys in post-modernity*. London: Routledge, 1990. apud HALL, Stuart. *Op. cit.* nota n. 43, p. 28

<sup>293</sup> CIBAI MIGRAÇÕES. **...E Cantavam** - Coleção de Cantos Populares da Região de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Meridional EMMA, 1972. p. 16 – “A l’America noi siamo arrivati/ Non abbian trovato né paglia né fieno/ Abbian dormito sul nudo terreno/ como le bestie abbian riposá. L’America l’è lunga e l’è larga/ l’è formata di monti e di piani/ e con l’industria de noaltri italiani/ abbian fondato paesi e città”.

canção pode ser percebida como uma narrativa epopéica do fenômeno migratório, haja vista que em sabendo o desfecho, é possível “tragediar” o percurso, valorizando o seu final.

Essa música destacada enquanto um dos principais símbolos da imigração italiana, presta-se a duas análises complementares, ou melhor, sofre um processo de estetização do vivido e, ao mesmo tempo, cria um efeito Gershwin<sup>294</sup>. No primeiro ponto, a história enquanto experiência cotidiana da comunidade ao ser narrada é estetizada enquanto ficção. No segundo, a canção que se torna elemento emblemático do processo imigratório, passa a construir verdade e, dessa forma, constrói um universo no qual os descendentes se reconhecem e se sentem à vontade, independentemente da verdade, elabora um efeito de verdadeiro, de auto-identificação para o grupo de descendentes.

Certamente, não se encontra na memória sobre a imigração, especialmente nos álbuns comemorativos, tanto nesse do cinquentenário quanto nos outros dois álbuns produzidos, dos setenta e cinco anos e dos cem anos da imigração, a imagem dos imigrantes que não “deram certo”, aqueles que se depararam com a doença e desesperados imploravam para retornar a terra natal, o que se pode perceber em cartas de diversas famílias<sup>295</sup>. Como momento de festa, a imagem que se quer construir é de um mundo rural, ainda vinculado a Itália e de uma vitalidade e pujança econômica e moral.

Nesse sentido, encontra-se sobre maneira o destaque das famílias que construíram já nesses primeiros cinquenta anos uma estabilidade econômica e lista-se minuciosamente as empresas que estão fortemente se desenvolvendo. Nas pequenas cidades que começam a despontar, especialmente após a inauguração da linha férrea, ressalta-se as obras de civilidade que foram sendo realizadas, acima de tudo, a construção da Igreja matriz, as praças, as ruas que começam a ter definido seu

---

<sup>294</sup> AUGÉ, Marc. Op. cit. nota n. 81. O autor associa esse efeito Gershwin ao filme “Um americano em Paris” – para entender o efeito da cidade que busca fazer-se tal qual sua representação.

<sup>295</sup> FRANZINA, Emilio. Op. cit., nota n. 156.

traçado.

Porém, destaca-se como particular diferença na construção dessa memória sobre a imigração as perspectivas rural e urbana, sendo a primeira destacada nas publicações capitaneadas pela *Staffetta Riograndense* e, a segunda, pelas produções relativas ao cinqüentenário da imigração italiana. Enquanto no jornal católico prevalecia a imagem da vitória de um Vêneto católico e campesino, nas publicações do festejamento da imigração são destacados o crescimento econômico e as organizações comerciais, industriais e associativas que despontam.

A própria casa, ou melhor, a posse de uma moradia era objeto de um sonho acalentado desde a partida da Itália, pois a grande maioria dos imigrantes alugava terras para o trabalho antes de emigrarem. Então, possuir seu próprio chão, seu campo, sua casa, sua colheita foi um dos propulsores para esse abandono da terra pátria. No novo continente, ter a posse efetiva da terra é um justificador da partida. Afinal, rumava-se à “terra prometida”, como já enunciado em capítulo anterior, o que traz, mais uma vez, a dimensão vivencial do êxodo, mas a partir do olhar de quem efetivamente tomou posse da “promessa de Deus”.

Além dessa busca pela posse da terra, pode-se perceber, como outra característica na tentativa da ascensão no meio italiano, a imagem da poupança – que se constitui em elemento simbólico fortemente destacado nas comemorações de 1925 e 1975. Na medida em que os negócios começavam a ser feitos, que se iniciava o escoamento da produção, desenvolvia-se um esforço de poupança que marcará as famílias imigrantes e que possibilitará, em alguns casos, o surgimento de pequenas indústrias domésticas e seu posterior desenvolvimento. Isso contribuirá para a construção da imagem do colono laborioso e dos imigrantes que “deram certo”, quando do festejamento da italianidade, no cinqüentenário da imigração, em 1925.

Para esse fim, especialmente sobre a ótica do imigrante que “deu certo”, é exemplar o compêndio produzido como marca dessa comemoração do cinqüentenário da imigração – *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio*



*Grande del Sud* – referendado tanto pelo *Duce* italiano – Benito Mussolini – quanto pelo então presidente do estado do Rio Grande do Sul – Antônio Augusto Borges de Medeiros – como sinal do crescimento gaúcho com a mão do industrioso colono italiano. O chefe do governo nacional, como assim se declara na carta de abertura do livro comemorativo, Benito Mussolini, destaca a bravura do emigrante como marca da “inteligente operosidade da Pátria”, expressando sua solidariedade de trabalhador e italiano. Destaca a produtividade do emigrante em solo brasileiro e sua contribuição no estreitamento dos laços entre os dois países:

No nobre orgulho que eleva as vossas almas, enquanto parais para contemplar os resultados da longa e tenaz fadiga, [...] me sinto orgulhoso de mandar a minha saudação a vós, que assim nobremente tendes contribuído para valorizar as férteis terras que vos acolhem e a unir em amizade a Itália e o Brasil<sup>296</sup>.

Os próprios termos utilizados, tanto no motivo da comemoração – colonização italiana – quanto no título da obra – cooperação para o progresso civil e econômico – mostram qual a imagem da emigração que se quer construir em uma Itália desejosa de vencer as dificuldades da Primeira Guerra Mundial e construir um forte nacionalismo em torno ao *Duce*. Também, dá conta da mudança que se procura fazer na imagem do emigrante, o qual abandona a pátria por nela não poder sobreviver e, parafraseando Josué Guimarães, a “ferro e fogo” constrói a riqueza do local no qual se instala.

Outro fator que se deve destacar nesse momento, é a positivação da identidade étnica. O aumento nos processos de troca entre imigrantes e nacionais traz à luz elementos culturais diferenciadores, como a língua, os comportamentos sociais, a percepção do trabalho e da poupança, incrementando a percepção de uma diferenciação étnica. Nesse sentido, ressaltar os elementos positivos da vinda do

---

<sup>296</sup> CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. **La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud.** Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia/Livraria do Globo, 1925. p. 19 – “Nel nobile orgoglio che eleva i vostri animi, mentre sostate per contemplare i risultati della lunga e tenace fatica, [...] sono fiero di mandare il mio saluto a voi, che così nobilmente avete contribuito a mettere in valore le fertili terre che vi accolgono e a stringere in salda amicizia l’Italia e il Brasile”.

imigrante italiano para o Rio Grande do Sul é uma forma de demarcar essa comunidade de iguais.

O jornal “A Federação” também destaca essa positividade da imigração italiana, salientando a comunhão que se faz entre a Itália e o Rio Grande do Sul perpetrada pelo laborioso egresso da Península. Em discurso de 1918, o intendente de Garibaldi fala à Comitiva da Embaixada da Itália, em uma sua passagem pelo município:

Excelentíssimo Senhor Embaixador, podeis ver, e eu desejarei que vossa retina gravasse indelevelmente, o efeito maravilhoso das duas bandeiras, em nossa frente entrelaçadas, fulgindo em suas cores históricas, mas trançadas por uma cor comum, a verde, de modo que não se sabe onde uma começa nem onde a outra termina!<sup>297</sup>.

A idéia de operosidade do imigrante italiano está em sintonia com a identidade regional que se procura forjar, pois se constrói ao mesmo tempo a figura do gaúcho como um desbravador e lutador, mantenedor das fronteiras da nação frente às inúmeras tentativas estrangeiras de transpô-las. Essa nova memória festiva da presença italiana vem ainda ao encontro da política fascista de construção da forte Itália. Nessa perspectiva, repensar a experiência emigratória como uma exportação de civilidade muito colabora na elaboração de uma Itália pujante no concerto das nações, em uma Europa ainda egocêntrica. Contrapõe-se, dessa forma, a idéia de uma nação fraca e pobre que não pôde manter e sustentar os seus “filhos”.

Soma-se a essa carga de positividade a visão de uma superioridade ou inferioridade intrínsecas à etnia/raça, segundo a concepção histórico-cultural de finais do século XIX e das primeiras décadas do XX. Com isso, a comemoração traz em si a missão de regeneração da sociedade, atribuída à imigração, e o elemento italiano como parte formadora de um tipo racial mais apto que o brasileiro. O próprio livro do cinquentenário ressalta essa perspectiva, lembrando, inclusive, Oliveira Vianna, ao comentar o processo de branqueamento no Brasil e as circunstâncias especiais vividas no Rio Grande do Sul em decorrência do fenômeno

imigratório:

Na composição étnica da nossa população, como na formação do nosso definitivo tipo racial, hoje ainda em elaboração, teve e continua a ter a imigração uma influência que, notavelmente desde o início, termina por tornar-se fator preponderante de transformação. No Rio Grande do Sul, o fenômeno, muito acentuado, reveste-se de circunstâncias especiais, que excluem o cruzamento com raças inferiores, verificando-se em outras regiões do país<sup>298</sup>.

Ao mesmo tempo, está-se construindo uma outra imagem sobre a terra de partida, ou seja, da negatividade do momento em que se abandona o mundo pátrio: está-se reconstruindo o processo a partir da positividade de uma Itália colonizadora e civilizadora. Esse discurso pode ser percebido já quando do início da experiência emigratória, no século XIX, pelo posicionamento do deputado Giovanni Bovio, na Câmara, ressaltando que os italianos – amantes do trabalho – tinham o dever de “colonizar aquela parte do Brasil que ainda é habitada de homens primitivos, que ignoram os imensos tesouros que oferecia a cultura daquela floresta virgem”<sup>299</sup>. Brunello<sup>300</sup> ainda destaca a não-existência de um conceito diferenciado para a colonização na Eritréia ou no Sul do Brasil, sendo essa idéia dúbia fundada sobre a potência da nação e a superioridade racial européia.

Entende-se relevante destacar que, ao se enunciar esse processo de construção de uma memória sobre a imigração italiana, está-se trabalhando essencialmente com intelectuais e aqueles egressos que conquistaram uma posição de prestígio na sociedade, ou seja, quem está marcando o festejamento são aqueles imigrantes que “deram certo” e que estão incluídos em um projeto de Grande Itália. Serão esses self made men apresentados no livro comemorativo ao cinquentenário da

---

<sup>297</sup> A FEDERAÇÃO. 10 de agosto de 1918. Museu Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

<sup>298</sup> CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Op. cit. nota n. 296, p. 245 – “Nella composizione etnica della nostra popolazione, come nella formazione del nostro definitivo tipo razziale, oggi ancora in elaborazione, ebbe e continua ad avere l’immigrazione un’influenza che, notevole fin dal inizio, finí col redersi fattore preponderante di trasformazione. Nel Rio Grande del Sud il fenomeno, molto accentuato, si riveste di circostanze speciali, che escludono l’incrociamiento colle razze inferiori, verificatosi in altre regioni del paese”.

<sup>299</sup> D’ATRI, Alessandro. Colonizzazione nel Brasile, 1888 apud BRUNELLO, Piero. Op. cit. nota n. 273, p. 70.

<sup>300</sup> BRUNELLO, Piero. **Pionieri: gli italiani in Brasile e il mito della frontiera**. Roma: Donzelli

imigração, como Aristides Germani e Abramo Eberle, os grandes patrocinadores de uma memória a ser preservada, a qual, no dizer de Crocetta, lembra que esses imigrantes, embora constituindo 7,9% da população do Rio Grande do Sul e possuindo apenas a quadragésima parte do território do estado – a mais acidentada, são responsáveis pela produção de setenta por cento dos grãos e possuem metade dos estabelecimentos industriais<sup>301</sup>.

Essa terceira geração sofrerá de uma forma mais intensa o processo de interação com membros de outras etnias, pois os meios de transporte já permitem uma maior circulação de mercadorias e, obviamente, de idéias. Assim, o aumento das trocas, concretas e simbólicas com alemães, poloneses, brasileiros e outros, levará a um “pensar quem somos” em meio a esses outros. O que até então era um fazer mecânico, pois marcado pelos iguais, tornar-se-á ponto de reflexão frente àqueles que não somos. A alteridade marcará essa positividade identitária que se quer construir na zona de imigração italiana da serra gaúcha.

Nesse sentido, a produção do álbum do cinquentenário, bem como toda a comemoração que se desenvolveu no ano de 1925 e em seu entorno, buscavam glorificar o imigrante italiano, destacando três elementos essenciais a essa identidade em construção: religião, família e trabalho. Essas três facetas da italianidade nortearão os discursos comemorativos, podendo ser percebidas em todos os capítulos da obra comemorativa e nos discursos sobre sua contribuição no Rio Grande.

Como se pode perceber, a dinâmica da comemoração produziu, a partir de famílias singulares – que “deram certo” – uma memória sobre a imigração italiana, fundada basicamente no catolicismo e levada adiante por religiosos, particularmente no seio das famílias. Como parte do processo imigratório para o Rio Grande do Sul, em um período diferente, italianos se associam a açorianos, alemães, poloneses, suíços, austríacos e muitos outros como parte formativa do estado,

---

Editore, 1994.

<sup>301</sup> CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Op. cit. nota n. 296, p. 456.

também construindo a sua caminhada do Egito a Terra Prometida, ressignificando a história do seu Êxodo. Nisso, a partir da tomada da terra e do início de sua ocupação foi-se construindo *a posteriori* uma imagem justificadora do processo de travessia do oceano, qual seja, a redenção: “vim, vi e venci”.

Dessa forma, a geração de 1920, da qual grandes expoentes nasceram já em solo brasileiro, redescobrirão o fenômeno imigratório, cobrindo-o com um véu de positividade, tanto justificador da trajetória, do abandono pátrio, quanto construtor de uma percepção enquanto grupo étnico, a partir da positiva função civilizatória. Nesse discurso, o imigrante passa a ser visto mais como aquele que constrói a pujança do Rio Grande do que como aquele miserável que abandona o solo pátrio. O processo imigratório se resignifica a partir da descoberta de uma missão divina de civilizar e tornar produtiva a terra prometida por Deus. Mesmo Nanetto, funcionando como a alteridade do anti-herói, permitirá a leitura do verdadeiro bom imigrante.

Tem-se presente que a discussão sobre esse lugar de memória que se constituiu o “mito civilizatório” na imigração sul-rio-grandense envolve dois fóruns específicos: a quotidianidade do imigrante e a representação construída por uma elite colonial – econômica e/ou intelectual. Porém, partindo também de elementos vivos na experiência diária dos imigrantes, embora obliterando a diferença, a representação mitificada do processo imigratório constituir-se-á enquanto a realidade acontecida.

Nesse sentido, embora o real passado apresentasse uma multiplicidade de relações, próprias da dinâmica dos grupos sociais, a memória que se construiu ao longo do processo vincula-se a uma representação elaborada por essa elite que se formava entre os recém-chegados. Essa passa a ser entendida como a verdade do fenômeno imigratório, porque constrói uma comunidade de sentidos para com o grupo de representados, os quais se enxergam positivamente. Outrossim, essa mitificação do processo tal qual é dada a conhecer associa-se a uma identidade regional que se encontra impulsionada por um forte vento criativo no período de 1930-1940.

### **3.2 Rosário, santos e padres: a religião e a moral enquanto marcas identitárias e lugares de memória do processo imigratório**

A religião, especificamente entendida como católica, associa-se ao mito civilizatório para encarnar esse perfil imagético do imigrante italiano. Enquanto lugar de memória de uma italianidade, moldada na serra gaúcha, a religiosidade será uma das pontes entre o Vêneto território – deixado para trás pelos emigrantes e o Vêneto desterritorializado – imagetivamente reelaborado ao longo do processo de ocupação da nova terra. Nesse sentido, o catolicismo constituiu-se em uma instituição catalizadora das diversas procedências de imigrantes, buscando fornecer um instrumental possibilitador da vitória sobre as dificuldades, a partir da experiência com o transcendente:

A religião atuou como elo de união entre eles: a quase totalidade confessava-se católica, e a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individualmente e coletivamente a existência<sup>302</sup>.

Pode-se dizer que a fé católica trazida pelos egressos da Península Itálica, caracterizando-se como uma recordação mantida da pátria distante, permitiu a esses imigrantes, afastados de seus *paesi*, em uma terra estranha, o recomeço de uma nova vida. As suas crenças agiam no sentido de reforçar a manutenção de elos com a quotidianidade distante. Certamente não se está fazendo referência estrita à doutrina católica, pois se sabe que as percepções do imigrante sobre a religião eram múltiplas, mas tem-se presente, nessa fala, a dimensão das práticas diárias da religiosidade.

A experiência doméstica da religião, ainda mais que aquela vivida no espaço externo à residência, permanece na memória dos descendentes de imigrantes, especialmente daqueles de primeira geração nascida no Brasil. Nela, mesclam-se a

---

<sup>302</sup> DE BONI, Luis Alberto. O Catolicismo da Imigração: do triunfo a crise. In: DACANAL, José H. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 235.

recordação objetiva do acontecido e a lembrança da infância, da família, do olhar materno, da experiência do lar. Esse efeito, por exemplo, é passado pela reza do rosário, comum nas famílias italianas:

A mãe rezava o terço toda a noite, e ela era caprichosa, ela lia um trecho da Bíblia e explicava<sup>303</sup>.

A mãe nunca deixou de rezar o terço, nunca, nunca deixou de rezar o terço. Eu, também, carregava sempre o terço comigo<sup>304</sup>.

Particularmente à noite, as famílias reuniam-se após a janta para a reza do rosário e a oração das ladainhas de Nossa Senhora, bem como outras jaculatórias e orações. Esse momento funcionava como uma renovação do contrato diário com a transcendência e como ato mantenedor da tradição. Muitas vezes, especialmente em noites de grandes tempestades, queimavam-se pedaços de ramos de oliveira ou de palmas, trazidas quando do Domingo de Ramos, à Santa Bárbara, pedindo proteção. Ainda hoje, para muitos dos imigrantes o odor desses ramos faz reportar a experiência da infância e traz uma recordação idílica de uma doce vivência familiar perdida no tempo.

As novenas também eram um hábito bastante usual no meio imigrante, sendo uma prática trazida por eles em sua bagagem. Estas eram muito difundidas para combater doenças infecciosas, calamidades naturais ou problemas graves de saúde em membros da família. Um exemplo comum sobre essa mediação dos santos em momentos de dificuldade, era particularmente as jaculatórias dedicadas a Santo Antônio. Em caso de perda de objetos ou busca de uma melhora na colheita, recorria-se aos préstimos de Santo Antonio, San Giuseppe, San Rocco ou, ainda, a Madonna. Nessas devoções percebe-se, ainda, a remanscência de práticas pálio cristãs, muito comuns no Vêneto, as quais trazem a tona características deste pseudo- catolicismo intransigente, o qual era permeado pelo sincretismo entre paganismo e cristianismo. Enfim, pode-se dizer que o mundo espiritual assumia um

---

<sup>303</sup> BENEDUZI, Teresina. Depoimentos, outubro de 1997 apud BENEDUZI, Luís Fernando. **Nem santos nem demônios: italianos**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 1999. (Dissertação de Mestrado).

<sup>304</sup> CERATTI, Angelo. Depoimentos, outubro de 1997 apud BENEDUZI, Luís Fernando. **Nem santos nem demônios: italianos**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 1999. (Dissertação de Mestrado).

caráter quase corpóreo no cotidiano da comunidade, caráter em grande parte transposto da terra-mãe, de onde essas devoções eram procedentes.

Influenciando no espaço doméstico da religião, as missões populares elaboravam e redimensionavam práticas religiosas no meio imigrante, marcando suas experiências místicas acerca do catolicismo. As Missões Populares<sup>305</sup> foram um dos instrumentos utilizados pela Igreja para a construção e manutenção das noções de justiça nas relações da comunidade, buscando manter a rigidez dogmática do catolicismo romanizado. Elas proporcionaram o alcance dos indivíduos mais afastados do centro da colônia, bem como daqueles que eram analfabetos e não tinham condições de freqüentar uma escola católica – era uma das formas de trazer os desgarrados para o seio da Igreja e de cooptar jovens para a congregação.

A origem das missões populares, retomando a distinção de pregação dada à São Francisco, no século XIII, está ligada à edificação dos fiéis. Os objetivos dividiam-se entre a pobreza da existência humana fora de Deus e as maravilhas da vida em Cristo, pois tudo neste mundo acabaria com a morte. Dessa forma, todos chegariam ao juízo, suas vidas seriam apresentadas diante de Deus, e a partir da forma como se viveu na terra, aceitando ou fugindo dos vícios, se receberia as penas eternas ou as glórias. A preocupação principal do missionário não era com o aprimoramento da cultura religiosa, mas com a conversão dos fiéis; buscava conduzir ao reconhecimento de que um modo de vida distante da Igreja conduziria às penas eternas, ao fogo eterno<sup>306</sup>.

Nesse sentido, as missões eram articuladas em diversas pregações, abordando temáticas como a salvação, a alma, o pecado, a morte, o juízo, o inferno e o paraíso; tinham um eixo temático escatológico, narrando o fim último da vida

---

<sup>305</sup> As Missões Populares, as quais ainda existem enquanto prática de evangelização na Igreja Católica, constituem-se em uma semana de exercícios espirituais conduzida por missionário, com o objetivo de reascender a chama da fé e do amor pelas coisas de Deus. Na primeira década do século XX, esses exercícios espirituais foram conduzidos – na ex-colônia de Conde d’Eu – pelos Frades Menores Capuchinhos, tanto pelos egressos da Província de Sabóia – França – quanto por aqueles que estavam sendo formados no Seminário Seráfico.

<sup>306</sup> BENEDUZI, Luís Fernando. **Nem santos nem demônios**: italianos. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 1999. (Dissertação de Mestrado).



humana. Os exercícios espirituais partiam da realidade da comunidade, buscando, a partir de exemplos concretos, tendo por base o recurso à oração e à dramaturgia, envolvidos em uma profusa ritualidade, provocar um efeito único de comoção na comunidade, promovendo a mudança de vida. Procurava-se produzir um efeito de real nas representações religiosas, as quais constituíam-se em parte desta teatralização do poder de Deus.

A prática diária de cada missão tinha início nas primeiras horas da madrugada, seguindo-se até as dez horas com confissões; depois disso, oficiava-se a celebração da eucaristia, com pregação, findando com a administração do batismo às crianças e aos adultos. Após o almoço, entre as quatorze e às dezessete horas, tinha-se o momento da catequese, preparação para a primeira comunhão e pregação, seguindo-se, novamente, as confissões, as quais prosseguiram durante a noite<sup>307</sup>.

Recordando os espetáculos de teatralização das missões populares, não se pode deixar de fazer menção à “Conferência Contestada” – pregação que era apresentada em forma teatral. A encenação era constituída basicamente por dois personagens: um missionário – o qual assume o papel de Deus e, outro – que assume aquele do diabo. Na “Conferência”, rito muito apreciado pela população, debatiam-se Deus e o diabo sobre a reticência do homem em deixar o pecado e as desordens da vida humana, findando invariavelmente com a vitória de Deus:

objeções que ordinariamente se fazem contra a necessidade da fuga do pecado. Durante hora e meia, sem que o auditório desse mostras de cansaço, o representante de Deus pulverizou as dificuldades propostas pelo adversário. No fim, vendo triunfar a verdade, o povo lamentava que já estivesse terminado<sup>308</sup>.

Dessa forma, no espaço doméstico ou naquele da capela – local da pregação missionária – a memória sobre a imigração e sobre a experiência religiosa dos imigrantes vai sendo forjada pela vivência diária dos exercícios espirituais, tanto daqueles trazidos da terra de partida pelos egressos da Península Itálica quanto de

<sup>307</sup> ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e Imigração Italiana**. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.

<sup>308</sup> VERONESE, Frei Dionísio. As Origens. In: **História das Missões Populares**: Província do Rio

outros aprendidos em decorrência das visitas dos Frades Menores Capuchinhos. A Igreja passa a ocupar sempre mais espaço nessa nova vida dos imigrantes; e os frades começam a desempenhar um papel de progressiva importância no cotidiano da ex-colônia de Conde d'Eu.

No meio imigrante, o grande personagem vinculado à religião é o sacerdote, sendo uma figura muito destacada enquanto elo entre o colono e a terra pátria, como destaca o livro comemorativo do cinqüentenário da imigração. A obra busca eternizar essa imagem do sacerdote, procurando evidenciar o empenho de cada padre no cuidado com seus filhos que se embrenharam nas selvas brasileiras. O *piovan* não medirá esforços para ir ao encontro de seu rebanho, sendo instrumento de salvação para o fiel e mantenedor da fidelidade ao bom Pai celeste:

Pobre colono que vieste a te enterrar nas florestas de uma terra estrangeira, tu vês esse sacerdote que anda dia e noite, com vento e com chuva, com frio e com calor, atravessando rios impetuosos, passando por veredas e precipícios, afrontando todo tipo de perigo? Tu sabes que ele faz tudo isso por ti, pelos teus, que o seu objetivo é conservar-te bom, trabalhador, sóbrio, respeitoso às autoridades da tua nova pátria<sup>309</sup>?

A religião, particularmente a partir da figura do padre, procurará manter o controle sobre os diversos grupos de imigrantes, constituindo-se imageticamente enquanto única instituição efetiva e desinteressadamente preocupada com o bem-estar da comunidade, sempre na busca de defender cada um de seus membros. O sacerdote procurará trazer para si essa função de eficaz indicador do caminho à comunidade, aquele que deseja, acima de tudo, o seu progresso humano e material, tanto diante dos italianos quanto diante das autoridades brasileiras. Dessa forma, a Igreja construirá para si uma imagem de poder perante o Estado, pois pode subordinar essa camada da população de acordo com sua vontade e perante o colono, pois tem força para advogar sua causa.

---

Grande do Sul. Veranópolis, 1990. Mimeo, p. 14.

<sup>309</sup> CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Op. cit. nota n. 296, p. 56 – “Povero colono, che sei venuto a seppellirti nelle foreste di una terra straniera, tu lo vedi questo sacerdote che gira di giorno e notte, al vento e alla pioggia, al freddo e al caldo, varcando fiumi impetuosi, passando per sentieri e precipizi, affrontando ogni sorta di pericoli? Tu lo sai che egli fa tutto questo per te e pei tuoi, che il suo scopo é di conservarti buono,

Para esse controle, a memória sobre a imigração transposta no livro do cinquentenário não evoca somente o sacrifício humano do presbítero, mas acena com uma missão divina de cada clérigo, exortando o colono a confiar a ele todos os problemas do dia-a-dia – indica o padre como um enviado de Deus para conduzir cada imigrante a *perfetta letizia*<sup>310</sup>:

Tu comprendes que, depois de ter feito do trabalho e da virtude o objetivo da tua vida, toda a tua aspiração, longe das pândegas, do vício e da corrupção, o Senhor te manda esse sacerdote para que te conduza a felicidade suprema<sup>311</sup>?

Segundo a mesma fonte, o sacerdote é aquele que pode de fato entender o âmago do imigrante, sendo a mais eficaz ligação entre esse e a mãe pátria. Comunicando-se com ele em sua língua materna, o padre recorda aquela terra distante deixada *al di là* do oceano, dando continuidade, a partir de sua narrativa, a história da terra que se deixou. Como bom pai, recomenda ao recém egresso de manter-se na fé, honrando as tradições familiares, religiosas e pátrias. De fato, a Igreja contituir-se-á em um *avant garde* do conservadorismo, lutando contra qualquer possibilidade de transformação, especialmente no que se refere àquelas relativas à moral e às práticas religiosas.

Certamente, essa imagem apresentada no Álbum do cinquentenário não se configura enquanto uma completa invenção, mas tem base concreta na experiência vivencial das comunidades italianas. Essa figura do sacerdote que compreende, que está sempre presente, buscando fervorosamente conduzir o imigrante pela “porta estreita”, possui forte eco na vida cotidiana do imigrante. Mesmo antes da imigração o clero vênето estava sempre presente em meio ao seu rebanho e dele se ocupava como excessivo zelo e essa presença forte irá se repetir na

---

laborioso, morigerato, ossequiente alle autorità della tua nuova patria”?

<sup>310</sup> A idéia da *perfetta letizia* é apresentada por São Francisco de Assis como a realização absoluta da vida, em uma dinâmica de experiência da entrega total a Deus, a partir da “Senhora Pobreza”.

<sup>311</sup> CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Op. cit. nota n. 296, p. 56 – “Tu comprendi che, dopo d’aver fatto dal lavoro e della virtù lo scopo della tua vita, tutta la tua aspirazione, lontano dai bagordi, dal vizio e dalla corruzione, il Signore ti manda questo sacerdote perché ti avvii alla felicità suprema”?

experiência sul-rio-grandense.

Inclusive, não foram poucos os casos de sacerdotes que emigraram com toda a comunidade, como será narrado mais adiante na trajetória do padre Bartolomeu Tiecher. Também em *Cismon del Grappa*, na região de Feltre, tem-se a narrativa do sacerdote que abandona o *paese* com a população emigrante, procurando seguir a grege a ele confiada. Dessa forma, representação construída e experiência vivida se sobrepõem, sendo os próprios agentes construtores e partícipes do mesmo mito da religião.

Somado a religião e a ela relacionado, o enaltecimento da família era parte da marca comemorativa dos cinquenta anos de imigração italiana no sul do Brasil. Acima de tudo, procurava-se dar valor a sua moralidade, a forma como se constituía e se mantinha de acordo com os valores cristãos. Nesse sentido, a quantidade de filhos era sinal de um bom conceito de vida moral ilibada para os progenitores:

Se for verdade que a família numerosa é o termômetro da moralidade de uma população, essa nota vem atribuída no mais alto grau a nossa colônia italiana<sup>312</sup>.

Ao se observar os dados numéricos de descendentes de imigrantes, de acordo com as informações do álbum comemorativo, percebe-se efetivamente famílias muito numerosas, as quais nesses cinquenta anos haviam produzido mais de 150 descendentes em média, chegando, em alguns casos, a beirar os 200 descendentes. Nessa abundância de filhos, percebia-se um sinal de bênção, como revela a fala de Girolamo Busato:

Saiba que quando viemos, em 1888, de *Brusaporco* (Castelfranco Veneto), éramos em onze e não tínhamos nada, ou melhor, um débito de duas mil liras emprestadas para fazer a viagem. Hoje, os nossos descendentes são 180, pagamos aquela dívida e nos encontramos, graças ao bom Deus, em boas condições<sup>313</sup>.

---

<sup>312</sup> Idem, p. 60 – “Se évero che la famiglia numerosa é il termometro della moralità di una popolazione, questa nota va attribuita nel più alto grado alla nostra colonia”.

<sup>313</sup> Idem, p. 61 – “Sappia che quando siamo venuti nel 1888 da Brusaporco (Castelfranco Veneto), eravamo in 11 e non avevamo nulla, anzi un debito di 2000 lire trovate in prestito per fare il viaggio.

Sabe-se que a fala traz fortemente esse caráter comemorativo da vitória sobre as dificuldades de uma nova situação nas florestas do Brasil meridional. Porém, independente do ufanismo, pode ser percebido esse benefício que era a família numerosa, especialmente quando os enunciadores da fala pertencem a comunidades de agricultores que tinha sua sobrevivência vinculada à terra. Para eles, a grande quantidade de filhos, em uma visão menos romântica da relação parental, significava um aumento de braços para trabalhar a terra, sistema já bastante conhecido antes da vinda para o Brasil, pois ainda na Itália sabia-se que uma família numerosa, quando os filhos encontravam-se em idade de trabalho, significava uma melhor sobrevida para o grupo.

Concluindo a sub-temática “a família do nosso colono”, a obra elaborada para o festejamento do cinquentenário da imigração faz menção a um censo feito por sacerdotes, muitos deles não-italianos, os quais indicam um índice muito baixo de filhos ilegítimos entre os imigrantes – um em duzentos. Isso mais uma vez servia para atestar a moralidade reinante na região colonial e a família como baluarte dessa preservação dos costumes. Certamente essa grande ênfase em um moralismo triunfante na colonização italiana na serra gaúcha, nos permite uma leitura *alla rovescia*, ou seja, o enaltecimento da saúde moral do imigrante trazia consigo o esforço de controle exercido pela sociedade, mais que uma perfeição evangélica de vida. Essa questão ainda pode ser melhor pensada a luz de entrevistas e informações de jornais da época, as quais se seguirão.

Como instrumento de controle e defesa da moral coletiva, a família preocupava-se grandemente com as relações pré-matrimoniais, ou melhor, com a vigilância para que elas não acontecessem. Assim, nos diversos momentos de encontro dos casais, geralmente na casa da moça, as mães mantinham firmemente os olhos dirigidos para eles, buscando prever ações e não permitir o erro.

---

Oggi i nostri discendenti sono 180, abbiamo pagato quel debito e ci troviamo grazie al buon Dio in condizioni buone”.

Na cozinha ou na sala de estar, os jovens nunca eram deixados sozinhos, alguém os estava vigiando ou com eles travava conversação:

Ângelo Zatta – Nunca namorava sozinho, nem sair sozinho podia, sempre saía alguém junto com a gente;

Adélia Toigo Smirdele – Nós ficávamos na cozinha junto com os pais, conversando sentados longe um metro do outro. Meus (pais) contam que namoravam com alguém sentado no meio;

Albino Carlet – Não, com o pai e a mãe. Quando era hora de ir embora batiam na mesa<sup>314</sup>.

O namoro, o noivado, a preservação moral da castidade até o casamento era um dever sublime da família, a qual, de acordo com os pressupostos religiosos, deveria conduzir seus filhos. Para chegar a bom termo, a estrada percorrida pelo jovem, seguindo o modelo da família, não poderia se desviar das verdades evangélicas, da doutrina da Igreja. Apesar do controle e das exortações morais, raro não foram os casos de gravidez antes do casamento, sinal de que a moral que se buscava no discurso nem sempre era atingida na realidade cotidiana das relações comunitárias<sup>315</sup>.

No jornal “*Il Colono Italiano*”, posteriormente denominado “*Staffetta Riograndense*” encontra-se um exemplo muito ilustrativo sobre a importância da preservação moral no seio da família. Nele, em uma série intitulada “De quem é a culpa”, encontra-se a narrativa da história de Giulietta, uma bela moça de mais ou menos 20 anos, a qual os pais concediam excessiva liberdade – inclusive a permitiam não participar da reza do Rosário. De outra parte, fala de Marco, um rapaz que desprezava a palavra de Deus e adorava “Garibaldi”, o qual fora visto algumas vezes com a moça. O padre, um santo sacerdote, sempre vigilante, tinha avisado muitas vezes do perigo. Certo dia, ao final de um baile, após muito vinho, Marco propôs a fuga. Giulietta primeiro resistiu, depois aceitou. No outro dia, os pais chorando se perguntam, de quem é a culpa<sup>316</sup>?

---

<sup>314</sup> DE BONI, Luis Alberto; GOMES, Nelci. **Entre o passado e o desencanto**. Porto Alegre: EST, 1983. p. 78.

<sup>315</sup> BENEDUZI, Luís Fernando. Op. cit. nota n. 306.

<sup>316</sup> IL COLONO ITALIANO, 1º de outubro de 1910.

O relato mostra ao que leva a dissolução dos costumes, à destruição da unidade familiar. A associação entre embriaguês, quebra dos hábitos e valores religiosos, idéias irreligiosas e perda do controle familiar conduz a destruição tanto da família quanto da comunidade – sua extensão. Dessa forma, mais uma vez torna-se clara a necessidade de manter vigilância e controlar a juventude. Entretanto, o artigo, publicado por um jornal católico, permite vislumbrar que, diferente daquilo que se buscava construir enquanto imagem fiel da imigração italiana, ou seja, a solidez da instituição familiar, os valores católicos não atingiam a todos e, também desse lado do oceano, sob o véu de um catolicismo intransigente podia-se observar diversas rupturas para com as normatizações do catolicismo.

Na mesma rubrica “De quem é a culpa?”, tem-se uma outra exortação a manutenção dos valores da sã religião alguns meses antes. Em sete de maio de 1910, encontra-se a narrativa do desabafo de um casal, ao sacerdote, devido ao desrespeito e desobediência do filho. Quando os pais terminaram de contar os acontecimentos e seu descontentamento, o padre tomou a palavra para os aconselhar, concluindo que a obediência aos pais está vinculada ao respeito a Deus e á Igreja, enquanto a falta com os deveres religiosos conduz ao desregramento de vida e destrói os laços familiares:

Vocês obedeciam os vossos pais, porque esses vos faziam obedecer a Deus; vocês amavam vossos pais, porque os vossos pais vos ensinavam a amar a Deus. Recordam que mais de uma vez vos disse: Vocês são muito indulgentes com este filho, o deixam descumprir os deveres cristãos, anda com más companhias, ele vos fará chorar... Me enganei? Ah! Meus bons amigos, entretanto vocês tem esquecido da vossa oração, são pouco frequentes a igreja, deixaram vosso filho viver esquecido de Deus e vocês também tem esquecido; este Pai que temos no céu; então Deus tem se afastado de vossa casa e quando Deus se vai de uma casa leva consigo seus bens, vale dizer foge daquela casa a paz, a união, a obediência, a alegria<sup>317</sup>.

No discurso religioso, a observância dos mandamentos cristãos e da Igreja estava vinculada a uma felicidade na relação familiar, ou seja, quanto mais houvesse um distanciamento da vivência religiosa, mais haveriam desentendimentos no seio da família. A Igreja cumpre sempre seu papel de advertir a comunidade

sobre as conseqüências de uma vida fora da religião, porém cabe aos pais fazer acontecer ou não esse paraíso em suas casas. De qualquer forma, também esse fragmento do jornal permite observar que havia brechas nesse controle eclesiástico sobre os imigrantes e, como na terra de partida, esse catolicismo intransigente expressava-se mais enquanto valor comunitário generalizante que como prática na quotidianidade.

Outro sinal dessa não-unicidade da estrutura familiar é uma matéria publicada em agosto de 1912, falando das funções ao interno da família. Segundo descreve o artigo, na família, ao pai é dado o governo desta mais perfeita das sociedades. A mãe deve ser o ministro cuja função resume-se em ser o “santuário do sacrificio”. Ao filho compete o posto de súdito, não escravo, mas com uma obediência afetuosa. Assim, o governo vai mal porque a desobediência, a ordem, a lei, começam no seio da família. Pai e mãe são a figura do Deus soberano e amoroso, enquanto o filho é o sinal do amor<sup>318</sup>. Isso permite identificar que a estrutura patriarcal presente nos descendentes de italianos no Rio Grande do Sul apresenta fissuras e encontra-se em mutação, pois o jornal em diversos números e pelas mais diferentes formas busca exortar os leitores a unidade familiar na observância da religião .

Essa religião que é personificada na figura do sacerdote, o qual se apresenta enquanto mensageiro de Deus para os homens, será vivida, para além do espaço doméstico, na experiência comunitária da capela. Nela tem-se o espaço por excelência de controle da vida da coletividade, tanto por parte dos clérigos quanto por parte do próprio grupo. Por isso, mesmo sabendo que a fase inicial da imigração para a ex-colônia de Conde d’Eu transcorreu durante toda a década de 1870, tem-se como ponto inicial de discussão o ano de 1884, quando foi instalada a paróquia de São Pedro.

---

<sup>317</sup> IL COLONO ITALIANO, 07 de maio de 1910.

<sup>318</sup> IL COLONO ITALIANO, 03 de agosto de 1912.



Na verdade, o início de um processo de instauração institucional do catolicismo na região remonta aos primeiros anos de fundação da colônia imperial, a partir das visitas de presbíteros à região quando da chegada dos primeiros colonos, ainda antes dos italianos<sup>319</sup>. Mais tarde, após a instalação de diversas famílias italianas na comunidade, será o padre Bartolomeu Tiecher – sacerdote trentino emigrado com sua família e comunidade – o primeiro a fazer visitas pastorais, entre os anos de 1876 e 1878.

O percurso para instalação da paróquia retoma o ano de 1878, quando em oito de junho padre Augusto Finotti recebe autorização para exercer o ofício de capelão na colônia. Em 1880 é substituído por Domenico Palermo que permanece por seis meses, quando assume a função de capelania o padre Domenico Grecca. A jurisdição da capelania compreendia as linhas de Boa Vista, Estrada Geral, Santa Clara, Garibaldi, Araripe e Costa Real.

Com a formação da freguesia, em 1884, Conde d’Eu recebeu a ereção canônica de paróquia, sendo desmembrada de Estrela, através de processo conduzido por Don Domenico Grecca<sup>320</sup>. Essa distinção lhe dava o direito de manter um sacrário, o que significava a permanência do *Corpus Christi* na comunidade. Novos privilégios advêm dessa mudança, os quais tiveram grande repercussão no meio italiano, pois permitiam, em sua materialidade – sinos, campários, cemitérios – uma associação imagética com a terra de partida, uma verdadeira transformação na quotidianidade da vida:

Portanto concedemos a supradita freguesia de São Pedro de Conde

---

<sup>319</sup> O início do desenvolvimento da região de Conde d’Eu dá-se com a doação de um território de 16 léguas quadradas, por parte do Império, para que a província de São Pedro procedesse a sua colonização, em nove de fevereiro de 1870. Logo depois, através do ato s/n de vinte e quatro de maio de 1870, esse conjunto de terras recebe o nome de Conde d’Eu, sendo oficializada como colônia imperial.

<sup>320</sup> Em carta de cinco de junho de 1884 é informado ao Presidente da Província, pelo bispo diocesano Dom Sebastião Dias Laranjeiras a criação e instituição canônica da paróquia, sob invocação de São Pedro, a nova freguesia do complexo colonial de Conde d’Eu. EXPEDIDOS DA CÚRIA DE PORTO ALEGRE - LIVRO DE REGISTRO DE OFÍCIOS EXPEDIDOS (BISPADO DO RIO GRANDE DO SUL - 04.01.1882 À 22.10.2887.

d'Eu, pleno direito e faculdade para ter Sacrário em que se conserve o Sacramento da Eucaristia para consolação dos fiéis, havendo a necessária decência e ornato e tendo rendas suficientes para a conservação da lâmpada acesa dia e noite, pia batismal, cemitério para a sepultura dos paroquianos defuntos, campanários, torres, sinos, e todas as distinções de uma igreja paroquial, e residência para o respectivo Vigário anexa ou nas proximidades da Igreja Matriz<sup>321</sup>.

Destas vantagens que a denominação de freguesia e paróquia trazem algumas eram fundamentais para o imigrante italiano. A possibilidade de um sacrário permanente na comunidade, transformava a igreja – prédio – em um lugar especial, como na Itália. O fato de um sacerdote residir, estar cotidianamente a serviço da comunidade, dava certo alívio a este recém-egresso, pois o sacerdote era um grande conselheiro na comunidade, tendo em vista que na maioria das vezes era a pessoa com maior grau de instrução, sendo também visto como aquele que maior proximidade tinha de Deus. Além disso, a paróquia enquanto estrutura deixava uma aparência de que nada havia mudado, ou seja, que se estava na Itália, junto a sua igreja, com os seus. Esta presença de Jesus Eucarístico para os momentos de súplica e do sacerdote para a bênção, oração e conforto, traziam consolo nas dificuldades vivenciadas no dia-a-dia.

Outro consolo para os recém-imigrados era a possibilidade de edificar o campanário, provendo-o com um sino. Como já mencionado no segundo capítulo, essa combinação sonora e visual trazia o conforto de fazer o paesano sentir-se em terra sua. Para o egresso, ouvir mais uma vez o soar do sino, a sua melodia, o permitia sentir-se mais uma vez em terra pátria, ou melhor, atribuía características pátrias à terra estrangeira. Dessa forma, a estrutura que se constrói com a permissão do funcionamento da paróquia possibilita como que uma dose medicinal para a existência de pequenos momentos de pacificação de uma nostalgia daquele doce país encantado da infância.

Mais uma vez se retoma a “floresta de signos” de Baudelaire, a partir de um cruzamento de sensações que sons, cheiros e edificações permitem, uma

---

<sup>321</sup> LIVRO TOMBO I. Garibaldi: Paróquia de São Pedro.

interpenetração de elementos reais e imaginários da experiência de expatriação. A capela e os diversos elementos a ela associados – soar do sino, capanário, queimar de velas, imagens dos santos – possibilita a construção de um espaço não temporalizado que une presente e passado nas sensações do momento vivido. A partir da relíquia, permite uma eternização das experiências religiosas na terra de partida, construindo um tempo que se apresenta entre a história e a memória.

Pode-se ainda denotar a importância dada pelos imigrantes à vivência em torno à capela através da rápida solicitação de sua elevação à categoria de paróquia. No seu cotidiano, ela constituía-se como elemento imprescindível, tanto liturgicamente quanto para o comércio, lazer, enfim, para todos os atos do dia-a-dia. Efetivamente, é na circunvizinhança da igreja que a comunidade encontra sua dinamicidade social e econômica. O conjunto formado pela igreja, praça e bodega norteia a vida das comunidades rurais italianas, é nesse cenário que a vida religiosa, social e comercial acontece.

Não foram poucos os casos de disputas entre colonos pela edificação de capelas na proximidade de suas terras, o que atestam as inúmeras exortações do então bispo, Dom Sebastião Dias Laranjeiras ao vigário de Conde d'Eu – Don Domenico Grecca. O prelado insiste para que o sacerdote não dê acolhida aos pedidos de edificação de capelas, pois na maioria das vezes resultam em discordâncias e confusão ao interno da comunidade:

Outrossim, não deve V. Rma. consentir, nem prestar-se a concorrer de modo nenhum para edificação de capelas sem preceder licença por escrito do prelado diocesano, já porque esta licença se faz preciso segundo as disposições das leis canônicas, já porque as vezes tais edificações não são convenientes, [...] resultam ainda maiores divisões entre os colonos, como infelizmente tem acontecido<sup>322</sup>.

Com isto, pode-se perceber esse pólo aglutinador em que se tornou a capela, pois toda comunidade italiana surgiu em torno a alguma capela, ela pertencia a um conjunto de códigos comuns relativo a todos os imigrantes, quer fossem

---

<sup>322</sup> EXPEDIDOS DA CÚRIA DE PORTO ALEGRE - LIVRO DE REGISTRO DE OFÍCIOS

lombardos ou vênetos, ou de outra província, todos eram partícipes deste mesmo modo de compreender a realidade através da religião. Isso, inclusive, porque em decorrência da distância dos grandes centros e da dificuldade de uma ligação, seja ferroviária ou estradal, restavam as picadas, as quais implicavam grande quantidade de tempo, sendo pouco utilizadas, resultando em uma situação de quase incomunicabilidade com os centros. Dessa forma, a paróquia assume a centralidade da vida desses egressos da Península Itálica, sendo o *locus* das trocas materiais e simbólicas da comunidade:

centro periférico e pobre, a instituição da paróquia é realmente providencial, sendo o único lugar onde a comunidade pode reunir-se e onde é possível confrontar-se com pessoas de diversas extrações sociais e cultura, sexo e idade<sup>323</sup>.

Pode-se dizer que a participação religiosa e a experiência da vivência litúrgica faziam parte de uma comunidade de sentidos que percorria toda a coletividade. Também na constituição dessa capela pode ser detectada a sublimação de uma *mancanza*<sup>324</sup>. Da experiência vivida no *paese* pátrio, tendo em vista que via de regra os diversos *paese* da Itália moderna, ou melhor, das diversas regiões formadoras da Itália moderna, tem sua constituição junto à paróquia, se faz o transporte a esta que se busca como nova mãe.

Essa marca de uma nostalgia entendida através da paróquia é observável nas denominações dadas às diferentes capelas da zona colonial, bem como aos seus santos padroeiros, sempre obedecendo a uma sintonia com a paróquia deixada na Itália. Um exemplo dessa relação tem-se na comunidade da linha doze, em Carlos Barbosa, na qual o padroeiro é São Silvestre. Essa mesma denominação é encontrada na igreja de *Selva del Montelo* – município de *Volpago del Montelo* – lugar de proveniência de um grande número de famílias que se estabeleceram na

---

EXPEDIDOS (BISPADO DO RIO GRANDE DO SUL - 04.01.1882 À 22.10.2887. **25.05.1883**.

<sup>323</sup> BORZOMATI, Op. cit. nota n. 200, p. 79 – “In un centro periferico e povero l’istituzione della parrocchia è realmente provvidenziale, essendo il solo luogo dove è possibile confrontarsi con persone diverse per estrazione sociale e cultura, sesso ed età”.

<sup>324</sup> O termo *mancanza*, ao se fazer uma tradução direta, significa falta, isto em um sentido genérico. Contudo, ao usar esta palavra tem-se em mente a correlação com o termo saudade em português, tendo em vista que não existe uma expressão correlata em italiano.

localidade<sup>325</sup>. Outras ainda, evocam santos de grande popularidade na região vêneta, como Santo Antônio de Pádua e São Roque. Certamente, soma-se a todas essas designações aquela da *Madonna*, recorrente em todas as igrejas da zona de colonização italiana, seja como padreira da comunidade, seja como outro elemento de devoção, colocada sua imagem em um nicho de um altar lateral.

Muitas vezes, para satisfazer as diferentes nomeações de padroeiros, as comunidades festejavam dois ou até três santos patronos da paróquia. Em linha Boa Vista, atual distrito de Arcoverde, em Carlos Barbosa, a igreja é dedicada à Nossa Senhora das Graças, santa de grande devoção no Vêneto, porém, desde muitas décadas comemora-se, também, São Gotardo, bispo muito popular na região alpina da província de Belluno, da qual provieram diversos imigrantes para o distrito, como as famílias Mosen e Talamini.

Segundo Teresina Beneduzi, era ao redor da paróquia que as pessoas se encontravam todos os domingos; ficavam conversando e em torno a igreja é que surgiam muitos namoros<sup>326</sup>. As festas dos padroeiros também reuniam bastante gente, afirma Carolina Bagatini, falando de sua infância. Ela tem 80 anos, é ex-moradora da Linha Carolina – Garibaldi – hoje morando na sede do município, e relata a rotina da festa do padroeiro: “a gente fazia a festa de Nossa Senhora das Graças, levava Nossa Senhora pelas ruas, tinha comida, churrasco, e jogos”<sup>327</sup>.

A rigor, os egressos da Península Itálica deparar-se-ão com a natureza, com o contraponto da civilização e seu primeiro ato será fazer o reconhecimento do território, colocar nele sinais de civilidade. Essa nova geografização dos nucleamentos permitirá um melhor reconhecimento do desconhecido, a partir da imagem trazida por eles da terra de partida. A súbita edificação de capelas, capitéis, pequenos comércios, praças, além de sinais de

---

<sup>325</sup> BUOSI, Benito; NICOLETTI, Gianpier. **Un paese all'estero**: l'emigrazione da Volpago tra 1870 e 1970. Montebelluna: Poligrafica Montebellunese, 1999.

<sup>326</sup> BENEDUZI, Teresina. Depoimentos, outubro de 1997 apud BENEDUZI, Luís Fernando. Op. cit. nota n. 306.

<sup>327</sup> BAGATINI, Carolina. Depoimentos, março de 1999 apud BENEDUZI, Luís Fernando. Op. cit. nota n. 306.

devoção e busca de desenvolvimento econômico, serão sinais da recriação de um *paese* deixado para trás. A religião constituir-se-á em um lugar de memória da imigração italiana, porque permitiu tanto a construção de uma certa unicidade entre os recém chegados – elaborando um conjunto comum de crenças – quanto a manutenção de um elo, fundado na sensibilidade, entre o lugar que se deixou e aquele que se está descortinando.

### 3.3 Entre Nanetto Pipetta e Nino: o mito da sociedade rural na zona de colonização italiana

Ao pensar em lugares de memória da imigração italiana, soma-se aos anteriormente discutidos – civilização e religião – a figura do colono, marcada pelos escritos capuchinhos dos anos vinte do século passado, os quais enfatizam a perspectiva rural da imigração italiana. Esses escritos em jornais trabalham com elementos que são parte desse processo inicial da colonização, porém generalizavam uma perspectiva rural da construção das colônias, em especial aquela de Conde d’Eu – lugar de edição do jornal – deixando de lado questões relativas a uma urbanidade que também está presente na ocupação e desenvolvimento da ex-colônia.

Mesmo enfatizando a figura de anti-herói cristalizada em Nanetto Pipetta, a qual é uma referência do que se deve evitar, os ensinamentos morais tecem, junto à trama, a trajetória bem sucedida de Nino, irmão de Nanetto, porém ajustado aos padrões morais que se buscava enaltecer. A guisa de conclusão da narrativa, deixando como mensagem final aos leitores e subscrevendo-se como “O vosso amigo”, faz-se o cruzamento entre o triste fim de Nanetto – o qual desperdiçou sua vida – e aquele feliz de Nino – que honrou a família:

Nanetto, pobre diabo, ele contristou tanto a família, ele fugiu pelo mar e não se afogou; mas sobre o mais bonito que vinha atrás de fazer fortuna, pegar a *cucagna*, ele caiu naquele rio e se afogou, assim como tinha sonhado sobre o vapor. Nino ao invés, que sempre fez muito e procurava alegrar a mãe, ele encontrou mesmo a *cucagna*, também aquela de seu irmão Nanetto. E ele construiu uma grande família, acompanhada de muitas bênçãos do céu<sup>328</sup>.

Nino aparece como contraponto às desgraças e desventuras de Nanetto, sendo o exemplo positivo a ser seguido nesse modelo de sociedade rural

---

<sup>328</sup> BERNARDI, Aquiles. Nanetto Pipetta. Nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la *cucagna*. 6. ed. Porto Alegre: EST, 1980, p. 186 – “Nanetto, poaro can, el gá constrictá tanto la famégia, el ghe ze scampá par el mare e nol se gá mai negá; ma sul pí belo che el gera drio a far fortuna, a ciapar la *cucagna*, el ze caisto tel rio e el se gá negá, próprio come el se gera insuniá sul bapore cussolá sotto i caregoni sa ve recordé. Nino invese che el gá sempre fatto puito, e sempre el cercava de rallegrare la mamma, el gá próprio catá la *cucagna* anca coela de Nanetto sô fradelo. E el gá slevá una grossa famégia compagnada de tante benedession del sielo”.

que se buscava construir. O personagem do irmão destaca um trinômio de positividade nessa comunidade imaginada como modelar – trabalho, família e catolicismo, estrutura que terá muita força nas comunidades italianas da serra gaúcha, por fazer parte de construções anteriores de lugares de memória da terra de partida – parte da vida *contadina* e do catolicismo intransigente da tradição popular vêneta.

Diferentemente de Nanetto, que vindo em busca da *cucagna*, encontra a desgraça e a morte, seu irmão realizará o sonho do imigrante: a construção de uma nova vida, marcada pela terra, pelo casamento e pela prole. Vindo em busca do irmão, junto com sua mãe, Nino descobre que Nanetto havia morrido e, sabendo que havia ganhado quase metade de uma colônia, parte “rio Dasanta” acima para ver a terra. Ele termina por tomar posse da terra e se casa com a irmã de Gelina – a noiva de Nanetto, constituindo, assim, uma grande família, sempre sobre a bênção de Deus:

O Senhor o abençoou e tudo prosseguia bem para ele, porque Ele prometeu vida longa sobre a terra para aqueles que querem bem os seus pais<sup>329</sup>.

Entretanto, essa marca memorialística não é uma particularidade das instruções capuchinhas para a região, mas fazem parte do festejamento do cinqüentenário da Imigração, pois o álbum comemorativo destaca justamente esses elementos ao pensar a positividade do colono. A imagem construída na comemoração enfatiza o trabalho da terra e a religião, destacando a vida rural. Enquanto memória sobre a imigração, elabora-se uma versão de forte catolicismo, o qual releva a um segundo plano algumas questões como instrução e um sentimento de vinculação à nação italiana.

Mesmo considerando essa dimensão rural da imigração, visto o espaço ocupado pela zona rural nesse processo, destaca-se que um outro olhar é possível, pois variados segmentos sociais e culturais aportaram em terras brasileiras. Nesse sentido, especificidades existentes na antiga vila de Garibaldi permitem uma

---

<sup>329</sup> Idem, *ibidem*. “El Signore li gá benedii e tutto ghe andava ben, par via che el gá impromesso vita



visão pluralizadora desse social, possibilitando a percepção desse passado da colonização italiana em sua complexidade formativa.

Quando se pensa a questão da alfabetização, vista como uma questão secundária para o colono, segundo a memória da imigração, os dados estatísticos mostram uma outra realidade, tendo em vista os índices da instrução brasileira. Em 1908, no primeiro distrito do município de Garibaldi, 52% dos habitantes tinha instrução, enquanto na Vila, 75% a tinham<sup>330</sup>. Nesse mesmo ano, na sede do terceiro distrito – Carlos Barbosa – 48% dos habitantes tinham instrução<sup>331</sup>. Esse quadro é revelador de um interesse também pela alfabetização, pois mesmo não fazendo referência aos anos de escolaridade, exemplifica ao menos uma busca pela escola.

Outro elemento que se soma a essa idéia de uma preocupação com a escola, pode ser encontrado nas diversas instituições privadas – muitas mantidas pelos colonos – que foram despontando na sede e no interior da ex-colônia de Conde d’Eu. Na sede no município de Garibaldi, além das escolas das irmãs de São José e dos irmãos Maristas, funcionava aquela da Sociedade Operária<sup>332</sup>, no mesmo lugar da Hospedaria dos Imigrantes e da habitação do Cônsul Honorário da Itália, na virada dos séculos XIX e XX, Abramo Canini.

Sobre o funcionamento dessa escola tem-se pouca informação, pois quando do Estado Novo o prédio foi invadido e teve diversos documentos queimados. Contudo, existe uma foto da década de 1880, porque tem como fundo a antiga construção da sede da Sociedade Operária, substituída ainda nesse período pelo novo prédio em alvenaria. Nessa imagem, aparece uma turma de escolares, sentados, dispostos em uma arquibancada – em frente à antiga sede da Sociedade – e

---

longa sopra la terra ai fioi che ghe vol ben ai sô genitori”.

<sup>330</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DE GARIBALDI. **Quadro Demonstrativo da profissão, instrução e religião da população do primeiro distrito do Município de Garibaldi.** Caixa Jacob Nicolau Ely, 1908, Garibaldi.

<sup>331</sup> Idem, **Quadro Demonstrativo do sexo, Estado Civil, naturalidade, profissão, instrução e religião da população do terceiro distrito do Município de Garibaldi.** Caixa Jacob Nicolau Ely, 1908, Garibaldi.

<sup>332</sup> Sobre a Sociedade Operária *Stella d’Italia* comentar-se-á mais adiante, ainda nesse subcapítulo.

no centro, diante da porta de ingresso, encontram-se três adultos – dois deles, mais atrás, seguram bandeiras e o terceiro assume a centralidade da cena. Compõe ainda a foto, dois quadros, um com o rei e outro com a rainha da Itália, os quais aparecem pendurados na parede externa do prédio. No alto do prédio, identificando-o, tem-se uma placa com a escrita “*Societa Italiana Conde d’Eu*”; percebe-se também, no centro da inscrição, uma estrela de cinco pontas.

Essa foto expressa possivelmente um momento cívico de enaltecimento da nação italiana, haja vista a disposição dos personagens e o fundo com as figuras dos monarcas. Mostra, ainda, essa preocupação com o ensino, vinculado, nesse caso, à iniciativa laica da Sociedade Operária. Constam na imagem aproximadamente cinquenta crianças, somando meninos e meninas, um número bastante representativo para esse momento inicial da colonização da região.

Com relação à existência dessa instituição de ensino, ainda tem-se outro indicativo em uma entrevista com Vittorio Spat – imigrante tirolês – nascido em 1895. No relato da entrevista, fala-se não somente da existência da escola, como menciona o ensino ministrado por um professor italiano:

O Senhor Vittorio Spat estudou no colégio São José e seus dois irmãos na escola da Sociedade Italiana, na qual havia um professor italiano<sup>333</sup>.

No Arquivo Histórico de Garibaldi, em caixa denominada “Famílias Toniazzi, Fardo e Lucien”, encontram-se publicações que corroboram na comprovação da existência dessa instituição italiana. Na referida caixa, foram encontrados diversos exemplares de livros para a Escola Elementar publicados entre os anos de 1905 e 1919, muitos deles aprovados pela “Comissão Escolar Provincial de Turim”. Dentre eles, destacam-se desde livros voltados para o ensino de desenho – “*Scuola Elementare*” ou “*Corso Graduato di Disegni per le Scuole Elementari*” –

---

<sup>333</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DE GARIBALDI. Pasta “**História Oral**”. Entrevista com Vittorio Spat, Garibaldi, 20 de março de 1986.

publicados respectivamente nos anos de 1905 e 1906; até livros de alfabetização, “*Il primo libriccino di scuola*”, ou caligrafia, “*La scrittura normale o diritta*” – ambos de 1905.

Como parte de um novo momento de ação do Estado Italiano, da gênese de uma Itália colonizadora, a qual busca construir uma imagem de pujança, tem-se o livro “*Quaderno*”, esse produzido especialmente para as escolas italianas no exterior, e com o *placet* do monarca. O livro, propriedade artística de Ambrogio Binda, traz em capa e contracapa a trajetória de seu editor, mostrando a ascensão desse homem que fez fortuna, tendo nascido na pobreza. Nesse sentido, a obra busca ser, também, um modelo para os italianos no exterior, incitando-os ao trabalho árduo e à vontade operosa para, seguindo os passos de Binda, subirem os degraus da fama e da riqueza:

Eis o modelo de um homem operoso, sábio e inteligente, que nós propomos aos jovens italianos, os quais, da vida de um pobre operário, que se tornou um dos mais estimados industriais da Itália, aprenderão como não cresce em fama e riqueza quem permanece indolente, e não confia nos salutares efeitos de uma vontade operosa e previdente<sup>334</sup>.

Também o Álbum Comemorativo do Cinquentenário da Imigração Italiana comenta a existência da escola, a qual funcionava na sede da Sociedade Operária. A partir do entendimento dessa associação, pode-se compreender um pouco da razão da existência dessa escola em suas dependências. Sabe-se que no dia dez de março de 1884 foram aprovados os estatutos da associação, com a denominação de *Società Operaia Italiana di Mutuo Soccorso Stella d'Italia*, fundada em 1883, com o nome de Conde d’Eu.

---

<sup>334</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DE GARIBALDI, Caixa “**Famílias Toniazzi, Fardo e Lucien**. Garibaldi. “Ecco il modello di un uomo operoso, savio intelligente, che noi proponiamo ai giovani italiani, i qualli dalla vita di un umile operaio, diventato uno dei più stimati industriali d’Italia, apprenderanno come non salga in fama ed in ricchezza chi giace neghittoso, e non confida nei salutari effetti di una volontà operosa e previdente”.

Assim, pela perspectiva social, percebe-se o início de uma organização de entre-ajuda na comunidade. Logo após sua criação, a entidade terá de lidar, no ano de 1886, com uma forte epidemia de cólera, escarlatina e sarampo, as quais, devido às precárias condições de higiene, alastrar-se-ão com facilidade<sup>335</sup>.

Mais uma vez percebe-se essa busca de domesticar o desconhecido, de civilizar a natureza, agora não com elementos da religião, mas com instituições que marcam a vida civilizada de então, que permitem ao homem melhor sobreviver ao não previsto – e será amalgamada a essa idéia de cooperação com os egressos da Península que nascerá a escola italiana e adquirirá sentido. A Sociedade de Socorro Mútuo de Conde d’Eu manterá, a exemplo das instituições de mesmo fim nascidas no século XIX – na Itália – o objetivo de dar uma maior resistência ao grupo em momentos de crise, sendo mais um elo entre as experiências na terra de partida e naquela de chegada.

Segundo o capítulo primeiro do estatuto da sociedade *Stella d’Italia*, em seu artigo sétimo, o objetivo da sociedade era voltado para os italianos e descendentes habitantes em Conde d’Eu, buscando agrupá-los e socorrê-los em momentos de emergência:

Art. 7º – O objetivo da sociedade é:

1º Unir os italianos residentes em Conde d’Eu.

2º Promover o bem-estar dos sócios.

3º Socorrer os sócios que ficassem doentes prestando auxílio médico, e remédios e um subsídio diário em conformidade com que está estabelecido no presente estatuto.

4º Subsidiar os sócios incapazes de trabalhar que pertençam há dez anos da sociedade, com uma pensão mensal, a qual será determinada pela assembléia geral, segundo a renda da sociedade.

5º Pagar as despesas funerárias dos sócios nas circunstâncias e condições contempladas no art. 39.

6º Procurar emprego e trabalho aos sócios desempregados<sup>336</sup>.

---

<sup>335</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre. S.A 052.

<sup>336</sup> STATUTI DELLA SOCIETÀ OPERAIA ITALIANA DI MUTUO SOCCORSO STELLA D’ITALIA NELLA COLONIA CONTE D’EU. Porto Alegre: Stamperia di Gundlach & comp., 1886. p. 6. – “Art. 7º – Lo scopo della società è: 1º Unire gli italiani residenti in Conte d’Eu. 2º Promuovere il benessere dei soci. 3º Soccorrere i soci che cadessero ammalati prestando loro medico, e medicine ed un sussidio diario in conformità a quello, che si trova stabilito nei presenti statuti. 4º Sussidiare i soci impotenti al lavoro che da 10 anni avranno appartenuto alla Società con una pensione mensile, che sarà determinata dall’Assemblea generale a seconda della rendita della società. 5º

De acordo com o artigo sétimo, existia uma grande preocupação com a sobrevivência material dos sócios e de suas famílias. Enquanto entidade que buscava promover o bem-estar dos sócios, tinha como objetivo dar condições de trabalho aos membros, tutelando-os na vida e na morte. Assim, além de prestar auxílio em momentos de doença ou funcionar como um seguro em caso de invalidez, cobria as despesas de sepultamento dos associados – respeitando um teto máximo de valor para essa finalidade.

O prédio definitivo no qual funcionava a Sociedade teve o primeiro piso de sua construção terminado em 1888, sendo ampliado, em um segundo pavimento, em 1896<sup>337</sup>. Como estilo arquitetônico, segundo publicação informativa, o prédio misturava em sua projeção influência renascentista e barroca, assemelhando-se ao tipo eclético de construções que prevaleciam na Itália da unificação<sup>338</sup>. Na década de 1880, o prédio funcionou como Hospedaria dos Imigrantes, permitindo um pouso ao recém-chegado, até que ele tivesse construído a sua primeira moradia. Seguindo o ideário do estatuto da Sociedade, buscava dar o primeiro abrigo, unindo e protegendo os imigrantes italianos que chegavam em terra desconhecida.

Em 1913, mesmo abandonando essa função primeira de hospedaria, a sede da *Società Stella d'Italia* continuou apresentando uma forte função social. Nesse ano, com a chegada do médico Julio Motti, suas instalações serviram para o atendimento médico, no primeiro hospital de Garibaldi. Mantinha-se, assim, mesmo alterando o serviço a ser prestado, a finalidade de assistência à comunidade italiana do município.

Progressivamente, passou-se a desenvolver atividades de cunho sócio-

---

Pagare le spese funerarie dei soci nelle circostanze e condizioni contemplate dall'art. 39. 6° Procurare impiego e lavoro ai soci disoccupati”.

<sup>337</sup> Segundo o álbum comemorativo do cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, o ano em que se procedeu à reforma do prédio foi 1899, divergindo do ano exposto acima, o qual é dado pela Revista LACONICUS/79.

cultural nas instalações da sociedade, transformando-a em um local de reuniões e busca de assistência social. Dessa forma, retornava-se a função primeira do estatuto da Sociedade, ou seja, o serviço de socorro mútuo entre os sócios. Nesse período, o qual finda com as restrições impostas pelo Estado Novo às sociedades compostas por estrangeiros, as atividades culturais marcaram o cotidiano da casa. Desenvolveram-se exposições de arte, organizaram-se montagens de peças teatrais em língua italiana, incentivava-se, ainda, a leitura dada a farta literatura constante de seu acervo, grande parte em italiano, como a Revista Ilustrada. Além disso, o prédio servia de abrigo para os ensaios da Banda Municipal, dedicada à Santa Cecília e manteve por diversos anos uma escola italiana – essa desde os primeiros anos da antiga edificação.

Especialmente nesse período da década de 1920, a sede da *Stella d'Italia* exercia um papel de manutenção de uma determinada perspectiva de italianidade na região do município de Garibaldi. Inclusive, fazia-se, anualmente, o festejamento da República Italiana, comemorada em 20 de julho, construindo um laço fraterno entre esses filhos de além-mar e a pátria distante.

Enquanto espaço de encontro da comunidade, o prédio da associação desempenhava uma importante função de *locus* de reevocação do passado pátrio: “Cada mês havia um encontro entre os associados e, às vezes, uma festa para conversarem e lembrarem a saudosa pátria”<sup>339</sup>. A própria idéia da Sociedade de Socorro Mútuo tem vinculação com as organizações da terra de origem, pois o século XIX, na Itália, é um período de proliferação desse tipo de instituto associativo.

Como elo de extravasamento de uma nostalgia da terra de partida, a Sociedade, tanto como espaço cultural quanto como instituição assistencial, funcionou como local de produção de memória e sublimação de um sentimento de perda com relação às experiências deixadas para trás. Ao manter esse vínculo com certa tradição nacional italiana, embora na maior parte da população colonial não se

---

<sup>338</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DE GARIBALDI. Pasta 1. LACONICUS/79.

<sup>339</sup> Idem, p. 13.

observasse um forte sentimento de pertença para com a grande mãe pátria, acabava por reviver emoções relativas à pequena pátria, ao *paese* de proveniência de cada imigrante. Cada um, a partir da música e da dramaturgia, sentia-se conectado a um sentimento de retorno imagético às vivências no *comune* de proveniência. Assim, buscava-se diminuir as angústias de uma vida em terra estrangeira, longe do consolo dos símbolos evocativos de uma sensação de pertencimento.

Nesse sentido de construção de um vínculo com o Estado Italiano, a Sociedade Italiana, bem como a escola que funcionava em suas dependências, constituíam-se em uma alteridade para aquela imagem do colono católico e iletrado que se estava forjando, especialmente a partir dos escritos vinculados ao jornal “*Staffetta Riograndense*”. A idéia do ensino da língua e da cultura italiana, vinculados a uma instituição laica, apresentava-se como um grande dificultador do controle da Igreja sobre aquelas populações, funcionando como contraponto em uma batalha simbólica sobre a vocação da comunidade.

De acordo com o próprio estatuto da Sociedade Operária, o prédio tornava-se efetivamente um centro irradiador e mantenedor da italianidade em Garibaldi, haja vista que a natureza e o objetivo da entidade eram voltados para a identidade étnica italiana. Essa intenção se percebe já no artigo primeiro, quando é nominado o presidente honorário da entidade, o cônsul italiano Conde Antonio Greppi. O próprio nome da instituição demonstra essa característica de lugar privilegiado de agrupamento étnico, pois a define como sociedade operária “italiana”.

O capítulo primeiro do estatuto, fazendo referência à constituição da Sociedade, expressa esse sentimento de forte etnicidade formativa, quando normatiza a entrada de sócios. Embora o número de associados seja ilimitado, existe, em condições ordinárias, a necessidade de pertencer à comunidade étnica italiana:

Art. 4º – Tem direito de pertencer à sociedade, todos os italianos e os filhos de italianos naturalizados no exterior, como também aqueles nascidos em solo italiano, mesmo pertencendo a províncias ainda não

submetidas ao Governo Nacional<sup>340</sup>.

Nesse quarto artigo, percebe-se uma abertura especial aos imigrantes provenientes do sul do Tirol e da região de Trento, região ainda não pertencente, naquele momento – 1884 – ao Reino da Itália. Isso permite depreender que esses imigrantes provenientes da atual região de Trentino Alto Adige constituíram-se em um grupo influente na sede municipal, além de falarem um dialeto com raiz comum aos egressos do Vêneto e da Lombardia. Destaca-se, ainda, a possibilidade que imigrantes provenientes do leste da região do Friuli, como aqueles de Trieste ou da Ístria – parte da antiga República Vêneto – participassem da associação.

De qualquer forma, não significa que houvesse um veto total à entrada de nacionais e não-italianos na associação, mas esses deveriam ser nominados apenas a partir de votação em Assembléia Geral. Para que pudessem ser apresentados à Assembléia, para ingresso enquanto sócio honorário, os membros de outros grupos étnicos deveriam ser conhecidos por ações nobres e generosas para com a humanidade, especialmente para com a colônia italiana de Conde d’Eu. Mais uma vez, identifica-se na Sociedade *Stella d’Italia* essa missão de ser espaço de entreajuda para os imigrantes italianos, pois se outra etnia quisesse pertencer à associação, deveria ter colaborado de alguma forma para o bem-estar do grupo italiano.

Essa identificação com o grupo étnico aparece ainda no artigo trinta e sete do estatuto, segundo o qual podem ser utilizados recursos comuns à Sociedade, até um certo limite estipulado no artigo nove – metade das entradas ordinárias – para socorrer italianos não sócios recém-chegados:

Art. 37º – Sendo essa Sociedade uma Sociedade de Socorro Mútuo, por decisão do Conselho administrativo poder-se-á socorrer também os italianos não sócios, os quais recentemente chegados a Conde d’Eu recorressem à própria Sociedade, porém, devendo ser limitado tal

---

<sup>340</sup> STATUTI DELLA SOCIETÀ OPERAIA ITALIANA DI MUTUO SOCCORSO STELLA D’ITALIA NELLA COLONIA CONTE D’EU. Op. cit. nota n. 336, p. 5. – “Art. 4.º – Hanno diritto di appartenere alla società tutti gli italiani ed i figli d’Italiani naturalizzati esteri, come anche quelli nati sul suolo italiano quantunque appartenenti a provincie non ancora sottomesse al Governo Nazionale”.



socorro àquilo que está estabelecido no Art. nove do presente estatuto<sup>341</sup>.

A organização da Sociedade, de acordo com seu estatuto, tinha também um perfil moralizador das relações sociais, punindo a embriaguez e a liberalidade sexual. Os sócios que ficassem doentes por causa da bebida ou fossem acometidos de doenças venéreas não receberiam o subsídio mensal contratado para casos de doenças, mas apenas a assistência médica e medicamental.

Nesse artigo trigésimo-segundo, percebe-se dois elementos a serem combatidos no meio colonial: o excesso de bebida e a promiscuidade. Também na organização da sociedade pode-se identificar elementos que corroboram na desconstrução da imagem de uma vida moral ilibada como elemento máximo da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Especialmente no que se refere à bebida, a batalha da sociedade terá eco nas pregações das Missões Populares dirigidas pelos Frades Menores Capuchinhos, a partir de 1896, as quais enfatizavam a dimensão do pecado que traz em si a embriaguez, bem como nas instruções do jornal *Il colono italiano* – mantido pelos frades desde a década de 1910<sup>342</sup>.

A Sociedade *Stella d'Italia* terá uma grande importância institucional no município de Garibaldi, tendo sócios fundadores participando da composição dos primeiros Conselhos Municipais. Compunha, ainda, a lista de sócios fundadores, o pároco da igreja matriz, Don Domenico Greca, mostrando também uma articulação com a Igreja Católica secular.

Dessa grande participação da Sociedade na vida política do município, advém sua relevância quando se pensa a questão étnica no meio colonial italiano. Muito embora fosse composta basicamente por habitantes da vila de Garibaldi, ou seja, do mundo urbano, participava no meio rural na medida em que tinha ingerência

---

<sup>341</sup> Idem, p. 10. – “Art. 37.º – Essendo questo Società una Società di Mutuo Soccorso per decisione del Consiglio amministrativo potrà soccorrere anche gli italiani non soci i quali nuovamente arrivati in Conte d’Eu ricorressero alla Società medesima dovendo però tali soccorsi essere limitati a ciò che è stabilito nel’Art. 9 dei presenti statuti”.

<sup>342</sup> BENEDUZI, Luís Fernando. Op. cit. nota n. 306.

nas políticas públicas municipais e na produção de uma memória da imigração<sup>343</sup>. A partir da participação em publicações como o álbum comemorativo do cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, a Sociedade fornecia elementos para a produção de uma história oficial sobre a imigração no estado.

Articulando-se entre a paróquia e a intendência, a Sociedade *Stella d'Italia* será um instrumento eficaz para construir, a partir da sede do município, uma memória vitoriosa da imigração italiana e da nação italiana. Uma mostra dessa preocupação com a italianidade será a homenagem feita pela associação aos mortos na expedição à Líbia, feita junto ao exército italiano:

A *Stella d'Italia* quis eternizar no mármore a expressão de sua reconhecida homenagem à memória dos mortos na Líbia e àquela de dois conterrâneos mortos na última Grande Guerra de redenção [Primeira Guerra Mundial], dois heróis que a colônia de Garibaldi ofereceu em holocausto à pátria: Pietro Brunello e Gobbi Guerino<sup>344</sup>.

No álbum comemorativo, a imagem construída sobre a Sociedade se confunde com a memória da imigração, trazendo a imagem da luta heróica e bestial para construir uma comunidade pujante. Enaltece o papel da *Stella d'Italia*, enquanto lugar de reunião da comunidade, nessa batalha de sacrifícios e renúncias diárias em prol da melhoria das condições materiais e sociais. Assim, ela é descrita como uma estupenda manifestação desse ideal de coletividade na conquista da nova terra: “Luta heróica de Titãs!”<sup>345</sup>.

Outras sociedades de marca cultural foram organizadas na zona

---

<sup>343</sup> O Município de Garibaldi é instalado em vinte e cinco de novembro de 1900, sendo desmembrado de Bento Gonçalves – antiga colônia de Dona Isabel – da qual era o segundo distrito. Segundo a Ata de instalação do município, parte do “Acervo Histórico-Cultural do Município de Garibaldi”, encontrava-se como intendente provisório Jacob Nicolau Ely. Assim, foi lido e instaurado o município de acordo com o Decreto n. 327, de trinta e um de outubro de 1900. A composição do Conselho Provincial de 1902 – o qual era composto por cinco pessoas – já apresenta dois sócios fundadores da Sociedade Operária, Achille Brogioli e Domingos Paganelli, os quais são mencionados ainda em 1904 e 1906.

<sup>344</sup> CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. op. cit. nota n. 296, p. 379. – “La Stella d'Italia ha voluto eternare nel marmo l'espressione del suo riconoscente omaggio alla memoria dei caduti in Libia e a quella di due conterranei caduti nell'ultima grande guerra di redenzione, due eroi che la Colonia di Garibaldi ha offerto in olocausto alla patria: Pietro Brunello e Gobbi Guerino”.

colonial, muitas delas voltadas à manutenção de escolas rurais ou de capelas, o que mais uma vez apresenta-se contra a idéia de descaso do imigrante italiano para com a instrução. Na comunidade de Ponte Seca da Linha Doze constitui-se, no início do século XX, uma comissão – chamada “Sociedade” – para sustentar a escola da localidade. Enquanto o governo do estado subvencionava a professora, a Sociedade responsabilizar-se-ia pela construção e manutenção do prédio<sup>346</sup>. Além de apresentar essa imagem do associativismo e do mutirão – método pelo qual foi contruída a escola – em seu nome percebe-se esse vínculo ainda presente com a Península Itálica. A escola recebe o nome de Don Giovanni Bosco – padre, depois santo, muito conhecido no norte italiano, onde viveu na segunda metade do século XIX, dedicando-se às crianças e aos pobres.

Também na comunidade de Santo Isidoro – Linha Dezenove – constituiu-se uma Sociedade para sustento material da escola, a qual foi construída em 1912<sup>347</sup>. Todavia, como era comum nas diversas comunidades de imigração italiana, a primeira escola funcionou na casa da professora Teresa Traiber, a qual mantinha lições na língua italiana. O vínculo com o idioma pátrio, ou muitas vezes com o dialeto da região de proveniência, foi mantido, no meio escolar, ao menos nos primeiros quarenta anos da imigração, tendo – em algumas comunidades – se prolongado até as proibições do Estado Novo. Em verdade, muitos desses imigrantes tornaram-se trilingües, falando no espaço doméstico o dialeto e na escola o italiano gramatical e o português.

Essa multiplicação de escolas de língua italiana, vista com simpatia pelo governo do estado, é anunciada pelo jornal “A Federação”, em cinco de junho de 1908, sendo associado ao desenvolvimento de florescentes sociedades ou por privados:

---

<sup>345</sup> Idem, p. 378. – “Lotta eroica di Titani!”

<sup>346</sup> Livro de Contas da Escola D. João Bosco apud MIGOT, Aldo. **História de Carlos Barbosa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

<sup>347</sup> ARQUIVO MUNICIPAL DA ESCOLA ANGELO REGLA apud MIGOT, Aldo. **História de Carlos Barbosa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

O que mais interessa agora é o desenvolvimento do ensino de língua italiana, por toda a parte visto com simpatia e mesmo, até certo ponto, favorecida pelo próprio governo do estado. Em todos os centros municipais existem já escolas italianas bem organizadas, funcionando, seja por conta de florescentes sociedades ou pela iniciativa particular<sup>348</sup>.

O espaço da escola, assim como aquele das associações, contituir-se-á em local propício para a manutenção de uma identidade cultural étnica italiana. Não eram todas as comunidades que aceitavam professoras brasileiras, muitas foram mandadas embora por serem nacionais e não falarem italiano, ou melhor, o dialeto que prevalecia na localidade. Um caso assim aconteceu na localidade da Linha Doze – São Silvestre, segundo depoimento da senhora Catarina Dai Prà Dalmina, sendo a professora enviada a outra escola por não aceitação da comunidade pela mesma ser morena<sup>349</sup>:

Quando tinha nove anos freqüentei a Escola da Ponte Seca. Era professora uma morena chamada Ozoriolina da Silva. Tinha sido destinada ao Doze (São Silvestre), mas alguns moradores de lá, por ser morena, não a aceitaram. Pensavam que ela não entenderia os filhos, acostumados a falar italiano<sup>350</sup>.

Muitas associações foram constituídas no âmbito paroquial, envolvendo a comunidade nos mais diversos momentos da vida, tendo um cuidado especial para com a juventude. Independente do objetivo para o qual se destinava a sociedade, a reelaboração de uma identidade cultural vêneta, sempre mais vinculada a uma italianidade, processava-se. A trajetória de construção de uma identificação étnica perpassava esse partilhar de códigos comuns, os quais estavam vinculados ao mundo religioso e simbólico, em uma constante re-tecitura entre o individual e o coletivo de um grupo em busca de redescoberta de si:

Em um movimento que parece paradoxal, enfoca sempre o jogo da diferença, a *différance*, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em individual. O paradoxo se desfaz quando se entende que a identidade é um lugar que se

---

<sup>348</sup> A FEDERAÇÃO. 05 de junho de 1908. Museu Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

<sup>349</sup> O termo refere-se muitos mais a uma designação étnico-cultural que provida de critérios raciais. Normalmente, era uma forma de fazer referência ao nacional, ao “brasileiro”.

<sup>350</sup> MIGOT, Aldo. **História de Carlos Barbosa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989, p. 338.

assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada<sup>351</sup>.

Assim, essas diferentes instituições culturais, especialmente a escola, com diferentes matizes e perspectivas formativas, será um dos elementos na produção dessa cultura tida como vêneta na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Essa identidade étnica mitificada, pensada enquanto elemento construtor do processo identitário, como parte da busca de pertencimento – em uma vinculação a um Vêneta imaginário – terá como tecitura uma sobreposição de imagens coletivas que circundam esse universo étnico da colônia de Conde d’Eu.

Um local de encontro da juventude católica da época era a “União dos Moços Católicos”, cujo prédio da sede ainda existe em Garibaldi. Na sociedade, os rapazes e as moças faziam o seu *filó*, ou seja, passavam as noites ou as tardes a conversar, ensaiar hinos religiosos e organizar apresentações dramatúrgicas. O senhor Dante Chesini, morador da sede do município de Garibaldi, recorda uma encenação produzida em 1925, versando sobre a paixão de Cristo no Monte Calvário, da qual fez parte o senhor Dante Chesini<sup>352</sup>. Nela, o entrevistado recorda a participação de Albino Montin, o qual fazia o papel de Cristo, sendo considerado fisicamente semelhante ao personagem interpretado.

Nesse centro de sociabilidade que se tornava a associação, entre encenações e cantos, a doutrina e o ideário católico participavam de um processo de re-elaboração imagética do grupo. Em um processo de ressignificação identitária, o catolicismo adquire um papel de destaque enquanto parte de uma memória que está sendo construída acerca da imigração e como instituição que toma para si o direito e o dever de conduzir o colono.

Ao mesmo tempo, percebe-se perspectivas diferenciadoras entre mundo rural e urbano no fenômeno imigratório. Nos pequenos nucleamentos citadinos, como a sede do município de Garibaldi, percebe-se um processo bastante

---

<sup>351</sup> SOVIK, Liv. Apresentação para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. Op. cit. nota n. 43, p. 15.

<sup>352</sup> CHESINI, Dante. Depoimentos, dezembro de 2003.

desenvolvido de formação de sociedades culturais e religiosas. Além das associações já apresentadas, em uma matéria do jornal “A Federação”, de dezesseis de julho de 1906, é mencionado o Club Garibaldino, que organizava bailes muito concorridos, utilizando-se do hotel de Luiz Faraon, bem como o salão de Cirillo Zamboni, outro local de bailes<sup>353</sup>. A sede do município, ou melhor, a vila de Garibaldi terá uma maior vinculação imagética com a Itália enquanto nação, tanto pelas associações vinculadas ao Estado Italiano e a presença do Cônsul Honorário quanto pela imigração e pelo intercâmbio cultural que se estenderão pelo primeiro quartel do século XX, marcados pelo desenvolvimento vitivinícola.

Nesse contexto, a linguagem dialetal vai perdendo espaço para o uso da língua portuguesa, em uma progressão muito maior que na zona rural, como atesta o senhor Chesini. Ele afirma nunca ter falado dialeto, tendo vivido as décadas de 1910 e 1920, período em que o dialeto era profusamente utilizado na zona rural do município. Possivelmente a proximidade com as escolas e o desenvolvimento da zona urbana conduziram a uma aceleração na perda da “fala materna”. Mesmo assim, os costumes continuam a ser repensados a partir das instituições sociais. Essa situação particular de perda permite entender a ênfase dada pela Sociedade *Stella d’Italia* para com a literatura e língua italiana.

No meio rural, multiplicavam-se as associações dos “Cavaleiros da Cruz”, compostas basicamente por rapazes, responsáveis por conduzir a cruz missionária nas procissões quando das Missões Populares e de mantê-la quando do término do evento. Para as moças, isso já no século XX, a Igreja oferecia os encontros das “Filhas de Maria”, os quais aconteciam no âmbito da capela. Neles, as jovens se reuniam para rezar o rosário e cantar as ladaínhas de Nossa Senhora e outros cânticos marianos<sup>354</sup>.

Essa experiência na escola, assim como aquela na capela e nas

---

<sup>353</sup> A FEDERAÇÃO. 16 de julho de 1906. Museu Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

<sup>354</sup> PARMAGNANI, Jacob. Depoimentos, outubro de 1997 apud BENEDUZI, Luís Fernando. Op. cit. nota n. 306.

diversas sociedades, particularmente na zona rural, em uma situação de quase total inexistência de relações inter-étnicas – dada o isolamento da região colonial – permitiu a reelaboração, em solo brasileiro, das experiências culturais trazidas da terra de partida. Nesse processo, o que pode ser destacado são as trocas que se darão entre diferentes províncias e regiões do nordeste italiano, pois muito embora a maioria de egressos seja proveniente da região do Vêneto, existe um número também significativo de regiões limítrofes como a Lombardia, o Trentino Alto-Adige e o Friuli Venezia Giulia.

A *mélange* cultural entre províncias, muitas vezes de uma mesma região, que não mantinham na Itália relações entre si, produziu a elaboração de um *koinè* dialetal e cultural, o qual foi elemento de contraponto com as demais etnias quando do incremento nos processos de trocas econômicas e simbólicas. Será esse o processo inicial de construção, entre os descendentes dos imigrantes, de uma identificação enquanto ítalo-brasileiros.

Entretanto, ressalta-se que, mesmo tendo forte marca na realidade vivida das comunidades e mais força ainda enquanto representação imagética da imigração italiana, os personagens de Nanetto e de seu irmão Nino não podem ser generalizados enquanto imagem do egresso da Península Itálica, nem tampouco representante único de seu processo de adaptação à nova terra. A experiência das diferentes comunidades da ex-colônia de Conde d’Eu permite perceber uma variada vida quotidiana, a qual rompe com a unicidade de uma figura do imigrante voltado para a Igreja, para o dialeto e para a produção colonial.

Como expressão da diversidade desse *hominis ethnicus* percebe-se – no espaço urbano – a construção de uma ligação com a Itália enquanto nação e Estado – marcada pela língua e cultura nacionais. Também a escolarização constituir-se-á em um elemento de ruptura com essa imagem de imigração depreendida da narrativa de Achilles Bernardi. Efetivamente as vivências e expectativas do imigrante foram mais complexas que o universo produzido pelas narrativas religiosas que elaboraram um seu imaginário. Esse imaginário constrói-se, então, por processos de sobreposição

de idéias-imagens referentes à terra de partida – as quais foram discutidas nos dois primeiros capítulos da Tese – e de idéias-imagens elaboradas na experiência cotidiana da comunidade e nos embates simbólicos entre grupos que buscam consolidar uma memória sobre o imigrante italiano.

### **3.4 *Filò*, superstições e tradição popular: a reelaboração de uma cultura campesina no interior da ex-colônia de Conde d’Eu**

O mundo popular urbano ou rural, entendidas algumas particularidades de cada ambiente, desenvolveu-se imagetivamente a partir do cruzamento desses lugares de memória abordados: o mito do progresso, o impulso da religião e o colono. Porém, especialmente fora do núcleo colonial, as experiências do *filò* e da reelaboração de ancestrais tradições populares propiciaram a manutenção de traços que vinculam a terra de partida e aquela de chegada; esse cotidiano rural produzia vestígios possibilitadores da elaboração de uma representação do imigrante italiano na serra gaúcha. Nas relações sensíveis da vida do colono, esse imigrante *contadino* passa a experimentar um processo de hibridização, vivendo um momento ambíguo e ansioso de transição, no qual a tradução cultural se dá em um sentido agonístico, pois nunca se completa:

Mas hibridização não significa necessariamente um declínio pela perda de identidade. Pode significar também o fortalecimento das identidades existentes pela abertura de novas possibilidades<sup>355</sup>.

No bojo desse processo de tradução cultural, tem-se a reelaboração dos encontros do *filò*, os quais sofrem um processo de transformação tanto no que se refere ao local onde acontecem quanto no que se refere a sua razão de ser. Pensando o espaço de realização do *filò*, vê-se a transferência do espaço da estrebaria – onde se realizava no Vêneto – para o espaço da cozinha, pois não se tem mais a necessidade do aquecimento a partir do calor dos animais. Além do local, também o seu objetivo primeiro muda, passando de uma questão com ênfase na produção – haja vista as

---

<sup>355</sup> LACLAU, E. *Emancipations*. London: Verso, 1996 apud HALL, Stuart. Op. cit. nota n. 43, p.



necessidades de manter a vida produtiva em um inverno rigoroso – a uma questão de sociabilidade – porque propiciava pausa em meio ao trabalho quotidiano<sup>356</sup>. A nova realidade do *filò* reduz o evento em quantidade de ocorrência, pois não tendo mais uma relação primordialmente produtiva, vincula-se mais diretamente ao mundo do lazer, ficando restrito a um ou dois eventos semanais<sup>357</sup>, sendo normalmente um deles nas noites de sábado.

Certamente, o divertimento não é a única razão para se fazer *filò*, embora seja de grande importância, porque se continua a aproveitar esse momento para, como na Itália, trançar palha – “fazer a dressa”, descascar o milho, fazer pequenos consertos de costura e das ferramentas. Também é mantido o vínculo com aquele mundo mágico das vigílias noturnas da distante pátria, pois os contos fantásticos, as fábulas, as histórias de cunho moral continuam a ser narradas e os *contastorie* prosseguem sua vida de encantamento nesse outro lado do oceano.

Outra alteração importante no entorno da “*veglia di stalla*” refere-se a à sua localização e ao público que a frequenta. Na Itália, como já informado no capítulo anterior, o *filò* acontecia no calor da estrebaria, de uma *contrada* ou *fattoria*, participando dele os diversos moradores: dos nucleamentos urbanos ou das pequenas fazendas. Entretanto, no novo espaço da zona colonial, especialmente quando nos referimos ao mundo rural, os encontros dar-se-ão, como já referido, no interior das casas, ocupando muitas vezes a cozinha e, também, a sala de estar. Dessa forma, mesmo sendo uma experiência do espaço público, ela começa a se desenvolver no espaço privado, no interior da moradia – não virão fazer *filò* todos os habitantes da *contrada*, mas aqueles que forem convidados pela família que está recebendo<sup>358</sup>. Progressivamente o espaço de sociabilidade do *filò* transforma-se em elemento de distinção frente aos grupos que se diferenciam no espectro sócio-econômico da comunidade.

---

87.

<sup>356</sup> BENEDUZI, Teresina. Depoimentos, outubro de 1997 apud BENEDUZI, Luís Fernando. Op. cit. nota n. 306.

<sup>357</sup> SCOMAZZON, Leticia. Depoimentos, março de 2004.

<sup>358</sup> PARMAGNANI, Jacob. Depoimentos, outubro de 1997 apud BENEDUZI, Luís Fernando. Op.

A mudança do lugar de recebimento, além de permitir uma maior higiene para os participantes, algo muito criticado pelos médicos vênets – porque os miasmas produzidos pelos gases dos bois e das vacas eram entendidos como nocivos aos seres humanos – permitia uma situação moral mais controlada. Na penumbra das estrebarias, corpos de homens e mulheres, rapazes e moças se misturavam, permitindo contatos indesejados para a moral religiosa da época. A situação de semi-escudidão que se fazia, devido à má iluminação do local, facilitava o contato promíscuo entre os sexos, como anunciava uma obra já citada da época. A nova cartografia do *filò* separa homens e mulheres em espaços diferentes e, ao mesmo tempo, permite um controle constante sobre todos os indivíduos, vive-se um constante jogo de observar e ser observado pelos membros da comunidade.

Em entrevistas feitas por Luis Alberto De Boni e Nelci Gomes<sup>359</sup>, uma das questões colocadas referia-se ao *filò*, quando eram recordadas algumas características desse evento social da comunidade. Os entrevistados, em sua maioria, relacionavam o *filò* ao final de semana, alguns lembravam de fazê-lo aos sábados, enquanto outros, como Ângelo Zatta, diziam que algumas vezes repetia-se nos domingos:

Sim, nós fazíamos muitos *filòs*, às vezes saíamos para ir à casa do vizinho jogar baralho, brincar... Nós só fazíamos duas vezes por semana, sábado e domingo<sup>360</sup>.

Como evento da comunidade campesina, a vigília organizava-se de acordo com o ritmo da vida no campo, ou seja, sua duração dependia do tempo do trabalho e, normalmente, terminava por volta das vinte e duas horas, tendo como horário limite, em qualquer caso, a meia-noite. Assim como na terra de partida, a *veglia di stalla* constituía-se em um momento de divertimento em meio à rotina de trabalho, embora não fosse apenas lazer.

---

cit. nota n. 306.

<sup>359</sup> DE BONI, Luis Alberto; GOMES, Nelci. Op. Cit. nota n. 314.

<sup>360</sup> Idem, p. 74.

No relato de Ângelo Susin, tem-se um resumo das diversas atividades comuns naquelas noites que transcorriam experienciando-se o *filò*:

Os homens contavam anedotas, as mulheres faziam tranças, cantavam cantigas italianas, os rapazes e moças dançavam, as crianças brincavam de esconde-esconde. Comia-se pipoca, pinhão, amendoim, tomavam vinho, no inverno fazia-se quentão, pão de milho, cuca<sup>361</sup>.

Como se pode perceber na citação acima, os espaços de homens, mulheres, jovens e crianças eram delimitados, seja por sexo ou por idade. Como na Itália, funcionava, para a juventude solteira, como um lugar para travar conhecimento entre pretendentes e pretendidas. Em decorrência das dificuldades em ter momentos mais privados entre moços e moças, não se pode esquecer que os bailes eram proibidos pelos religiosos – o *filò* constituía-se, então, juntamente à missa, em um momento de encontro e em uma possibilidade de iniciar um cortejamento com as possíveis futuras namoradas. Para as jovens, transformava-se em uma das poucas situações propícias para encontrar o rapaz que lhes interessava, deixando-se ser cortejada.

Nas conversas, nas canções, recordava-se a Península Itálica, terra longínqua deixada para trás, e os espaços da tradição constituíam-se em instrumentos de reorganização dessa cultura *contadina* construtora do olhar do imigrante para o novo mundo que o cercava. Nesse sentido, a experiência do *filò* tornar-se-á emblemática enquanto *locus* de promoção da tradição e produção de um olhar *para e sobre* a comunidade de imigrantes e sobre ela. Através do *filò*, serão recontadas e reinventadas as fábulas vênetas, encontrar-se-á esse processo de reapropriação do passado, dos provérbios, das histórias fantásticas.

A partir dessas narrativas mágicas pode-se perceber a trajetória rememorativa da comunidade, pois as fábulas trazem em si todo um código de valores e um conjunto de elementos que produzem um direcionamento do olhar sobre a realidade. Dessa forma, elas se constituem em uma possibilidade de leitura

de valores que operam vivamente no interior da experiência comunitária, sendo expressão de percepções vivas do social:

Uma fábula, uma lenda, um canto que não são para nós mais que textos poéticos, para o povo são, também, parte viva de sua história, onde se refletem vivos e operantes os valores da tradição<sup>362</sup>.

Nesse sentido, as fábulas – segundo Bédier – permitem vislumbrar crenças perdidas, mas que em um determinado momento da experiência social fizeram parte do universo mágico da comunidade e traziam respostas para seus questionamentos, visto que nascem vinculadas a determinadas crenças e a uma fé<sup>363</sup>. Assim, remontar o cotidiano dessas comunidades italianas a partir de suas histórias fantásticas, de suas crenças, de seus provérbios é adentrar em um mundo imagético expressivo da representação de seus códigos culturais.

Para melhor compreender essa expressão de cruzamento entre o natural e o sobrenatural na vida dos homens – ou melhor, desses imigrantes italianos – é preciso adentrar na experiência narrativa das criaturas que representam essa leitura mítica da realidade. Um personagem muito conhecido no cotidiano colonial é o *sanguanel*<sup>364</sup>, também denominado de *sanguanello* ou *sanguinello* dependendo da área de imigração ou da tradição familiar. Alguns memorialistas traduzem esse termo – *sanguanel* – por saci-pererê; entretanto, muito embora existam características comuns em seus hábitos e atitudes, cada um reflete uma leitura particular do social, entendida a partir dos códigos próprios de um processo de significação do mundo. A rigor, a figura do *sanguinel* cria uma vinculação imagética com esses espíritos brincalhões da floresta, os quais povoavam o imaginário pagão e, posteriormente, aquele de um sincretismo forjado ao interno do processo de cristianização, tornando-se expressão de uma ressemantização do passado.

---

<sup>361</sup> Idem, ibidem.

<sup>362</sup> COCCHIARA, Giuseppe. **Il paese di Cucagna**. Torino: Boringhieri, 1980, p. 07 – “che una favola, una leggenda, un canto non sono per noi che dei testi poetici, per il popolo sono anche parte viva della sua storia, dove si riflettono vivi e operanti i valori della tradizione”.

<sup>363</sup> Idem, p. 05.

<sup>364</sup> GRISON, Élio Caetano. Gheto visto el sanguanel. In: COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo. **Stòria e fròtole**. Porto Alegre: EST, 2001.

Na descrição construída pelos descendentes de italianos na zona colonial, esse personagem é caracterizado fisicamente pela cor vermelha, sendo conhecido pelo seu hábito de fazer traquinagens: “um homenzinho vermelho que gosta de correr montado em cavalos, em noites de luar”<sup>365</sup>. Em suas andanças, costumava amarrar os rabos dos cavalos, cansá-los em suas cavalgadas e sujá-los, via de regra prejudicando a vida do dono do animal, pois esse teria perdido alguma atividade pela situação do bicho.

Essa dimensão burlesca do *sanguanel* fica patente na narrativa de Grison sobre um casamento quase prejudicado pela brincadeira do homenzinho. A partir de uma tradição da zona colonial, os noivos chegavam em cortejo até a igreja, montados a cavalo, seguindo à frente dos convidados. Em uma certa vez, o noivo, preparando-se para o casamento – e também, a seu cavalo – para o desfile até a paróquia, banhou-o e tratou seu pêlo para embelezá-lo. Após cumprir suas obrigações foi dormir e, ao levantar-se, o *sanguanel* lhe havia preparado uma surpresa:

Quando o rapaz vai buscar o cavalo, encontra-o jogado debaixo de arbustos com os olhos quase fechados, como se estivesse adormecido, e com moscas em torno a ele. Ele o levantou: estava todo sujo. Em seu pescoço encontrava-se um fio de sangue e nas crinas um estribo trançado<sup>366</sup>.

Entretanto, dessa vez o *sanguinel* não conseguiu o seu intento, pois se achou um outro cavalo e o matrimônio seguiu normalmente. Inclusive, na festa, o sogro, em tom de deboche diz: “Destá vez foi por pouco que o *sanguinel* não te passou a perna, não é?”<sup>367</sup>.

---

<sup>365</sup> Idem, p. 34. – “Un ometo rosso che ghe piase corer montà ntei cavai ntele note di luna”.

<sup>366</sup> Idem, p. 35 – “Co’l toso el va torse el caval, lo ga catà butà zo sotto le piante coi oci squasi sarandi, come se’l fusse indormensà e co le mosche intorno. Lo ga fato levar su: el gera tuto sporco. Ntel colo on fil de sângoe seco, e ntele grene na stafeta dressà”.

<sup>367</sup> Idem, ibidem. – “Stá volta, par poco, el sanguanel te la fioca nò?”

Essa figura mágica do *sanguinel* representava uma possibilidade de explicação das rupturas de normalidade no universo rural – ele consistia em uma compreensão das “coisas ruins” que rondavam o mundo dos homens. Enquanto representação imagética, o *sanguinel* poderia ser entendido como uma personificação do próprio mal – do demônio – posto que ambos são vermelhos. Dessa forma, por efeito associativo é possível uma sobreposição de imagens, pois quando se fala em tomar cuidado com o *sanguinel*, também se quer dizer para ter atenção para com as trapaças do demônio, visto que ambos utilizavam-se da trapaça para atrapalhar os homens. Constitui-se, ainda, uma forma de representação concreta da atuação no mal na vida humana, a partir de prejuízos específicos às necessidades dessa realidade do cotidiano do *contadino*.

Todavia, nessa oportunidade o traquina não obtém o seu intento e o rapaz é salvo de uma situação embaraçosa em seu casamento. A narrativa de Grison permite vislumbrar alguns elementos que possibilitam uma compreensão dessa salvação do matrimônio. Em primeiro lugar, os integrantes da família têm o hábito de cumprir todas as suas obrigações de trabalho: eles levantam cedo e, antes de ir para a igreja, ordenham as vacas – ou seja, em seu dia-a-dia buscam viver o binômio emblemático da imigração italiana: *ora et labora*. Em segundo lugar, não esquecem suas obrigações domésticas com a religião, pois antes de dormirem, logo após o jantar, reúnem-se para rezar o terço. Assim, trazem sobre si a bênção de Deus, porque sua vida é organizada segundo a Sua vontade, cumprindo a orientação da Igreja.

Em um mundo rural, composto por famílias numerosas, as histórias sobre o *sanguinel* funcionavam como instrumento de controle sobre as crianças, pois estas eram assustadas com o personagem para que não saíssem à noite de casa<sup>368</sup>, haja vista que sua atuação se dava na escuridão noturna. A família patriarcalmente conduzida era sinal de prosperidade e também os provérbios ensinam que o homem não pode perder o controle da casa e da família: “pobre daquelas casas onde a

---

<sup>368</sup> Idem, p. 32. – “L’è una storia che i veci i contava par spaurar i tosatei parché no i ndesse fora de casa de note. Parché gera el sanguanel, na bruta bèstia”.

galinha canta e o galo cala”<sup>369</sup>. Além disso, o mando deveria ser exercido com pulso forte, pois se não se faz obedecer sempre se acaba perdendo as rédeas da casa: “mulher, cachorro e bacalhau, não são bons se não são pisados”<sup>370</sup>. Assim, para garantir que o futuro não apresentasse dores e sofrimentos, o pai tem de manter a família sob o seu domínio e esse tratamento severo se estende também aos filhos, nos quais se deve “bater lá onde não bate o sol” – o que efetivamente ocorre, particularmente no espaço externo ao lar, no qual é o homem que toma as decisões e faz os negócios.

O aspecto moral é outro elemento importante que os provérbios destacam, especialmente a virgindade enquanto grande preceito de vida para as mulheres. Nesse sentido, a virtude primeira de uma boa esposa é a virgindade, é ter sabido se preservar para seu marido: “uma boa esposa? primeiro que ela seja moça [donzela]”<sup>371</sup>. Mesmo sendo forte expressão de uma moral religiosa – vinculada à castidade – é, muito mais, fruto de uma organização machista da sociedade, pois essa normatização não era tão cobrada do universo masculino. Para a manutenção dessa virgindade feminina, os grandes responsáveis são os pais, pois eles devem manter o controle sobre as atitudes da filha, suas companhias, os lugares que ela frequenta. Os pais têm o dever de impedir que a menina venha a ter uma experiência sexual pré-matrimonial: “onde existem moças apaixonadas, é inútil manter portas fechadas”<sup>372</sup>. Como diz o provérbio, não adianta impedir a entrada e saída do espaço doméstico, tem-se de construir um controle maior, criando na jovem a necessidade da preservação da virgindade e o desejo da castidade. No que se refere à abstinência sexual masculina, ela não é tema de nenhum dos provérbios encontrados, o que se constitui em um silêncio demarcador desse contexto de uma sociedade patriarcal e machista.

Para essa efetiva manutenção de uma vida saudável aos olhos de

---

<sup>369</sup> CIBAI MIGRAÇÕES. Op. cit., nota n. . p. 293. – “Povere quele casse dove la galina canta e el calo tase”.

<sup>370</sup> Idem, ibidem. – “Done, cani e bacalá, no i xe boni se non i xe pestá”.

<sup>371</sup> Ide, ibidem. – “una brava sposa? prima che la sia tosa”.

<sup>372</sup> Idem, p. 245. – “Ónde ghe n’ é tóse inamoráe, l’ é inutile tégnar porte serráe”.

Deus, a Igreja constitui-se no grande instrumento de organização dessa moral *contadina*, também na terra de chegada. Nesse sentido, os provérbios que envolvem o mundo religioso norteiam as diversas dimensões da vida rural, desde a positividade do trabalho árduo, passando pela caracterização das virtudes, até a aceitação das desventuras da vida.

A dimensão do trabalho é elemento destacado tanto nos provérbios que se repetem na terra de partida quanto naqueles que se tornam expressões do cotidiano na terra de chegada. Duas marcas são de relevo nessa representação que o *contadino* faz do trabalho, destacando-o como real fonte de crescimento para o imigrante – esse valor, em uma sociedade que deveria domesticar a natureza abundante, criava ainda mais significado. A primeira marca destaca que sem o trabalho nada se faz, ou seja, que as coisas não acontecem por si, mas necessita-se do esforço para que algo seja produzido: “os sinos não soam se alguém não os puxa[toca]”<sup>373</sup>. A segunda marca vem enfatizar a primeira, destacando a necessidade de trabalhar sempre, pois somente dessa forma se constrói a sobrevivência; aqui fica clara, também, uma idéia de poupança – de um trabalho para além da sobrevivência: o bom cristão trabalha hoje e também amanhã”<sup>374</sup>. Não existe dia nem hora para o trabalho, deve-se trabalhar em todos os momentos, inclusive no descanso. Não se pode esquecer que mesmo nos momentos de sociabilidade – como o *filò* – mantinha-se associado o mundo do trabalho, pois se continuavam fazendo a *dressa*, descascando o milho. O ócio sempre foi para o cristão o grande inimigo da moral, sempre foi considerado pela Igreja a grande arma do demônio, por isso a máxima da vida religiosa se funda no *ora et labora*, pois, ocupando todas as horas do dia com o trabalho físico ou espiritual, mantinha-se a mente sempre livre das tentações.

Certamente, essas construções proverbiais não eram vividas por todos os imigrantes; porém, expressavam uma visão entre o certo e o errado nas relações humanas. Nesse sentido, as virtudes também eram destacadas, exaltando-se o

---

<sup>373</sup> Idem, p. 247. – “Le campane non sona, se qualchedun no le tira”.

<sup>374</sup> Idem, p. 246. – “El bon cristian lavora ancoi e anca doman”.



homem correto, o qual se constituía em modelo de justiça, “gente de bem”. Aqueles que não viviam uma vida segundo os preceitos morais da comunidade eram mal vistos, sendo deles dito: “aquele tipo não é farinha de fazer hóstias”<sup>375</sup>. Inclusive, a receita de como moldar essa vida exemplar era dada pelos próprios provérbios, pois é somente com a penitência da carne que a alma se purifica e se torna melhor: “quando se chicoteia a carne, a alma se ajusta”<sup>376</sup>.

Outro elemento destacado nos ditados populares que envolvem o mundo religioso é a aceitação dos desígnios de Deus, pois aquele que aceita a situação vive mais feliz: “*chi se contenta, gode*”. Dessa forma, deve-se sempre agradecer a Deus por tudo o que acontece na vida, tanto pelas coisas boas quanto pelas ruins, seja nos momentos de abundância seja naqueles de carestia. Relembrando esse sentido do agradecimento, fazia parte da expressão popular – também comum na fala do *contadino* vêneto antes da partida – o provérbio: “Fin che ghe n’è, viva Noé, quando non ghe n’è più, viva Gesù” [até que se tem, viva Noé, quando não se tem mais, viva Jesus]. Também na sabedoria popular se encontra o porquê dessa aceitação à vontade divina, haja vista que nada acontece sem que Deus o queira: “quando Deus não quer, nem o homem pode”<sup>377</sup>. Portanto, diante da vontade de Deus nada resta senão se resignar, aceitando todas as coisas que a vida oferece – só assim se gozará a vida.

Esse encontro entre o natural e o sobrenatural, comum nas fábulas, como a do *sanguinel*, ou nos diversos provérbios do mundo *contadino*, refletem essa realidade do mundo rural que produz uma leitura particular da experiência com o sagrado. Os imigrantes recebem formação religiosa da Igreja, especialmente através dos freis capuchinhos, mas lêem essas instruções a partir de suas vivências e percepções de mundo, as quais são marcadas pela manutenção de concepções advindas do paganismo, vinculadas à natureza – o que foi comentado no capítulo dois – comuns na região do Vêneto.

---

<sup>375</sup> Idem, ibidem. – “quel tipo, no xe mia farina de far ostie”.

<sup>376</sup> Idem, p. 248. – “quando la carne se frusta l’anima se giusta”.

<sup>377</sup> Idem, p. 247. – “Quando el Signór no ‘l vol, gnánca l’ómo no pol”.

Essas representações do mundo marcam de tal forma o imaginário social das comunidades de imigração, de tal forma que se multiplicam os relatos de pessoas que em algum momento tiveram contato com o mundo sobrenatural. Os casos de pessoas que “lutaram com o diabo”, ou que foram atacadas por algum ser não-natural são difusos, bem como o número de pessoas que receberam a visita de familiares mortos, os quais desejavam alguma ação desse parente vivo. Dessa forma, os “causos” fantásticos elaboram-se enquanto parte do real, ou melhor, significam o real e produzem ações humanas: quer a busca de bênçãos ou os pedidos por celebrações eucarísticas em sufrágio das almas dos defuntos. Essas aparições determinam, ainda, outros atos que modificam concretamente a realidade individual e/ou coletiva, como a partilha de bens da família, as conversões de indivíduos muitas vezes blasfemos ou o retrocesso em decisões já tomadas.

O processo de leitura do mundo tem no espaço familiar seu primeiro e grande instrumento de elaboração, pois nele constroem-se as primeiras decodificações da existência. Porém, em nível comunitário, o *filò* constituiu-se enquanto *locus* privilegiado de construção da moral comunitária e de suas ressignificações da realidade presente e do processo de expatriação. Funcionando como elemento aglutinador da comunidade, a experiência do *filò* foi capital para a forma como se reelaborou a identidade italiana na região serrana do Rio Grande do Sul. Particularmente, ao se observar a ex-colônia de Conde d’Eu, percebe-se como essa prática de sociabilidade foi promotora tanto de um *koinè* dialetal, pois as famílias deveriam comunicar-se, quanto da estruturação de códigos culturais comuns àquela zona de imigração.

Muito embora se encontrem provérbios que ainda mantêm as diferenças regionais e as transformem em um olhar depreciativo sobre o outro – “Veneziani gran signori, Padovani gran dottori, Vicentini magnagati, Veronesi tuti mati<sup>378</sup>” – o que é uma tradição da história provincial italiana, a experiência comum

---

<sup>378</sup> Esse provérbio – também encontrado no livro da CIBAI imigrações – traduz, provavelmente, uma distinção provincial que remonta a trajetória da própria República de Veneza, haja vista que Veneza e

e os confrontos culturais entre imigrantes provenientes de diferentes províncias produzirá progressivamente um conjunto de elementos comuns que os farão se identificar enquanto parte de um mesmo grupo. A rigor, a chamada cultura italiana da serra gaúcha será formada, em um primeiro momento, por processos de embate entre expressões diferentes de uma tradição *contadina* do norte da Itália, dentre as quais destacar-se-á a matriz vêneta.

A reelaboração dos códigos culturais dessas populações egressas do norte peninsular produziu a construção de um Vêneto imaginário, percebido nas construções dos lugares de memória da imigração. O *mito civilizador* constituiu-se em uma forma de leitura do processo imigratório, explicando a chegada do imigrante italiano como promotora da aceleração econômica do estado, principalmente a partir da idéia do colono industrial. A *religião*, entendida enquanto catolicismo, é parte integrante dessa imagem produzida acerca do “italiano”, sendo também elemento de sua identificação étnica, especialmente quando se apresenta a figura de um imigrante fervorosamente vinculado as verdades da Igreja Católica. O *mito da sociedade rural* contribuiu na construção de uma representação acerca das populações da zona da serra calcada na figuração do colono, dotado de pouca instrução e de um catolicismo intransigente, elemento percebido emblematicamente no personagem Nanetto Pipetta.

Esses três espaços de rememoração e de identificação do processo imigratório criaram realidade e construíram uma percepção generalizadora no fenômeno, o qual criou um efeito de verdade absoluta, passando a ser crível para a sociedade representada e contraponto para as relações com outras etnias. Mesmo tendo presente que essa construção teve múltiplos sujeitos que nela atuaram – tais como jornais católicos, escolas católicas, missões populares, publicações vinculadas

---

Pádua constituem-se em importantes centros provinciais, possuindo uma longuíssima trajetória. Dessa forma, dizer – “Venezianos grandes senhores, paduanos grandes doutores, vicentinos come gatos e veronenses todos loucos” – equivale a destacar uma superioridade desses centros, compostos de saber e civilidade. Outrossim, ressalta-se que a expressão *magnagati* – que aparece nessa citação – é a mesma *mangiagatti* – que foi apresentada no capítulo anterior – apenas à luz uma dinâmica de leitura dialetal feita na serra do Rio Grande do Sul.

à uma leitura folclórica do passado, fundada no entendimento da tradição como a experiência passada cristalizada – quer se destacar, nesse momento, o *filò* enquanto elemento por excelência desse forjar de uma representação étnico-cultural sobre a imigração italiana. Entende-se como exemplar essa relação de sociabilidade, haja vista que se constituiu em um símbolo de italianidade na serra gaúcha – sendo revivido em diversas festividades de enaltecimento ao colono – e, principalmente, porque foi desde os primórdios do processo imigratório o espaço das trocas no interior da comunidade, o lugar onde a tradição vivia essa dinâmica de amalgamento e recriação.

#### **4 *MAL DU PAYS, HOMESICKNESS E RIMPIANTO*: TRADUÇÃO CULTURAL DE UMA IDENTIDADE – SUBLIMAÇÃO DE UMA PERDA**

Os momentos de mudança trazem consigo um processo de perda e de reestruturação de vida, tanto em uma dimensão pessoal quanto em uma vivência no espaço coletivo. Dentro de uma nova realidade, as circunstâncias passadas, em acúmulo de experiências, sofrem um fenômeno de tradução, a partir das necessidades do tempo presente. Esse outro mundo elabora-se a partir de um processo de transformação que se dá de uma forma hibridizante, conduzindo a uma contínua reelaboração da percepção individual e coletiva da existência. Com isso, as sociedades experimentam, em momentos de crise, um sentimento de nostalgia de um mundo passado, o qual imagetivamente é visto como o paraíso perdido.

Nos processos migratórios, especialmente naqueles que conduzem a um deslocamento permanente, a dimensão da perda se acentua, porque a partida para uma terra longínqua adquire um sentido de eternidade. A experiência de expatriação se assemelha àquela da morte, pois se deixa um mundo conhecido, no qual se construiu relações e se deu significado às coisas, para embarcar em uma viagem mágica para um outro até então apenas imaginário. Como na mitologia, é uma barca que conduzirá a alma para sua nova morada, a qual poderá ser o céu ou o inferno.

Os imigrantes, ao deixarem o Vêneto, como já enunciado anteriormente, deixaram a sua terra materna, aquela na qual estavam lançadas suas raízes, e embarcaram em direção à “Mérica”. Por mais que se tivesse ouvido falar desse novo continente, da realidade específica do Brasil, a noção da América ecoa no coração do emigrante muito mais descortinando uma imagem encantada do paraíso –

terra da *cucagna* – que um lugar concreto de existência.

Desde que os primeiros exploradores chegaram ao continente americano, a figura do “Jardim das Delícias” e “lugar da promessa” invadiu a Europa, cristalizando por uma parte a percepção paradisíaca da nova terra. Essa visão ancestral das terras americanas vive um constante processo de atualização na tradição popular, tendo sua sobrevivência marcada por contínuas reelaborações imagéticas:

Na realidade as tradições populares, também quando ressoam antigas experiências religiosas e sociais, são sempre para o povo história contemporânea, na qual as mesmas sobrevivências se diluem em contínuas reelaborações, que podem também ter uma organicidade própria<sup>379</sup>.

No transcorrer dos capítulos anteriores, procurou-se resgatar esse mundo *contadino* que se deixou para trás, bem como essa nova realidade que se construiu em solo brasileiro, destacando os traços e os vestígios desse mundo imagético trazido pelos imigrantes. Entende-se que desde o momento da partida se produziu uma imagem flutuante da região do Vêneto – das vivências vinculadas ao lugar de nascimento. Esse mundo imaginário experimentará um constante processo de reelaboração no transcorrer do processo de expatriação e durante os mais de cem anos da imigração italiana na região serrana do Rio Grande do Sul.

No presente capítulo, então, procura-se discutir esse fenômeno de tradução cultural enquanto uma forma de sublimação de um sentimento de nostalgia do passado pátrio – no pequeno *paese*, no pequeno *villaggio*. Inicia-se com a discussão do conceito de nostalgia, enfatizando sua construção histórica e como ele é transportado do mundo médico – do corpo orgânico ou da psique – para o mundo do sentimento. A partir da historicização do conceito de nostalgia, busca-se entendê-lo,

---

<sup>379</sup> COCCHIARA, Giuseppe. Op. cit. nota n. 362, p. 09. – “In realtà le tradizioni popolari, anche quando riecheggiano antiche esperienze religiose e sociali, sono pur sempre per il popolo storia contemporanea, in cui le medesime sopravvivenze si stemperano in continue rielaborazioni, che possono anche avere una loro particolare organicità”.

na contemporaneidade, como parte dos processos imigratórios, particularmente no que se refere à reelaboração das tradições culturais e dos lugares de memória do mundo de procedência.

Enfim, para melhor entender a dinâmica de manutenção de marcas vinculantes entre a terra de partida e aquela de chegada, entendida como elementos reelaboradores do sentimento de perda, faz-se o cruzamento dos diversos lugares de memória da cultura *contadina* no Vêneto do século XIX, e na região da serra gaúcha na passagem do século XIX para o XX. Nesse processo, identifica-se a organização comunitária, com o protagonismo da Igreja, com a geografização do espaço colonial e com a manutenção das tradições populares, como *locus* privilegiado de reelaboração cultural e de sublimação da nostalgia pátria.

#### **4.1 *Desiderium Patriæ*: o processo de transformação da nostalgia – entre medicina e sentimento**

Os primeiros usos do termo *nostalgia* pela academia, enquanto um tipo de doença, remontam ao último quartel do século XVII. Em 1688, Johannes Hofer apresentou uma tese médica sobre o tema na Universidade de Basileia, utilizando-o em substituição a *Heimweh*. No entendimento de Hofer, nostalgia era uma doença grave, muitas vezes mortal, que caracterizava a dor – *Álgos* – do não-retorno – *Nóstos*. Como tratamento, aconselhava-se o retorno ao país de origem, mas muitas vezes sua promessa poderia acalmar o paciente, reduzindo ou eliminando os sintomas por algum tempo:

O remédio considerado mais seguro é o retorno. Uma licença, ou algumas vezes até a sua promessa, é suficiente para afugentar os sintomas<sup>380</sup>.

Assim, a percepção que Hofer constrói acerca da pessoa acometida da

---

<sup>380</sup> PRETE, Antonio. **Nostalgia**. Storia di un sentimento. Milano: Raffaello Cortina, 1996, p. 11. – “il rimedio considerato più sicuro è il ritorno. Una licenza, o talvolta persino la sua promessa, è sufficiente a fugare i sintomi”.

“doença nostalgia” – ou seja, o nostálgico – é de um indivíduo com o claro desejo de retornar à pátria distante, o qual vive a dor da separação. Segundo sua tese, o termo nostalgia significa essa tristeza pela ausência das coisas pátrias, sendo movida pelo forte desejo de retornar:

Dessa forma, pelo significado da palavra Nostalgia se estará significando a tristeza produzida pelo ardente desejo de retornar para a pátria<sup>381</sup>.

Nesse sentido, o diagnóstico clínico para o reconhecimento de um doente de nostalgia perpassa a observação de uma não-adaptação ao novo mundo, gerando um contínuo desconforto diante da ausência das coisas da terra de origem. Ao observar os soldados suíços que partiam para missão em terra estrangeira, Hofer percebia muitos casos em que, mesmo procurando de todas as formas lutar contra a dor, não conseguiam desviar o pensamento da doce recordação da pátria, nem tampouco não a reevocavam dentro de si. Dentro de pouco tempo, essa incapacidade de evitar a saudosa lembrança, associada ao não-retorno a casa, conduzia ao diagnóstico positivo da doença.

O doente, então, vivia um aprofundar-se na tristeza – pela ausência das coisas caras e pela não-aceitação dos costumes estrangeiros, levando a uma grande irritação e incômodo com tudo que estava vinculado a esse mundo diferente, sentindo-se perturbado, inclusive ante à sonoridade da língua estrangeira. Em uma quase imobilidade, esses imigrantes – em estado de doentes – tinham a pátria como único pensamento, celebrando continuamente sua grandeza, sofrendo uma sempre maior perda do apetite e diminuição da capacidade de dormir.

Discutindo os mesmos aspectos a partir de uma perspectiva mais simbólica, Albrecht Von Haller, em 1779, participa do debate descrevendo a doença como uma espécie de aprisionamento às coisas familiares. Para ele, o distúrbio era causado pelo sentimento de falta das pessoas mais queridas e da afeição perdida, a

---

<sup>381</sup> Idem, p. 47. – “Cosicché per il significato della parola Nostalgia starà a significare la tristezza ingenerata dall’ardente brama di ritornare in patria”.



qual não se experimentava em terra estrangeira:

Tratava-se de uma melancolia causada pelo vivo desejo de rever os próprios queridos e do tédio que deriva do fato de se encontrar entre estrangeiros que não se ama, e que não têm para conosco aquela afeição tão viva que provávamos quando éramos em família<sup>382</sup>.

A rigor, independente do ponto de partida da análise da nostalgia, como uma falta dos hábitos culturais ou das pessoas mais queridas, sua característica básica era uma impossibilidade de continuar a vida longe daquele doce país recordado da infância. Para evitar a morte por inanição e fraqueza, o paciente deveria ser reconduzido à pátria. Caso isso não fosse feito, vivia um constante devaneio diurno e noturno, encontrando seus parentes nas vozes de estrangeiros e tendo-os sempre em seus sonhos:

Um dos primeiros sintomas consiste no reencontro das vozes das pessoas queridas nas vozes daqueles com os quais nós nos encontramos a conversar e, além disso, no ato de rever em sonho a própria família<sup>383</sup>.

Assim, a nostalgia torna-se mais forte para aquelas populações oriundas de uma formação cultural mais fechada, a qual rejeita o estrangeiro e pouco contato tem com o diferente. A vida da comunidade é organizada apenas entre eles e a percepção de mundo não ultrapassa os confins do horizonte. Aqueles grupos mais isolados, aqueles camponeses mais estreitamente vinculados ao lugar de nascimento, compactamente circundados das vivências ancestrais do clã, padecem, de uma forma mais dolorosa, essa dor do não-retorno.

Diferentemente do sentido de doença psíquica atribuída por Hofer – 1688, e Haller – 1779, Scheuchzer – em 1705 – diagnostica as causas da nostalgia no plano físico. Para ele, era a mudança de ares que provocava essa sensação de entorpecimento e melancolia. Referindo-se aos suíços, afirma que, ao descerem os

---

<sup>382</sup> Idem, p. 64. – “Si tratta di una malinconia causata dal vivo desiderio di rivedere i propri cari, e dal tedio derivato dal fatto di trovarsi tra stranieri che non amiamo, e che non hanno verso di noi quell’affezione così viva che abbiamo provato quando eravamo in famiglia”.

<sup>383</sup> Idem, ibidem. – “Uno dei primi sintomi consiste nel ritrovare la voce delle persone care nelle voci di coloro con i quali ci si trova a conversare e inoltre nel rivedere in sogno la propria famiglia”.

Alpes, dirigindo-se a regiões de ar mais pesado, são obrigados a fazer mais esforço para respirar e, conseqüentemente, as funções transcorrem mais lentamente. Nesse entendimento, experimentar-se-ia uma espécie de “banzo” derivado de mudanças climáticas, o qual conduziria a uma não-vontade de fazer qualquer coisa, tanto no âmbito individual quanto no coletivo<sup>384</sup>.

Até ser reconhecida efetivamente como doença de grande gravidade, em finais do século XVIII, muitas discussões foram travadas ao longo do século, passando das causas físicas apresentadas por Scheuchzer, ao mundo das idéias – entendido por Theodor Zwinger, em 1710, como mais pertinente ao entendimento do problema. Segundo Zwinger, o fenômeno da nostalgia processava-se pela associação de idéias, sendo uma experiência contemporânea evocadora de recordações passadas. Por exemplo, o som de uma velha cantilena suíça – *Kühe-Rey Hen* – trazia a memória a dor da distância da pátria – sempre entendida, nesse momento, como o pequeno lugar de nascimento – o *paese*, o *villaggio*.

Entretanto, no decorrer do Século das Luzes, será Hartley que aprofundará essa percepção de nostalgia vinculada à associação de idéias. Em seu entendimento, uma palavra, uma letra podem trazer presente à mente todo um conjunto de experiências passadas, inclusive os sentimentos. Em 1765, John Gregory acrescenta, ainda, que a experiência vivida, associada ao som, permite, em determinados momentos, a produção de sensações e emoções específicas reevocadas no instante em que se ouve determinada música:

Associações análogas se formam graças ao uso quase arbitrário

---

<sup>384</sup> Pode-se ainda mencionar o pensamento de Montesquieu e de Madame de Staël – no século XVIII – sobre a influência do clima no temperamento, no sentimento e no espírito dos povos. No capítulo IV, do livro décimo nono, Montesquieu discute essa percepção do clima como elemento formador de um Espírito Geral – MONTESQUIEU, Chales Luois de. *O Espírito das Leis*. São Paulo: Martins Fontes, 2002; No que se refere à Madame de Staël, o clima é associado às diferentes concepções de humor e de prazer, como as construções do *humour* inglês e do *esprit* francês. Para ela, a dimensão do gracejo para o francês traz uma produção de prazer para o próprio agente, enquanto para o inglês, essa experiência prazerosa não acomete o indivíduo que graceja. MACHLINE, Vera Cecília. Teria o conceito setecentista de humor joco-sério derivado da antiga teoria humoral? In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L.A.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (eds). **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul**. 3º Encontro. Campinas: AFHIC, 2004. p. 471-478.

que as diversas nações fazem de instrumentos específicos como os sinos, o tambor, a trompa, o órgão, que por causa desse uso suscitam, em certos povos, idéias e paixões que não suscitam em outros<sup>385</sup>.

Essa dimensão da sonoridade, que faz renascer afetivamente experiências distantes, será evocada na literatura do século XVIII, como em Ugo Foscolo, que vive a melancolia do exílio, quando não mais ouve os sons da doce Veneza<sup>386</sup>. O elemento sonoro fará parte, ainda, dos momentos de trabalho e de lazer dos imigrados italianos no Brasil, fazendo da cantilena popular vêneta tanto um impulsionador do trabalho quotidiano quanto um elemento aglutinador do grupo nos momentos de lazer. Era nessa direção que ponderava Rousseau ao entender a música como um sinal rememorativo de algo não-presente – um vestígio daquilo que foi perdido:

O sinal rememorativo é uma presença parcial que nos faz provar, com dor e delícia, a iminência e a impossibilidade da restituição completa do universo familiar<sup>387</sup>.

No final do século XVIII, Immanuel Kant acrescentará uma nova dimensão ao conceito de nostalgia. Para além da espacialidade, da distância geográfica que pode ser superada pelo retorno ao local de nascimento ou àquele do qual se faz sentir pela dor do não-retorno, Kant pensará ainda sua vinculação ao tempo, a momentos do passado. Dessa forma, esse *rimpianto*<sup>388</sup> é pensado como alguma coisa circundada de um ar de irreversibilidade, haja vista que se vinculava ao tempo da juventude, a um país da infância já perdido em algum lugar do passado, um lugar vivo somente na recordação do sujeito que pensa o seu próprio passado, suas próprias experiências. Será nesse final de século que o termo, além de seu sentido de

---

<sup>385</sup> PRETE, Antonio. Op. cit. nota n. 380, p. 101. – “Associazione analoghe si formano grazie all’uso quasi arbitrario che le diverse nazioni fanno di particolari strumenti come le campane, il tamburo, la tromba, l’organo, che per via di tale uso suscitano in certi popoli idee e passioni che non suscitano in altri”.

<sup>386</sup> STOCCHI, Manlio. Op. cit. nota n. 189.

<sup>387</sup> PRETE, Antonio. Op. cit. nota n. 380, p. 101. – “Il segno rammemorante è una presenza parziale che ci fa provare, con dolore e delizia, l’imminenza e l’impossibilità della restituzione completa dell’universo familiare”.

<sup>388</sup> Mantém-se o termo original, *rimpianto*, por não se ter encontrado na língua portuguesa verbete que designasse uma relação igual. Em muitos dicionário encontra-se como tradução a palavra saudade, mas entende-se que esta não apresenta o mesmo sentido de *rimpianto* utilizado como um rememorar choroso e doloroso das coisas passadas.

doença grave, adquire também espaço na *Encyclopédie*, em 1777.

O pensamento de Kant produzirá uma grande transformação no uso do termo – nostalgia – pois enquanto no século XVIII sua característica principal era a espacialidade, no século XIX será a temporalidade. Muito utilizado pela psiquiatria em desenvolvimento, Philippe Pinel a acrescentará na *Encyclopédie Méthodique Médecine* como vinculada a um desejo de retorno ao lugar da infância, sendo uma doença causada pela impossibilidade desse retorno. Nesse pensamento, tudo o que se apresenta em torno ao doente o faz entristecer, porque as coisas que o ligavam à vida se perderam e o mundo não é mais que um imenso deserto:

Separado de tudo que ama, toda a relação que o ligava com a vida foi despedaçada. O mundo inteiro é para ele somente um imenso deserto: qualquer coisa o aborrece, o enfadonha, o deprime<sup>389</sup>.

Essa figura do sujeito que vive fora do seu tempo, que não se encontra consigo mesmo na realidade mutante do século XIX, será a tônica também da produção literária do período. Para Victor Hugo, o sentimento do exílio será caracterizado por um lugar de sombra e nostalgia, ao passo que Baudelaire a caracterizará pela perda de seu objeto – ou seja – o país do distanciamento será o país nunca antes conhecido. Baudelaire percebe a nostalgia em um *não-lugar*, em uma experiência perdida que produz o sofrimento do retorno impossível, aproximando-a da melancolia:

‘O viandante olha estas vastidões envoltas em luto, e em seus olhos afloram lágrimas de histeria – hysterical tears’ – escreve Baudelaire em sua introdução aos poemas de Marceline Desbordes-Valmore. Aqui não ha correspondências simultâneas, como foram cultivadas posteriormente pelos simbolistas<sup>390</sup>.

Essa leitura da nostalgia vinculada à perda irrevogável constrói-se com maior vigor ao longo do século XIX, como parte das primeiras experiências profundas do homem moderno com o processo de aceleração das transformações no

---

<sup>389</sup> PRETE, Antonio. Op. cit. nota n. 380, p. 71. – “Separato da tutto quel che ama, ogni rapporto che lo legava alla vita é spezzato. Il mondo intero é per lui soltanto un immenso deserto: ogni cosa lo annoia, lo infastidisce, lo deprime”.

<sup>390</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III**. Charles Baudelaire, um lírico no auge do

social. Em um momento de grande produção do efêmero e do transitório, do contingente, a tradição solidamente mantida, particularmente nas comunidades rurais, sofre com uma forte ação desintegradora da vida moderna, com uma eternização contínua de um presente renovado. Em *O Pintor da Vida Moderna*, Baudelaire discute essa percepção de uma modernidade marcada pela produção incessante do novo:

‘Por *modernidade* eu entendo o efêmero, o contingente, a metade da arte cuja outra metade é eterna e imutável’. O pintor (ou o romancista ou o filósofo) da vida moderna é aquele que concentra sua visão e energia na ‘sua moda, sua moral, suas emoções’, no ‘instante que passa e (em) todas as sugestões de eternidade que ele contém’<sup>391</sup>.

Na literatura italiana, especialmente naquela que se refere à emigração ou ao Vêneto, percebe-se essa dimensão da irreversibilidade do tempo e do *rimpianto* pelo mundo passado. Na obra de Caterina Percoto, como já enunciado no primeiro capítulo, denota-se o sentimento de perda de uma realidade *contadina*, marcada em sua escrita pela pureza e pela honestidade, diante de um mundo cada vez mais corroído tormentosamente pela frivolidade e pelo egoísmo. Em *La coltrice nuziale*, Percoto apresenta Cati, uma moça refinada que encontra consolação da pátria distante na simplicidade das conversas dialetais, recordando na fala das comadres os belos anos da infância:

Vestia-se de forma simples, e encontrava grande prazer em conversar assim descansadamente com esses e com as comadres do *paese*, fazendo uso do seu dialeto natal, cujas frases tinham sobrevivido na memória como afronta a uma educação estrangeira, e agora, ao reouvi-lo e ao voltar a proferi-lo, parecia-lhe estar revivendo os bem-aventurados anos de sua infância<sup>392</sup>.

Embora distante algumas décadas da Unificação Italiana, Percoto traz em sua personagem Cati uma nostalgia daquela pátria constituída dos costumes e dos usos da vida quotidiana, dos sons familiares, de um patriotismo emotivamente

---

capitalismo. 3. ed. São Paulo: brasiliense, 1994. p. 133.

<sup>391</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. Aventura da Modernidade. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 130.

<sup>392</sup> PERCOTO, Caterina. Op. cit. nota n. 113, p. 310. – “vestiva semplice, e trovava un gran piacere a conversare così alla buona con esse e colle comari de paese facendo uso del suo nativo dialetto, le cui frasi erano sopravvissute nella memoria ad onta della straniera educazione, ed ora nel riudirle e nel tornarle a proferire le pareva di rivivere negli anni beati dell’infanzia”.

vinculado à experiência do *paese*. Em uma carta de despedida ao tio, Cati fala de seu abandono do mundo, pois a pátria arraigara-se a sua memória no mundo estrangeiro e, retornando, não a encontrou:

Nascida de sangue italiano, nada pôde apagar o afeto que me ligava a minha terra, quaisquer que fossem os seus destinos. Distante, a única consolação de minha vida eram suas memórias; de volta, não vivi senão de suas esperanças<sup>393</sup>.

Caterina também apresenta esse somatório de uma desterritorialização que se dá temporalmente e espacialmente. O nativo que retorna fisicamente ao lugar de nascimento, àquele no qual se viveu as doces experiências de infância, não o encontra mais e retorna a viver das lembranças, como no tempo do exílio – da pátria existente apenas na memória, pois se estava em solo estrangeiro. Em princípio, experimenta-se a esperança de seu retorno, de que aquele tempo passado e aquelas sensações e sabores possam voltar. Porém, progressivamente a desesperança vai tomando espaço e produzindo um anseio pelo abandono do mundo, ao menos desse mundo no qual se vive o tormento de um não se encontrar.

No exílio, mantinha-se viva a esperança do retorno àquela pátria encantada da infância, reconhecida em cada detalhe sonoro de uma expressão dialetal que comovia a alma:

Em Lubjana ouviu os primeiros sotaques de seu dialeto, e sobre o alto do Prevalt lhe pareceu sentir a aura que vinha de seu *paese*... Oh a pátria! A pátria!... e o coração lhe batia rápido, lhe tremiam os joelhos, e comovida de infinito afeto lacrimejava<sup>394</sup>.

De outra parte, o retorno trazia consigo a tristeza da realidade transformada e, por conseqüência, a desilusão para com uma possibilidade de retorno a esse tempo dourado. O exilado territorialmente poderia sobreviver com a esperança do retorno à sua terra, mas aquele que vive o exílio no tempo não pode

---

<sup>393</sup> Idem, p. 343. – “Nata di sangue italiano, nulla ha potuto cancellare l’affetto grande che mi legava alla mia terra, qualunque si fossero i suoi destini. Lontana, unica consolazione della mia vita erano le sue memorie; tornata, non vissi che delle sue speranze”.

<sup>394</sup> Idem, p. 301. – “A Lubiana udì i primi accenti del suo dialetto, e sull’alto del Prevalt le parve di sentir l’aura che veniva dal suo paese... Oh a patria! A patria!... e il cuore le batteva rapido, le tremavano le ginocchia, e commossa dall’infinito affetto lacrimava”.

mais acalantar o sonho da volta, porque, vivendo já em território pátrio, perde-se na irreversibilidade do tempo e encontra vida apenas na terra da imaginação – onde encontra seu mundo no domínio da memória. Assim como Ítaca, que se envolve em nuvens, parece um lugar estranho para Ulisses, o qual não a reconhece mais como sua pátria, o país de origem do emigrado perderá aquele entrecruzamento mágico com a sua vida.

Essa desesperança do retorno também marcou a obra de Edmondo De Amicis, em seus escritos sobre a emigração. Em *Sull'Oceano*, como destacado no capítulo dois, o romancista italiano narra o desencanto do retorno à pátria de um emigrado que fez fortuna na Argentina<sup>395</sup>. O senhor que volta para exibir as conquistas feitas no novo país e rever as coisas pátrias, percebe com desgosto que tudo mudou, o retorno ao lugar físico da partida não é a certeza de um reviver desse mesmo local assim como o deixamos. O olhar que havia permanecido no emigrante era aquele da infância, a visão inocente de um mundo perdido no tempo, o qual não vive mais na concretude da existência, mas apenas na memória daquele que ainda o sonha.

Assim, a nostalgia entra na trama dos romances do século XIX, tanto para expressar as sendas das paixões humanas quanto para descrever as marcas de um mundo em acelerada transformação. Nesse contexto, dá-se um progressivo deslocamento na compreensão do termo nostalgia e da caracterização do nostálgico, passando da esfera clínica para aquela do sentimento. Porém, esse é um período de transição no qual as duas percepções persistem, pois o verbete ainda apresenta uma conotação de doença nervosa, e também a associação com um determinado sentimento pátrio é referenciada:

O '*Volcabulario degli academici della Crusca*', na sua quinta edição (1863), define a nostalgia – desejo tormentoso da pátria distante, e propriamente com um caráter de doença nervosa<sup>396</sup>.

---

<sup>395</sup> DE AMICI, Edmondo. Op. cit. nota n. 177.

<sup>396</sup> PRETE, Antonio. Op. cit. nota n. 380, p. 16. – “Il '*Vocabulario degli Accademici della Crusca*', nella sua quinta edizione (1863), definisce la nostalgia – tormentoso desiderio della patria lontana, e propriamente con carattere di malattia nervosa”.

O século XIX, marcado pela vitória do saber científico no discurso sobre o homem, será o momento de busca da verdade também no que se refere à nostalgia, distinguindo o verdadeiro nostálgico daquele que simula seu estado de “nostalgia”. Procurar-se-á individualizar e classificar os diferentes estágios da doença, percebendo, também, quando se refere estritamente ao mundo dos sentimentos. Nessa distinção entre doença e sentimento, o saber médico passa a individualizar dois casos de nostalgia, expressos em estágios diferentes do problema. O primeiro caso, apresentando uma doença simples, é marcado pelo sentimento e, como tratamento, é aconselhado ao “paciente” o divertimento. O segundo caso, mais grave, no qual a doença já se encontra em estágio avançado, o retorno ao país de origem é a única chance de cura.

Diferentemente das discussões da filosofia e das ciências do homem em geral, o saber clínico insiste ainda na exclusividade da desterritorialização espacial para o nostálgico, não entendendo a dimensão do tempo e o estranhamento com o presente. Analisando o segundo tratamento – sugerido pela Medicina do século da Ciência de acordo com o pensamento de Kant – a cura da doença seria impossível, pois o país de origem, através da irreversibilidade do tempo, não seria o mesmo do momento de partida, ou seja, mesmo com o retorno continuar-se-ia a produzir esse estranhamento e essa não-adaptação.

De qualquer forma, o período no qual se experiencia uma fase de grande saída de europeus em busca de uma nova vida longe do Velho Continente – um século de explosão do fenômeno emigratório na Europa – terá o entendimento de nostalgia vinculado ao exílio das coisas pátrias. Certamente não se tinha o entendimento de pátria vinculado àquele do Estado-nação, mas a um conjunto de hábitos, de recordações e de laços de solidariedade e sensibilidade estabelecidos por séculos nas comunidades de pertencimentos que serão dissolvidos pela partida para terra estrangeira:



O velho, que circunstâncias dolorosas o arrancaram do *focolare*, da família, dos amigos, constringendo a emigrar em terra estrangeira, não pensa a cada dia suspirando em seu *paese*? Ali gozava da estima, do afeto, da consideração e, talvez, também do reconhecimento de seus vizinhos. Quantos motivos de *rimpianto*!<sup>397</sup>.

Somente no século XX a nostalgia será definitivamente banida dos manuais de clínica médica, sendo apenas considerada, de alguma forma, para a Psiquiatria. Mesmo assim, o termo perde a conotação de doença, designando um choro doloroso de uma vida que desapareceu e que se sabe que não retorna:

O termo passou a designar o vã *rimpianto* de um mundo social ou de um tipo de vida que já se evaporou, da qual é inútil se lamentar o desaparecimento<sup>398</sup>.

A nova realidade do conceito de nostalgia não está mais marcada pelo desejo do retorno, haja vista que se percebe sua impossibilidade, mas tem sua discussão conduzida a partir da incapacidade de adaptação dos sujeitos. Ao invés de doença, será vista pela Psiquiatria como uma reação a determinadas situações e acontecimentos da vida do indivíduo, tendo sido substituída na esfera médica por uma diversidade de outros conceitos.

O aprofundamento da questão temporal e subjetiva será a marca dessa transformação definitiva no *status* do nostálgico no século XX, de sua passagem do domínio médico para aquele do sentimento. Ao mesmo tempo, observar-se-á o declínio dos localismos na Europa Ocidental, e as pequenas pátrias vinculadas aos hábitos do *villaggio* progressivamente vão sendo substituídas pela grande *mater pátria*, com toda a simbologia que envolve a nação e com os lugares da memória coletiva. Dessa forma, a relação entre *paesano* e *paese* se dilui em uma realidade complexa que envolve a comunidade nacional: “o olhar direcionado ao *villaggio* natal não tem mais razão de ser um tormento, o retorno não tem mais nenhum efeito

---

<sup>397</sup> Idem, p. 73. – “Il vecchio, che circostanze dolorose hanno strappato al focolare, alla famiglia, agli amici, costringendolo a emigrare in terra straniera, non pensa sospirando ogni giorno al suo paese? Li godeva della stima, dell'affetto, della considerazione e forse anche della riconoscenza dei suoi vicini. Quanti motivi di rimpianto!”.

<sup>398</sup> Idem, p. 114. – “il termine è passato a designare il vano rimpianto di un mondo sociale o di un tipo di vita ormai svanito, di cui è inutile deplorare la scomparsa”.

terapêutico”<sup>399</sup>.

A vitória sobre essa nostalgia moderna se constrói pelo que Baudelaire chama de *correspondance*, registrado no soneto “A vida anterior”. Para ele, o termo é associado aos dados do rememorar, marcados por uma pré-história: “aquilo que dá grandeza e importância aos dias de festa é o encontro com uma vida anterior”<sup>400</sup>. A sublimação elabora-se pelo efeito de eternização imaginária do tempo, o qual constrói uma ponte entre os diversos momentos do viver e um contínuo processo de presentificação. Também Dostoievski enfatiza essa dimensão de fixação do tempo, narrando a percepção do tempo que se detém, construindo eternidade:

— Você crê em uma vida eterna em outro mundo?  
— Não, mas sim em uma vida eterna neste. Existem momentos em que o tempo se detém de repente para abrir caminho à eternidade<sup>401</sup>.

Esse processo de transformação no sentido do termo nostalgia – marcado agora pela dimensão temporal – conduzirá a uma mudança no objeto perdido pelo nostálgico, o qual será agora a família, que passa a ocupar o lugar do *villaggio*. Diferente da noção anterior que se referia a um espaço físico, circunscrito por lembranças concretas, o novo entendimento será marcado por um mundo simbólico e pessoal:

Enquanto a nostalgia designava um espaço e uma paisagem concreta, as noções contemporâneas designam pessoas (ou as imagens, ou também os substitutos simbólicos dessas) e uma persistência subjetiva do passado vivido<sup>402</sup>.

O momento do processo emigratório no Vêneto, mas também no continente europeu como um todo, viveu um momento de grande empresa ao longo

---

<sup>399</sup> Idem, p. 115. – “Lo sguardo volto al villaggio natale non ha più motivo di essere un tormento, il ritorno non ha più alcun effetto terapeutico”.

<sup>400</sup> BENJAMIN, Walter. Op. cit., nota n. 390, p. 133.

<sup>401</sup> DOSTOIEVSKI apud MAUROIS, André. **En busca de Marcel Proust**. Bogotá: Editorial Norma, 1998. p. 213 – “¿Cree usted en la vida eterna en el otro mundo? – No, pero sí en la vida eterna en éste. Hay momentos en que el tiempo se detiene de repente para dar paso a la eternidad”.

<sup>402</sup> PRETE, Antonio. Op. cit. nota n. 380, p. 116. – “Mentre la nostalgia designava uno spazio e un paesaggio concreti, le nozioni contemporanee designano persone (o le immagini, o anche i sostituti simbolici di esse) e una persistenza soggettiva del passato vissuto”.

do século XIX, coincidindo com um processo de transformação na acepção do termo nostalgia. Esse contexto de passagem de uma esfera médico-curativa da doença, envolvida pela concretude do país de origem, para uma outra vinculada ao sentimento e marcada pelo simbolismo de um passado irreversivelmente perdido, é, também, o período de construção dos Estados Nacionais na Europa contemporânea – o qual marca a irreversível perda da comunidade tradicional e a construção de comunidades nacionais imaginadas.

Nesse sentido, os emigrantes vênetsos que buscam a vinda para o Brasil trazem consigo essa nostalgia-sentimento – a dor do não-retorno a um mundo concreto – o *paese* – e um mundo simbólico – o lugar da infância perdida. O *desiderium patriæ* permanecerá, mas será remarcado por um desejo de retorno imaginário a um Vêneto encantado, trazido em meio a bagagens de recordação de lugares de memória da comunidade da qual se partiu. O *mal du pays* não será mais marcado pelo *homesickness*, mas pelo *rimpianto*.

#### **4.2 Nostalgia, alegoria e *restus*: processos de desconstrução na elaboração identitária vêneta no Rio Grande do Sul**

A identificação dos ítalo-brasileiros no Rio Grande do Sul é concebida a partir de um conjunto de bens culturais que foram conservados e que fazem recordar o processo migratório, bem como das especificidades do desenvolvimento das comunidades italianas na serra gaúcha. Esses bens culturais que se constituíram em lugares de memória da imigração envolvem estruturas simbolicamente significadas, as quais constroem uma ligação mnemônica com a terra de partida. Em um sentido de pacificação de uma nostalgia da pátria perdida, o fenômeno da imigração é norteado por *lincks* – cantos, ritualismos, tradições populares, mitos, relações de sociabilidade e solidariedade – que vinculam a terra de partida à de chegada.

Nesse sentido, Primo Levi discute o processo de apreensão imaginária

do passado a partir dos elementos por ele chamados de *mnemagoghi*. Esses objetos constituir-se-iam em conectores entre a realidade presente e a experiência passada – que assim como construídos em nossos processos de reelaboração através do tempo – são os “suscitadores de memória”. Narrando o encontro entre um jovem médico – doutor Morandi – recém-chegado a uma pequena cidade alpina e o antigo médico da localidade – doutor Montesanto – Levi discute sobre o processo evocativo dos sentidos na produção e preservação da memória<sup>403</sup>.

O ancião, em meio ao colóquio que se estabelece entre os dois, revela um hábito de análise desenvolvido por ele, pouco científico admite, mas que permite o trabalho com os sentidos. Discorrendo sobre as formas como as pessoas conservam o passado – flores secas, livros, cartas como instrumentos evocativos de uma rememoração – ele, como farmacêutico, produziu uma série de odores que o fazem recordar momentos da vida. Montesanto enfatiza que esses cheiros têm um efeito evocativo pessoal a cada indivíduo, retratando lugares de memória experimentados. Ao abrir um dos frascos, Montesanto questiona Morandi sobre as imagens que ocorrem à sua mente e esse responde prontamente: “é cheiro de quartel” – sendo retrucado pelo médico ancião: “para mim é cheiro de sala de escola infantil, de minha sala de aula, uma mistura de ácidos graxos voláteis e acetona”.

Assim, apresenta-se o sentido mnemônico desse conjunto de odores, os quais para alguns podem ser apenas uma combinação de produtos químicos, ou até uma substância específica, mas para aquele que os têm como elementos evocativos produzem um quadro do passado, retratando eventos e qualificando momentos:

Conservo inclusive a fotografia dos meus trinta e sete companheiros de escola da primeira série, mas o odor deste frasco é enormemente mais eloqüente em me trazer a mente as horas intermináveis de tédio

---

<sup>403</sup> No que se refere à discussão sobre a representação do passado, destaca-se o artigo de Paul Ricoeur, o qual apresenta a memória como ponto de partida para a leitura do acontecido. RICOEUR, Paul. L'écriture de l'Histoire et la representation du passé. In: **Annales**. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, ano 55, n. 4, julho-agosto de 2000. Nesse sentido, a memória funcionaria como elos suscitadores do olhar histórico sobre o passado, participando da operação historiográfica.

sobre a cartilha; o particular estado das crianças (eu criança!) na espera da terrificante primeira prova de ditado. [...] Quando o cheiro, então, as minhas vísceras se movem como quando eu tinha sete anos e esperava por ser interrogado”<sup>404</sup>.

Entretanto, essa sensibilidade enquanto processo de leitura da realidade e evocação do passado não apresenta apenas a sua faceta individual – apesar de ser particular em cada experiência dos sujeitos, ela se coaduna em interfaces e estruturas comunicantes que a conduzem para uma realidade experiencial socializada:

Sendo, contudo, um processo subjetivo, brotado do íntimo de cada indivíduo, como uma experiência única, a sensibilidade não é, a rigor, intransferível. Sendo a sensibilidade uma *forma de ser e estar no mundo*, ela pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica<sup>405</sup>.

A rigor, esses processos de reelaboração da experiência imigratória serão marcados por dois momentos: o primeiro, será um período de construção, quando da chegada dos primeiros imigrantes italianos à serra gaúcha; o segundo, será marcado pela preservação da tradição, quando se buscará manter uma determinada memória sobre a imigração. Essa fase da preservação terá como marca duas vinculações – uma à cultura italiana unitária, organizada pelas comemorações do cinquentenário da imigração, sob a direção da Itália do *Duce*; a outra, terá uma identificação com a cultura *contadina* reelaborada em solo rio-grandense, reevocando *Nanetto Pipetta*.

O passar do tempo produzirá a elaboração de novos *mnemaghi* ou a produção de sensações e evocações diferentes sobre aqueles que permanecem, pois as experiências da comunidade sofrerão um processo continuado de transformação ao longo do século XX. Novas leituras da própria trajetória da comunidade serão

---

<sup>404</sup> LEVI, Primo. **I racconti**. Storie Naturali, vizio di forma, Lilit Turim: Einaudi, 1996, p. 10 – “Conservo pure la fofografia dei miei trentasette compagni di scuola di prima elementare, ma l’odore di questa bocchetta è enormemente più pronto nel richiamarmi alla mente le ore interminabili di tedio sul sillabario; il particolare stato d’animo dei bambini (di me bambino!) nell’attesa terrificante della prima prova di dettato. [...] Quando lo odorò, dunque, mi si smuovono le viscere come quando a sette anni aspettavo di essere interrogato”.

<sup>405</sup> PESAVENTO, Sandra. Sensibilités dans le temps, temps des sensibilités. **Revue Nouveaux Mondes, Mundos Nuevos**. Paris: CERMA/CNRS, n. 4, 2004.

feitas, levando-se em conta os novos conflitos que surgem no interior do próprio grupo ou nas relações estabelecidas em seu presente com outros grupos étnicos de contato e com os “nacionais”.

Nos dois momentos apresentados, pode-se perceber o duplo sentido dessa preservação, a qual coloca, em inter-relação, apropriação e perda, haja vista que buscam objetificar<sup>406</sup> experiências coletivas, deslocando-as de seus contextos históricos, o que provoca sua dispersão. As vivências coletivas, na medida em que são pensadas a partir de um sentido de grande Itália ou de memória de uma vida *contadina*, expressam uma intencionalidade de construção e não se processam de forma natural, como tentam demonstrar os livros comemorativos. A partir de um presente em contínua transformação, constrói-se um discurso de perda, o qual autoriza a preservação do autêntico, do real, não o expressando como uma unidade de coerência construída:

Na medida em que [...] o presente é narrado como uma situação de perda progressiva, estruturam-se e legitimam-se aquelas práticas de colecionamento, restauração e preservação de ‘patrimônios culturais’ representativos de categorias e grupos sociais [...] nos termos de uma imaginária e originária unidade, onde estariam presentes atributos tais como coerência, continuidade, totalidade e autenticidade<sup>407</sup>.

O discurso da primeira comemoração é marcado por um contexto de aprofundamento da política externa italiana, visando alcançar seus cidadãos no exterior, motivada pela idéia de grande Itália, própria desse período de ascensão do ideário fascista. Percebe-se nela o festejamento da grandeza da estirpe italiana, do trabalho continuado dessa *italica gens*, que deve ser conhecido tanto no solo peninsular quanto entre esses próprios imigrantes que vivem no Rio Grande do Sul, para assim:

colocar em evidência o trabalho realizado pelos italianos nesse Estado durante cinqüenta anos [...]; para fazer conhecer à Itália e

---

<sup>406</sup> Entende-se o conceito de “objetivação cultural” a partir da definição de Richard Handler – “uma tendência lógica da cultura ocidental a imaginar fenômenos não materiais (como o tempo) como se fossem corporalizados, objetos físicos existentes”. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 14.

<sup>407</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Op. cit. nota n. 406, p. 23.

aos italianos o valor das massas de povo emigradas no Rio Grande do Sul, [...] fazer conhecer aos próprios italianos que vivem no Rio Grande o que representam hoje para a economia e o bem-estar do país que os hospeda<sup>408</sup>.

Dessa forma, a primeira comemoração da chegada dos imigrantes italianos destaca um dever de celebrar e recordar esse trabalho árduo em solo rio-grandense. A memória deve ser preservada também para glorificar o feito desses bravos filhos da nação italiana que construíram com muita dificuldade a pujança na terra na qual se alojaram. Por isso, tem-se de destacar muito o sacrifício nessa memória da imigração, pois é ele que aumenta a dimensão da conquista e da bravura.

Mesmo representando para uma parcela da população colonial, bem como para a burocracia italiana instalada no Rio Grande do Sul, uma determinada memória oficial que deve ser conservada, a permanência de vestígios da tradição popular vêneta e uma tradução cultural desse mundo *contadino* ocorreram de forma menos organizada no cotidiano das comunidades coloniais. Poder-se-ia dizer que esse trabalho de reelaboração da terra de partida, vivido à maneira como se dá a ocupação da floresta, os nomes atribuídos às capelas, capitéis e localidades, bem como a remanescência de tradições trazidas das diversas regiões do Vêneto, indicam uma busca de recompor o universo pátrio em terra estrangeira:

Poder-se-ia também falar de uma espécie de geografia patética, de uma topografia mística que, somada à toponímia e à sua força evocativa, coloca em funcionamento o trabalho da reminiscência e da imaginação<sup>409</sup>.

Assim, a nostalgia faz reconstruir o lugar de desejo a partir de uma coloração diferente. A antiga terra da destruição, da miséria, a *porca Italia*, à qual se refere o velho emigrante de *Sull'Oceano*, transforma-se na doce recordação de uma

---

<sup>408</sup> CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Op. cit., nota n. 296, p. 26. – “mettere in evidenza il lavoro compiuto dagli italiani in questo Stato durante cinquan’anni [...] per far una buona volta conoscere all’Italia e agli italiani il valore delle masse di popolo emigrate nel Rio Grande del Sud [...] far conoscere agli italiani stessi che vivono nel Rio Grande che cosa rappresentino oggi essi per l’economia e il benessere del Paese che li ospita”.

<sup>409</sup> PRETE, Antonio. Op. cit. nota n. 380, p. 120. – “Si potrebbe anche parlare di una specie di geografia patetica, di una topografia mistica che già con la toponomia e la sua forza evocatoria fa scattare il lavoro della reminiscenza e dell’immaginazione”.

infância perdida, da qual se chora a ausência. Para não viver a dor do *rimpianto*, o emigrado constrói uma vida que evoca essa pátria distante, recompondo casas e observando traços da Península em várias situações do cotidiano. Essa transformação no olhar sobre a terra de partida também está contida no próprio efeito irracional do amor vivido pelo nostálgico, que rememora o seu *villaggio* como o mais belo dentre todos:

Como o amor, assim é a nostalgia: entretanto o nostálgico ama o seu triste burgo, e o ama sem razão, antes de qualquer razão, de forma que o triste burgo será o mais belo de todo o universo<sup>410</sup>.

Na distância da terra amada que a nova vida provoca, na impossibilidade de um retorno que a situação presente manifesta, no pressentimento de uma inevitável desilusão com o retorno, o nostálgico busca reconstruir um espelho daquilo que foi deixado. Essa adaptação ao desconhecido perpassa uma reelaboração de condições pré-existentes na quotidianidade da pátria deixada para trás:

Mas as condições fisiológicas do aclimatação podem, depois de tudo, ser reconstruídas no exterior e, por outra parte, a força da adaptação e a elasticidade da natureza humana são por assim dizer infinitas<sup>411</sup>.

Com isso, a experiência anterior sofre uma nova leitura, a partir de um processo de reconhecimento ou tradução – os quais operam pelas sensações, pelos sentidos – compondo um exercício de contraste entre o passado perdido e o presente que se está vivendo<sup>412</sup>. O nostálgico prova sensivelmente o contato com seu mundo imagético deixado para trás, ou melhor, com sua percepção dessa realidade passada: por um jogo de colagem, ele mescla com o novo ambiente, imagens evocativas de um passado experiencial que prefere não esquecer. Dessa forma funcionam as nomeações de santos e das diversas imagens que provêm dos lugares de emigração

---

<sup>410</sup> Idem, p. 138. – “Come l’amore, così la nostalgia: intanto il nostalgico ama il suo triste borgo, e lo ama senza ragione, prima di ogni ragione, cosiché il triste borgo sarà il più bello dell’universo”.

<sup>411</sup> Idem, p. 141. – “Ma le condizioni fisiologiche dell’acclimatação possono, dopotutto, essere ricostruite all’estero, e d’altra parte la forza dell’adattamento e l’elasticità della natura umana sono per così dire infinite”.

<sup>412</sup> PESAVENTO, Sandra. Op. cit., nota n. 405.



na Itália – duplicadas pelos imigrantes, bem como o fazem com os diversos exemplos de habitações construídas enquanto cópias daquelas deixadas nos *paese* de nascimento.

A busca de uma reelaboração dessa terra de partida, justamente procurando construir esse aclimatamento possibilitador da sobrevivência em terra estrangeira, dar-se-á pela preservação de fragmentos conectores com o lugar de nascimento. Essa manutenção de elementos que solidificam uma ponte entre a Península Itálica e a serra gaúcha trazem consigo a produção de ruínas de uma tradição vêneta, as quais funcionam como alegorias de uma vida que não existe mais enquanto evento tangível. Porém, essas remanescências expressam uma conservação subjetiva dessa realidade passada, vinculada à experiência sensorial evocativa do real, a qual passa a construir o mundo vivido a partir de uma re-colagem desses fragmentos de lembranças, imagens e sensações da existência.

O momento de perda produz um grande sofrimento, pois nele se antevê o desaparecimento de coisas que são preciosas para quem elas se tornam ausência. Nesse sentido, a alegoria – enquanto representativa de uma coisa para significar outra – funciona como uma possibilidade, embora fragmentária, de restauração:

A alegoria emerge em períodos de perda, períodos nos quais uma autoridade familiar, política ou teológica, uma vez poderosa, é ameaçada de desaparecimento. A alegoria emerge, assim, a partir da ausência dolorosa daquilo que ela espera recuperar<sup>413</sup>.

Para o imigrante que mantém o nome da paróquia de proveniência na nova localidade – como São Silvestre ou São Marcos – reduplicando uma estruturação de vida ao redor da capela, que tem à sua frente a praça, essas ruínas trazidas por ele do *paese* de nascimento funcionam como elementos ressignificadores da existência. Entretanto, não serão apenas as localidades que terão a marca dessa nostalgia; também as estradas farão parte dessa nova cartografia do território, o qual

---

<sup>413</sup> GREENBLAT, Stephen. ***Allegory and representation***. Baltimore: The John Hopkins U. Press, 1981 apud GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Op. cit. nota n. 406, p. 27.

será demarcado com os capitéis – pequenas capelas colocadas nos caminhos em honra e/ou agradecimento a santos de devoção da família – edificados em homenagem a São Roque, Santo Antônio ou Nossa Senhora da Saúde, comuns na região do Vêneto.

Dessa forma, essas construções religiosas seguem somando-se às estruturas arquitetônicas das casas, aos telhados preparados para a neve que nunca vai chegar de forma tão abundante, mudando a fisionomia da região, domesticando a natureza, funcionando como alegorias de um passado que não retorna mais. Essa associação entre ruínas e alegorias comporta o casamento entre a existência e a representação, na medida em que, segundo Walter Benjamin, “as alegorias são, no reino do pensamento, o que as ruínas são no reino das coisas”<sup>414</sup>.

Essa situação de desestruturação de relações de sociabilidade e sensibilidade vinculadas a um mundo ancestral ocasiona uma necessidade permanente de reevocação da tradição e de preservação de restos desse mundo que vive enquanto representação:

Uma estrutura em processo de desaparecimento e que convida a um permanente e obsessivo processo de reconstrução no plano imaginário<sup>415</sup>.

A permanência de restos dessa cultura popular vêneta, os quais sofrem um contínuo processo de tradução cultural desde o momento da partida para o Brasil, vivem uma dinâmica paradoxal de presença/ausência. As ruínas de um mundo deixado no além-mar, mas que ao mesmo tempo subjazem no interior de cada imigrante, expressam uma dupla realidade: de uma parte significam a marca de uma realidade vivenciada no passado; porém, de outra, atestam que tal realidade não mais existe, pois são vestígios seus, já em processo de ressignificação:

A imagem das ‘ruínas’ nos textos de Benjamin sobre alegoria pode ser interpretada de modo similar, na medida em que são ao mesmo tempo desaparecimento e reconstrução imaginativa; ou, nem uma

---

<sup>414</sup> BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 200 apud GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Op. cit. nota n. 406, p. 28.

<sup>415</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Op. cit., nota n. 406, p. 28.

coisa nem outra<sup>416</sup>.

Enquanto dinâmica de permanência e desaparecimento, a ruína constrói uma realidade em simulacro, pois, não existindo mais a realidade passada em sua plenitude, ela representa essa ausência construindo uma cristalização da experiência. O Vêneto não está mais presente enquanto unidade geográfica e a nova terra exige constantes mudanças nos hábitos ancestrais – entretanto, fragmentos dessa cultura *contadina* trazida pelo imigrante elaboram uma percepção de continuidade de uma terra de partida imaginária remanescente na vivência comunitária na serra gaúcha.

Todavia, esse processo de leitura da ruína como plenificação de um passado no cotidiano da comunidade pressupõe que se tenha estabelecido uma função na leitura que o grupo faz da realidade. Ele existe porque funciona como um elemento que estanca a dor do não-retorno, porque mantém uma relação de presença da Península Itálica, ou melhor, do Vêneto nas novas comunidades em terra brasileira. Nesse sentido – assim como os conceitos – essa relação perdurará enquanto criar sentido para as gerações que vivenciam esse processo nas suas próprias experiências, resignificando essas marcas do passado:

Os conceitos sobrevivem enquanto esta cristalização de experiências passadas e situações retiverem um valor existencial, uma função na existência concreta da sociedade – isto é, enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experiências no significado das palavras<sup>417</sup>.

Norbert Elias ainda explica que algumas vezes esses conceitos podem morrer – bem como determinadas percepções da experiência comunitária – quando não encontram mais razão da dinâmica concreta da sociedade. Porém, essa situação pode não passar de um relativo adormecimento, até que haja mais uma vez uma sintonia entre representação e representado:

Em outras ocasiões, eles apenas adormecem, ou o fazem em certos aspectos, e adquirem um novo valor existencial com uma nova situação. São lembrados então porque alguma coisa no estado

---

<sup>416</sup> Idem, p. 30.

<sup>417</sup> ELIAS, Norbert. O processo Civilizador. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 27.

presente da sociedade encontra expressão na cristalização do passado corporificada nas palavras<sup>418</sup>.

As formas de leitura da Itália durante os diversos momentos da imigração e pós-imigração, tanto entre os próprios emigrados quanto entre os seus descendentes, sofreu esse processo de transformação valorativa. Dessa forma, se perceberá na década de 1970, quando da comemoração do centenário da imigração italiana, o resgate desse Vêneto *contadino* do século XIX que jazia no Brasil meridional. Mesmo na Itália, será nesse período que se procederá a abertura de campos de estudo sobre a emigração, sendo o ano de 1972 um marco nesse início de um processo de trocas entre estudiosos italianos e brasileiros.

Nessa busca de um resgate do “sentido da imigração” e de uma re-identificação do imigrante com o bravo colono desbravador e trabalhador, a história de *Nanetto Pipetta* é re-editada – em versão dialetal – e diversas publicações exaltam essa tradição rural vêneta na serra gaúcha. Além da dimensão do trabalho árduo, marca-se essa vinculação do imigrante a um catolicismo intransigente, uma devoção visceral à Igreja Romana – unindo religião, honestidade e trabalho incansável como demarcador identitário desse fenômeno migratório. Mais uma vez, a figura de Nanetto representa o anti-herói, aquilo que era risível sobre a imigração, o que era considerado apenas como antítese da vida colonial. A incapacidade de adaptação do personagem termina por destacar aqueles que souberam adaptar-se à nova realidade colonial – ou aqueles que “deram certo”:

Nanetto nunca se comporta como deveria; e essa sua incapacidade faz rir em uma situação em que, pelo contrário, é estimado quem soube se adaptar, quem fez fortuna, quem se tornou proprietário de terra e chefe de família<sup>419</sup>.

A rememoração do processo migratório traz consigo uma nova celebração do mito da fronteira: os índios representam a natureza, a qual se

---

<sup>418</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>419</sup> BRUNELLO, Piero. Op. cit. nota n. 273, p. 78. – “Nanetto non si comporta mai come dovrebbe; e questa sua incapacità fa ridere in una situazione nella quale, viceversa, è stimato che è saputo adattare, che ha fatto fortuna, chi è diventato proprietario di terra e capofamiglia”.

contrapõe à civilização que se quer construir. Assim, devem ser afastados e/ou domesticados, como se faz com a floresta virgem, tornando-os – como o cão de Nanetto, que se chamava Tupi – animais de estimação, prontos para serem domesticados. O imigrante, ao contrário, é o emblema do novo civilizador, convidado a escrever uma nova história sobre a região.

Entretanto, a elaboração de uma visão positivada do processo imigratório, produtor de uma identidade vênето-rio-grandense, não se restringe ao efeito comemorativo de 1975, mas aprofunda-se no último quartel do século XX, cada vez mais destacando esse Vênето imaginário do século XIX como uma realidade cristalizada na serra gaúcha. Esse constante reeditar do mito da imigração –especialmente a italiana nesse caso – produz-se em linguagem dialetal, entendida como “aquela trazida pelos imigrantes”, e funda-se na construção da civilidade, da indústria, da domesticação da floresta e da difusão do catolicismo. Enfim, a narrativa é envolta pela dramaticidade do sucesso individual e da prosperidade econômica da região ocupada:

Mas também com a sua vontade de trabalhar, com a sua cabeça boa, com a sua cultura implantaram uma estrutura social de trabalho; fizeram produtiva uma região inculta; fundaram *paese e città*; iniciaram indústrias; implantaram a civilização; difundiram a religião. Sim, os imigrantes italianos souberam responder àquilo que se esperava deles. Eles foram bravos, muito bravos. Também os nossos<sup>420</sup>.

Nesse fragmento de um artigo escrito em uma mistura de construções dialetais provenientes da ex-República Vênета, atualizada no decorrer do século XX, a partir de seu encontro com a língua portuguesa, a ruína readquire seu efeito de cristalizadora de uma vivência passada – de reconstrução imaginária dessa experiência. A identidade atual dos *Talian* – descendentes de italianos – um termo que também pode ser substituído por ítalo-gaúchos, funde-se com a de seus

---

<sup>420</sup> DELL'ALBA, João Leonir. La famiglia Ballardin. **Quaderni dell'A.D.R.E.V.** Ano II, n. 2, Ravenna: Longo, 1997, p. 60. – “Ma anca co la so voia de laorar, co la so testa bona, co la so cultura i ga impiantà na struttura sociale de laoro, i ga fato produtiva na región inculta, i ga fondá paesi e città, i ga scominziá industrie, i ga impiantá la civilisaziòn, i ga difundesto la religión. Sí, e i imigranti italiani ga maestro rispónder a quel che se spetta da luri. I è sta brai, tanto brai. Anca i nostri”.

ancestrais na manutenção das tradições pátrias. Ela se expressa nas diversas comemorações que crescem em tamanho e quantidade, festas celebrando uma infinidade de produtos e tradições: festa do vinho, do queijo, da vindima, da uva, do champanhe, do colono; comemorações que produzem uma constante ressignificação dessa especificidade de uma cultura italiana.

Nos variados momentos de festejamento étnico, canções folclóricas, trajes típicos, comida, aromas, tradições – como o *filò* – constroem uma ponte entre passado e presente, elaborando uma idéia de eternidade – de um tempo que não se moveu e continua imóvel – o tempo da não-mudança. Mesmo marcado pelo desaparecimento da tradição, o hoje das comunidades de descendência italiana é lido a partir de uma folclorização do passado, que produz a reificação desses traços de uma cultura ancestral, construindo um efeito de permanência dessas relações e desse mundo passados.

A canção é um exemplo de resgate de um tempo perdido, promovendo um entrecruzamento no presente desses *eu* descontínuos, dessas personalidades sucessivas que fenecem na passagem do tempo. Constrói-se uma sensação de retorno, assim como Proust relata, de certos momentos em que o passado voltava à luz, a partir de sentimentos que se pensava houvessem desaparecido, mas que ao aflorarem, davam sinal de sua não-extinção – contexto notabilizado por Benjamin com o dístico “memória involuntária”. Logo, Proust entende que o *eu* não vive uma constante destruição total de sua existência, mas permanece enquanto remanescência do passado individual e coletivo:

Nossos antigos *eu* não se perdem, em corpo e alma, já que podem reviver em nossos sonhos e, às vezes, ainda em nosso estado de vigília. [...] Assim, pois, o tempo não morre completamente, como parecia, senão que permanece incorporado em nós mesmos<sup>421</sup>.

Nesse sentido, o escutar de uma canção dialetal, ou de uma fábula, ou,

---

<sup>421</sup> MAUROIS, André. **En busca de Marcel Proust**. Bogotá: Editorial Norma, 1998, p. 217. – “Nuestros antiguos *yo* non si pierden, en cuerpo y alma, ya que pueden revivir en nuestros sueños y a veces aun en estado de vigilia. [...] Así pues, el tiempo no muere completamente, como pareciera, sino que permanece incorporado en nosotros mismos”.

ainda, a experiência de um *filó* – tão comum nessas festas de família que se multiplicam pelo interior do estado – produz esse renascimento de um *eu* que se pensava morto, mas que, porém, vivia apenas um momento de adormecimento. Nos momentos de festejamento familiar, as canções produzem – particularmente nas gerações mais velhas – um reviver das sensações passadas, misturando-se sorrisos e lágrimas enquanto se procura seguir palavra a palavra o canto, fazendo questão de recordar os momentos do passado no qual era entoadado. Dessas relembrações, comuns são as lágrimas que brotam em um entoar das ladainhas de Nossa Senhora ou da canção símbolo da imigração “Mérica, Mérica”.

A ruptura ocasionada pelas fortes transformações ocorridas no Vêneto – na década de 1970 – e no Rio Grande do Sul, o mesmo período, produzem a aceleração no processo industrial e, conseqüentemente, no progressivo declínio de tradições populares vinculadas a um mundo rural e relações de sociabilidade marcadas pelo coletivo. Esse fenômeno de desestruturação de práticas fortemente arraigadas conduzirá a uma busca de readaptação frente à nova realidade que se apresenta. Nesse sentido, procurou-se restabelecer antigas ligações com um Vêneto rural do século XIX, o que permitiria a tranqüilidade e a segurança da “imutabilidade”. Muitos buscarão na experiência das comunidades italianas no Rio Grande do Sul, a partir de traços culturais remanescentes, encontrar esse elo mágico entre passado e presente. A nostalgia de uma idade de ouro perdida no passado, a época em que se era realmente feliz, promoverá uma releitura tranqüilizadora da vivência das comunidades coloniais do sul do Brasil.

A fase nostálgica que será inaugurada com o Centenário, comemorado em 1975, enfatizará a construção de uma sociedade estável de chefes de família, marcados pela religião e pela moral:

Idealizam a fase pioneirística das colônias italianas e a propõem enquanto modelo de referência pela centralidade dos valores morais e religiosos que a teriam contra-distinguido<sup>422</sup>.

---

<sup>422</sup> BRUNELLO, Piero. Op. cit. nota n. 273, p. 87. – “idealizzano la fase pionieristica delle colonie italiane e la propongono a modello di riferimento per la centralità dei valori morali e religiosi che

Por outro lado, expressando uma perspectiva diferente desse mito igualitário e cooperativo que nasce nas narrativas de festejamento da imigração, as colônias apresentam em seu desenvolvimento um contínuo distanciamento entre diferentes setores sociais. Essa vida idílica e sem conflito, marcada pela união indissolúvel dos diversos grupos no interior da colônia, é relativizada por personagens que, fugindo ao modelo rural-religioso, constituem-se em um sinal de alteridade no interior da comunidade.

Sem mencionar aqueles imigrantes que abandonaram suas terras, que adentraram ao mundo do crime, um exemplo da fuga às normas da coletividade é o negociante. Ele constituiu-se na ponte entre o colono e o comércio da cidade, comprando e vendendo sempre em benefício próprio. Como mencionado por muitos observadores, segundo Piero Brunello, o comerciante fornecia uma imagem propícia para a usura e a agiotagem<sup>423</sup>. Também a literatura produzida a partir da década de 1970, sobre a imigração, referindo-se tanto à zona de colonização alemã quanto àquela italiana, destaca esse enriquecimento – muitas vezes ilícito – dos comerciantes.

Tem-se uma representação dessa perspectiva voraz na obra de Josué Guimarães, *A ferro e fogo – tempo de solidão*, que apresenta a figura de Gründling, um comerciante alemão, também contrabandista de armas, o qual tirava vantagens de seus concidadãos, buscando o enriquecimento pessoal<sup>424</sup>. Configuração semelhante sobre os italianos dá-se em José Clemente Posenato que, no romance *O quatrilho*, mostra-nos diversos níveis da comercialização desse lucro conquistado sobre a perda de um concidadão<sup>425</sup>. Dessa forma, tanto o personagem de Battiston, que intermediava o comércio entre a zona rural e urbana, aproveitando-se de empréstimos concedidos para endividar colonos e tomar-lhes as terras, quanto aquele de Antônio, que na zona rural constrói um moinho e um pequeno sistema de

---

l'avrebbero contraddistinta”.

<sup>423</sup> Idem.

<sup>424</sup> GUIMARÃES, Josué. **A Ferro e Fogo** – tempo de solidão. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

<sup>425</sup> POSENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.



empréstimo no interior da comunidade, buscando o lucro, são exemplares para entender essas rupturas no modelo trabalho honesto-religião, que caracteriza o festejamento da italianidade no pós-1975. Inclusive essa leitura de uma percepção das diferenças ao interno da comunidade e dos grupos conflitantes é feita por Posenato, muito embora traga em si uma apresentação estetizada da realidade comunitária.

Saindo do espaço ficcional, mas ainda falando desses personagens que se distinguem da tipificação de chefe de família católico intransigente, agora encontra-se a figura de Abramo Canini. Esse imigrante italiano, desde antes da partida para o Brasil, tinha uma relação conturbada com o catolicismo, haja vista que tinha estreita ligação com o movimento de Giuseppe Garibaldi – na Itália. Em solo sul-rio-grandense, Canini participou da Revolução Federalista entre 1893 e 1894, assim como da organização da Loja Maçônica Concórdia de Bento Gonçalves – em 1901<sup>426</sup>.

Além desses agravantes, Canini se converteu ao protestantismo, justamente por divergências com a Igreja, o que o tornava mais perigoso para o controle religioso da comunidade, tendo em vista que representava o inimigo a ser combatido. Segundo informações dadas por seu filho Humberto, constantes na pasta do Arquivo Municipal de Garibaldi, sua conversão é devida à passagem de um pastor pela comunidade da ex-colônia de Conde d’Eu, em uma noite chuvosa. Os padres haviam proibido terminantemente, aos colonos, de hospedá-lo em suas casas. Porém, Abramo se insurgiu contra a disposição dos sacerdotes e o abrigou em sua casa, convertendo-se ao protestantismo – Igreja Evangélica Metodista Episcopal do Brasil – naquela noite. Essa mesma Igreja será mencionada nos relatórios paroquiais – de 1920 a 1925 – da Igreja de São Pedro de Garibaldi, como inimigo a ser destruído.

A partir desses dados curriculares de Abramo, pode-se perceber que não expressava a figura que se queria construir sobre o imigrante italiano, nem nas comemorações de 1925 ou 1975 nem nas instruções dos frades capuchinhos – tanto

nas missões quanto no jornal ou nas escolas católicas. O grau de mal-estar que causava à Igreja podia ser percebido pela batalha que os sacerdotes travavam contra ele, proibindo inclusive aos colonos comprarem os instrumentos agrícolas vendidos por Canini<sup>427</sup>.

Entretanto, mesmo com a oposição dos frades, esse seguidor de Garibaldi exercia forte influência na comunidade local, pois era responsável pelo acolhimento dos recém-chegados, dirigindo a Hospedaria dos Imigrantes – na qual também funcionava uma escola e a *Società Italiana di Mutuo Socorso Stella d'Italia*. Além disso, exerceu, por diversos anos, a função de agente consular do Reino da Itália na região colonial, ocupando uma função intermediadora entre os italianos aqui residentes e o Consulado.

A rigor, Abramo Canini configurava-se em uma encarnação dos piores inimigos da Igreja italiana, bem como da francesa, representada pelos sacerdotes capuchinhos de Sabóia. Os três piores males da Igreja italiana fundavam-se nas idéias consideradas contra-religiosas: o garibaldismo, a maçonaria – grande inimiga dos eclesiásticos – e o protestantismo, e todos os três estavam presentes na vida de Canini. Inclusive, para perceber o desafio que essas três linhas de batalha representavam, não se encontra edição do jornal *Staffetta Riograndense* que deixe de apresentar uma matéria combatendo um desses três maiores “males do século”, como era mencionado no periódico.

A figura do carbonário-maçom-protestante tinha grande força na comunidade, mas um momento comemorativo não é aberto a contradições e disputas, pois o ato da memória pacifica o passado, partindo de um olhar positivo da experiência, do olhar saudosos do nostálgico. Nesse sentido, a pluralidade da realidade passada é filtrada pela construção de uma identidade étnica positiva, marcada pela tradição e pelos valores comuns vivenciados pelo grupo.

---

<sup>426</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE GARIBALDI. Pasta 09.

<sup>427</sup> Idem.

Dessa forma, a construção de uma identidade ítalo-gaúcha – levada a cabo nesses quase cento e trinta anos de trocas interculturais – produziu uma constante atualização do fenômeno imigratório e da presentificação das experiências de expatriação e da reconstrução imagética da realidade passada. As ruínas e alegorias, os restos e vestígios de um Vêneto imaginário e do processo de ocupação da ex-colônia de Conde d’Eu propiciaram elaborar constantes releituras das mnemônicas do passado, vinculadas a expressões diferenciadas de sensibilidades vinculadas aos chamados *mnemagoghi* – aqueles suscitadores de memória.

#### **4.3 A odorização dos *mnemagoghi*: a percepção da nostalgia na experiência sensível dos imigrantes e seus descendentes**

A experiência sensível da nostalgia das coisas pátrias, das vivências vinculadas à terra de partida, pode ainda ser percebida na fala dos próprios imigrantes e constitui-se em elemento significativo do relato do próprio processo imigratório. Para além do relato de miséria e convulsão social que vivia a Península Itálica – em especial a região nordeste da qual provém a maioria desses imigrantes – percebe-se um sentimento de nostalgia de lugares concretos de uma vida anterior à imigração. As diferentes falas sobre as experiências de imigração e ocupação do território destacam os diversos ambientes que circundam o *paese* que se deixou para trás, construindo vínculos de sensibilidade entre os lugares físicos e as emoções neles vividas, ressignificadas por processos evocativos no contexto da nova realidade em que se encontra o egresso de além-mar.

Uma marca dessa nostalgia do ambiente familiar do *paese*, e das emoções e sensações que ele suscitava, pode ser percebida na entrevista concedida por Pietro Sebastiano Vieceli, natural da Província de Belluno, ao jornal *Correio Riograndense*, em 1991. Em sua fala, pode ser encontrada tanto a rememoração de lugares de memória pessoal – referentes ao *paese* de partida – quanto o encontro em terra gaúcha desses elementos evocativos da memória, os *mnemagoghi*, os quais

permitem construir um momento de eternidade nessa relação de nexos estabelecida entre passado e presente:

Na viagem sentimos saudades de nossa Fronzaso, da capela San Michele, no alto do morro, que tinha sinos pequenos, onde sempre ficava um voluntário que os tocava por ocasião de nascimentos, falecimentos, tempestades e incêndios... Em Farroupilha, também encontramos um clima definido, inclusive com neves como em Fronzaso<sup>428</sup>.

A trajetória da viagem, a qual não se inicia no porto, mas na estação de trem, ou ainda na estrada de saída da cidade, nas localidades não providas por uma parada da ferrovia, é o primeiro momento de tomada de consciência da mudança que se está por empreender. O próprio navio, como relata De Amicis, constitui-se em um contato com o diferente. Pessoas de diferentes localidades e portadores de códigos culturais e estruturas dialetais diversas circulam pelo navio: o mundo da tradição e do sempre igual começa a se desestruturar. Nesse momento, como relata o senhor Vieceli, sente-se falta das coisas vinculadas à experiência do *paese*, ou, dizendo-o de uma forma mais adaptada à língua portuguesa, inicia-se a vivificação de uma saudade dos lugares e pessoas que fazem parte do cotidiano do mundo que fica para trás.

Essa nostalgia persiste durante a travessia, elabora imagens ressignificadoras do ambiente pátrio, estabelece-se e radica-se junto ao imigrante em seu lote rural ou em sua propriedade no espaço urbano, acompanha a vida consciente e vive a evasão a partir do sonho, redescobrimo os lugares de memória deixados para trás que preenchem de sentido a existência, que fazem acordar o *eu* nesse processo de “busca de um tempo perdido”. As construções imagéticas que permanecem no ato de rememoração do nostálgico não fogem do conjunto identificador de um pertencimento à comunidade *paesana* – a Igreja, o santo padroeiro e o sino são parte dessas recordações do mundo que fica na Europa. Fronzaso não existe mais, ao menos diante do olhar objetivo do imigrante, tampouco o retorno irá retecer esses fios de identificação do imigrante e de sua vivência na

---

<sup>428</sup> CORREIO RIOGRANDENSE, 04 de setembro de 1991.

comunidade; porém, ela ainda existe enquanto experiência imaginária no ato instaurador da recordação daqueles que de lá partiram. A pequena cidade torna-se uma mescla de elementos do mundo religioso que corporificam a vivência anterior, em que a complexidade das relações anteriores à partida resume-se ao som do sino, evocador de momentos de dor e alegria; à figura de São Miguel, protetor nos momentos de dificuldade; e à igreja, lugar de refúgio diante das incertezas da vida.

Por fim, Vieceli dá-se conta que o novo ambiente permite vislumbrar o antigo, com elementos a serem lidos que remetem à realidade anterior e, dessa forma, constrói-se uma ponte sensível entre Fronzaso e Farroupilha. Encontra-se inclusive neve, como na terra de partida, ou seja, o nostálgico depara-se com elos que conectam vivências e permitem uma romantização do olhar sobre a terra de chegada. Afinal, Farroupilha torna-se a imagem espelhada da Fronzaso imaginada pelo efeito narrativo da recordação.

É importante ressaltar que esse momento narrativo da reminiscência, diferentemente do acontecimento vivido, não se esgota em si mesmo, mas permite-se a possibilidade de uma contínua abertura de chaves de leitura, de novas janelas para o olhar:

Pois um acontecimento vivido é finito, ou ao menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. [...] a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação<sup>429</sup>.

Assim, Fronzaso, enquanto lugar de reminiscência do nostálgico imigrante, permite uma pluralidade de esferas para sua compreensão. Como lugar imaginário, ela pode ser visitada inúmeras vezes e produzir sentidos que reflitam as experiências do presente do sujeito que recorda, em seu cruzamento com elementos mnemônicos que suscitem determinadas leituras do *eu* anterior, elaborando interfaces ilimitadas.

---

<sup>429</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 37.

A fruição de diferentes recortes narrativos que contemplam o *paese* perdido, as quais ao mesmo tempo tentam reencontrá-lo enquanto elaboração dos sentidos, faz parte das histórias contadas por esses imigrantes aos seus filhos e, principalmente, aos seus netos. Esse relato das experiências vividas na Península Itálica é usual no meio imigrante, constituindo-se em uma forma de dar testemunho dos esforços feitos pelos pioneiros para construção da atual abundância.

Guilherme Cândido Sbeghen, nascido em 1917, recorda ainda as histórias que contava seu avô sobre a cidade de Veneza, lugar de onde partiram para a aventura da imigração. Faz questão de mencionar que costumavam passear em barcos enquanto cantavam músicas italianas<sup>430</sup>. Em seu relato fica clara também a dimensão da canção como construtora de imagens que rememoram o passado em “terra italiana”, bem como sua função criadora de encantamento para com esse mundo que passou enquanto realidade objetiva:

Veneza oh doce terra  
Cidade fabricada com paus sobre a água  
e nós, contentes, a passear com as gôndolas  
sobre a água  
e cantando as canções italianas<sup>431</sup>.

A Veneza da família Sbeghen também traz consigo diferentes elementos evocativos de um recorte imagético sobre a realidade. O verso é iniciado com a experiência nostálgica de rememoração do objeto de desejo, de uma tentativa de renascê-lo no ato de ver-sejar, de cantar. Na fala do avô do senhor Sbeghen, a cidade transforma-se em uma doce terra, expressão de um vínculo de afetividade, de um olhar de menino que descobre a cidade, que se encanta com ela, que vive o imaginário lúdico das *calles*, dos *rio terra*, das *fondamente* – das passagens de Veneza. Uma experiência – assim como aquela descrita por Proust na “madelaine” banhada no chá – que pela ação de narrar recria significado, promove um mergulho nos sentimentos passados, produz uma viagem de retorno a essa doce terra da infância:

---

<sup>430</sup> PASTA DE “HISTÓRIA ORAL”. **Entrevista com Guilherme Cândido Sbeghen**, 21 de maio de 1986. Garibaldi: Arquivo Histórico de Garibaldi.

<sup>431</sup> Idem – “Venezia ó dolce terra/ città fabricatta con pali sora l’acqua/ e noi contenti a passagiare con

Ele diz: imagine, caro leitor, ontem eu mergulhei um bolinho numa xícara de chá, e então me lembrei que tinha morado no campo quando criança<sup>432</sup>.

A experiência sensível do narrador, por um efeito mágico de envolvimento da canção, constrói também essa relação de memória e produz para quem canta e para quem ouve, uma doce sensação de retorno. Para quem está testemunhando sua experiência, percebe-se um reelaborar da memória e uma atualização da realidade cotidiana passada. De outra forma, para quem escuta, vislumbra-se um processo de construção imagética do passado familiar e uma experimentação de coisas que não se viveu, mas que passam a fazer parte do vivido enquanto eles formadores do horizonte da memória.

A narrativa sobre Veneza desenrola-se em um subseguir-se de gôndolas e construções sobre paus, os quais ficam submersos na água. Efetivamente, a terra pantanosa das ilhotas que formam a cidade exige uma técnica de construção que permita a sustentabilidade dos prédios. Nesse sentido, a base dos diversos palácios venezianos é composta por vigas de madeira entrecruzadas que forma uma placa de balanceamento para evitar que as edificações afundem. Isso causa uma sensação de estar viajando em um barco, devido ao balanço do trabalho das vigas. Também as gôndolas são um meio de transporte necessário, pois permitem um rápido deslocamento entre canais pequenos e grandes, em uma cidade sem ruas para o tráfego de carros.

Entretanto, não se pode fazer uma leitura da canção apenas em seu caráter prático, mas deve-se entendê-la enquanto produção lúdica e de encantamento para o ouvinte, como uma espécie de máquina do tempo. Dessa forma, mais que relatar as condições materiais da vida em Veneza, as explicações que se associam à exclamação de quão doce é a terra trazem a dimensão do exótico, dos elementos extraordinários e únicos da cidade. A narrativa sobre Veneza transforma-a em um

---

le gondole/ sora l'acqua/ e cantare le cancone italiane”.

<sup>432</sup> BENJAMIN, Walter. Op. cit. nota n. 429, p. 39.

objeto de sedução – mais que a cidade real, lê-se a cidade esperada – mesclando-se realidade e imaginação no processo de leitura da cidade da ancestralidade:

Olham com o pensamento muito mais que com o olhar. Basta um romance que nos tenha encantado, vinte versos que nos tenham comovido, um conto que nos tenha capturado para nos predispor ao especial lirismo dos viandantes, e quando viemos de tal modo excitados pelo desejo de uma cidade, de longe ela nos seduz irresistivelmente<sup>433</sup>.

Na fala de Guilherme Sbeghe, Veneza é esse lugar que seduz de longe, esse “país” nunca antes visitado, mas que construiu uma aura de beleza, de encantamento, teceu vínculos com o ouvinte e criou uma relação mágica de leitura. Contudo, pode-se entender essa dimensão edificadora do real como parte de diferentes experiências para com os lugares de proveniência dos imigrantes. Na trajetória da imigração, muitas serão as canções que recordarão a doce terra que se deixou, ou que os antepassados deixaram. Elas constituir-se-ão em capital evocativo do passado experiencial do *paese*, pois refletiam as vivências coletivas da comunidade, criavam sentido enquanto forma narrativa da existência social.

Pode-se listar algumas músicas que fazem referência ao lugar de proveniência de diferentes grupos de imigrantes, cantando sua persistência na memória dos egressos da Península e na de seus descendentes: *La bella Venezia, Monte Grappa tu sei la mia patria, Su la città di Montebello, Su la piazza di San Marco, Sul ponte di Bassano, Valsugana* – para citar algumas. Muitas delas trazem um espírito cívico; outras, as relações afetivas da família, mas todas transcorrem no interior da comunidade – seja no *paese* seja no vale alpino – e falando da vida quotidiana, das vivências do grupo, configuram-se enquanto lugar de memória – enquanto elementos de tradição – que funcionam como chaves, abrindo portas para as diferentes leituras de cada época.

---

<sup>433</sup> SCARPA, Tiziano. **Venezia è un pesce**. 7. ed. Milão: Feltrineli, 2003. – “guardano con il pensiero assai più che con lo sguardo. Basta un romanzo che ci abbia encantati, una ventina di versi che ci abbiano comossi, un racconto che ci abbia catturati per predisporci allo speciale lirismo dei viandanti, e quando veniamo eccitati in tal modo del desiderio di un paese, da lontano, questo paese ci seduce irresistibilmente”.



Outra forma de expressão dessa vitória do nostálgico sobre o tempo que flui inexoravelmente concretiza-se a partir do recurso da fotografia, elemento de uma memória libertadora do encantamento que mantinha congelada a recordação do passado. Em alguns momentos, a imagem fotográfica – percebida em certos períodos da história como aprisionadora do tempo – promove o despertar do passado que ela contém, que ela enclausura. Por esse efeito de ressurreição, as sensações do passado podem ser presentificadas pelo contato com o objeto no qual elas residem à espera de sua liberação:

Assim ocorre com nosso passado, que segue vivendo em um objeto, em um sabor, em um cheiro, e se podemos algum dia, por casualidade, dar a nossas recordações o apoio de uma sensação presente, então retomam vida como os mortos<sup>434</sup>.

Essa marca da fotografia como material que revoluciona o cotidiano familiar, por ser uma expressão dessa terra de partida, pode ser percebida no relato de Anelise Pizzi<sup>435</sup>. A contista relata a chegada de uma fotografia proveniente da Itália, em 1915, a qual promove uma forte movimentação no interior da família Marcon:

Houve uma vez, em 1915, em que chegou uma fotografia dos parentes Marcon da Itália. Que alvoroço! Era preciso mandar uma também. Veio toda a família para a cidade, [...] entre eles a vó Clementina, e foram no Trinitália, mas antes minha bisavó foi pedir um vestido emprestado para D. Françoise. Queria parecer bonita e distinta<sup>436</sup>.

Na narrativa de Anelise, pode-se perceber duas dimensões diferentes da percepção da fotografia como elemento da memória. De uma parte, ela constitui-se, como dito anteriormente, em uma ligação *post fatum* com o passado nela contido, produz uma relação de rememoração, de ressurreição de experiências já vividas. O ato de rever parentes, a partir de uma sua representação que chega através da imagem fotográfica, permite trazer lembranças sensíveis de momentos que se pensava

---

<sup>434</sup> MAUROIS, Andrés. Op. cit., nota n. 421, p. 219. – “Así ocurre con nuestro pasado, que sigue viviendo en un objeto, en un olor, y si podemos algún día, por casualidad, dar a nuestros recuerdos el apoyo de una sensación presente, entonces retoman vida como los muertos”.

<sup>435</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE GARIBALDI. **As Histórias que a História não conta**. Relatos do Concurso (pasta)

<sup>436</sup> Idem.

estivessem perdidos no tempo.

De outra parte, a idéia de produzir uma fotografia, com o objetivo de enviá-la para esses mesmos parentes, traz um ato de produção de memória para o futuro. Faz-se a foto para produzir a recordação naqueles que não nos vêem desde muito tempo, para eternizar um momento do viver, preservar o tempo presente para que ele não se perca. Por isso, percebe-se a importância da roupa certa, pois ela é portadora de uma determinada imagem que se quer conservar e levar ao conhecimento dos parentes. A montagem da fotografia, tendo presente o recurso do vestuário, o cenário e a disposição das pessoas, representa a idéia de uma construção imagética que se quer manter para o futuro.

Assim, a imagem fotográfica pode ser pensada como conservação, mas, também, como produção de leituras sobre a realidade representada. Embora ela não permita reviver o passado objetivo – os acontecimentos vividos *per si* – pela arte narrativa e pela dinâmica sensível da rememoração que ela conota, a fotografia propicia um retorno imagético aos momentos representados. Pensada individualmente ou na forma de um álbum, a fotografia intenta reelaborar o percurso narrativo inumeráveis vezes, destacando personagens, bem como momentos e aventuras importantes:

As máquinas fotográficas [...] desenvolvem aproximadamente a mesma função que a observação, a imaginação e a escrita tinham para os viajantes literatos do *Ottocento*: projetar para o retorno. Os diapositivos e as seqüências filmadas oferecerão a ocasião não de reviver o passado, mas de recontá-lo, de extrair uma narração, uma história dotada de momentos fortes e peripécias, de conferir-lhe às vezes uma tonalidade mítica e de colocar em cena os personagens<sup>437</sup>.

Esses elementos suscitadores de memória – os quais funcionam enquanto representação de um passado que não existe mais em sua integralidade – elaboram uma relação de presença/ausência com a realidade que buscam

---

<sup>437</sup> AUGÉ, Marc. Op. cit. nota n. 81, p. 54 – “Le macchine fotografiche [...] svolgono all’incirca lo stesso ruolo che l’osservazione, l’immaginazione e la scrittura avevano per i viaggiatori letterati dell’Ottocento: progettare per il ritorno. Le diapositive e le sequenze filmate offriranno l’occasione non di rivivere il passato, ma di raccontarlo, di ricavarne una narrazione, una storia dotata di momenti forti e di peripezie, di conferirgli talvolta una tonalità mitica e di mettere in scena dei personaggi”.

representar<sup>438</sup>. Em um mesmo tempo marcam a presença enquanto ruína das experiências passadas, participando do presente como sinais visíveis da realidade passada; e constroem a dimensão da perda de um tempo que passa, a partir de um não-enquadramento na paisagem do presente:

As ruínas existem através do olhar que se coloca sobre elas. Mas entre os seus múltiplos passados e a sua perda de funcionalidade, aquilo que delas se deixa perceber é um tipo de tempo fora da história, ao qual o indivíduo que as contempla é sensível, como se o ajudasse a compreender a duração que corre nele<sup>439</sup>.

As construções arquitetônicas expressam essa mesma relação mnemônica com o passado, destacando, particularmente nos lugares de imigração, um vínculo afetivo entre o passado na Península Itálica e o presente na região colonial italiana. Não são raras as casas construídas na zona de colonização que são construídas tal qual a habitação deixada na região de proveniência. Esse efeito de produção da alegoria – construção da cópia – embora deslocada na paisagem, funciona como um *linck* entre o passado e o presente, sendo alentador na inadaptação à nova realidade experiencial.

Um caso exemplar é narrado no relatório “Patrimônio Arquitetônico” da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio, publicizado em 1998. Dentre as diversas edificações arroladas, destaca-se a casa número 21, cujo primeiro proprietário e idealizador da construção foi Luigi Toniazzi, a qual constitui-se em uma reprodução da moradia que o mesmo tinha na Província de Vicenza, na região do Vêneto:

Histórico: caracterizada pelo seu estilo colonial, esta casa foi construída por Luigi Toniazzi, imigrante oriundo da Itália no ano de 1893, falecido em 1915. Esta casa é considerada muito especial, pois é cópia fiel da que sua família possuía na cidade de Maróstica<sup>440</sup>.

---

<sup>438</sup> GINZBURG, Carlo. Op. cit. nota n. 20.

<sup>439</sup> AUGÉ, Marc. Op. cit. nota n. 81, p. 40 – “Le rovine esistono attraverso lo sguardo che si posa su di esse. Ma fra i loro molteplici passati e la loro perduta funzionalità, quel che di esse si lascia percepire è una sorta di tempo al di fuori della storia a cui l’individuo che le contempla è sensibile come se lo aiutasse a comprendere la durata che scorre in lui”.

<sup>440</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE GARIBALDI. **Pasta do Inventário do Acervo Arquitetônico da cidade de Garibaldi.** Manteve-se a citação tal como está registrada no documento. Porém, cumpre ressaltar que Luis Alberto De Boni, na obra “La Mérica”, apresenta o relato de viagem de um certo Luigi Toniazzi – chegado a Conde d’Eu em 1893 – corrigindo seu

Procurando não adentrar na discussão sobre o efeito no original, da estetização do passado, presente no discurso patrimonial – o qual trabalha, também, com a arquitetura, entende-se que a leitura da casa é emblemática quando se pensa a questão da nostalgia. A rigor, é o mundo doméstico que norteia as primeiras experiências do indivíduo, desenvolvendo-se nele as primeiras relações de sociabilidade e afetividade no seio da família. Logo, é o *locus* privilegiado da rememoração, pois traça essas leituras lúdicas da realidade e as recordações das primeiras experimentações do mundo.

A dimensão da casa, pensando o encastelamento do personagem de Josué Guimarães – Carlos Frederico Cronhardt Gründling – o qual constrói nela sua pequena ilha de germanidade, a qual é intensificada após o casamento com a descendente de alemães – Sofia – representa o espaço de adaptação em meio às diferenças da vivência na terra estrangeira<sup>441</sup>. Talvez, de acordo com a lógica da primeira obra da inacabada trilogia, a qual aborda o “Tempo de solidão” – ou seja, a esfera da dificuldade ou impossibilidade de significar esses novos códigos culturais dentro das experiências anteriores – a casa constitua-se em um refúgio acalentador em um mundo no qual o confronto com a diferença faz parte do cotidiano.

O simbolismo da casa – pensando essa dimensão da “cópia”, da reprodução da habitação que se tinha na cidade de proveniência – constitui-se em uma possibilidade de retorno a sensibilidades passadas, de vislumbrar essa alegoria de um *eu* adormecido no tempo. Ao mesmo tempo, esse vestígio remete – por estimulação da memória – a sensações passadas e promove o reencontro desse *eu* passado. Efetivamente, ela permite uma sensação de viagem no tempo e no espaço – uma visita a esse país passado que é ao mesmo tempo tão estranho e tão familiar. Refletindo, ainda, a metáfora do útero, a casa constitui-se em um lugar de gestação, de conforto, de calor, haja vista que a produção de sentidos sobre o mundo tem seu

---

sobrenome, cuja forma correta seria terminada com a letra “o”, e precisando seu lugar de nascimento – Valonara – distrito de Maróstica, na província de Vicenza.

<sup>441</sup> GUIMARÃES, Josué. Op. cit., nota n 424.

nascedouro no interior de suas paredes.

O mesmo Luigi Toniazzo – segundo Luis Alberto De Boni<sup>442</sup>, a forma correta de grafia do patronímico, uma vez que em diversos lugares o mesmo aparece como Toniazzi – fornece em seu diário de viagem um quadro muito expressivo desse momento de partida, desse momento no qual se deixava para trás todas as coisas da mocidade, todas as recordações, todos os amigos. Muito embora o diário tenha sido corrigido ao longo do tempo, sendo transformado com a entrada de alguns elementos novos e a subtração de outros – como informa De Boni – ele permite uma leitura sensível do momento do “adeus” e das primeiras reações diante da viagem.

Segundo De Boni, os escritos de Toniazzo em *Mio viaggio in America* expressam essa difícil decisão da partida, mostrando a incerteza e a confusão que a circundam:

relata bem a situação do imigrante ao deixar a pátria, tomado naquele momento pelos sentimentos mais contraditórios: chora os familiares que abandona no velho mundo, mas sonha com uma vida diferente no outro lado do mar; ama sua terra, mas sabe que ela não pode mais sustentar; recorda o *paese* que cada vez fica mais longe, mas sabe que nele não havia mais lugar para sua família<sup>443</sup>.

O emigrante que parte experimenta a dor do exílio, pois sua partida, mesmo movida pelo sonho, tem o sentido da necessidade, do dever procurar um lugar onde consiga satisfazer suas necessidades. Enquanto figura do exilado, algumas vezes por questões políticas, mas na grande maioria por problemas sócio-econômicos, o emigrante parte em busca de uma possibilidade de ascensão, a qual não enxerga possível no seu velho *paese*. Nesse ato de partir, um misto de sensações o envolve, pois em um mesmo momento experimenta a dor antecipada do não-retorno e a esperança de uma nova vida, construída enquanto representação dessa terra prometida que deve estar para além do oceano.

Muito embora exista um discurso sobre a emigração que associa uma

---

<sup>442</sup> DE BONI, Luis Alberto. **La Mérica**. Escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: EST, 1977.

dimensão de transitoriedade a esse indivíduo que se desloca para um outro lugar, os relatos de que se tem conhecimento demonstram uma percepção muito mais definitiva do processo de abandono do lugar de nascimento. Muitos, como Luigi Toniazzo, associam a saída de seu vilarejo natalício com a experiência do homem que se dirige para a morte, fruto de uma condenação injusta:

Foi precisamente na Sexta-feira Santa do ano de 1893, ao meio-dia em ponto: deixava meu vilarejo natal e sentia o coração confranger-se de dor ao abandonar minha pátria. Semelhante deve ser o sentimento de um inocente condenado à morte<sup>444</sup>.

Certamente a figura do condenado à morte não inspira o transitório, mesmo se pensarmos a dimensão da fé cristã, pois a passagem para a outra vida é sempre definitiva. Nesse sentido, existia uma percepção da partida como algo sem volta, portanto trazia consigo fortemente essa dor do não-retorno. Logo, deveriam ser organizadas estratégias psíquicas de sobrevivência diante de novas situações que progressivamente se apresentariam.

A idéia de morte ainda tem uma associação emblemática com o dia em que se partiu – Sexta-feira Santa – dia da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, dia de tristeza no mundo cristão, sendo, no passado, um dia de luto nas famílias católicas. Na verdade, uma análise da data enquanto simbologia do processo emigratório deve levar em conta duas perspectivas: uma entende a sexta-feira como morte, destruição; outra, enxergando *a posteriori*, pode associá-la com a ressurreição que se dará no domingo de Páscoa. De qualquer forma, em ambas faz-se a experiência sensível do luto, da perda, sendo que as únicas lembranças desse mundo que termina estarão confinadas como restos nas malas de viagem – conservando a memória de um passado que poderá ser evocado pela reminiscência – a partir da liberação mágica do objeto que a preserva.

Imageticamente, a partida narrada por Toniazzo pode ser comparada ao trajeto da *via sacra*, pois o caminho até o porto de Gênova foi composto de muitas

---

<sup>443</sup> Idem, p. 09.

<sup>444</sup> TONIAZZO, Luigi. **Minha viagem à América**. In: DE BONI, Luis Alberto. Op. cit. nota n. 441,

paradas dolorosas, marcadas pela despedida dos parentes e amigos. A concepção de fim é recorrente no texto, marcado pela narrativa do “adeus”, não do “até logo”, nem do “até um dia”, mas do definitivo “saudando, pela última vez”. Assim, o texto constrói uma sensação de tristeza anunciada, ou seja, o desencanto não se inicia quando da chegada, tendo como referências as dificuldades encontradas, mas tem seu primeiro golpe na dinâmica da despedida. Aquele mundo sólido das tradições, das vozes conhecidas, das palavras e da cadência familiar do dialeto, das imagens que construíam um nexos com particularidades da existência, tudo isso parecia progressivamente esvanecer-se, o novo e o efêmero passavam a nortear o presente, criando uma continuada releitura idealizada do passado.

A fala é preenchida com adjetivos que enfatizam a dor do momento de partida, destacando essa decepção do abandono da pátria – não da Itália – mas desse lugar de nascimento, no qual se associam amigos, parentes, tradição, modos de falar, emoções, imagens arquitetônicas, iconografia, enfim, a síntese do mundo construído no interior do *paese*:

Após inúmeros beijos, apertos de mão, prantos e suspiros, devia seguir a pé, junto com meu amigo de viagem, Lorenzo Sperotto, até Maróstica, saudando, pela última vez, todos os amigos que encontrávamos. Minha cabeça estava cheia de tantas coisas que acabei esquecendo, por duas vezes, o capote tão bom para viagem. [...] Com pouca vontade, como podeis imaginar, passamos as horas seguintes<sup>445</sup>.

O emigrante, desde que a partida entra em seu horizonte de perspectivas, dá início a sua permanência na hospedaria *Au temps perdu*, citada por Benjamin como uma casa de hospedagem existente em Grenoble, no século XIX. Ao cruzar as portas, o hóspede passava a experimentar um fluxo de tempo fragmentar e entrecruzado:

Como Proust, também nós somos hóspedes que, sob a insígnia vacilante, cruzamos uma soleira além da qual a eternidade e a embriaguez estão à nossa espera. [...] A eternidade que Proust nos faz

---

p. 11.

<sup>445</sup> Idem, *ibidem*.

vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado<sup>446</sup>.

Assim, Toniazzo e Sperotto seguiram a sua longa viagem, assim como Daniel Abrahão e sua família que partiram de Salzwedel – na obra de Josué Guimarães – empreenderam uma viagem para o desconhecido, para a solidão do constante estranhamento. Mesmo com o encantamento experimentado diante do *duomo* de Milão, ou ao interno da galeria Vittorio Emmanuele, o emigrante os recorda com o tom da nostalgia – ou a partir da leitura daquele que já lida com algumas ferramentas da língua portuguesa – recorda-se com “saudade” daquelas belezas. Dessa forma, o encantamento vivenciado na viagem torna-se um referencial de reencontro com o “tempo perdido”, um olhar nostálgico e uma estruturação da narrativa que seguem o fio nostálgico da rememoração – que constroem uma remontagem saudosa do real acontecido.

Na trajetória de Milão a Gênova, ou na partida da embarcação – do porto para o Brasil – expressa-se o último olhar, justificado pela busca de uma vida melhor, mas mortificado pela certeza do não-retorno:

Amanhã ainda contarei a data em solo italiano, e depois isto não me será mais concedido. Adeus Itália! Nasci e cresci em teu seio, e deverei morrer no novo mundo, para o qual agora me dirijo. [...] Quando o navio se movimentou, pensava estar sonhando, e não me parecia verdade que desta vez me exilava efetivamente, para não ver jamais o vilarejo de Vallonara<sup>447</sup>.

Mesmo tendo presente que o diário sofreu processos de revisão e que muitos elementos podem ter sido alterados ao longo do próprio processo de releitura da obra pelo autor, a dimensão da nostalgia se eterniza na narrativa. Possivelmente, foram construídas ênfases anteriores na dimensão da perda, partindo de um homem que experimentou um processo de ascensão social e reelaborava a sua epopéia particular. Entretanto, para além dos exageros narrativos, ou das exaltadas expressões de amor à pátria italiana, permanece clara a compreensão da perda, a qual vai se tornando um elemento comum que se sedimenta na experiência de viagem,

---

<sup>446</sup> BENJAMIN, Walter. Op. cit. nota n. 429, p. 45.



como também narrou Edmondo De Amicis.

Vallonara, a partir do distanciamento do escritor do diário, adquire uma sua aura e, segundo Benjamin, constitui-se em “uma figura singular, composta de elementos especiais e temporais: a aparição única”<sup>448</sup>. Mesmo que se processem esses momentos aludidos por Proust de um entrecruzamento entre o *eu* passado e o *eu* presente, tendo em vista uma situação de um passado revivido na lembrança, o qual permite reviver sensações, essa rememoração não ocupa o lugar imaginário que se deixou. A recordação suaviza a nostalgia, mas funciona tanto permitindo um retorno imagético quanto mostrando a impossibilidade desse reviver efetivo da experiência. Pensando na dimensão da medicina, ela se constitui em um remédio paliativo, o qual permite a continuidade da vida do paciente, mas não em uma cura definitiva para a doença. O nostálgico sobreviverá com suas recordações, mas se encontrará sempre com uma certa sensação de sofrimento pelo não-retorno – pelo passado que passa e permanece, sempre em movimento simultâneos.

A nostalgia não é uma escolha do imigrante, não é sua decisão de não esquecer: ao contrário, é sua grande inimiga, uma presença que pode criar um efeito imobilizante. Se em muitos momentos esse ato de recordar funciona como um doce refrigerio vindo da infância, no momento em que se parte, essas lembranças laceram a alma, produzindo a dor daquele que sabe não mais estar próximo às coisas queridas. Para o imigrante, resta a dor e o pranto, a tentativa de esquecer o objeto perdido, principalmente porque esse permitiu aquela dor do exílio, mas no fim rende-se à ternura do sentimento filial e projeta um reencontro para a vida na eternidade, no *al di là* da vida que virá:

Ia depois repousar e, pensando em tantas coisas, sentia-me afogado em pranto e chorei por mais de uma noite [...]. Pobre Vallonara, pensando bem como vais, deveria sentir-me pouco triste por haver-te abandonado, mas, batendo no peito desgraçadamente um coração sensível, não posso esquecer-te. Por isso, beijo-te e sei que nos

---

<sup>447</sup> TONIAZZO, Luigi. Op. cit., nota n. 444, p. 12.

<sup>448</sup> BENJAMIN, Walter. Op. cit. nota n. 429, p. 170.

encontraremos no vale de Josafá<sup>449</sup>.

Esse fragmento do diário de Toniazzo remete a dois movimentos que transcorrem na mente do imigrante, uma espécie de embate entre a razão e o sentimento, ou melhor, entre a necessidade de distanciar-se e aproximar-se do objeto que se está perdendo. Por uma parte, seria lógico alegrar-se, porque se estava rumando para um “mundo sem males”, como narra o mito da terra da *cucagna*, após ter sido exilado ao interno da própria comunidade, experimentado esse dever de ir inocentemente ao cadafalso. Entretanto, por outro lado, não se pode esquecer – por vínculos afetivos maiores – essa experiência atemporal das relações ao interior do *paese*, pois, como diz o autor, tem-se “um coração sensível”. Será nessa dinâmica sensível de releitura da epopéia particular e coletiva do fenômeno imigratório que se construirá na memória sobre a imigração tanto os discursos de uma Itália da miséria, que obrigava seus filhos a partir, quanto sua percepção como a experiência doce das recordações da quotidianidade. Elaborar-se um embate interior entre duas lógicas de leitura acerca da terra de partida.

Contudo, a batalha interior tem sempre uma retomada da afetividade e o olhar lançado sobre o novo funde-se em um enquadramento a partir do velho. Parece uma tentativa de dessacralizar essas imagens do passado, rompendo com seu caráter único, aurático. Ao ouvir o descer das âncoras e a agitação que produz no navio, o narrador faz uma associação automática com a terra de partida; porém, entende que não está mais lá, pois “parecia” – é a sensação do retorno mesclada com a certeza da distância:

Logo que se iniciou o barulho infernal das âncoras, nosso barco parecia-se com o dia de São Simão em Maróstica, à primeira hora da tarde, quando entram em cena os saltimbancos, fazendo esforços para alcançar os últimos prêmios<sup>450</sup>.

Nessa experiência da travessia, o imigrante vive o início de um processo de reapropriação do lugar de nascimento e, ao mesmo tempo, do lugar de

---

<sup>449</sup>TONIAZZO, Luigi. Op. cit. nota n. 444, p. 21.

<sup>450</sup> Idem, p. 22.

expatriação. Será no interior do navio que principiará a construção de um Vêneto imaginário, o qual existirá apenas no ato edificador da rememoração. Essa dinâmica da ressignificação do objeto perdido produz, a partir de uma ruína que se estabelece fora do tempo histórico, um fragmento mágico da atemporalidade do sujeito que recorda, a qual constrói a sensação de uma experimentação única, da possibilidade de um lugar que só existe para ele:

Nem recordação, nem descoberta, a Paris imutável (ao menos aos meus olhos) se subtrai à história, como fazem as ruínas. As minhas ruínas se identificam mesmo com aquela Paris, uma obra de arte fora do tempo, que por essa razão me dá a sensação de existir somente para mim<sup>451</sup>.

Assim como a Paris de Marc Augé, o Vêneto do imigrante, pensado enquanto uma composição de múltiplas narrativas vinculadas ao *paese* de proveniência, constituir-se-á na produção imagética de evocações da experiência sensível, as quais nascem da memória, mas também do trabalho do tempo e da imaginação, que pacificam esse passado. A rigor, esse processo de reelaboração acontece em uma dinâmica de estranhamento com a nova terra. Como Toniazzo lê as experiências na Bahia ou no Rio de Janeiro, no navio ou no trem, partindo das imagens de Vallonara e do seu entorno, o imigrante construirá seu ato de rememoração em uma relação de estranhamento com o novo ambiente e no processo de encontro multiétnico, elaborando um espaço de associação, o qual produz o reconhecimento do que se constitui em parte de seu mundo e daquilo que não se identifica a essa percepção do real.

Essa dimensão nostálgica de uma Itália imaginada, ou de um Vêneto imaginado – tendo-se presente nele o lugar identificador dessa tradição, entendida como passado imutável – será mantida como elemento diferenciador das populações da serra gaúcha. Efetivamente, ela se reproduz por um efeito de restauração, pois como os prédios sofrem um processo de resgate quando em decomposição e perda da

---

<sup>451</sup> AUGÉ, Marc. Op. cit., nota n. 81, p. 126. – “Né ricordo, né scoperta, la Parigi immutata (quanto meno ai miei occhi) si sottrae alla storia, come fanno le rovine. Le mie rovine si identificano proprio con quella Parigi, un’opera d’arte fuori del tempo, che per questa ragione mi dá la sensazione di esistere solo per me”.

luz original, as tradições passam por uma mesma realidade de uma política preservacionista. Muitas vezes, por uma dinâmica de estetização do passado, produz-se uma conservação de fachada, perdendo, o bem, sua funcionalidade. Isso acontece em muitos momentos de sociabilidade, os quais existiam enquanto experiência cotidiana da comunidade, como o *filò*, mas que na atualidade tornaram-se expressão de uma busca de resgate de tradições passadas, as quais efetivamente existem apenas enquanto ruínas. Ao resgatar-se o *filò* no ambiente da *sagra* ou das diversas festividades serranas, dá-se um novo significado a essa prática, ela não se constitui no passado objetivo – como um retorno pleno àquilo que um dia existiu – mas em uma evocação comemorativa do mesmo – um retorno pelas sendas da representação e da memória.

O sentimento nostálgico, mais que um simples elemento do processo emigratório, é próprio da modernidade, pois se vincula a essa perda contínua da tradição que a constante produção do novo provoca – insere-se em uma batalha interior e coletiva entre o esquecimento e a recordação. Da mesma forma, a expressão dolorosa da perda de códigos culturais que significam o mundo não cessa com a morte dos imigrantes italianos aqui chegados, mas sofre diferentes reelaborações em seus descendentes, produzindo releituras da “cultura italiana” e do processo imigratório em si.

Uma representação teatral acontecida em Garibaldi, em 1987, traz alguns traços dessa dimensão de uma nostalgia outorgada – a imagem do descendente que continua vinculado ao processo de expatriação de seus antepassados. Como fragmento da interpretação, tem-se um texto de Rosa Maria Zamboni Gordini, produzido a partir de versos de Magnani e Zini, o qual intitula-se *Nostalgia di un immigrante*. Escrito em língua italiana, o texto traz o relato rememorativo da despedida experimentada por um emigrante genérico, posto que não existe um nominativo do personagem que recorda. De qualquer forma, é uma narrativa que elabora um quadro afetivo do momento da partida e constituir-se-á em um produtor de memória sobre a percepção do indivíduo que parte, bem como das imagens que traz em sua mala de viagem. A partida força a um último olhar, aquele

que permanecerá na lembrança como a doce e triste magia do “adeus”, para eternizar o passado experiencial, e o sujeito que parte constrói um quadro imagético na intenção de reevocar a terra de partida:

Ao alvorecer, vi-te pela última vez Adamello  
coroado de neve, velho bastião de escarpas  
polidas pelo vento, pela água, pelo gelo,  
tu que ontem à noite recolheste  
em um véu de rosa e de violeta  
o último raio de sol  
da *Val Trentina*<sup>452</sup>.

A elaboração imagética dessa *Val Trentina*, a qual com outras características paisagísticas poderia ser a planície do rio Pó, ou algum vale da região de Belluno ou Treviso, ou ainda, a planície da região de Verona, permanece na figura do emigrante-exilado como uma fotografia dessa representação idílica do mundo que ficará enclausurado no *eu* do passado. Em determinados momentos de epifania, esse outro *eu* retornará, por um processo associativo de experiências, construindo uma ponte imagética e sensível, através do domínio da memória, entre o mundo que eu vejo e aquele imaginário, constantemente reelaborado, que faz parte desse meu último olhar para o pequeno *paese*.

Nesses cruzamentos de leituras entre o passado de abandono do lugar de nascimento e o presente da vivência na nova terra, por diversas vezes o imigrante olhará para aquele instante da partida e retomará aquela última experiência de enquadramento do *paese*, rememorando nostalgicamente aquele tempo vivo, diferente do presente de histórias e de narrativas:

Também lamento a verde relva do meu prado.  
Era o tempo da juventude.  
Um outro tempo de histórias agora conto  
de tristes, de alegres que vem de longe<sup>453</sup>.

---

<sup>452</sup> GORDINI, Rosa Maria Zamboni. **Nostalgia di un immigrante**. poetando sobre uma coleção de versos de italianos como Magnani e Zini. (Arquivo privado da autora) p. 1. – “All’alba t’ho visto per l’ultima volta Adamello/ incoronato di neve, vecchio bastione di dirupi/ levigato dai venti, dalle acque, dal gelo,/ in un velo di rosa e di viola/l’ultimo raggio di sole/ della Val Trentina”.

<sup>453</sup> Idem, ibidem. – “Anche rimpiango verde l’erba del mio prato./ Era il tempo della giovinezza./ Un altro tempo ora di storie ne racconto/ di tristi, di allegre che vengono da lontano.

Findado o tempo da experiência viva da terra de partida, inicia-se o tempo de sua reelaboração enquanto relato, como saudosa narrativa daquele que recorda a época da juventude. Esses contos vêm de longe e tornam-se mais ou menos distantes a partir das construções do imigrante, as quais vinculam-se ao seu momento presente e àquele da comunidade. Na verdade, o relato será produzido por um efeito de cruzamento entre o sujeito que experimentou e aquele que escuta a história, pois quem narra o faz para o presente, e os processos associativos que se instauram possuem uma vinculação mágica com o momento da narração – porque é o instante da liberação – da abertura do frasco mnemônico.

O fim dessa construção poética é expressivo, combinando passado e presente, e explica esse ato criador do imigrante – a zona colonial italiana – como resultado desse olhar nostálgico para o tempo da juventude. A terra prometida será moldada com o olhar fixo na terra de partida, nas memórias que vinculam o hoje com o ontem – e essa construção deu-se em função da cidade presente – foi para o descendente que se modelou tal beleza:

Agora tu que me escutas,  
que escutas esse meu lamentar da alma  
somente pra ti modelei com a creta  
um novo paraíso terrestre,  
de nostalgias do meu *paese* fiz  
Garibaldi, *paese* nosso<sup>454</sup>.

Nesse sentido, percebe-se o reviver de uma nostalgia – ou de um retorno ao passado – na zona de colonização italiana. Essa se processa, também, a partir de um sentimento de busca do “tempo perdido”, entendido enquanto perda de um passado que não pertence às comunidades presentes como experiência sensível, mas que permanece vivo através da memória – do efeito de realidade que o tempo das histórias e contos inaugura. O descendente será o novo portador dessa nostalgia, terá de lidar com seus diversos *eus* – cruzando tempo, identidade, etnicidade, bens

---

<sup>454</sup> Idem, p. 2 – “Ora tu che mi senti,/ che senti questo rimpiangere d’anima/ solo per te ho modellato con la creta/ un nuovo paradiso terrestre,/ di nostalgic dal mio paese ho fatto/ Garibaldi, paese nostro”.

culturais – em sua busca de sublimação das perdas vivenciadas em sua comunidade imaginada, em seus processos de ressignificação desses momentos de encontro entre passado e presente.

Será a partir desses influxos odoríficos dos *mnemagoghi* que o passado se fará presente – por representação – nas vivências quotidianas dos imigrantes. Produzir-se-á, então, uma leitura das experiências passadas pelo olhar nostálgico que contempla um tempo da juventude que chega ao seu ocaso. Dessa forma, enquanto tempo da reminiscência, o presente será fruto de um doloroso vislumbrar do passado, porém acalentado pela busca do sonho, ou seja, a projeção do futuro é o elemento justificador da aceitação do exílio – deste caminhar do inocente, que em silêncio dirige-se ao cadafalso.

O imigrante encontra-se em um novo mundo, o qual contrastará com a sua experiência imagética da terra de partida – porém, para construir uma rede de compreensão do presente ele terá de tornar inteligível sua nova realidade e isso se dará em um processo de reelaboração das tradições. Reordenando o espaço do vivido a partir de um Vêneto imaginário, o egresso da Península Itálica recriará uma comunidade de pertencimento por ele imaginada. A partir de nomeação de santos, instalação de capelas e capitéis, elementos domesticadores da natureza, preservação de ritos e costumes, bem como do dialeto e das fábulas, o imigrante encontrará uma forma de manter vivo aquele mundo passado, construindo lapsos de um presente-passado e sublimando os efeitos dessa nostalgia pátria.

## **5 ESPAÇO DE MEMÓRIA: PASSADO E PRESENTE ENTRECRUZANDO-SE AO ENCONTRO DA NOSTALGIA**

A imigração italiana na serra gaúcha – para além de suas dinâmicas políticas, econômicas e sociais, partícipes da trajetória do estado a partir do último quarto do século XIX – constituiu-se em um processo plural de transmutação de uma representativa tradição campestre do norte da Península Itálica para essa região montanhosa do Rio Grande do Sul. Enquanto construção imagética, esse fenômeno migratório foi sofrendo um processo de “venetização” ao longo do século XX, muito embora a parcela da etnia italiana na região serrana tenha sido composta por imigrantes provenientes de outras regiões do setentrão peninsular, tais como a Lombardia, o Friuli e o Trentino Alto-Adige.

Mesmo tendo sido um fenômeno múltiplo, no qual se cruzam elementos de diversas regiões de proveniência, construiu-se – no interior do processo de colonização – a representação do colono vêneta como figura emblemática dessa ocupação territorial. Inclusive as expressões dialetais remanescentes na região, fruto de um *koinè* dialetal, são denominadas usualmente como “dialeto vêneta”. Sabe-se que grande parte dessa população de imigrantes chegada à serra gaúcha era proveniente do Vêneta; porém, foi também expressiva a entrada de pessoas oriundas de outras regiões do norte da Itália.

De qualquer forma, essa reelaboração da cultura *contadina* vêneta do século XIX na serra gaúcha, da qual tem-se como estudo de caso a ex-colônia de Conde d’Eu, promoveu, não a reconstrução de um Vêneta objetivo – cópia carbono de experiências vivenciadas na terra de partida – mas uma representação imagética trazida com os emigrantes em sua bagagem mental. Cabe ressaltar que esse processo



de re-apropriação que se iniciou com o momento da despedida, quando se lança o último olhar sobre o conhecido, para se iniciar essa viagem para a “solidão”, foi contínuo durante toda a viagem e, especialmente, durante os cento e trinta anos de trajetória das comunidades italianas na região serrana do estado.

Percebe-se, ainda, que essa manutenção da tradição e suas sucessivas reestruturações – por processos de rememoração – funcionaram, também, como forma de sublimação de um sentimento de nostalgia para com as relações e vivências sensíveis vinculadas à terra de partida. Nesse sentido, a tradição *contadina* vêneta, associada a todo um mundo religioso, possibilitou – em suas marcas mnemônicas – momentos de cruzamento entre passado e presente, pelo efeito associativo da memória e, assim como o médico ancião dos *Mnemagoghi*, de Primo Levi, o imigrante pôde experimentar sensivelmente esse passado. A memória permitiu um retorno imaginário, trazendo – ao hoje – gostos, cheiros, cores, construindo realidade e possibilitando uma existência mais suave frente às diferenças do novo mundo que se apresentava. Além disso, esse processo de releitura da experiência imigratória não findará com a chegada, nem tampouco o passado que se busca reviver, pois em momentos diferentes far-se-á renascer vivências marcadas ora pela Itália – enquanto territorialidade de proveniência – ora por ela – como figura imagética do cotidiano dos colonos italianos no Rio Grande do Sul.

A rigor, para se poder entender melhor essa dimensão da nostalgia no fenômeno imigratório, bem como o papel da preservação da tradição na manutenção saudável desse sentimento, tem-se de retomar alguns pontos importantes que nortearam a trajetória da imigração. Para isso, deve-se retomar a processo de constituição da região do Vêneto no século XIX, pois os lugares de memória que se construirão no período pós-unificação são fruto de uma elaboração anterior, e a própria figura da grande alteridade étnico-cultural italiana – o *tedesco* – é lido a partir dos confrontos com as tropas austríacas. Serão esses lugares de memória de um Vêneto do *Ottocento* que serão elementos-chave na construção de uma idéia de italianidade na serra sul-rio-grandense.

Depois, tem-se de discutir o processo de reelaboração desses *mnemagoghi* nas montanhas do Brasil meridional, enquanto traços de referência de uma identidade étnica italiana no além-mar, pois eles se constituem no *locus* privilegiado da sedimentação da italianidade. Além disso, serão esses lugares de memória os principais componentes de uma ressignificação da experiência de expatriação e daquela em terra gaúcha. A nostalgia não se transformará, em todo e cada imigrante, em um caminho para a melancolia, porque ele conseguirá construir novos códigos de leitura da realidade – a partir de um cruzamento entre a concepção de mundo que ele traz da Península Itálica e a realidade objetiva que encontra no outro lado do oceano.

O elemento nostálgico é um sintoma do século XIX, pois a dinâmica da modernidade, experimentada nesse período, a qual se associa à estética do novo, própria da expansão do processo industrial-capitalista, produz um processo de perda irreversível da tradição e das certezas sólidas sobre as representações sociais. Essa marca da perda pode ser observada com grande força na literatura, a qual marca essa ambivalência da perda e da construção – do homem que vive em meio à caótica realidade transformativa do mundo. Envolvido nesse fluxo de destruição da memória, particularmente nas comunidades rurais assediadas pelo capitalismo, construir-se-ão – contraditoriamente – instituições de preservação da tradição, como arquivos e museus. Também no cotidiano dessas populações camponesas perceber-se-á um olhar saudosista para o passado, o qual se torna sempre mais um lugar de felicidade. Essa percepção retrospectiva produzirá uma velha e conhecida imagem de uma “idade de ouro” no passado, que funciona como propulsora frente a uma realidade presente entendida como desilusão.

Essa dimensão do presente enquanto perda constitui-se parte do horizonte de diversos segmentos da população da antiga República Vêneta, desde sua queda, no final do século XVIII. À experiência da dominação francesa e austríaca, as quais se alternarão ao longo do *Ottocento*, somar-se-ão a vivência de um período de recessão econômica, produzindo sensações de decadência e destruição na sociedade. A percepção negativa do tempo presente permitirá o direcionamento de

um olhar nostálgico para o passado, construindo a compreensão de que se vivia uma era de muito mais liberdade quando da supremacia do *Campanile di San Marco*. Nesse sentido, pode-se perceber a nostalgia vinculada à emigração, em de finais do século XIX, como expressão final de um longo processo de perda de elementos significadores da realidade experiencial.

As pesquisas levadas a cabo pela dominação francesa – em 1811 – ou pelo Reino da Itália – na década de 1877-1884 – são ilustrativas dessa tradição popular que se encontra em descompasso com as construções de um mundo moderno e, ao mesmo tempo, elaboram-se enquanto expressão de uma vida mais verdadeira, marcada pelos valores de pureza e moralidade. Particularmente no período francês, mas que pode ser percebido, também, naquele austríaco, tem-se a elaboração de uma vinculação afetiva com o mundo dialetal, em uma experiência de retorno às raízes, como reação à dominação e às transformações que o estrangeiro busca implementar. Estar voltado para a tradição passa a significar uma não-aceitação do controle do outro – invasor – no cotidiano da comunidade. Durante todo o período de subserviência à França ou à Áustria, observa-se na sociedade vêneta uma sensação de perda, um medo de sentir-se estrangeiro em sua própria casa – os hábitos, a língua, as estruturas administrativas do “outro” serão vistas como marcas do bárbaro invasor. A rigor, a vivência da dominação, sobretudo da casa dos Habsburgo, constituir-se-á em uma marca identitária comum das populações da Itália setentrional, forjando-se enquanto alteridade.

Pensando especificamente a pesquisa elaborada pelo Reino da Itália, conhecida como *Inchiesta Jacini*, deve-se destacar sua dimensão preservacionista. Muito embora ela tivesse fortemente um objetivo de busca a compreender e construir os limites de uma “italianidade” na Península, a pesquisa funcionou, também, como uma espécie de diagnóstico e lugar de “salvamento” das tradições campesinas, através de seu registro sistemático. Independente das observações preconceituosas e das descrições vinculadas à falta de disposição para o trabalho, construiu-se uma radiografia preciosa de diversas práticas populares que se encontravam em declínio devido à expansão do capitalismo na região.

Nessa construção da nação italiana, a qual remonta aos inícios do século XIX, destacam-se ainda dois momentos importantes enquanto marcos emblemáticos da elaboração identitária na Península Itálica. O primeiro deles, a tomada dos Estados Pontifícios, que permitiu a anexação de Roma – cidade imagetivamente vinculada à glória eterna – por um lado permite essa leitura positiva do símbolo pagão da cidade; porém, por outro lado, torna-se expressão do Papa que se declara prisioneiro do Vaticano, criando um grande mal-estar em uma população de imensa maioria católica – particularmente no Vêneto se vivencia essa situação, devido à importância atribuída à figura do sacerdote e ao catolicismo intransigente. O segundo momento, marcado pelo fenômeno imigratório, construirá uma percepção apocalíptica na sociedade do norte italiano, inclusive, quando se discute a leitura que os proprietários rurais tinham desse processo. A emigração, sem perder de vista as questões econômicas e sociais que denunciam uma situação de crise de produção e carestia, constitui-se na expressão final de um processo decadentista da sociedade vêneta, bem como de um desenraizamento e de uma desterritorialização cultural das populações da região.

A conjunção de uma dinâmica de perda das tradições e dos lugares identificadores de uma cultura *contadina*, e de uma vontade de Estado, para a construção da “italianidade”, promoverá – ao longo do século XIX – a elaboração de lugares de memória que funcionarão em seu conjunto como representação imagética de um projeto de identidade nacional. Mesmo assim, cada região terá mais arraigado em sua tradição algumas dessas idéias-imagem e determinadas dinâmicas relacionais que esses espaços mnemônicos significam.

Na formulação identitária, um recurso capital será a literatura – e *Cuore*, de Edmondo De Amicis, será uma das obras-símbolo – junto a *Promessi Sposi*, de Alessandro Manzoni, desse conjunto de leituras escolares que constituirão um fundo comum de sensibilidades. Pensando a questão específica do Vêneto, marcado em finais do século XIX pelo fenômeno emigratório, as obras de De Amicis, tanto *Cuore* quanto *Sull’Oceano*, constituir-se-ão em uma porta de entrada

nesse mundo sensível da emigração.

Entretanto, esses lugares de memória não constroem isoladamente uma “pedagogia identitária”, mas devem ser percebidos em um processo integrado de leitura do real. Nesse sentido, não será apenas a literatura ou a figura do *paese* que se constituirão em uma representação da identidade vêneta, mas uma articulação desses elementos como outros – paróquia, *piazza*, *campanile*, *caffè*, *osteria*, ópera – os quais, somados a seus nominativos – aos santos, às figuras que envolvem sua liturgia – caracterizam-se em seu conjunto, de uma certa veneticidade. Assim, pensar a idéia de uma territorialidade sensível, implica conceber a paisagem enquanto um quadro imagético, no qual se somam diversos elementos identificativos, que criam um determinado sentido de pertencimento a partir das relações que estabelecem no conjunto da obra.

Certamente, não se pode pensar essa leitura do conjunto apenas fazendo referência ao mundo literário ou arquitetônico, para entender a trama dos processos de identificação: deve-se conjugar, ainda, os fios que provém da tradição *contadina* vêneta, marcados pelas fábulas, pelas canções, pelos ditados populares, pelas superstições, enfim, o mundo mágico que envolve essas populações rurais. Nessa realidade encantada de medos, feitiços e ciclos lunares, pode-se perceber fragmentos de leituras que esses homens faziam de suas vivências e como eles entendiam sensivelmente as suas experiências, as quais se associam com o território e criam um sentido específico para sua estruturação e existência.

Mesmo entendendo o espaço do *paese* e toda a paisagem que o circundava como local de construção e ressemantização da tradição, será o *filò* – enquanto espaço de sociabilidade – o *locus* privilegiado da produção desses códigos culturais campestres de uma leitura do mundo. No interior do mundo rural, será na penumbra da *veglia di stalla* que esse universo mítico experimentará suas dinâmicas criativas em uma relação de conservação da memória coletiva da comunidade. O ambiente do *filò* produzirá sentido para as experiências de seus participantes, elaborando, inclusive, vínculos de afetividade com essas estruturas rígidas de

concreto e ferro que delinearão o quadro de recordações do imigrante que rememora a terra de partida.

Dessa forma, o imaginário *contadino* vênето de finais do século XIX é produto de um processo interativo entre os lugares físicos de memória – as construções materiais – e os lugares mágicos da imaginação – as construções imateriais. Nesse sentido, uma leitura sobre essa identidade vêneta que está sendo forjada e que será transposta para o Brasil – como um Vênето imaginário – só pode ser elaborada levando em conta esse cruzamento de significados que a união dos dois tipos de construções produz.

Partindo desse universo imagético do Vênето do *Ottocento*, o imigrante continuará um processo de reelaboração de sua cultura ancestral em terras brasileiras. Nesse espírito, serão produzidos, ao longo do processo de ocupação do território das colônias imperiais – nessa pesquisa a ex-colônia de Conde d’Eu – lugares de memória caracterizadores de imigrantes italianos, o qual passa a ser genericamente reconhecido como Vênето no transcorrer dessa dinâmica de colonização. Sem dúvida, essa trajetória da imigração italiana na serra gaúcha apresenta diversos vestígios das formas de sociabilidade e das sensibilidades da Itália setentrional, porém – a partir de políticas de posituação da figura do imigrante – esses fragmentos assumiram uma conotação de totalidade, representando no social uma idéia de um Vênето perdido do século XIX, o qual magicamente permanece na região serrana do Rio Grande do Sul.

A rigor, essas idéias-imagem construídas acerca do imigrante – mito civilizatório, religião e figura do colono – representam um conjunto imagético construído ao longo de quase cento e trinta anos de imigração, tendo como momentos de efervescência produtiva dessas representações as datas comemorativas. A dinâmica dos festejamentos, particularmente aqueles de 1925 e 1975, vai reelaborar a trajetória dos “pais fundadores” da grandiosidade colonial, os quais deixaram a terra que não apresentava mais condições de vida e, genialmente, construíram “*paese e città*”. Esse processo de ressignificação do fenômeno

imigratório articulará elementos sintomáticos da cultura italiana, a partir de uma percepção eurocêntrica, para construir “o mito da sociedade que deu certo”.

Enquanto representação do bom imigrante, portador do progresso cultural e material, os descendentes de italianos serão entendidos – junto a seus vizinhos alemães – como personagens emblemáticos do colono industrial, construtor da grandeza do Rio Grande do Sul. Esse olhar sobre os ítalo-gaúchos é parte de uma dinâmica de reestruturação da identidade regional, na qual a positividade do colono imigrante é associada à bravura, honradez e trabalho árduo do tradicional “centauro dos pampas”. Certamente, não se pode esquecer que o período da Segunda Grande Guerra, e os anos que o circundam, são caracterizados por uma negação – por parte dos nacionais – desses elementos positivos da italianidade, pois esse é visto como o estrangeiro e inimigo, portador de costumes estranhos aos nossos. Entretanto, esse interregno entre 1925 e 1975 – marcado por um longo período de abafamento dessa diferença – produzirá um forte retorno às raízes do colono industrial e às marcas da tradição e do *koinè* dialetal do *talian*, quando do festejamento do centenário da imigração italiana.

Nesses momentos comemorativos, junto ao mito civilizatório do bom imigrante, fundem-se as construções de um imaginário marcado pelo catolicismo intransigente e pela figura do colono não-letrado. Essas representações não se constituirão apenas em um elo referencial com o mundo ancestral organizado na região serrana, mas, também, funcionarão como uma ponte entre um Vêneto de experiências sensíveis que ficam para trás e aquele desterritorializado e imaginário que flutua em processo de reelaboração na mente dos imigrantes e de seus descendentes.

A religião, identitariamente marcada pelo catolicismo, será um forte elemento nesse processo de reorganização de um mundo-pátrio, nas novas comunidades que a ocupação das terras pelos imigrantes formará. Ela funcionará como um espaço de rememoração, porque foi reelaborada pela Igreja – especialmente pelos sacerdotes capuchinhos – com forte vínculo às experiências

anteriores à expatriação. O imigrante encontrará, nas estruturas materiais e espirituais da religião, fragmentos de um mundo que se pensava perdido e que existirá nela por processos mnemônicos. Nesse mesmo sentido, enquanto elo sensível com o passado, a Igreja será um expressivo lugar de coesão para esses recém-egressos em suas primeiras relações de sociabilidade e busca de compreender a nova realidade. Produzirá – com o material simbólico que circunda a esfera religiosa – a domesticação e cristianização da natureza que se apresenta assustadora diante do imigrante recém-chegado.

Essa leitura do imigrante católico é percebida conjuntamente à figura do colono, construída sob o mito da sociedade rural e marcada emblematicamente pelos personagens de *Nanetto Pipetta* e *Nino* – seu irmão. A imagem *contadina* construída acerca do imigrante italiano e de seus descendentes – na região colonial – não deixa de espelhar, em um certo sentido, a representação que se elabora na Itália com relação à população do Vêneto. Dessa forma, a dimensão de um elo entre experiências pregressas e atuais constrói, com tal eloquência um efeito de real e uma força de verdade, que permitirá a leitura da realidade por esse viés ruralizado.

Recuperado enquanto experiência que vincula o passado pátrio ao presente na zona colonial italiana, o *filò* – embora enriquecido com novas práticas e novos significados – constituir-se-á duplamente em um eixo de comunicação e reminiscência de experiências sensíveis que não se quer estejam perdidas. Em uma primeira perspectiva, o *filò* será uma experiência que, mesmo ressemantizada, permite uma sensação de retorno, pois produz uma inflexão do presente sob o passado. Em uma segunda perspectiva, esse mesmo evento de sociabilidade funciona como lugar de reordenação das experiências, corporificadas, inclusive, na própria prática social na qual se constitui a *veglia di stalla*. Assim, essa nova/velha vivência da comunidade será palco da reinvenção das tradições coletivas, a partir de releituras das canções, dos ditados populares, enfim, de processos de ressignificação do social, os quais relacionam-se dialeticamente às próprias dinâmicas de sociabilidade e sensibilidade da vida cotidiana das localidades de imigração.



Entende-se que esse processo de releitura do fenômeno imigratório, bem como das formas de ocupação da zona colonial italiana, trouxe consigo a busca de traduzir e presentificar as experiências passadas, evitando uma melancolia causada pela perda irremediável do tempo – na experiência de um nostálgico que não consegue retornar aos seus *eus* passados, por elementos mnemônicos. Dito de outra maneira, a vivência da nostalgia na imigração será vivida na esfera do sentimento, como o termo é ressignificado no século XIX, possibilitando, dessa forma, um retorno ao lugar de desejo, temporalmente e espacialmente distante, pelo isolamento de momentos nos quais experiências semelhantes, porém distantes, cruzam-se.

A noção primeira de nostalgia, diante do saber moderno, trazia a dimensão da doença – sendo atribuição das práticas médicas de curar – mesmo entrando progressivamente na esfera do sentimento, a partir da leitura temporal de Kant, em finais do século XVIII, conservando em si um certo teor de “mal da alma”. Ao se fazer uma leitura rápida de designativos associados à nostalgia em algumas línguas modernas, como o inglês, o francês e o italiano, percebe-se a manutenção dessa concepção de doença. O termo em língua inglesa refere-se à *homesickness* – uma doença relativa ao lar, ou a falta dele, a diminuição de sua presença. Na acepção francesa e italiana encontra-se uma proximidade semântica – do francês, *mal du pays*, do italiano, *mal di paese* – em ambos, percebe-se a dimensão do “mal” relacionado ao lugar de nascimento, ou melhor, ao processo de perda desse lugar encantado. De qualquer forma, percebendo-a como um “mal” ou como algum tipo de doença, esse adentrar na esfera do sentimento não a retirou, entretanto, totalmente da esfera da doença, apenas a afastou do saber médico e da doença física – com diagnóstico e prescrição objetivos.

A experiência que o imigrante fará – enquanto sujeito nostálgico – vincula-se a essa nova acepção semântica do termo nostalgia, sendo parte de um processo de adaptação a uma nova realidade cultural. Sob esse prisma, a vida na nova terra será entendida a partir de *links* que interconectam o passado sensível anterior à emigração com o presente do imigrante, norteados por cantos, lendas, fábulas, relações de sociabilidade do mundo religioso e social. Construir-se-ão

estratégias de sublimação desse sentimento de perda, de uma impossibilidade de retorno, a partir de um reviver do passado através de restos dele remanescentes. Todavia, esses fragmentos que sobrevivem em nosso imaginário, bem como as estruturas arquitetônicas e as tradições que são mantidas, funcionam em um duplo sentido. Se por um lado constroem um vínculo sensível com a experiência que não existe mais, por outro, desvelam o seu desaparecimento, pois enquanto vestígios de algo acontecido, constituindo-se em partes de uma totalidade perdida, marcam a sua ausência. Mas o olhar do nostálgico, conduzido pela afetividade e pela beleza do reencontro, fará sua opção pela primeira construção.

Essa relação nostálgica para com a terra de partida é observável, também, nos escritos dos imigrantes, seja em seus diários de viagem seja em entrevistas por eles concedidas. Nessas fontes, o direcionamento da leitura da nova realidade tem como perspectiva as experiências vividas antes da expatriação, produzindo – na maioria das vezes – um paralelismo entre o mundo que se deixou, do qual se foi obrigado a partir como exilado, e aquele no qual se está reconstruindo a existência. O imigrante sofre o não-retorno e ao se recordar das doces lembranças da terra natal, a qual ficou do outro lado do oceano, ele pacifica a existência, percebendo no seu presente elementos sógnicos que o transportam às sensações que pensava fossem perdidas e, em um mesmo momento, reorganiza o processo de expatriação dizendo: “era preciso, construímos uma vida melhor”.

Percebendo o processo emigratório através de uma leitura de não-escolha, posto que se vive a refiguração de um exilado, ou a imagem do inocente que se dirige para a morte, os *mnemagoghi* constituir-se-ão nos elementos que aliviarão esse peso do exílio e de sua impossibilidade de retorno, pois mesmo a volta física não implicaria uma volta àquilo que se deixou no passado – não se poderia reviver em sua totalidade as sensações e as experiências. Dessa forma, o imigrante viverá sempre um pouco da perspectiva descrita por Ugo Foscolo sobre sua sensação de estranhamento em todos os lugares. Segundo ele, o homem de duas pátrias transforma-se em um homem sem nenhuma, pois constante está a chorar a ausência de uma pátria, sentindo-se estrangeiro onde quer que viva. Essa sensação norteará o

quotidiano dos egressos da Península Itálica, pois não conseguem reconhecer em sua totalidade, nas novas terras, a vivência sensível da juventude passada, nem tampouco o retorno estancaria essa sensação de perda, fazendo somente aumentar a dor do não-retorno, do não-reconhecimento daquele mundo a que se quer retornar e encontrar.

Com isso, percebe-se que em um processo de grande transformação que se iniciou com a queda da Sereníssima e com o desenvolvimento do capitalismo, a cultura popular vêneta foi sofrendo constantes reelaborações ao longo dos séculos XIX e XX, as quais prosseguiram também deste lado do oceano, levando em conta as novas interações étnicas e culturais na zona colonial. Nesse contexto mutante, os imigrantes e seus descendentes produzirão – como efeito de uma nostalgia do “doce país da infância” – a reestruturação imagética desse Vêneto que ficou para trás, resignificando-o a partir das experiências do presente e produzindo uma estetização dos fragmentos que a ele vinculam.

## DOCUMENTAÇÃO ANALISADA

A FEDERAÇÃO. no período de 1906 a 1918. Museu Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE GARIBALDI. Documentos diversos.

BASTANZI, G. **Le superstizioni delle Alpi Venete**. Treviso, 1888.

BAZOLLE, Antonio Maresio. **Il Possidente Bellunese**. v. 1 e 2. Feltre: Centro per la Documentazione della Cultura Popolare, 1986. (org. Daniela Perco)

BERNARDI, Ulderico. Gli Studi sul costume e le tradizioni popolari nell'Ottocento. ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

BERENGO, Marino. **Giornali Veneziani del Settecento**. Milano: Feltrinelli, 1962.

CACCIANIGA, Antonio. **Ricordo della Provincia di Treviso**. Treviso: Zoppelli, 1874.

CIBAI MIGRAÇÕES. **...E Cantavam** - Coleção de Cantos Populares da Região de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Meridional EMMA, 1972.

CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA. Porto Alegre: Edel, 1975.

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. **La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud**. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia/Livraria do Globo, 1925.

COLTRO, Dino. **Cante e Cantàri**. La vita il lavoro le feste nel canto veneto di tradizione orale. Venezia: Marsilio, 1988.

\_\_\_\_\_. **L'altra cultura**. Sillabario della tradizione orale veneta. Verona: Cierre, 1998.

\_\_\_\_\_. **Leggende e Racconti Popolari del Veneto**. Roma: Newton Compton editori, 1982.

\_\_\_\_\_. **Stalle e Piazze**. El Filò, il Teatro di Paese e di Parrocchia. Verona: Bertani editore, 1979.

\_\_\_\_\_. **Paese Perduto**: la cultura dei contadini veneti. Verona: Bertani editore, 1975. (quatro volumes)

CORREIO RIOGRANDENSE, 04 de setembro de 1991. Garibaldi: Arquivo Histórico de Garibaldi.

D'APREMONT, Bernardin & GILLONNAY, Bruno de. **Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1976.

DE AMICIS, Edmondo. **Sull'oceano**. Milano: Fratelli Treves, 1925.

\_\_\_\_\_. **Cuore**. Turim: Einaudi, 1972.

DELL'ALBA, João Leonir. La famiglia Ballardin. **Quaderni dell'A.D.R.E.V.** Ano II, n. 2, Ravenna: Longo, 1997

DOCUMENTO PAROQUIAL - DEZEMBRO DE 1923 A DEZEMBRO DE 1932. Garibaldi: Paróquia de São Pedro.

EXPEDIDOS DA CÚRIA DE PORTO ALEGRE - **Livro de Registros de Ofícios Expedidos** (Bispado do Rio Grande do Sul - 04.01.1882 À 22.10.1887). Porto Alegre: Curia Arquidiocesana de Porto Alegre.

FINZI, Gilberto. **Giornale degli amici della Libertà italiana (1797-1799)**. Mantova: Tip. Alce, 1962.

GORDINI, Rosa Maria Zamboni. **Nostalgia di un immigrante**. poetando sobre uma coleção de versos de italianos como Magnani e Zini. Garibaldi: Arquivo privado da autora.

GRISON, Élio Caetano. Ghetto visto el sanguanel. In: COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo. **Stòria e fròtole**. Porto Alegre: EST, 2001.

GUIMARÃES, Josué. **A Ferro e Fogo** – tempo de solidão. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

IL COLONO ITALIANO, de Garibaldi, entre os anos de 1910 e 1917, Setor de Microfilmagem do Correio Riograndense, Caxias.

LA LIBERTÁ, de Garibaldi, no ano de 1909, Setor de Microfilmagem do Correio Riograndense, Caxias.

LAZZARINI, Antonio. **Contadini e Agricoltura**. L'inchiesta Jacini nel Veneto.

Milão: Franco Angeli, 1983.

LIVRO TOMBO I. Garibaldi: Paróquia de São Pedro.

MANZONI, Alessandro. **I promessi Sposi**. 24. ed. Milão: Garzanti, 2000.

NARDO CIBELE, A. **Acque, pregiudizi e leggende bellunesi**. Palermo, 1888.

NETTO, Giovanni. **Il Censimento napoleonico al 15 luglio 1807**. Treviso, 1983.

NIEVO, Ippolito. **Le confessioni d'un italiano**. Venezia: Marsilio, 2000.

PANTALEONI, Luigi. **Raccolta di nuovi inni di guerra**. Com l'aggiunta di una poesia del generale Garibaldi. Padova: Tipografia Crescini, 1866.

PASQUALIGO, C. **Raccolta di Proverbi Veneti**. Treviso, 1882.

PASTA DE "HISTÓRIA ORAL". **Entrevista com Guilherme Cândido Sbeghen**, 21 de maio de 1986. Garibaldi: Arquivo Histórico de Garibaldi.

PERCOTO, Caterina. **Racconti**. Firenze: Felice Le Monier, 1858.

POSENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PROVISÃO DE ORATÓRIOS. **Primeiro Livro de Provisão de Oratórios (1855-1905)**. Cúria Metropolitana de Porto Alegre, nº 244

RECH, Tamara; RECH, Marco. (orgs.) **Scrivere per non dimenticare**. L'emigrazione di fine 800 nelle lettere della famiglia Rech Checonét. Feltre: Centro di Documentazione della Cultura Popolare, 1996.

STAFFETTA RIOGRANDENSE, de Garibaldi, entre os anos de 1917 e 1921, no Setor de Microfilmagem do Correio Riograndense, Caxias.

STATUTI DELLA SOCIETÀ OPERAIA ITALIANA DI MUTUO SOCCORSO STELLA D'ITALIA NELLA COLONIA CONTE D'EU. Porto Alegre: Stamperia di Gundlach & comp., 1886.

TONIAZZO, Luigi. Minha viagem à América. In: DE BONI, Luis Alberto. **La Mérica**. Escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: EST, 1977.

VERONESE, Frei Dionísio. As Origens. In: **História das Missões Populares**: Província do Rio Grande do Sul. Veranópolis, 1990.

## **DEPOIMENTOS**

**BAGATINI**, Carolina. Garibaldi, março de 1999.

**BENEDUZI**, Teresina Faccioni. Carlos Barbosa, outubro de 1997.

**BENEDUZI**, Teresina Faccioni. Carlos Barbosa, março de 1999.

**CERATTI**, Angelo. Carlos Barbosa, outubro de 1997.

**CHESINI**, Dante. Garibaldi, dezembro de 2003.

**FAVA**, Elviar. Garibaldi, dezembro de 2003.

**PARMAGNANI**, Jacob. Porto Alegre, outubro de 1997.

**SCOMAZZON**, Leticia. Garibaldi, março de 2004.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **História da Vida Privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ANDREWS, George Reid. **Negro e Brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1998.

ARICÒ, Angela Caracciolo. Censura ed Editoria (1800-1866). In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

AUGÉ, Marc. **Rovine e macerie**. Il senso del tempo. Torino: Bollati Boringhieri, 2004.

AUZZAS, Ginetta. Ricordi Personali e Memoria del Veneto. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco**: o negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales**: memorias y esperanzas colectivas. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BANTI, Alberto. **La nazione del Risorgimento**. Parentela, santità e onore alle origini dell'Italia unita. Torino: Einaudi, 2000.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

\_\_\_\_\_. **Colônia Italiana**: religião e costumes. Caxias do Sul: ESTEF, 1981.

BATTISTEL, Arlindo. **Polenta e Liberdade**. Porto Alegre: EST, 1998.

BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. **Dois Itálias**. Porto Alegre: EST, 2000.

BENEDUZI, Luís Fernando. **Nem Santos nem Demônios: italianos**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 1999. (Dissertação de Mestrado).



\_\_\_\_\_. **Façamos a Capela: a sublimização de uma “mancanza” nos emigrados italianos na serra gaúcha.** Florianópolis: XX Simpósio Nacional da ANPUH/UFSC, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I.** Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas II:** Rua de Mão Única. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas III.** Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: brasiliense, 1994.

BENZONI, Gino. La Storiografia. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta.** Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar.** Aventura da Modernidade. Lisboa: Edições 70, 1982.

BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta.** Nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cuccagna. 6. ed. Porto Alegre: EST, 1980.

BERNARDI, Ulderico. **Addio Patria.** Emigranti dal Nord Est. Pordenone: Edizioni Biblioteca della Immagine, 2002.

BERNARDINIS, Anna Maria. Il Dibattito sui problemi dell'educazione dopo l'unità. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta.** Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

BEZZOLA, Guido. Niccolò Tommaseo e la cultura veneta. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta.** Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

BORZOMATI, Pietro. La Parocchia. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: strutture ed eventi dell'Italia unita.** Roma: Editori Laterza, 1997. (pp. 67-91).

BRUNELLO, Piero. **Gli italiani in Brasile e il mito della frontiera.** Roma: Donzelli, 1994.

\_\_\_\_\_. Emigranti. In: LANARO, Silvio. **Storia d'Italia: le regioni dall'Unità a oggi. Il Veneto.** Torino: Einaudi, 1984

\_\_\_\_\_. Agenti di Emigrazione, Cotadini e Immagini dell'America nella Provincia di

Veneza. **Rivista di Storia Contemporanea**. Torino: Loescher, 1982. n. 1. (pp. 95-122).

BUOSI, Benito; NICOLETTI, Gianpier. **Un Paese all'Estero**. L'emigrazione da Volpago tra 1870 e 1970. Montebelluna: Poligrafica Montebellunese, 1999.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Varieties of Cultural History**. New York: Cornell University Press, 1997.

CANEPARI, L. **Introduzione a Ricerche Etnografiche nel Veneto**. Vicenza, Accademia Olimpica, 1981.

CARTROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

CARVALHO, José Murillo. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASAGRANDE, Tiziana. **Parto e Maternità**. Nel Veneto all'inizio del secolo. Bassano: Le Giuncate, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: "Andiamo in 'Merica"**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CEZAR, Temístocles. Sob o Firmamento da História: o "mito" do texto como representação objetiva do passado. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (org.) **Mitos e Heróis: construção de Imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. (pp. 163-177)

CHARTIER, Roger. **The Cultural Uses of Print in Early Modern France**. Princeton: Princeton University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. Le représentations du passé. **Sciences Humaines Hors Série: L'Histoire aujourd'hui**. nº 18, setembro-outubro, 1997. (pp. 28-29).

CLEMENTE, Pietro. Paese/Paesi. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della**

**Memoria: strutture ed eventi dell'Italia unita.** Roma: Editori Laterza , 1997. (pp.5-39).

COCCHIARA, Giuseppe. **Il Mondo alla Rovescia.** Torino: Boringhieri editore, 1981.

\_\_\_\_\_. **Il Paese di Cucagna.** E altri studi di Folklore. Torino: Boringhieri editore, 1980.

COLOTTI, Enzo. I Tedeschi. In: ISNENGGHI, Mario. **I luoghi della Memoria.** Roma: Laterza, 1997.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. **Caixas no Porão:** vozes, imagens, histórias. Porto Alegre: Biblos, 2004.

\_\_\_\_\_. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-americanos.** Porto Alegre: PUCRS, v. 24, n. 1, jun. 1998.

CORADINI, Oldaci Luiz. Os significados da noção de “italianos”. In: MAESTRI, Mario. **Nós, os ítalo-gaúchos.** Porto Alegre: UFRGS, 1996.

CORBIN, Alain. **Le Temps, Le Désir et L'Horreur: Essais sur le dix-neuvième siècle.** Paris: Aubier, 1991. (pp. 227-244): Histoire et Anthropologie Sensorielle.

\_\_\_\_\_. Désir, Subjectivité et limites: l'impossible synthèse... **Espaces Temps.** 59-60-61/1995. (pp.40-46)

CORRADO, Barberis. **Le campagne italiane dall'ottocento a oggi.** Roma: Laterza, 1999.

CORTELAZZO, Manlio. **Cultura Popolare del Veneto.** Le relazioni sociali. Milano, 1992.

\_\_\_\_\_. I dialetti e la dialettologia nell'Ottocento. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta.** Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. (pp. 343-363).

CORTELAZZO, Manlio; AGOSTINI, Tiziana. **Sussidiario di Cultura Veneta.** Vicenza: Neri Pozza, 1996.

COSTA, Rovílio. **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul:** vida, costumes e tradições. EST/EDUCS, Porto Alegre 1986.

COSTA, Rovílio & DE BONI, Luis Alberto. **Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST Edições, 1996.

COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo. **Storia e Fròtole.** História e estórias.

Porto Alegre: EST, 2001.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a República: momentos decisivos.** São Paulo:UNESP, 1999.

CUCHE, Deny. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais.* Bauru: EDUSC, 1999.

D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. **Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: UCS, 1976.

DE BONI, Luís Alberto. O Catolicismo da Imigração: do triunfo a crise. In: DACANAL, José H. **RS: imigração e colonização.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. (pp. 234-255).

\_\_\_\_\_. **A Presença Italiana no Brasil - Volume II.** Porto Alegre: EST/ Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Presença Italiana no Brasil.** Porto Alegre: EST/ Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

\_\_\_\_\_. **La Mérica.** Escritos dos primeiros imigrantes italianos. Porto Alegre: EST, 1977.

DE BONI, Luis Alberto; GOMES, Nelci. **Entre o passado e o desencanto.** Porto Alegre: EST, 1983.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.

DE DECCA, Edgar; LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

DETIENNE, Marcel. O Mito: Orfeu no mel. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves editores, 1976. (pp. 52-67)

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador.* v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAETI, Antonio. Cuore. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria.** Roma: Laterza, 1997.

FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FEBVRE, Lucien. La Sensibilité et l'Histoire: Comment reconstituer la vie affective d'autrefois? In: CHARTIER, Roger (e vários). **La Sensibilité dans l'Histoire.** Brionne: Collection Imago Mundi, 1987. (pp. 95-111).

FILIPUZZI, Angelo. **Il Dibattito sull'emigrazione**: polemiche nazionali e stampa veneta (1861-1914). Firenze: Felice Le Monier, 1976.

FOCHESATTO, Itoni. **Descrição do Culto aos Mortos entre Descendentes Italianos no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EST/UCS, 1987.

FONTANA, Giovanni. Patria Veneta e Stato Italiano dopo l'Unità: problemi di identità e di integrazione. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANZINA, Emilio. Inni e Canzoni. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria**: simboli e miti dell'Italia unita. Roma: Laterza, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gli Italiani al Nuovo Mondo**: l'emigrazione italiana in America (1492-1942). Milano: Mondadori, 1995.

\_\_\_\_\_. **L'immaginario degli emigranti**: miti e raffigurazioni dell'esperienza italiana all'estero fra i due secoli. Treviso: Pagus, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mérica! Mérica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti in America Latina (1876-1902)**. Milano: Feltrinelli, 1980.

\_\_\_\_\_. **La Grande Emigrazione**: l'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo 19. Venezia: Marsiglio, 1976.

FUMIAN, Carlo. La Cultura Proprietaria nella Grande Crisi. Letteratura rusticale ed esodo dalle campagne. In: FRANZINA, Emilio (a cura di). **Un altro veneto**: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20. Abano Terme: Francisci, 1983. (pp. 447-460)

GALIOTO, Antônio. As Nossas Capelas: um caso único no mundo. **Enfoques**. Bento Gonçalves, v. 4, n. 20, dez. 1976. (pp. 1-68).

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Andarilhos do Bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

GRENDI, Edoardo. Repenser la Micro-Histoire. In: REVEL, Jacques. **Juex d'Échelles la Micro Analyse à l'Expérience**. Paris: Gallimard, 1996. (pp. 233-243).

GRIBAUDI, Maurizio. Échelle, pertinence, configuration. In: REVEL, Jacques. **Juex d'Échelles la Micro Analyse à l'Expérience**. Paris: Gallimard, 1996. (pp. 113-140)

\_\_\_\_\_. Penser la Diversité comme processus. **Débat** - Démographie et Catégories Ethniques. Paris: EHESS, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. Paris: Édition Albin Michel, 1994.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARTOG, François. A Testemunha e o Historiador. In: PESAVENTO, Sandra (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

ISNENGI, Mario. **I Luoghi della Memoria**. Roma: Editori Laterza, 1997: Garibaldi.

\_\_\_\_\_. **I Luoghi della Memoria**. Roma: Editori Laterza, 1997: La piazza.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**. Barcelona: Paidós, 1993.

LANARO, Silvio. **L'Italia Nuova**: identità e sviluppo 1861-1988. Torino: Einaudi, 1988.

\_\_\_\_\_. **Storia d'Italia**: le regioni dall'unità a oggi. Il Veneto. Torino: Einaudi, 1984.

LAZZARINI, P. "Languire o Fuggire": alle origini dell'emigrazione veneta. In: FRANZINA, Emilio (a cura di). **Un altro veneto**: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20. Abano Terme: Francisci, 1983. (pp. 19-32).

LE GOFF, Jacques. As Mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves editores, 1976. (pp. 68-83)

LENCLUD, Gérard. Les Grecs, les autres (et nous). **Annales**. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, ano 53, n. 3, maio-junho de 1998.

LEVI, Giovanni. **L'eredità immateriale: carriera di un esorcista nel Piemonte del Seicento**. Torino: Einaudi, 1985

\_\_\_\_\_. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. (pp. 133-161)

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens: época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVI, Primo. **I racconti**. Storie Naturali, vizio di forma, Lilit Turim: Einaudi, 1996.

LEVRA, Umberto. Vittoria Emanuele II. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita**. Roma: Editori Laterza, 1996.

LINHARES, Maria Yedda (org.) **História Geral do Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

LOWWENTHAL, David. **El Pasado es un país extraño**. Madrid: AKAL, 1998.

LUPI, Cecilia. Partano pure, ma senza imprecare: le guide per gli emigranti fra ideologia e consigli pratici (1855-1927). In: FRANZINA, Emílio (a cura di). **Un altro veneto: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20**. Abano Terme: Francisci, 1983. (pp. 168-174).

MACHLINE, Vera Cecília. Teria o conceito setecentista de humor joco-sério derivado da antiga teoria humoral? In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L.A.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (eds). **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul**. 3º Encontro. Campinas: AFHIC, 2004. p. 471-478.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Procurando o Imaginário Social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (org.) **Mitos e Heróis: construção de Imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. (pp. 75-87)

MALATESTA, Maria. Il Caffè e L'Osteria. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997.

MANFROI, Olívio. **La Colonisation Italienne au Rio grande do Sul et ses Implications Economiques, Politiques et Culturelle**. Paris: Centre de Recherches Coopératives, 1975.

MARCADELLA, Giovanni. **Um archivio per la città**. Le carte della famiglia Muzani dal recupero alla valorizzazione. Vicenza: Ati del Convegno "Giornata di Studi sugli Archivi di Famiglia", abril de 1998.

MARIN, Jérri Roberto. "**Ora et Labora**": o Projeto de Restauração Católica na ex-colônia de Silveira Martins. Porto Alegre: CPGHistória/UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado).

MAUROIS, André. **En busca de Marcel Proust**. Bogotá: Editorial Norma, 1998.

MERLOTTI, Vânia. **O Mito do Padre entre os descendentes Italianos**. Caxias do Sul: EST/UCS, 1979.

MIGOT, Aldo. **História de Carlos Barbosa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

MONTESQUIEU, Chales Luois de. **O Espírito das Leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MORELLI, Giovanni. L'opera. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita**. Roma: Laterza, 1997.

MUTTERLE, Anco Manzio. Narrativa e poesia nell'Età romantica e nel secondo Ottocento. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

NORA, Pierre. **Les Lieux de la Mémoire**. Paris: Gallimard, 1997.

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

OLIVEN, Ruben George. Mitologias da Nação. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (org.) **Mitos e Heróis: construção de Imaginários**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. (pp. 23-39)

ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta**: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGHist./UFRGS, 2000. (Dissertação de Mestrado)

PASSERINI, Luisa (org.). **Identità Culturale Europea**: idee, sentimenti, relazioni. Firenze: La Nuova Italia, 1998.

\_\_\_\_\_. **Storia e Soggettività**: le fonti orali, la memoria. Firenze: La Nuova Italia, 1988

\_\_\_\_\_. **Storia Orale**: vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne. Torino: Rosenberg & sellier, 1978.

PERCO, Daniela; ZOLDAN, Carlo. (orgs.) **Leggende e Credenze di Tradizioni Orale della Montagna Bellunese**. v. 1 e 2. Seravella: Edizioni della Provincia di Belluno/Museo Etnografico della Provincia di Belluno, 2001.



PERCO, Daniela. (org.) **La Cultura Popolare nel Bellunese**. Milano: Amilcare Pizzi, 1995.

\_\_\_\_\_. Fonti Orali ed Emigrazione. Il Caso del Rio Grande do Sul (Brasile). In: FRANZINA, Emílio (a cura di). **Un altro veneto: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20**. Abano Terme: Francisci, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilités dans le temps, temps des sensibilités. **Revue Nouveaux Mondes, Mundos Nuevos**. Paris: CERMA/CNRS, n. 4, 2004.

\_\_\_\_\_. Esta História que chamam Micro. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto (org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. (pp. 209-234)

\_\_\_\_\_. O Desfazer da Ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. **Cultura Vozes**. Rio de Janeiro, v.89, n. 5, set./out. 1995.

\_\_\_\_\_. Em Busca de uma Outra História: imaginando o imaginário. In: **Representações - Revista Brasileira de História**. São Paulo: Contexto, ANPUH, Vol. 15, n. 29, 1995a. (pp. 9-27)

PICCOLO, Helga I. L. Século XIX: o Rio Grande do Sul e a estruturação do Estado Nacional Brasileiro. A questão da identidade. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 157(390) jan./mar. 1996. (pp. 79-95)

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias de Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.

PRETE, Antonio. **Nostalgia**. Storia di un sentimento. Milano: Raffaello Cortina, 1996.

PROCELLA, Marco. Dal Vagabondaggio all'Emigrazione. Dall'Appenino all'East Coast. **Studi Emigrazione**. Roma: Centro Studi Emigrazione, n. 138, ano XXXVII, junho de 2000. (pp. 295-328)

PULLINI, Giorgio. Il teatro fra scena e società. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 2000. (Dissertação de Mestrado)

QUASI, Annarella. Aspetti della Legislazione in Materia di Emigrazione nel Periodo Liberale. In: FRANZINA, Emílio (a cura di). **Un altro veneto: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20.** Abano Terme: Francisci, 1983. (pp. 257-284)

RABUSKE, Arthur. **Os Inícios da Colônia Italiana do Rio grande do Sul em Escritos de Jesuítas Alemães.** Caxias do Sul: EDUCS/EST, 1978.

RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: In: MALO, Marcos; SANTOS, Ricardo. **Raça, Ciência e Sociedade.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

RE, Sandra Carmen. **Seggiolai dell'Agordino.** Sedico: Edizioni della Provincia di Belluno/Museo Etnografico della Provincia di Belluno, 2001.

REVEL, Jacques. L'Histoire au Ras du Sol. In: LEVI, Giovanni. **Le Pouvoir ao Village.** Paris: Éditions Gallimard, 1989. (pp. I-XXXIII)

RICCARDI, Andrea. I Papi. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria.** Personaggi e date dell'Italia unita. Roma: Laterza, 1997.

RICOEUR, Paul. L'Écriture de L'histoire et la Representation du Passé. **Annales.** Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, ano 55, n. 4, julho-agosto de 2000.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa - Tomo III.** São Paulo: Editora Papyrus, 1996.

RIDOLFI, Maurizio. Mazzini. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria:** simboli e miti dell'Italia unita. Roma: Editori Laterza, 1996.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Pour une Histoire Culturelle.** Paris: Seuil, 1997.

ROMAGNOLI, Sergio. Ippolito Nievo. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta.** Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

ROSOLI, Pe. Gianfausto. La Problematica dei patronati cattolici di emigrazione sotto Pio X. In: FRANZINA, Emílio (a cura di). **Un altro veneto: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19 e 20.** Abano Terme: Francisci, 1983. (pp. 175-189)

SABBATUCCI, Giovanni; VIDOTTO, Vittorio. **Storia d'Italia.** Roma: Laterza, 1995.

SALMINI, Claudia. L'istruzione pubblica dal Regno Italico all'unità. In:

ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

SANGA, Glauco. Campane e Campanili. In: ISNENGHI, Mario. **I Luoghi della Memoria: simboli e miti dell'Italia unita**. Roma: Editori Laterza, 1997. (pp. 29-41).

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCARPA, Tiziano. **Venezia è un pesce**. 7. ed. Milão: Feltrineli, 2003.

SCARABELLO, Giovanni. Da conformido al congresso di Vienna: l'identità veneta sospesa. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della Cultura Veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERRA, Ilaria, **Immagini di un Immaginario**. L'Emigrazione italiana negli stati unite fra i due secoli (1890-1924). Verona: Cierre, 1997.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MALO, Marcos; SANTOS, Ricardo. **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

SORI, Ercole. **L'Emigrazione Italiana dall'Unità alla Seconda Guerra Mondiale**. Bologna: Il Mulino, 1979.

STAWINSKI, Alberto. **Capuchinhos de "Primeira Hora" no Rio Grande do Sul (1896-1942)**. Veranópolis, 1977. Mimeo.

STOCCHI, Manlio. 1792-1797: Ugo Foscolo a Venezia. In: ARNALDI, Girolamo; STOCCHI, Manlio. **Storia della cultura veneta**. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986.

SULIANI, Antônio. **Etnias e carismas: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SURDICH, Francesco. L'emigrazione di Massa e la Società Geografica Italiana. In: FRANZINA, Emilio (a cura di). **Un altro veneto: saggi e storia dell'emigrazione nei secoli 19. e 20**. Abano Terme: Francisci, 1983. (pp. 234-256)

TOBIA, Bruno. **Una Patria per gli italiani**. Spazi, itinerari, monumenti nell'Italia

unita (1870-1900). Roma: Laterza, 1998.

VECCHI, Roberto. Recife como restos. In: **Colóquio/Letras**, Lisboa, 157-158, 2000.

VERUCCI, Guido. Il XX Settembre. In: ISNENGHI, Mario. **I luoghi della Memoria**. Roma: Laterza, 1997.

WEBER, Regina. **Os operários e a Colméia**: trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

\_\_\_\_\_. O avanço dos “italianos”. **VII Encontro Estadual de História**. Pelotas: ANPUH, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e Imigração Italiana**. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.

ZANINI, Maria Catarina. Italianos: “Fai apparire l’italiano Che tu sei”. **Revista Sociais e Humanas**. Santa Maria: Centro de Ciências Sociais e Humanas/UFSM. V. 11, n. 1, jun./1998.